

**FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA**

**PRECONCEITO CONTRA NORDESTINOS EM SEUS PROCESSOS  
MIGRATÓRIOS NA MÍDIA BRASILEIRA**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Doctor Scientiae*.

Orientadora: Rita de Cássia Pereira Farias

Coorientadora: Débora Pires Teixeira

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2023**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da  
Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

B333p  
2023

Batista, Fabiano Eloy Atilio, 1991-  
Preconceito contra nordestinos em seus processos migratórios na  
mídia brasileira / Fabiano Eloy Atilio Batista. - Viçosa, MG, 2023.  
1 tese eletrônica (166 f.): il. (algumas color.).

Inclui anexo.  
Inclui apêndices.  
Orientador: Rita de Cássia Pereira Farias.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Viçosa, Departamento  
de Serviço Social, 2023.  
Referências bibliográficas: f. 123-134.  
DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2023.729>  
Modo de acesso: World Wide Web.

1. Preconceitos na comunicação de massa. 2. Comunicação -  
Aspectos sociais - Brasil, Nordeste. 3. Migração interna. 4. Análise do  
discurso. I. Farias, Rita de Cássia Pereira, 1969-. II. Universidade  
Federal de Viçosa. Departamento de Serviço Social. Programa de Pós-  
Graduação em Economia Doméstica. III. Título.

CDD 22. ed. 302.2309813

Bibliotecário(a) responsável: Bruna Silva CRB-6/2552

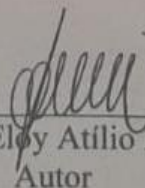
FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA

**PRECONCEITO CONTRA NORDESTINOS EM SEUS PROCESSOS  
MIGRATÓRIOS NA MÍDIA BRASILEIRA**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Doctor Scientiae*.

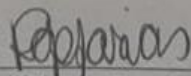
APROVADA: 30 de outubro de 2023.

Assentimento:



---

Fabiano Eloy Atílio Batista  
Autor



---

Rita de Cássia Pereira Farias  
Orientadora

Dedico este trabalho aos Nordestinos:  
Caetano Veloso, Maria Bethânia, Jorge Amado, Paulo Freire, Raul Seixas, Ariano Suassuna, Castro Alves, Djavan, Zumbi, Ivete Sangalo, Rachel de Queiroz, Alceu Valença, Lenine, Lázaro Ramos, Pitty, Alcione, Luiz Gonzaga, Dominginhos, Dorival Caymmi, Chico Anysio, Margareth Menezes, Nelson Rodrigues, Chacrinha, Luiz Inácio Lula da Silva e tantos outros, famosos e anônimos que fazem do Brasil um país cheio de luz, cores, palavras, música e poesia

Dedico também à minha família e amigos que me incentivaram em todos os momentos!

## **AGRADECIMENTOS**

Neste momento ser grato é necessário. Reconhecer quem nos auxilia (e nos auxiliou) em nossa caminhada pela vida é imprescindível, justo e legítimo. Temos sempre que sermos gratos, pois não somos seres individuais, mas sim coletivos.

Agradecer, para mim, remete-se a relembrar momentos felizes (e por vezes tristes, pois eles também me constituem); é pensar um pouco na minha trajetória no decorrer de anos até chegar aqui – finalizando este processo de doutorado; pois, me constituo, sobretudo, de um somatório de emoções e experiências vividas ao longo da minha caminhada. E que caminhada! Serei sempre grato a cada conhecimento, a cada troço, a cada sorriso, a cada lágrima, a cada dor, a cada alegria, a cada tudo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

### **A DEUS**

A Ele por sempre estar ao meu lado.

**À minha Mãe Maria Auxiliadora Atílio Batista; meu Pai Antônio Eloy Batista (em memória) e meus irmãos Fabrício dos Anjos Atílio Batista e Fernando Atílio Batista (em memória)**

A minha família... A minha fortaleza... A minha base... Minhas raízes... Obrigado pelo amor incondicional, pelo apoio e incentivo em meio as adversidades da vida. Vocês são, para sempre, o meu porto seguro.

### **Ao meu sobrinho Luiz Fernando Atílio do Nascimento**

Meu sobrinho e afilhado tão amado. Você foi um dos meus melhores presentes. Você é o meu maior tesouro, o maior. Obrigado por me fazer sentir tantas alegrias.

### **À minha professora e orientadora Rita de Cássia Pereira Farias**

Sou, verdadeiramente, muito grato por acreditar em mim desde o primeiro momento em que nos conhecemos. Obrigado pelos debates, pelas orientações e as explicações. Pelo acolhimento e pela confiança. A sua orientação, amizade, carinho e confiança me permitiu

crescer enquanto pessoa, pesquisador e profissional. Sobretudo, agradeço por todo carinho e afeto ao longo de toda essa caminhada. Por isso e por muito mais, meus mais sincero obrigado!

**À minha coorientadora Débora Pires Teixeira**

Obrigado por se fazer presente ao longo desta caminhada! Sua amizade, as conversas e os desabafos fizeram meus dias mais leves.

**Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica e do Departamento de Serviço Social**

Obrigado pela dedicação e conhecimentos compartilhados ao longo desses anos.

**Aos professores e professoras da banca de defesa do projeto de tese, do exame de qualificação e da defesa da tese**

Obrigado por todas as contribuições e apontamentos percorridos ao longo desses encontros.

**Aos Colegas do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica**

Obrigado pelos encontros e pelos sorrisos, mesmo que virtuais.

**Aos Amigos**

Obrigado por sempre estarem me apoiando em cada “loucura” da minha vida e por estarem ao meu lado a cada tropeço e levantada.

**Aos encontros**

Obrigado por deixarem marcas ao longo da minha vida.

**À CAPES**

Pelo subsídio financeiro para realização desse trabalho.

**À Universidade Federal de Viçosa - UFV e ao Departamento de Serviço Social**

Por me proporcionar uma formação de qualidade, pública e gratuita, além de possuir profissionais capacitados e empenhados em mudar a Educação Brasileira.

*Olho a televisão [as redes sociais, os filmes, folheio uma revista] e vejo uma cena comum e banal, é secular: uma família de retirantes. São os mesmos traços duros, os rostos vincados de rugas, olhos semicerrados, os dedos retorcidos e esturricados, os moços são velhos, os velhos, sobreviventes, as mulheres têm idade indefinida, as crianças, barrigas intumescidas. E eu digo: já conheço essa cena, ela se passou ontem e anteontem, ela estava no Brasil colônia, permaneceu no império e se perpetua nos dias de hoje. Euclides da Cunha já a escreveu, Graciliano Ramos a sofreu, immortalizando-a em Vidas Secas. São homens eternos – a eternidade faz-se presente e, se olhos tenho, se embaçam. Se me revolto, que importância tem isso, se somos a oitava economia do mundo e se a indústria da seca é próspera e tão eterna como suas vítimas? (ODALIA, 2006, p. 41).*

## RESUMO

BATISTA, Fabiano Eloy Atílio, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, outubro de 2023. **Preconceito contra nordestinos em seus processos migratórios na mídia brasileira.** Orientadora: Rita de Cássia Pereira Farias. Coorientadora: Débora Pires Teixeira.

O objetivo geral da pesquisa é problematizar e analisar os discursos sobre os processos migratórios de nordestinos a partir de três artefatos culturais: (1) o quadro televisivo *De volta pro meu aconchego*, (2) notícias de jornais *on-line* sobre a pandemia da Covid-19 e (3) postagens nas redes sociais *on-line* na ocasião das eleições presidenciais dos anos de 2018 e 2022. Esse problema é relevante porque os sentidos atribuídos ao Nordeste brasileiro não tratam exclusivamente de uma delimitação geográfica, mas, sobretudo, de uma delimitação simbólica, que aponta para uma visão negativa e pejorativa desse território e seus habitantes que naturalizam, homogeneizam e perpetuam estereótipos. Ao contextualizar as construções dos sentidos atribuídas pela mídia em relação ao Nordeste e aos nordestinos, que se configuram como uma questão importante para a compreensão das relações estabelecidas em sociedade, faz-se as perguntas de pesquisa: De que forma o quadro *De volta pro meu aconchego*, as notícias jornalísticas e as postagem nas redes sociais *on-line* enquadram o tipo social nordestino pobre em suas narrativas discursivas? O que os signos estereotipados que recaem sobre esses sujeitos e essa região sinalizam para a discussão sobre a “questão social” da realidade nordestina brasileira? A pesquisa foi constituída por uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, por meio da qual buscou-se identificar, descrever e compreender imagens, discursos e práticas imbricados nas representações midiáticas dos processos migratórios de nordestinos na mídia brasileira. A coleta de dados foi realizada em fontes documentais e públicas, cujas análises se basearam na técnica da Análise Fílmica, conjuntamente com a Análise de Conteúdo. Os resultados mostram que, em linhas gerais, nos artefatos culturais analisados há uma constante representação do Nordeste e do nordestino de maneiras estigmatizantes e estereotipadas, que encobrem e mascaram as determinações reais de o porquê os sujeitos vivenciam tais expressões da “questão social” e motivam uma leitura preconceituosa, moralista, culpabilizadora, pois localiza nos próprios sujeitos e/ou na região a origem dos problemas socioeconômicos que eles vivenciam. Nos três artefatos analisados, a “questão social” brasileira é utilizada como recurso de entretenimento, sendo veiculada de forma desconexa da realidade, sem trazer elementos que problematizam as estruturas sociais que estão na base das desigualdades do território brasileiro. Além dos estigmas sofridos historicamente pelos migrantes nordestinos, tais artefatos potencializam, difundem e reforçam

compreensões equivocadas sobre o nordestino e sobre a região Nordeste, de caráter generificado e homogeneizante. Essas discursividades – construídas sob uma ótica capitalista e sensacionalista – reduzem e cristalizam um conjunto de imagens e discursos que contribuem para a construção de imaginários e interpretações acerca dos sujeitos e dos lugares, cujas ideias são, muitas vezes, irreais e já superadas, o que fixa socialmente valores e ideologias como um “comércio” vantajoso, o que aumenta as violências e violações que esse grupo social vem sofrendo historicamente.

**Palavras-chave:** Migração. “Questão Social”. Nordeste. Mídia. Brasil.

## ABSTRACT

BATISTA, Fabiano Eloy Atílio, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, October 2023.  
**Prejudice against northeasterners in their migration processes in the Brazilian media.**  
Advisor: Rita de Cássia Pereira Farias. Co-advisor: Débora Pires Teixeira.

The general objective of the research is to problematize and analyze the discourses about the migratory processes of northeasterners based on three cultural artifacts: (1) the television picture *De volta pra meu aconchego*, (2) online newspaper news about the Covid pandemic - 19 and (3) posts on online social networks on the occasion of the presidential elections in 2018 and 2022. This problem is relevant because the meanings attributed to the Brazilian Northeast do not deal exclusively with a geographical delimitation, but, above all, with a symbolic delimitation, which points to a negative and pejorative view of this territory and its inhabitants that naturalize, homogenize and perpetuate stereotypes. By contextualizing the constructions of meaning attributed by the media in relation to the Northeast and Northeasterners, which are an important issue for understanding the relationships established in society, the research questions are asked: In what way does the painting *Back to My comfort*, journalistic news and posts on online social networks frame the poor northeastern social type in their discursive narratives? What do the stereotypical signs that fall on these subjects and this region signal for the discussion about the “social issue” of the Brazilian northeastern reality? The research consisted of a qualitative approach of a descriptive-exploratory nature, through which we sought to identify, describe and understand images, discourses and practices intertwined in the media representations of the migratory processes of northeasterners in the Brazilian media. Data collection was carried out from documentary and public sources, whose analyzes were based on the Film Analysis technique, together with Content Analysis. The results show that, in general terms, in the cultural artifacts analyzed there is a constant representation of the Northeast and Northeastern people in stigmatizing and stereotypical ways, which cover up and mask the real determinations of why subjects experience such expressions of the “social issue” and motivate a prejudiced, moralistic, blaming reading, as it locates in the subjects themselves and/or in the region the origin of the socio-economic problems they experience. In the three artifacts analyzed, the Brazilian “social issue” is used as an entertainment resource, being conveyed in a way that is disconnected from reality, without bringing elements that problematize the social structures that are at the basis of inequalities in the Brazilian territory. In addition to the stigmas historically suffered by Northeastern migrants, such artifacts enhance, disseminate and reinforce mistaken understandings about the Northeastern people and the

Northeast region of a gendered and homogenizing nature. These discursivities - built on a capitalist and sensationalist perspective - reduce and crystallize a set of images and discourses that contribute to the construction of imaginaries and interpretations about subjects and places, whose ideas are often unreal and already surpassed, which fixes socially values and ideologies as an advantageous “trade” that increases the violence and violations that this social group has suffered historically.

**Keywords:** Migration. “Social Question”. Northeast. Media. Brazil.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> – Resumo dos quadros analisados do programa <i>De volta pro meu aconchego</i> .....	34
<b>Quadro 02</b> – Levantamento das chamadas das reportagens analisadas no estudo, divididas por categorias analíticas.....	38
<b>Quadro 03</b> – Chamada sobre o Nordeste ser um dos destinos mais visitados na pandemia.....	97
<b>Quadro 04</b> – Discursos ideológicos da extrema-direita nas eleições presidenciais no Brasil.....	104
<b>Quadro 05</b> – Quadros do extinto programa de auditório <i>Programa do Gugu</i> .....	144
<b>Quadro 06</b> – Planilha com <i>link</i> do <i>Youtube</i> e fragmentos das transcrições dos quadros.....	145

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> - Operacionalização dos procedimentos da Coleta de Dados.....	33
<b>Figura 02</b> - Procedimentos de análise de dados, adaptado em relação ao contexto da pesquisa.....	36
<b>Figura 03</b> – Fases da Análise de Conteúdo, adaptado ao contexto da pesquisa.....	40
<b>Figura 04</b> - Compreensão sintética da estruturação do quadro.....	62
<b>Figura 05</b> - Recursos Visuais utilizados nas vinhetas – Carta e Álbum de fotografia.....	77
<b>Figura 06</b> - Vinheta de chamada do quadro – Meios de transportes.....	78
<b>Figura 07</b> - Recursos Visuais de localização geográfica.....	80
<b>Figura 08</b> – Divisão de votos nas eleições presidenciais do ano de 2018.....	108
<b>Figura 09</b> – <i>Print</i> rede social <i>online</i> A.....	108
<b>Figura 10</b> - <i>Print</i> rede social <i>online</i> B.....	109
<b>Figura 11</b> – Divisão de votos nas eleições presidenciais do ano de 2022.....	110
<b>Figura 12</b> - <i>Print</i> rede social <i>online</i> C.....	111
<b>Figura 13</b> – <i>Print</i> rede social <i>online</i> D.....	112
<b>Figura 14</b> - <i>Print</i> rede social <i>online</i> E.....	113

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
Justificativa.....	24
Problemática.....	27
Objetivos.....	30
Procedimentos metodológicos.....	30
<b>CAPÍTULO 1 PROCESSOS MIGRATÓRIOS DE NORDESTINOS NO BRASIL.....</b>	<b>43</b>
1.1 Processos migratórios de nordestinos no Brasil ao longo da história.....	43
1.2 Os projetos de vida e a migração nordestina de jovens.....	48
1.3 Migração como expressão da “questão social” e as representações da televisão.....	52
1.4 O Nordeste e os nordestinos nos artefatos culturais midiáticos.....	59
1.5 Os programas de auditórios e suas penetrações sociais.....	61
<b>CAPÍTULO 2 A MIGRAÇÃO E A BUSCA POR UMA “VIDA MELHOR” NO QUADRO DE VOLTA PARA O MEU ACONCHEGO.....</b>	<b>65</b>
2.1 As estratégias discursivas no/pelo quadro <i>De volta para o meu aconchego</i> .....	67
2.2 A vinheta e suas significações.....	76
2.3 A construção das emoções na narrativa: <i>zoons</i> , trilhas sonoras, lágrimas e súplicas.....	80
2.4 ‘Excluir para Incluir’: as distorções presentes no quadro <i>De volta para o meu aconchego</i> .....	86
<b>CAPÍTULO 3 EXPRESSÕES DA “QUESTÃO SOCIAL” EM PROCESSOS MIGRATÓRIOS DE NORDESTINOS NA PANDEMIA DA COVID-19 EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS ON-LINE.....</b>	<b>90</b>
3.1 Desemprego em face da pandemia da Covid-19 e a volta para a região de origem.....	92
3.2 Culpabilização e estigmatização do aumento do contágio da Covid-19 a partir do retorno para a região de origem.....	96
<b>CAPÍTULO 4 POLARIZAÇÕES POLÍTICAS NAS REDES SOCIAIS ON-LINE EM CONTEXTOS ELEITORAIS EM 2018 E 2022: O NORDESTE E OS OUTROS”.....</b>	<b>99</b>
4.1 Uma “onda” Neoconservadora em meio a “dois Brasis”.....	100
4.2 As redes sociais <i>on-line</i> como “campo de combate” - o Nordeste e os “outros”.....	105
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>118</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>123</b>
<b>APÊNDICE A – Quadros veiculados no Programa do Gugu.....</b>	<b>144</b>
<b>APÊNDICE B – Fragmentos das transcrições dos quadros analisados.....</b>	<b>145</b>
<b>ANEXO A – Posições Ideológicas dos partidos políticos brasileiros.....</b>	<b>166</b>

## INTRODUÇÃO

Este estudo buscou problematizar como são construídas e veiculadas as discursividades em torno dos nordestinos e do Nordeste na mídia brasileira. As discussões sobre essas veiculações se iniciam a partir do quadro *De volta pro meu aconchego*, do extinto *Programa do Gugu*<sup>1</sup> e depois se ampliam para análise de materiais de jornais *on-line* em torno da pandemia da Covid-19 e de postagens realizadas nas redes sociais *on-line* nas campanhas eleitorais presidenciais dos anos de 2018 e 2022.

Essa ampliação se dá à luz do conceito de midiatização como um caminho para o entrelaçamento dos artefatos culturais<sup>2</sup> analisados nesta pesquisa, uma vez que há uma teorização acerca das múltiplas relações da mídia para com a sociedade, sendo ela, entendida nesta pesquisa, como agente de mudança/perpetuação cultural e social (Fausto Neto, 2010; Hjarvard, 2012; Castells, 2017; Gomes, 2017; Silva dos Santos; Monteiro dos Santos, 2019).

Observa-se que a mídia, em seus múltiplos canais, se transformou, ao longo dos tempos, em uma instituição “semi-independente” na sociedade, fazendo com que, muitas das vezes, outras instituições, como escola, política e família, se adequem, a ela. Semelhantemente, a mídia também se integrou a estas instituições em suas mais variadas ações e rotinas cotidianas (Castells, 2017; Gomes, 2017; Silva dos Santos; Monteiro dos Santos, 2019). Para Gomes (2016), tem-se que:

A sociedade em processo de midiatização é maior, mais abrangente, que a dinâmica da comunicação até agora levada a cabo na chamada sociedade dos meios. Não é somente a comunicação que é potencializada, isto é, não são apenas as possibilidades de comunicação, por meios tecnológicos extremamente sofisticados, que caracterizam o contexto atual, mas a sofisticação tecnológica, amplamente utilizada pelas pessoas desde a mais tenra idade, cria um novo ambiente matriz que acaba por determinar o modo de ser, pensar e agir em sociedade. A esse ambiente matriz designamos de “sociedade em midiatização” (Gomes, 2016, p. 18).

A “sociedade em midiatização” surge na contemporaneidade, especialmente no final do século XX, como um novo aporte teórico que considera questões antigas, embora fundamentais,

---

<sup>1</sup> O *Programa do Gugu* foi uma atração de auditório exibida pela Rede Record de Televisão dominicalmente de agosto de 2009 até junho 2013. Possuiu como apresentador Augusto Liberato (10 de abril de 1959 - 21 de novembro de 2019).

<sup>2</sup> Artefatos culturais referem-se a objetos, práticas, símbolos, expressões artísticas e outras manifestações materiais e imateriais criadas e utilizadas por uma sociedade ou grupo cultural. Esses artefatos desempenham um papel fundamental na expressão da identidade, valores, crenças, tradições e conhecimento de um grupo cultural.

em relação aos múltiplos papéis e as diversas influências da mídia na cultura e na sociedade (Gomes, 2017). A midiaticização “[...] é usada como um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as interrelações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural” (Gomes, 2016). Esse conceito é produtivo para a compreensão dos modos como a mídia se difunde, se confunde e influencia percepções e comportamentos sobre determinado tema ou questão.

Nesse aspecto, delimita-se os artefatos culturais desta tese pelo quadro *De volta pro meu aconchego*, que se configura como mola propulsora para a compreensão do fenômeno da estigmatização do Nordeste e dos nordestinos. O quadro *De volta pro meu aconchego* narra a história de vida de migrantes nordestinos, homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e velhos, que se deslocavam da região do Nordeste do Brasil em direção aos grandes centros urbanos no Estado de São Paulo.

Um dos discursos promovidos pelo quadro era que os migrantes nordestinos iam para São Paulo com a finalidade de “melhorar suas condições de vida” e deixarem para trás toda uma vida de sofrimento. Entretanto, ao chegarem ao novo destino, se deparavam com as mais variadas situações degradantes, tais como: falta de emprego, oportunidades, moradia (ou moradias precárias, sem o mínimo de saneamento básico), má alimentação, problemas de saúde, dentre outras peculiaridades. Diante das dificuldades enfrentadas, esses sujeitos encontravam no quadro televisivo uma oportunidade de regressarem para suas regiões, onde, segundo o discurso do quadro, possuíam melhores condições de vida e uma rede de apoio familiar que os auxiliasse.

As narrativas levam os espectadores a entenderem que ir para São Paulo é um erro e que lugar bom mesmo é a sua terra natal, local de onde nunca deveriam ter saído. Segundo Faist (2018), há uma “política moral” que envolve os processos migratórios, em suas mais variadas nuances. Os efeitos de tal realidade se mostram devastadores de privação, cujos jogos de linguagens estruturam o pensamento e a discussão pública.

Para participar do quadro, os migrantes nordestinos residentes em São Paulo deveriam escrever e enviar uma carta narrando sua história de vida, cercada por muito sofrimento. Após o envio, caberia à produção do Programa a escolha da melhor história a ser veiculada; aquela que traria maior comoção aos telespectadores. Após a seleção dos participantes, uma equipe, conjuntamente com o apresentador Gugu Liberato, se deslocava até o local onde esses sujeitos residiam e os convidavam para retornarem para sua região de origem, oferecendo passagem de avião, casa, móveis e recursos para iniciar um empreendimento financeiro.

Por fim, desenrolava-se todo o processo de exibição do sofrido cotidiano desses sujeitos, com a finalidade de demonstrar ao público que São Paulo não é o local ideal para continuarem suas vidas e seria necessário seu retorno às suas cidades de origem para serem felizes e viverem com dignidade.

Para a concretização e realização do “sonho” dos participantes em voltar para sua cidade natal, o quadro *De volta pro meu aconchego* contava com uma gama de parceiros, conhecidos como anunciantes, que “auxiliavam” nesse processo. Esse momento da programação tinha um evidente cunho mercadológico, uma vez que qualquer meio de comunicação se sustenta, sobretudo, a partir de seus anúncios comerciais. Nesse sentido, ao longo do quadro, eram oferecidas uma série de produtos e serviços que não possuíam um recorte de gênero específico (masculinos ou femininos), contemplando os participantes de forma geral.

Os produtos e/ou serviços anunciados estavam, quase sempre, correlacionados com lojas de móveis e redes de supermercados (em especial da região de retorno), lojas de roupas (que presenteavam os participantes e renovavam seu visual), e, por vezes, os participantes recebiam maquinários para iniciarem um novo empreendimento em suas localidades, tais como, máquinas para fazer serigrafia em chinelos, canecas e camisas. Ainda, o quadro contava com o apoio de profissionais da área da beleza que corroboravam com o processo de inserção dos participantes aos padrões sociais vigentes de beleza, transformando, como apregoa Batista (2018), as “inadequações” corporais em atributos que auxiliam a manutenção de vínculos sociais.

De acordo com o site da emissora, o quadro *De volta pro meu aconchego* possuía como pressuposto a “*retomada da dignidade dos personagens* (que não eram atores ou atrizes, mas sim pessoas reais que vivenciavam tal realidade)”. O site da Record TV informava que “*Neste quadro algumas famílias, que estão passando muitas necessidades longe de sua terra natal, são escolhidas e levadas de volta para sua cidade para reencontrar sua família e parentes, voltando a viver com mais dignidade*”. O site do programa na plataforma R7<sup>3</sup>, da emissora Rede Record de Televisão, menciona que a atração propõe “*uma abordagem diferente para as notícias e para os assuntos que mexem com o País*”. Também conta com “*o lado humano de situações que entraram para a história, e o contraponto incisivo em temas de repercussão nacional e internacional*”.

Nas tardes de domingo do início da década de 2010, minha família se reunia na sala para assistir às atrações na TV, em sua maioria, os programas de auditórios, clássicos dos

---

<sup>3</sup>Disponível em: <<https://recordtv.r7.com/programa-do-gugu/saiba-mais-sobre-o-apresentador-gugu-liberato-13102018>>. Acesso em: 06 jun. 2020.

domingos nas emissoras brasileiras. Uma das atrações escolhidas por minha mãe era o então *Programa do Gugu*, veiculado em sua emissora favorita: a Rede Record de Televisão. Um espetáculo de shows, luzes, cores e sons invadiam a casa. Risos e gargalhadas ocupavam os espaços em meio uma atração e outra, por vezes a emoção tomava conta, principalmente quando se iniciava o quadro *De volta pro meu aconchego*<sup>4</sup>. Podia-se ver os olhos lacrimejarem, ora pela comoção com a dor do próximo, ora pelas lembranças de episódios da vida que reportam a dor, o sofrimento, as angústias e desejos partilhados entre os que assistiam.

Ora ou outra, comentários eram proferidos. Julgamentos, conselhos e reflexões que orientavam as conversas na sala eram elaborados a partir da vida do outro que era exibida na tela. Nesse tipo de programação, a vida do outro sinalizava para uma diretriz quanto ao que fazer ou não, o que ser ou não, de como agir ou não.

Lembro-me que ao assistirmos esse quadro tínhamos uma visão romantizada, pois, entendíamos que se tratava de um programa que ajudava as pessoas em diversas instâncias de sua vida, seja na realização do sonho na reforma da casa, na mudança de visual, no conserto do carro, na busca em encontrar algum parente que não se via há tempos, na volta para sua cidade natal, entre outras benesses. Para mim e meus familiares havia ali algo bom, que nos encantava e cativava. Assim costumavam ser as tardes de família em minha casa, creio que realidade semelhante era vivida por muitas outras famílias brasileiras nesse período.

Atualmente, os encontros da minha família já não são como o narrado. Muitas coisas mudaram: pessoas se foram, outras cresceram, algumas se mudaram, novas tecnologias começaram a fazer parte de nossas rotinas e a vida foi seguindo rumos distintos. Como parte das mudanças, passamos a enxergar os programas televisivos, bem como diversas outras veiculações midiáticas, com um olhar mais crítico e a desconfiar da bondade veiculada. Essa mudança de perspectiva em torno das programações, ocorrida em mim e na minha família, se deu, principalmente, a partir do meu ingresso no Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica, da Universidade Federal de Viçosa.

O ingresso em uma Universidade Pública e a realização da pesquisa de mestrado sobre as construções discursivas e imagéticas em outro programa da mesma emissora ora referida, bem como a participação nas disciplinas e nos grupos de pesquisa do meu departamento, propiciaram uma ampliação da minha visão de mundo e reconfiguração do meu olhar, as quais eu partilhei com a minha família.

---

<sup>4</sup> Exibido entre os anos de 2009 a 2013.

Atualmente, quando os membros se reúnem para assistir TV ou comentar sobre alguma veiculação midiática, outros sentimentos e opiniões marcam esses encontros que passaram a ser permeados por questionamentos e críticas sobre o que é exibido/veiculado. O novo posicionamento dos telespectadores evidencia mudança nos valores culturais, que nos levaram a não absorvermos mais passivamente o seu conteúdo como “mero entretenimento”, esvaziado de reflexão.

O que movem as discussões e diálogos atualmente na sala de minha casa são reflexões do tipo: com que interesse esse conteúdo está sendo exibido dessa forma? Em que medida o que é exibido representa de fato a realidade? Se fossem outros sujeitos seria exibido assim?<sup>5</sup>

Pensando mais criticamente os conteúdos que são divulgados na TV na atualidade, e com um repertório de vida e da academia que não dispunha outrora, percebi o quão direcionados eram os programas de auditórios. Notei que há ali uma espécie de “lembrete”, um recado, uma norma ou regra para ser seguida por alguém em algum lugar.

Percebi que nada está ali por acaso. Todos os discursos são muito bem elaborados, o *zoom* das câmeras nos momentos e locais certos (nas lágrimas, nas mazelas e no rosto sofrido). As trilhas sonoras de fundo são cuidadosamente escolhidas para causar arrepios e muita comoção. Tais mecanismos são usados não apenas para “entretêr”, mas para moldar opiniões e valores.

Nos programas televisivos de auditório em TV aberta, a atenção dos telespectadores se estabelece pelo conteúdo narrado e pela forma como é narrado, como também pelos *shows* de luzes, efeitos de cores e sons, pelas palavras e expressões: choros, súplicas, benevolências.

De acordo com Eugênio Bucci (1996), no Brasil, a TV se configura como um complexo sistema sociocultural que fornece códigos para que os nativos se reconheçam socialmente. A TV não é apenas um aglomerado de atrações e produtos “descartáveis” e sem importância, destinados a entreter as massas. Ela é, sobretudo, um mecanismo de representação social e nacional. A TV medeia os espaços públicos e privados de nossa sociedade “[...] de tal forma que, sem ela, ou sem a representação que ela propõe do país, torna-se quase impraticável a comunicação – é quase impossível o entendimento nacional” (p.09).

Mesmo que estejamos na era da tecnologia digital e da *internet*, a TV aberta ocupa ainda um papel central na vida de milhares de brasileiros e brasileiras. Segundo Fagundes (2020, p. 01), “são sete décadas de um meio de comunicação que ao longo de sua existência ganhou um

---

<sup>5</sup> Outros telespectadores ainda continuam a assistir esses programas sem questioná-los, uma vez que não dispõem de uma formação crítica em face aos diversos mecanismos ideológicos utilizados pela mídia.

lugar central nas casas de todo país, juntou famílias inteiras para acompanhar desde os principais acontecimentos do mundo, até as narrativas diárias mais apaixonantes”.

De acordo com dados da Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio – PNAD (2019)<sup>6</sup>, 96,3% dos domicílios brasileiros possuem pelo menos uma TV. Conforme Coan (2009, p. 29), a TV é “[...] um dos veículos de comunicação mais acessível à sociedade”, que “concentra um grande número de telespectadores, independente de raça, classe social e nível de escolaridade”.

Segundo os dados da Pesquisa brasileira de mídia – PBM (Brasil, 2016)<sup>7</sup>, a televisão é o principal meio na busca de informação/orientação/entretenimento dos brasileiros, representando um percentual de 89% (embora, a pesquisa destaque que não é necessariamente uma atividade exclusiva); seguidos de 49% da internet, 30% rádio, 12% jornais e 1% revistas. A pesquisa ainda mostra que 77% dos brasileiros assistem às programações cerca de 7 dias por semana, com média diária de 3 horas em frente à tela.

Na medida em que atinge um elevado número de telespectadores, além de veicular informações e entreter o público, a TV se mostra como um mecanismo que incute lógicas de enquadramentos e classificações, o que fomenta a criação de estereótipos e propaga dinâmicas discriminatórias e excludentes.

Esses programas, embora não seja uma exclusividade deles, possuem características marcantes do sensacionalismo que, segundo Luiza Berti *et al.* (2020, p.153-154), envolve um conjunto discursivo “[...] que impregna nos conteúdos um certo exagero e melodramas: a notícia estabelece estereótipos do bem *versus* o mal, num confronto maniqueísta, que extrapola a realidade”. Segundo os autores, isso ocorre “[...] porque a mídia promove dimensão de realismo, mas o que se mostra é ficção e, muitas vezes, emoldura um espetáculo”. Para Rosa Nívea Pedroso (1983), o sensacionalismo, base desse formato de atração, busca uma:

**Intensificação, exagero e heterogeneidade imagética; ambivalência lingüístico-semântica, que produz o efeito de informar através da não identificação imediata da mensagem; valorização da emoção em detrimento da informação; exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional; adequação discursiva ao status semiótico das classes subalternas; destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos; subtração de elementos importantes e acréscimo ou invenção de palavras ou fatos; valorização de conteúdos ou temáticas isoladas, com pouca probabilidade de desdobramento nas edições**

<sup>6</sup> Disponível em: < [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf)>. Acesso em 09 ago. 2021.

<sup>7</sup> Os dados apresentados são referentes ao último censo, e foram apresentados no ano de 2017 no encontro dos profissionais da área de comunicação social do Sistema de Comunicação de Governo do Poder Executivo Federal – Sicom (BRASIL, 2016).

**subseqüentes e sem contextualização político-econômico-social-cultural; discursividade repetitiva**, fechada ou centrada em si mesma, ambígua, motivada, autoritária, **despolitizadora**, fragmentária, **unidirecional**, vertical, ambivalente, dissimulada, indefinida, substitutiva, deslizante, avaliativa; exposição do oculto, mas próximo; **produção discursiva sempre trágica**, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica [...com] **escamoteamento da questão do popular**, apesar de pretensão engajamento com o universo social marginal; **gramática discursiva fundamentada no desnivelamento sócio-econômico e sociocultural entre as classes hegemônicas e subalternas** (Pedroso, 1983, p. 114 – grifos nossos).

Os programas de auditório se constituem, em geral, como um palco difusor desse sensacionalismo, por meio de espetáculos e estereótipos que estigmatizam, ridicularizam e constroem os participantes envolvidos. A base primordial desse formato de programa se assenta na prevalência das sensações sobre a consciência e da emoção sobre o raciocínio.

Outro aspecto importante dessas veiculações midiáticas é a veiculação de expressões da “questão social” como entretenimento. Marx (2003), em sua célebre obra *“O capital”*, fornece os elementos para a compreensão do que mais tarde veio a se chamar “questão social”. Nesse sentido, entende-se que a “questão social” emerge a partir da “lei geral da acumulação capitalista”, por meio da qual cada vez mais a produção é feita coletivamente e socializada, ao passo que, a apropriação dos lucros torna-se privada. Ou seja, na medida em que as riquezas dos donos do capital crescem, a pobreza, a fome, e diversas outras mazelas sociais entre os trabalhadores se dão exponencialmente.

Netto (2001) destaca que a “questão social” toma contornos mais explícitos mediante os processos de industrialização oriundos, sobretudo, a partir da Revolução Industrial, pautados nas relações entre capital e trabalhadores, a partir do surgimento do modo de produção capitalista.

Nesse terreno conflituoso e cheio de nuances emerge e desenvolve um conjunto de problemáticas ao qual se denomina “questão social” e que assumiu (e ainda assume) conotações diversas no decorrer da trajetória do capitalismo. Conforme Iamamoto (2003; 2013), a “questão social” não se trata de um fenômeno recente, tampouco tem a ver, necessariamente, com a expansão do capitalismo nos últimos anos, pelo contrário, refere-se a uma “velha questão social” que se encontra enraizada na própria natureza das relações do sistema capitalista.

Porém, na contemporaneidade a “questão social” apresenta novas expressões que se (re)produzem a partir de novas mediações, assumindo nuances inéditas, sendo veiculadas nas mídias como forma de entretenimento e tem alcançado dimensões da sociedade que não se vivenciava em outrora.

Nesse sentido, observamos que as expressões da “questão social”, como a pobreza, desenvolvimento ou agravamento de doenças e a fome são apresentadas na construção das narrativas discursiva e imagética dos mais variados artefatos culturais, sob diferentes prismas. A veiculação espetacularizada da “questão social” mescla anseios, fragilidades, direitos, negações e privações para “manutenção” de uma possível ordem social (a partir de jogos de relações de poderes) veiculadas e reforçadas por meio da mídia, direta ou indiretamente. Esse processo é composto por um conjunto de jogos de linguagem que, por vezes, encobre e mistifica a realidade, direcionando a compreensão dos fenômenos sociais.

Ao discutir as características do sensacionalismo presente nessas veiculações, Pedroso (1983) observa que há uma falta de “contextualização político-econômico-social-cultural”, o que leva à responsabilização dos sujeitos pelas desgraças que vivenciam, pelas expressões da “questão social” que os atravessam, ocultando os aspectos estruturais da sociedade capitalista que as geram.

Um exemplo da moralização da “questão social” ocorre no quadro *De volta pro meu aconchego* que busca a concretização de uma suposta ajuda paulistana aos migrantes nordestinos para retornarem à sua terra natal, de onde saíram para buscar melhorias em sua condição de vida.

Ao longo da veiculação do quadro são explorados mecanismos discursivos que constroem a visão de um Nordeste atrasado, carregado de misérias, de pedintes e com uma população sofrida, contribuindo para uma perpetuação de discursividades estereotipadas sobre a região e os sujeitos, fixando ideologias que prevalecem ideais de uma região vitimizada, mesmo que essa região possua uma diversidade cultural significativa e um pleno desenvolvimento.

Portanto, na medida em que os participantes são expostos às mais diversas formas e situações de constrangimentos públicos, a sociedade assiste a essa exploração do humano como algo natural. Esses programas se escondem sob o manto do “assistencialismo” (Kowalski, 2013), ou seja, de uma suposta ajuda, em prol de uma suposta “felicidade” dos participantes. E para isso vale tudo.

Assim, nesta pesquisa, buscamos problematizar os preconceitos<sup>8</sup>, estereótipos<sup>9</sup> e estigmas<sup>10</sup> veiculados, inicialmente, em um programa de auditório, a partir da análise das construções discursivas e imagéticas atribuídas ao migrante nordestino e ao Nordeste na TV aberta, em especial no que foi divulgado no quadro *De volta pro meu aconchego* no extinto *Programa do Gugu*. Esse quadro constituiu uma amostragem das abordagens estigmatizadas sobre a região Nordeste e o sujeito nordestino, que são veiculadas em diversos meios midiáticos da sociedade brasileira.

Na concepção de Souza e Souza (2017), as narrativas sobre o Nordeste e o povo nordestino ficaram estigmatizadoras no tempo e no imaginário popular, se apresentando ainda hoje em produções contemporâneas. Observa-se um conjunto de discursos e imagens, com as mesmas referências estigmatizantes de um espaço geográfico atrasado, de uma economia precária e de um povo com uma incapacidade intelectual. Nesse sentido, deixa-se de lado toda uma pluralidade de um povo e de uma região, anulando-a e veiculando-a de forma deturpada da realidade. Para tanto, os autores enfatizam que:

Neste processo, as subjetividades são esquecidas e se fortalece, através destas obras [...] o olhar sobre um espaço geográfico que ficou no passado, de um universo que se apresenta atemporal, para continuar no "modelo clichê" no qual vêm sendo representados os sujeitos nordestinos. Até os dias de hoje, as representações construídas [...] deste povo, parecem ter parado no tempo. Percebe-se ainda de forma recorrente à existência de um contexto social muitas vezes retrógrado e estigmatizado, onde as imagens veiculadas se atêm a um sujeito ignorante, caricato, sofredor mas bem humorado. O sujeito nordestino é um personagem colocado como forte, um tipo de pessoa que

---

<sup>8</sup> “O preconceito é expressão das relações conservadoras da sociabilidade burguesa e de seu individualismo, que, por sua vez, remete à exploração cada vez mais bárbara do trabalho pelo capital. A banalização destes fundamentos representa um desvalor, que emerge nas mais diferentes formas da vida cotidiana [...]” (Barroco, 2016, p. 05).

<sup>9</sup> De acordo com Santos (2008), o termo estereótipos tem sua origem do grego *stereo* = rígido, fixo e *típos* = forma, molde, ou seja, “moldes fixos”; e foi utilizado pela primeira vez em 1922, por Walter Lippmann. Ele é entendido, ainda que de forma superficial, como um conjunto de conceitos ou “rótulos” que são organizados mentalmente e subjetivamente quando se pensa sobre um determinado grupo social. Ele é visto, nesta lógica, como um conjunto de percepções sociais que apregoa informações, imediatas, parciais e de forma generalista, sobre os “outros”, e refletem traços e crenças que caracterizam os sujeitos pertencentes a uma determinada categoria social a partir de suposições. Assim, são preenchidas “lacunas” com aquilo que é “esperado” de alguém pertencente àquele grupo social, mediante uma visão prévia sobre determinado sujeito. Na visão de Baccega (1998), os estereótipos são construídos e reproduzidos culturalmente e impactam, diretamente, nas relações sociais entre os sujeitos. Ainda, segundo o autor, os meios de comunicação possuem, de certo modo, uma significativa importância no que diz respeito à construção ou à desconstrução destes.

<sup>10</sup> Segundo Goffman (1980, p.04), o estigma pode ser definido como uma “marca social” que atribui ao seu portador um caráter que o desqualifica ou, em certa medida, o torna menos valorizado socialmente. Nas palavras do autor, o estigma é entendido como uma marca que faz com os sujeitos se encontrem “[...] inabilitados para aceitação social plena”. Na contemporaneidade, para além de marcar físicas, o significado de estigma, em especial a partir dos estudos sociológicos e antropológicos, tem ganhado novos contornos, dos quais partilhamos nesta pesquisa, e diz respeito notadamente a aspectos sociais. Nesse sentido, o estigma vem sendo entendido como a categorização de um determinado grupo em detrimento a outros, conferindo-lhes, em certa medida, um grau de inferioridade/subalternidade em meio à estrutura social (Felicissimo *et al*, 2013).

consegue enfrentar todas as adversidades da vida com o sorriso no rosto (Souza; Souza, 2017, p. 06).

Diante do potencial analítico do quadro *De volta pro meu aconchego* e, considerando os meus interesses e investimentos em pesquisas que problematizam a mídia como elemento que cria realidades, sentidos e veicula estigmas<sup>11</sup>, considerei o quanto esse quadro televisivo teria um importante potencial analítico sobre a estigmatização dos nordestinos.

Posteriormente, verifiquei que as discursividades quanto aos nordestinos veiculadas no referido quadro se repetiam nas notícias transmitidas no contexto da pandemia de Covid-19, quando os nordestinos voltavam para casa. Verifiquei também que tais discursividades estavam presentes nas veiculações nas redes sociais sobre as eleições presidenciais dos anos de 2018 e 2022.

Dessa forma, a presente pesquisa se ampliou e tomou como objeto de análise o quadro *De volta pro meu aconchego*, 06 notícias veiculadas nos jornais *on-line* sobre o retorno dos nordestinos para o Nordeste, no contexto da pandemia por Covid-19, bem como algumas veiculações nas redes sociais sobre as eleições presidenciais dos anos de 2018 e 2022. Nos três produtos de análise, foi problematizado como tais construções discursivas se fazem presentes em nossa cultura e como elas contribuem para estigmatizar os nordestinos e o Nordeste brasileiro.

No processo investigativo algumas questões foram levantadas, a saber: como são estruturados os discursos que emergem durante a narrativa do quadro e como estes são reverberados socialmente em outras mídias? Como e de que modo os discursos veiculados nos artefatos operam na construção de estereótipos e estigmas ao Nordeste e aos nordestinos?

A pesquisa se justifica a partir da relevância sociocultural de discursos e efeitos de sentidos relativos aos processos migratórios dos nordestinos, no sentido de desvelar como esses afetam suas interações e vivências em sociedade. Este estudo compreende, sobretudo, uma prática reflexiva fundada sobre um olhar teórico-analítico a partir dos funcionamentos das discursividades nas práticas sócio-históricas dos sujeitos.

---

11 BATISTA, F. E. A. A. Masculinidades, identidade e corporalidade na revista men's health. **Revista Diálogos (REVDIA)**, v. 5, p. 127-142, 2017; BATISTA, F. E. A. A idealização corporal contemporânea: moda, corpo, beleza e identidade em *realities shows* de transformação. **CES Revista (online)**, v. 32, p. 72-82, 2018; BATISTA, F. E. A. Discursos que nos arrumam. **R@U: Revista de Antropologia Social dos alunos do PPGAS-UFSCAR**, v. 13, p. 101-119, 2021; dentre outras.

## Justificativa

As produções em torno do Nordeste e dos nordestinos na literatura brasileira são vastas e analisam a região e os sujeitos sobre múltiplos aspectos e enfoques. Sobretudo, abordam os processos de mobilidade oriundos dessa região e seus desdobramentos na sociedade (Albuquerque Júnior, 1999; Ramos, 2015; Freitas, 2020a; Nascimento, 2020; Almeida França, 2021; Pereira, 2021; entre outros). As diversas reflexões teóricas buscam, cada qual a sua maneira, compreender que o fenômeno da migração ou da mobilidade humana nessa região não é natural, mas trata de um processo social e histórico que reafirma as desigualdades e complexidades das relações sociais estabelecidas no território brasileiro. Assim, os estudos sobre os processos migratórios foram, e são, temas importantes nas discussões das Ciências Sociais.

Buscando compreender alguns aspectos envolvidos nos processos de migração no Brasil, Emerson Baptista *et al.* (2018), Catherine Wendel (2018), Alex Mesoudi (2018) e Thomas Faist (2018) trazem apontamentos que desvelam como eles são construídos e veiculados na sociedade. No decorrer da história, tais processos passaram por significativas modificações em suas dinâmicas: ora sendo estimulados, ora sendo controlados, fiscalizados e negligenciados (Wendel, 2018; Mesoudi, 2018; Faist, 2018).

Na contemporaneidade, com o maior acesso aos meios midiáticos e ampliação dos estudos sobre xenofobia, discriminação e construção de estereótipos, esses processos são expostos, questionados, tencionados e problematizados (Osakwe, 2019). Assim, “o estudo da migração interna é um exercício complexo dado o tamanho e a diversidade do país” (Baptista *et al.*, p.361, 2018).

Baptista *et al.* (2018), enfatizam que os fluxos migratórios têm maior intensificação, em grande parte, em decorrência dos processos associados às transformações oriundas do modelo capitalista de produção e suas relações sociais nas esferas da sociedade brasileira.

Nesse sentido, “os últimos 60 anos de migração interna no Brasil estão fortemente relacionados aos processos de urbanização e à redistribuição espacial da população, marcada por intensa mobilidade populacional e inserida nas diferentes etapas econômicas, sociais e políticas” (Baptista, *et al.*, 2018, p.361,). Wendel (2018) menciona que os principais fatores das mobilidades são estruturais, ligadas às desigualdades, que geram lacunas demográficas, econômicas, políticas e sociais.

Baptista *et al.* (2018) destacam que os principais fluxos migratórios em solo brasileiro são oriundos, em sua maioria, dos estados da região Nordeste, possuindo como destino principal

o estado de São Paulo. São estados que, historicamente, serviram como força de trabalho para o crescimento econômico da região de destino. Contudo, esses migrantes – homens, mulheres, jovens, crianças e pessoas idosas, em desigualdade monetária e educacional - ao chegarem a seus novos destinos, encontram realidades bem diferentes da qual buscam. Além dos estigmas e estereótipos que sofrem diariamente, convivem com o desemprego, a falta de moradia, falta de redes de apoio e diversas outras expressões da “questão social” que os deixam “à margem” (Augé, 2004) da sociedade.

Embora vivessem, em grande parte, de formas precárias em suas regiões – fato que os fazem migrar – ao deslocarem, algumas expressões da “questão social” - como a falta de saneamento básico, moradias, emprego, acrescido da pobreza e a fome - se potencializam no novo destino. E como mencionam Baptista *et al.* (2018), quando afirmam que há uma nova compreensão sobre os processos migratórios, que caracteriza o destino dessa migração como um lugar marcado por certa incapacidade de absorver os migrantes, o que maximiza a migração de retorno às áreas de origem, e intensifica suas vulnerabilidades no local de destino.

O processo de migração, como menciona Wendel (2018), envolve uma “mobilidade seletiva”, pois alguns sujeitos são bem-vindos, enquanto outros não. Assim, pessoas que apresentam certas características (escolaridade elevada, alto poder aquisitivo, entre outros) que “trarão benefícios” para a localidade são bem aceitos; ao passo que outros sujeitos são utilizados somente como força de trabalho e, em contexto de desemprego estrutural<sup>12</sup>, são rejeitados nos espaços, sendo obrigados a viverem de forma sub-humana ou retornarem para suas regiões de origem.

Portanto, compreender as dinâmicas dos processos migratórios significa reconhecer que há uma inadequação e inoperância das políticas públicas de geração de emprego e renda, de educação e de saúde de determinada região que garantam minimamente aos seus moradores condições dignas de sobrevivência em suas localidades, evitando que estes sujeitos tenham que se deslocar para outras regiões em busca de melhores condições de vida, sendo levados a vivenciarem outras realidades e a enfrentarem outras expressões da “questão social”, seja local, nacional ou internacional.

---

<sup>12</sup> O desemprego estrutural é uma dimensão da crise estrutural gerada pelo capital e que funciona como um *modus operandi* do sistema capitalista que elimina diversos postos de trabalhos, gerando um “exército” industrial de reserva e ocasionando a exclusão e marginalização no interior das lutas da classe trabalhadora (Antunes, 2003). O autor enfatiza que “o desafio maior da classe-que-vive-do trabalho, na virada do século XX para o XXI, é soldar os laços de pertencimento de classe existentes entre os diversos segmentos que compreendem o mundo do trabalho, procurando articular desde aqueles segmentos que exercem um papel central no processo de criação de valores de troca até aqueles segmentos que estão mais à margem do processo produtivo mas que, pelas condições precárias em que se encontram, constituem-se em contingentes sociais potencialmente rebeldes frente ao capital e às suas formas de (des)sociabilização” (Antunes, 2003, p. 192).

A mídia, por sua vez, reforça esse processo fomentando a construção de estigmas e estereótipos, ao veicularem aspectos negativos sobre os nordestinos e a região Nordeste. Esse processo, conforme elucidam Osakwe (2019) e Jasmine Gill e Charley Baker (2019), gera nos telespectadores certa (des)identificação criando um “imaginário coletivo” que influi diretamente na vivência desses sujeitos na região de destino.

Ao serem vítimas dessas violências simbólicas, vários deles regressam para suas regiões de origem, pois sentem que ali não é o seu lugar. Para tanto, é de suma importância estudar as discursividades que envolvem os processos migratórios na mídia brasileira, desvelando o que se encontra por trás dessas construções simbólicas. Tais discursos dizem respeito não somente ao deslocamento em si, mas, sobretudo, trazem elementos centrais para a compreensão da “questão social” brasileira tais como: exploração da força de trabalho, desigualdade social, pobreza, exclusão, baixo acesso aos direitos e às políticas públicas, que implicam em total desproteção social.

Há, portanto, um jogo de disputa nas veiculações midiáticas das regiões brasileiras, onde o Nordeste (e também o Norte) e os nordestinos (e também os nortistas) foram (e são) representados nas narrativas a partir de um conjunto de saberes estereotipados, elaborando as regiões como um lugar sempre à margem das relações políticas e econômicas do país, configurando seus habitantes como espécies de marginais da cultura nacional (Albuquerque Júnior, 1999).

Os discursos midiáticos sobre os processos de migração interna de nordestinos no Brasil, em sua maioria, apoiam-se dentro de conceitos projetados e engessados sobre os sujeitos – sobre os tipos de sociabilidades e seus modos de vida. Assim, esses sujeitos são enfocados, quase sempre, como ignorantes, incompetentes, sem instrução, dentre outros termos pejorativos.

Exemplos destes conceitos projetados estão presentes em novelas como: *Mulheres de areia* (1993), no personagem Tonho da Lua (interpretado por Marcos Frota); *Senhora do Destino* (2004), na personagem Maria do Carmo (interpretado por Susana Vieira); *Flor do Caribe* (2013), no personagem Candinho (interpretado por José Loreto); em filmes, como: *O Auto da Compadecida* (2000), nos personagens de João Grilo e Chicó (interpretados, respectivamente, por Selton Mello e Matheus Nachtergaele); que buscam, cada qual a sua maneira, representar e apresentar marcas sociais do que se considera ser um nordestino ou a região Nordeste carregados de sotaques e trejeitos tidos, sobretudo no imaginário social<sup>13</sup>, como

---

<sup>13</sup> “O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias ...[e]...por símbolos, alegorias, rituais, mitos [...]” (CARVALHO, 1987, p.11).

“da roça”, “interiorano”, uma espécie de “bom selvagem”, sempre com um lado cômico e atrapalhado, por vezes infantil e ingênuo.

Embora tais discursividades se distanciam da figura do “cabra-macho” (também construída e projetada durante décadas no imaginário social), elas reforçam uma ligação direta do nordestino/Nordeste com um ideário atrelado ao arcaico, ao animalesco, ao preguiçoso e ao não-civilizado, indo de encontro aos modernos e civilizados habitantes da região sul e sudeste.

Assim, tornam-se, cada vez mais necessários estudos sobre as narrativas e propagação de estereótipos transmitidos pelas mídias, desvelando como elas se encontram, muitas vezes, disfarçadas a partir de jogos de linguagens. Essas construções encaminham e condicionam o entendimento de mundo dos sujeitos e possuem a capacidade de intervir entre o mundo vivido e o assistido/visto. Portanto, estudar as relações estabelecidas entre a criação de imaginários e estereótipos do Nordeste/nordestino a partir das mídias, é crucial, tendo em vista que esses veículos se encontram no âmbito da construção das identidades culturais de nosso país.

## **Problemática**

A mídia se configura como mecanismo que impacta de forma significativa a construção do imaginário social, criando lógicas que engessam e enraízam visões estereotipadas e estigmatizantes sobre determinados assuntos e sujeitos, em específico nesta pesquisa, sobre o Nordeste e o nordestino.

Nesse sentido, as obras de Albuquerque Júnior (1999) se configuram como uma importante fonte de informação para a compreensão dos sentidos atribuídos ao Nordeste brasileiro. Segundo o autor, o Nordeste não se trata exclusivamente de uma delimitação geográfica, mas, sobretudo, de uma delimitação simbólica, por meio da qual, tais sentidos sobre a região, no decorrer histórico, foram e vêm sendo naturalizados, homogeneizados e, principalmente, compreendidos e perpetuados de maneiras estereotipadas.

O autor afirma que a retórica estereotipada atribuída à região Nordeste e ao nordestino “[...] é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras” (Albuquerque Júnior, 1999, p. 22).

Partindo das representações estereotipadas e enraizadas sobre o Nordeste e o nordestino, além das questões espaciais e geográficas apontadas por Batista (2017), Ramos (2015) salienta que a região sofre outras violências simbólicas, marcadas por um forte e significativo preconceito linguístico, relacionado à fala desses sujeitos, ratificando as questões espaciais.

A autora pondera que a região é vista como subdesenvolvida e, diversas vezes, confundidas com Sertão<sup>14</sup> – lugar pobre, seco e de sofrimento, em especial quando comparado a outras localidades brasileiras, como o Sul e Sudeste. Como enfatiza Andrade (2000, p. 146), “o espaço nacional é dividido por uma espécie de linha imaginária, que separa o espaço da pobreza, o Nordeste, do resto do Brasil, que seria o verdadeiro país, a verdadeira nação”<sup>15</sup>.

A partir da estereotipagem veiculada através do discurso, o ideário disseminado pela mídia (e arraigada no imaginário social) da região Nordeste e dos sujeitos nordestinos se concentram assim como posto por Albuquerque Júnior (1999, p.59), na “descrição das ‘misérias e horrores do flagelo’ tenta compor a imagem de uma região abandonada, marginalizada pelos poderes públicos. [...] uma área ‘miserável, sofrida e pedinte”.

Ainda no século XXI, a representação do Nordeste é feita através de discursos que mantêm os sentidos atribuídos à região de outrora (Barbalho, 2004; Rego Silva; Massuchin, 2019; Angelo; Fogaça; Barbosa, 2020). Albuquerque Júnior (1999, p. 307) conclui que há:

[...] uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como características do ser nordestino e do Nordeste. Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas-clichês, que são repetidas *ad nauseum*, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região.

Nessa conjuntura, a mídia possui um papel de significação e sentido de extrema relevância na sociedade. Na lógica da construção discursiva midiática, as circulações de imagens produzem efeitos de sentidos e geram práticas simbólicas que alimentam o imaginário coletivo e oportunizam a criação e fixação de imagens (Leal; Lins, 2019). No que concerne às representações do Nordeste e do nordestino, muitas vezes essas imagens se mostram naturalizadas, outras vezes tensionadas e problematizadas, dependendo do público que as lê.

---

<sup>14</sup> Tão explorado em nossa literatura nacional, por exemplo, Os Sertões (Euclides da Cunha, publicado em 1902); Vidas Secas (Graciliano Ramos, publicado em 1938), Grande Sertão Veredas (João Guimarães Rosa, publicado em 1956); nos poemas de Patativa do Assaré (1909-2002), nas composições de Luiz Gonzaga (1912-1989), dentre outros.

<sup>15</sup> Neste aspecto, a partir de uma visão marxista, cabe-se pontuar brevemente, sobre a “*lei do desenvolvimento desigual e combinado*”, de Trotsky. Segunda a lei, há uma ocorrência, simultânea, de aspectos avançados e atrasados no processo de desenvolvimento econômico e social dos países. Assim, observa-se que há, na estrutura da sociedade, desenvolvimentos desiguais e combinados que hierarquizam os sujeitos em camadas sociais (ricos *versus* pobres, por exemplo), que valorizam regiões do mesmo território entre mais desenvolvidas ou menos desenvolvidas (Nordeste/Norte *versus* Sul/Sudeste, por exemplo), para manutenção de uma ordem social que ocorre tanto em nível macro quanto em nível micro das relações sociais (Coggiola, 2007; Theis, 2010). Essa desigualdade contribui para a perpetuação da dominação de um grupo sobre o outro.

Para tanto, é importante que os sujeitos sejam mais críticos na leitura das imagens e discursos aos quais são submetidos diariamente para contestá-los e enfrentá-los. A mídia de massa, em especial a televisão, naturaliza alguns discursos não deixando evidentes as diversas relações de força e de poder existentes nesses jogos de linguagens, permeados por fatores econômicos, políticos, sociais e culturais (Mancebo, 2016).

Contudo, pesquisas como a de Manoel Batista (2017) apontam para uma nova representação do Nordeste nos meios midiáticos, em especial no que tange os aspectos relativos às paisagens dessa localidade. O caráter árido e sofrido vem, mesmo que lentamente, ganhando um caráter “político-ideológico” dentro de sua significação simbólica, sendo apresentado dentro de perspectivas que desestabilizam e questionam os “[...] estereótipos ou mitificações de um Nordeste arcaico, enclausurado em si mesmo e intocável” (p. 105). Entretanto, o autor enfatiza que em certas ocasiões a visão arcaica continua com seu caráter passivo, sendo a mais representada.

Ramos (2015) pontua que o Nordeste é sumariamente vitimado por inúmeras sucessões de clichês que carregam estigmas e preconceitos, que de tão naturalizados são subjetivados por grande parcela da sociedade. Esses estigmas e preconceitos se tornam presentes diariamente na mídia, em especial nos produtos televisionados, que criam um conceito “[...] baseado na imagem estereotipada do sertanejo e da seca, e de que todo Nordeste é sertão, e todo sertão é rural com poucos e pequenos centros urbanos, o que não corresponde à realidade” (Ramos, 2015, p.14).

Diante dessas colocações, problematiza-se, como *corpus* desta pesquisa, os discursos do quadro *De volta pro meu aconchego*, veiculado entre os anos 2009 a 2013, no extinto *Programa do Gugu* da Rede Record de Televisão, bem como as notícias de jornais *online* sobre a pandemia da Covid-19 e as notícias sobre as eleições presidenciais dos anos de 2018 e 2022, buscando compreender, em linhas gerais, como tais discursividades operam sobre uma lógica excludente, estigmatizante e opressora para com esses sujeitos e sua região.

O aprofundamento das análises e articulações teóricas propostos ao longo desta pesquisa estão pautados na compreensão dos discursos como uma força material capaz de intervir, em certo modo, no real. Baseia-se em um processo de “semiose” (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Fairclough, 2000), por meio da qual as construções de sentidos das narrativas se dão pela imagem, linguagem corporal, sonoridade, própria língua e outros elementos que constituem as narrativas (ou pela falta deles).

As análises discursivas são entendidas como uma rede conectada por meio das práticas sociais realizadas pelos sujeitos, em correlações com a política, a economia, a cultura e o

cotidiano e outros elementos semióticos. Portanto, defende-se a ideia de que os discursos produzidos pela mídia sobre a migração de nordestinos no Brasil funcionam como mediações sociais, que veiculam segregações, violências e exclusões a partir de um *show* de luzes, cores, sons e efeitos especiais. Dessa maneira, a contextualização das construções de sentidos atribuídas pela mídia em relação ao Nordeste e aos nordestinos se configura como uma questão importante para a compreensão das relações estabelecidas em sociedade.

## **Objetivos**

O objetivo geral da pesquisa foi analisar as narrativas discursivas sobre os processos migratórios de nordestinos para São Paulo a partir do quadro televisivo *De volta pro meu aconchego*, de materiais de jornais *on-line* em torno da pandemia da Covid-19, veiculadas no ano de 2020, e de postagens realizadas nas redes sociais *on-line* nas campanhas eleitorais presidenciais dos anos de 2018 e 2022, buscando-se problematizar as veiculações midiáticas sobre os nordestinos e o Nordeste brasileiro.

De modo mais específico, a pesquisa traz uma contextualização dos espaços sociodemográficos do estudo em relação às suas particularidades; Discute a migração nordestina para São Paulo como uma expressão da “questão social” brasileira; Discorre sobre os aspectos socioculturais e identitários dos migrantes nordestinos retratados no quadro televisivo, nas notícias e nas postagens; Analisa os discursos verbais e não verbais direcionados aos migrantes nordestinos e ao Nordeste Brasileiro; e problematiza os estereótipos em torno dos nordestinos e do Nordeste veiculados nos três artefatos culturais, discutindo os seus desdobramentos na sociedade.

## **Procedimentos Metodológicos**

Buscando responder a problemática de pesquisa apresentada e alcançar os objetivos formulados, a metodologia do trabalho seguiu uma abordagem de natureza qualitativa de caráter descritivo-exploratório. Busca-se descrever, compreender e identificar os fatores que se encontram imbricados nas representações midiáticas dos processos migratórios de nordestinos na mídia televisiva brasileira, desvelando como a construção e a cristalização de imagens e discursos sobre um determinado grupo social, impactam na sua realidade.

No primeiro capítulo desta pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico em bancos de dados acadêmicos, tais como: *Scientific Electronic Library Online - SciELO, Web of Science,*

Bancos de Teses e Dissertações, *Google Acadêmico*, Livros. Essa etapa teve a finalidade de identificar o que tem sido produzido e como vem sendo tematizado, discutido e problematizado as múltiplas relações existentes sobre a midiatização dos processos migratórios de nordestinos na mídia televisiva brasileira, buscando construir um “estado da arte” sobre a temática supracitada, que de acordo com Graciela Messina (1999, p. 145), “[...] é um mapa que nos permite continuar caminhando; é também uma possibilidade de perceber discursos que em um primeiro momento se apresentam como descontínuos ou contraditórios”.

Nessa conjuntura, a autora pondera que a utilização do “estado da arte” possui a “possibilidade de contribuir com a teoria e a prática de um determinado campo do conhecimento” (p. 145), produzindo níveis de detalhamento e profundidade diferentes da pesquisa, a depender dos objetivos propostos. Portanto, foi realizada um “estado da arte” para realização de uma investigação da literatura científica acerca do fenômeno estudado de modo a fornecer um panorama geral dos conhecimentos elaborados na área sobre o tema.

A construção do capítulo 2 se baseou nos estudos desenvolvidos por Batista (2018), por meio do qual se utilizou de fontes primárias e públicas, configurando a pesquisa como documental, marcada por um entrelaçamento bibliográfico. O autor compreendeu enquanto documentos (discursivos e imagéticos) vídeos extraídos da plataforma *YouTube* sobre um determinado fenômeno que se propõe a discorrer, ponderando que estes precisam ser “[...] perscrutados, investigando os detalhes de seus elementos constitutivos” (p. 11).

Para tanto, os documentos foram compreendidos como registros, em formatos de vídeos, que forneceram subsídios para desvelar os acontecimentos relativos às representações sociais veiculadas na mídia televisiva sobre os discursos referentes aos processos migratórios de nordestinos a partir de um quadro específico de um programa de auditório da TV aberta brasileira (*De volta pro meu aconchego*), composto por registros da vida de um determinado grupo, dos discursos e das imagens.

A utilização de pesquisa com caráter documental, segundo as concepções de Ricardo Beltrão e Fernando Nogueira (2011),

[...] apresenta potencial de assumir cada vez maior relevância, sobretudo se considerarmos o quanto rapidamente vem crescendo a produção de dados, a diversificação dos suportes de registro, a velocidade da circulação de dados, e as próprias possibilidades de acesso aos múltiplos formatos de documentos na assim chamada era da informação. Não apenas os textos, mas também fotos, vídeos, bancos de dados e vários outros tipos de documentos de origem pública ou privada estão cada vez mais disponíveis e amplamente acessíveis aos pesquisadores (Beltrão; Nogueira, 2011, p. 2).

Destaca-se ainda que embora estejamos trabalhando com os vídeos do quadro disponibilizados pela plataforma *YouTube*, a princípio os mesmos foram televisionados e, posteriormente, enviados para a plataforma. Assim, o *YouTube* funciona como “uma plataforma e um agregador de conteúdo, embora não seja uma produtora do conteúdo em si” (Burgess; Green, 2009, p.21). De tal modo, tem-se uma dupla veiculação de discursos.

Em um primeiro momento televisionado e, posteriormente, transmitidos pelo *YouTube*, onde os vídeos são inseridos, possibilitando serem vistos e revistos por qualquer sujeito de acordo com seus interesses particulares. No caso desta pesquisa, com a finalidade de compreensão dos processos de migração de nordestinos, veiculado na TV aberta.

Entende-se que quando esses vídeos são compartilhados nessa plataforma, possibilitam uma “perpetuação das narrativas”, pois podem ser acessados a qualquer momento, após décadas de sua divulgação inicial, demonstrando o potencial de veiculação desse conteúdo.

Jean Burges e Joshua Green (2009) chamam a atenção para o fato de a visualização do site *YouTube*, em um primeiro momento, possa ser visto como um fato individual; o coletivo se faz presente a partir das relações que se estabelecem por meio dos comentários e respostas dos vídeos assistidos. Ainda que não seja o foco das análises que serão apresentadas nessa pesquisa, problematizam-se as amplas relações que o uso dessa plataforma fornece aos pesquisadores.

A escolha da análise de um quadro que não é mais exibido se explica, entre outros fatores, pela relevância social nas representações feitas a partir de seus discursos e que, em certo modo, refletem as construções sociais e as narrativas que reverberam na visão atual da sociedade sobre a vida dos nordestinos e a região Nordeste do país.

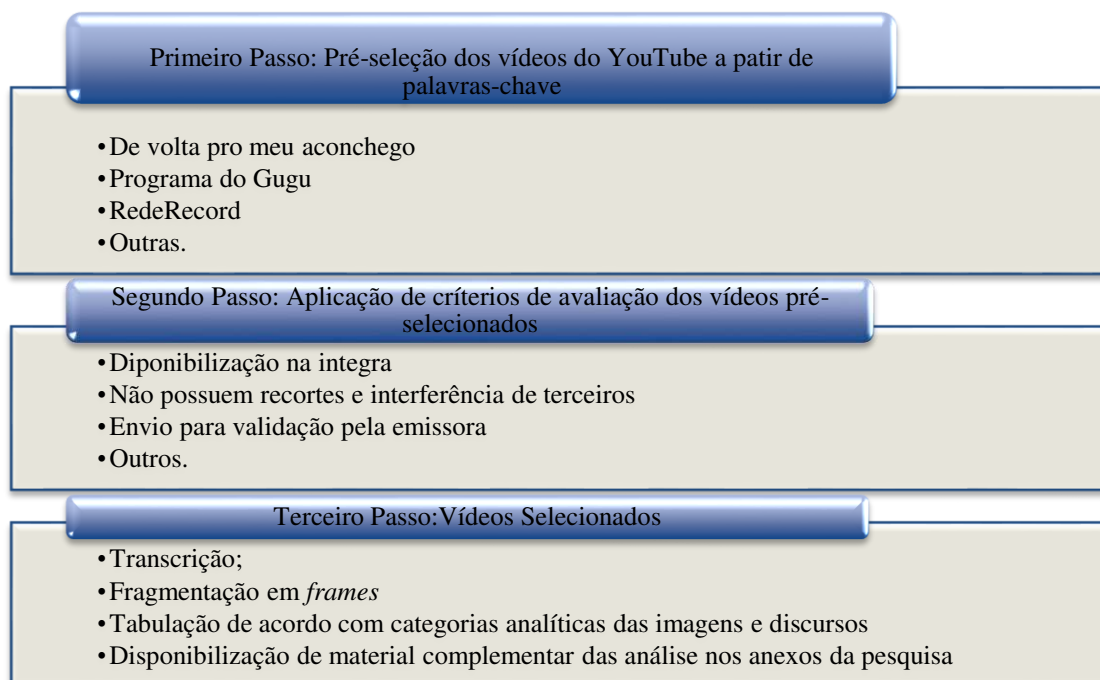
Embora existam outros programas que realizam dinâmicas semelhantes, o quadro em questão é o precursor dessas narrativas em rede nacional. Portanto, as preocupações que movem as discussões problematizam as maneiras com que se comunica e os significados que essa comunicação estabelece nas representações sociais.

A escolha se justifica ainda pelo fato de que o quadro veicula histórias de vidas com pessoas reais, ou seja, é mostrado e compartilhado a vida de alguém que vivencia toda essa trajetória e não apenas a encena, diferentemente de outras produções (filmes, novelas e séries) que têm em sua narrativa histórias protagonizadas por atores e atrizes.

Para a coleta de dados sobre o quadro *De volta pro meu aconchego* lançou-se um conjunto de palavras-chave no buscador da plataforma YouTube com as seguintes palavras: *De volta pro meu aconchego*; Programa do Gugu; Rede Record; dentre outras com a finalidade de se verificar quais quadros estavam disponíveis para análise.

Os vídeos foram transcritos, separados em *frames* (entretanto, ressalta-se que a utilização das imagens não foi feita ao longo desses escritos por questões de ética na pesquisa acadêmica), tabulados de acordo com categorias analíticas (disponíveis no Apêndice B). Esquemáticamente, seguem-se os seguintes passos para coleta dos dados:

**Figura 01** - Operacionalização dos procedimentos da coleta de dados sobre o quadro *De volta pro meu aconchego*



**Fonte:** Adaptado de Batista (2018).

O recorte temporal para análise sobre o quadro se deu entre os programas exibidos nos anos de 2009 a 2013, que marcam o rompimento do apresentador com sua antiga emissora, SBT na qual ficou aproximadamente 28 anos, e inaugura seu contrato com a emissora Rede Record de Televisão, ficando até o ano de sua morte em 2019.

Entretanto, a veiculação do quadro *De volta pro meu aconchego* só foi realizada no recorte ora mencionado, posteriormente, as demais edições/temporadas do Programa, comandado pelo apresentador, não contou com a veiculação deste quadro (fato este que também merece ser melhor investigado).

O interesse nesse recorte se dá, dentre outros fatores, pela troca da emissora do apresentador, em especial pelo discurso religioso presente na grade da programação, trazendo, por conseguinte, algumas problematizações a respeito de como as narrativas são construídas.

Para delimitar o número de quadros que seriam pertinentes para a composição do *corpus* de análise – tendo em vista que possivelmente haveria uma vasta disponibilidade de vídeos sobre o quadro na plataforma *Youtube*, utilizou-se a técnica de amostragem por “saturação” que, segundo Edna Prigol e Marilda Behrens (2019, p.09), designa “[...] a ação de finalização da coleta de dados, quando ela não mais estimula o pesquisador a ter novas percepções de conhecimentos teóricos sobre os dados, tampouco denota novas propriedades para as categorias teóricas principais”. Ao total, foi realizada a análise de 05 quadros do programa, conforme pode-se observar no quadro 01, a seguir.

**Quadro 01** – Resumo dos quadros analisados do programa *De volta pro meu aconchego*

Identificação do quadro	Quadro 01 (Q1)	Quadro 02 (Q2)	Quadro 03 (Q3)	Quadro 04 (Q4)	Quadro 05 (Q5)
<b>Resumo</b>	Raimundo é natural da cidade de Morada Nova, no Ceará. Veio para São Paulo há vinte e um anos, em busca de uma vida melhor na capital. Conheceu sua esposa na capital paulistana e teve dez filhos. Os membros da família não possuem empregos e vivem na cidade com muita dificuldade, dependendo da ajuda de vizinhos.	Uma mãe com seis filhos, uma neta (nascida na cidade de São Paulo) e uma sobrinha, natural da cidade de Barra do Ceará, no Ceará. Veio do Nordeste há cerca de dez anos, em busca de uma vida melhor.	Um casal, com quatro filhos (sendo um do primeiro casamento que veio para ajudar o pai, posteriormente a um acidente). São naturais de Belo Jardim, Pernambuco., e vieram para São Paulo a cerca de onze anos, para buscarem uma vida melhor e com mais dignidade.	Um casal com cinco filhos, natural de Passa e Fica, no Rio Grande do Norte. Vieram para São Paulo acerca de dezesseis atrás, em busca de melhores condições de vida e emprego.	Um casal com quatro filhos, natural de Timon – Maranhão, porém, devido à proximidade com o estado do Piauí o município foi incorporado ao referido estado. A família veio para São Paulo em busca de melhores oportunidades de vida.

**Fonte:** Dados da pesquisa (2023)

Para a realização das análises desses dados, foi utilizada a técnica de Análise Fílmica, adaptando-a a partir de estudos desenvolvidos por Alves (2006); Goliot-lété; Vanoye (2012); Gomes (2004); Penafria (2009) e Batista (2018).

Na concepção de Anne Goliot-Lété e Francis Vanoye (2012, p. 14), para a realização da Análise Fílmica é importante que tais artefatos, inicialmente, sejam fragmentados em seus elementos constitutivos, buscando “[...] despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente ‘a olho nu’, pois se é tomado pela totalidade”.

O intuito da utilização dessa técnica, assim como apregoado por Giovanni Alves (2006), não é a elaboração de uma narrativa do quadro, mas, utilizá-lo como um “*pré-texto*” para compreender questões candentes no sistema capitalista. Assim, considera-se as discursividades do quadro por meio de alguns elementos que:

[...] propiciam uma percepção clara sobre questões-chaves do mundo do trabalho em suas múltiplas dimensões, tais como, por exemplo, o problema da exploração capitalista e da exacerbação do trabalho abstrato; do estranhamento, fetichismo da técnica e controle social; e o mais interessante – as relações entre emancipação humana<sup>16</sup> e escolhas morais em tempos de barbárie social (Alves, 2006, p. 373)

O uso dessa técnica oportuniza ao pesquisador (de)codificar os elementos que compõem a narrativa em seus variados aspectos, fornecendo um conjunto de informações que, se tomados por sua totalidade, acabam não sendo percebidos, e em certos casos acabam por (re)produzir discursos que precisam ser problematizados para não serem compreendidos como naturais. Essa técnica nos auxilia a “[...] descobrir, compreender e apresentar os sentidos e significados presentes nos discursos, nas imagens, nos sujeitos e afins, propondo uma interpretação minuciosa de um determinado fenômeno” (Batista, 2018, p.12).

De acordo com Manuela Penafria (2009), a Análise Fílmica pode ser compreendida e sistematizada a partir de diversas nuances, tais como:

- a) análise textual. Este tipo de análise considera o filme como um texto, é decorrente da vertente estruturalista de inspiração linguística dos anos 60/70 e tem como objectivo decompor um filme dando conta da estrutura do mesmo.
- b) análise de conteúdo. Este tipo de análise considera o filme como um relato e tem apenas em conta o tema do filme.
- c) análise poética. Esta análise, da autoria de Wilson Gomes (2004), entende o filme como uma programação/criação de efeitos.
- d) análise da imagem e do som. Este tipo de análise entende o filme como um meio de expressão (Penafria, 2009, p.5-7).

---

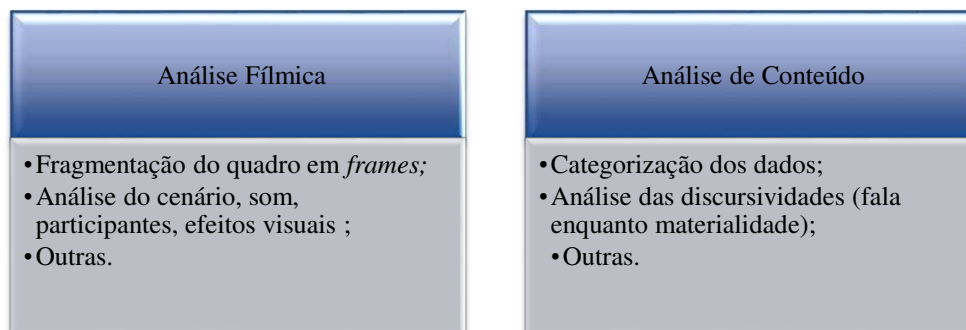
<sup>16</sup> Quanto às condições necessárias para a emancipação humana, de acordo com Marx (2010, p. 54), elas se baseiam nos seguintes requisitos: “[...] quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado ente genérico na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas “forças próprias” [forças próprias] como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma de força política”.

Segundo a autora, quando o analista opta por apenas um tipo de análise, poderá “[...] ficar com a sensação de dever cumprido, mas, também, com a sensação de que muito terá ficado por dizer acerca de um determinado filme ou conjunto de filmes” (Penafria, 2009, p.7). Sendo assim, a partir da técnica ora mencionada e suas diversas nuances analíticas, foi utilizado nesta pesquisa uma somatória desses elementos buscando a máxima compreensão do quadro em questão, permitindo identificar, sempre que possível os elementos que compõem e constroem a narrativa.

Nesse sentido, buscamos compreender o que os discursos e as imagens veiculadas pelo/no quadro dizem (ou contradizem), quais os movimentos de câmeras, quais as montagens (interferências de efeitos especiais), quais os recursos sonoros utilizados para compor a narrativa, o que é mais ou menos favorecido na construção das cenas.

Para uma maior apreensão do fenômeno estudado foi empregado conjuntamente com a técnica de Análise Fílmica a Análise de Conteúdo<sup>17</sup> (Bardin, 2011). A análise fílmica e a análise de conteúdo foram utilizadas na presente pesquisa com as seguintes finalidades:

**Figura 02** - Procedimentos de análise de dados, adaptado em relação ao contexto da pesquisa.



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2023).

A opção pela junção de duas técnicas de análises teve a finalidade de buscar uma maior apreensão dos discursos, imagens, sujeitos envolvidos na narrativa, cenários, dentre outros aspectos relativos ao quadro. No decorrer das análises, as técnicas foram usadas juntas ou isoladamente, dependendo da situação.

<sup>17</sup> A análise de Conteúdo é uma técnica de análise de dados amplamente utilizada em pesquisas qualitativas e que busca, através de “[...] procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) [das] mensagens” (Bardin, 2011, p. 47).

Por sua vez, para execução do capítulo 3 foi realizada uma análise documental, a partir de uma abordagem qualitativa, por meio da qual foram utilizadas seis manchetes de matérias jornalísticas *on-line* que possuíam como temática a migração de nordestinos em tempos de pandemia da Covid-19 no período de maio a julho de 2020, em jornais veiculados nacionalmente de forma virtual.

Este recorte temporal ocorreu, entre outros fatores, por ser um período onde havia altos índices de contaminação e morte pelo vírus, ocasião em que existia um desconhecimento da população sobre as estratégias de manejos e as consequências da pandemia, bem como suas reais consequências, uma vez que a pandemia estava em seu curso inicial.

A escolha de se trabalhar com esses jornais *on-line* foi, sobretudo, pela “virtualização da vida” e a restrição da circulação de pessoas imposta pelo isolamento social, que foi uma das principais estratégias utilizadas para diminuição do contágio do vírus, o que potencializou o uso da *internet* como fonte de informação, impactando as relações sociais e sendo o uso das tecnologias uma forma de mediação das interações, dentre elas, informação, atividades laborais e de estudos.

A coleta dos dados foi feita por meio da utilização de palavras-chave: *migração; nordestino; nordeste; pandemia e Covid-19*, no buscador de informações dos jornais nacionais *on-line: Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Revista Época e Portal G1*. A escolha desses jornais se deu por serem de livre acesso e possuírem reconhecimento nacional. Foram selecionadas seis manchetes, a partir das palavras-chave pré-determinadas e de acordo com o recorte temporal instituído.

Os dados levantados foram registrados a partir do quadro de identificação (Quadro 02), sendo que as chamadas jornalísticas foram classificadas de acordo com: chamada principal da matéria; segundo plano de informações da chamada da matéria, local de publicação onde foi veiculada e a data de publicação. As manchetes foram divididas de acordo com duas categorias analíticas: Primeira, Desemprego e volta para região de origem; e Segunda, Culpabilização e estigmatização do aumento do contágio da COVID-19 a partir do retorno para região de origem; conforme podemos observar no quadro 02, a seguir.

**Quadro 02** – Levantamento das chamadas das notícias de jornal analisadas no estudo, divididas por categoria analíticas

Identificação da Chamada	Chamada principal da matéria	Segundo plano de informações	Local de publicação da matéria ( <i>on-line</i> )	Data da publicação	Link para acesso
--------------------------	------------------------------	------------------------------	---	--------------------	------------------

		da chamada da matéria			
<b>1ª Categoria: Desemprego e a volta para região de origem</b>					
C01	Sem dinheiro por restrições da quarentena, migrantes voltam para cidades natais no Nordeste	Pessoas relatam dificuldades para sobreviver em meio à pandemia e deixam Sudeste em transportes clandestinos; pequenos municípios nordestinos já registram casos de coronavírus	Jornal - O Estado de S. Paulo ( <i>online</i> )	01 de junho de 2020	<a href="https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,sem-dinheiro-por-restricoes-da-quarentena-migrantes-voltam-para-cidades-natais-no-nordeste,70003315951">https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,sem-dinheiro-por-restricoes-da-quarentena-migrantes-voltam-para-cidades-natais-no-nordeste,70003315951</a> . Acesso em 02 de outubro de 2020.
C02	Migrantes deixam cidades grandes e retornam à terra natal com pandemia do coronavírus	Somente para Afogados da Ingazeira, no sertão de Pernambuco, voltaram mais de 500 pessoas. Retorno ocorre pelo aumento do desemprego ou por medo da Covid -19 .	Portal G1 - Globo Rural	21 de julho de 2020	<a href="https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2020/06/21/migrantes-deixam-cidades-grandes-e-retornam-a-terra-natal-com-pandemia-do-coronavirus.s.html">https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2020/06/21/migrantes-deixam-cidades-grandes-e-retornam-a-terra-natal-com-pandemia-do-coronavirus.s.html</a> . Acesso em 02 de outubro de 2020.
C03	O retorno ao nordeste em êxodo provocado	Com a crise economia causada pela pandemia, uma	Revista - Época ( <i>online</i> )	22 maio de 2020	<a href="https://epoca.globo.com/brasil/o-retorno-">https://epoca.globo.com/brasil/o-retorno-</a>

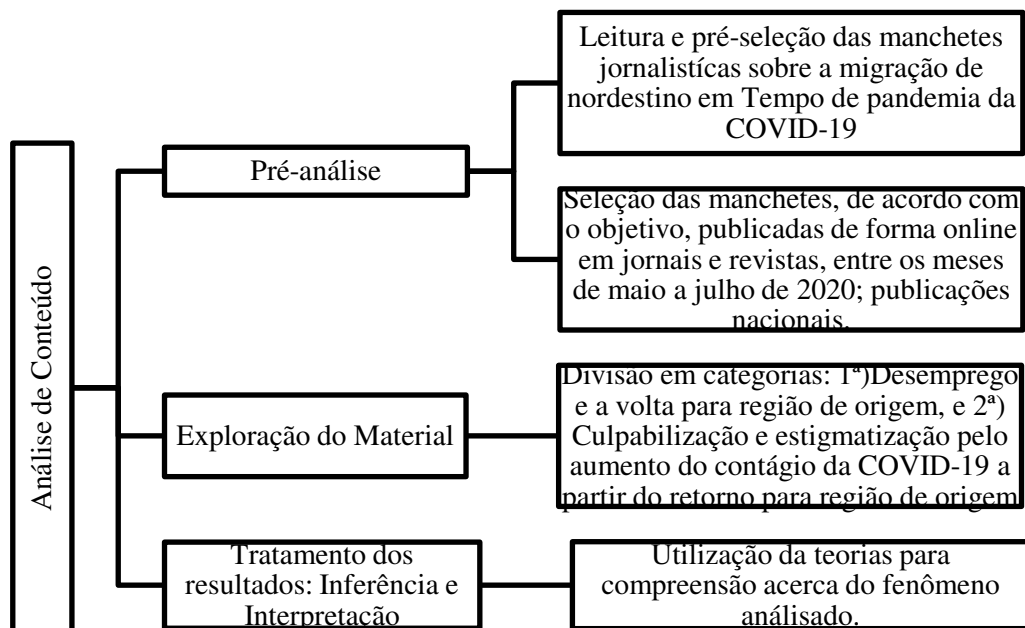
	pelo novo coronavírus	onda de desempregados sai do Sudeste e volta para suas cidades de origem no Semiárido			ao-nordeste-em-exodo-provocado-pelo-novo-coronavirus-24440023. Acesso em 27 de janeiro de 2021.
<b>2ª Categoria: Culpabilização e estigmatização do aumento do contágio da COVID -19 a partir do retorno para região de origem</b>					
C04	Com retorno de migrantes, Covid -19 avança no Nordeste	Moradores de grandes centros driblam barreiras para voltar a cidades de origem	Jornal - Folha de S. Paulo ( <i>on-line</i> )	23 maio de 2020	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/com-retorno-de-migrantes-Covid-19-avanca-no-nordeste.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/com-retorno-de-migrantes-Covid-19-avanca-no-nordeste.shtml</a> . Acesso em 02 de outubro de 2020.
C05	Migrantes levam doença para pequenas cidades nordestinas	Pequenos municípios do Nordeste registram os primeiros casos de coronavírus com migrantes que retornam à terra natal por causa das dificuldades da quarentena nas capitais	Revista - Época ( <i>on-line</i> )	01 de junho de 2020	<a href="https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/06/01/migrantes-levam-doenca-para-pequenas-cidades-nordestinas.htm">https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/06/01/migrantes-levam-doenca-para-pequenas-cidades-nordestinas.htm</a> . Acesso em 02 de outubro de 2020.
C06	Migrantes levam	-	Jornal - O Estado de S.	01 de julho de 2020	<a href="https://epo.canegocio">https://epo.canegocio</a>

	doença para pequenas cidades nordestinas		Paulo ( <i>online</i> )		s.globo.com/Brasil/noticia/2020/06/epoca-negocios-migrantes-levam-doenca-para-pequenas-cidades-nordestinas.html. Acesso em 02 de outubro de 2020.
--	--	--	-------------------------	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

As análises dos dados se deram por meio da Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2011). Assim, o *corpus* foi organizado a partir de três fases fundamentais, conforme podemos observar na figura 03, a seguir.

**Figura 03** – Fases da Análise de Conteúdo, adaptado ao contexto da pesquisa



Fonte: Adaptado de Bardin (2011).

A utilização desse método de análise, de acordo com a autora, busca atingir “[...] procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2011, p. 47).

Diante da emergência de estudos acerca da mobilidade humana no contexto de pandemia, neste estudo optamos por restringir somente as manchetes das reportagens como material analítico, uma vez que estas possuem o papel de resumir as notícias e funcionam como uma “vitrine” que atrai o leitor para o texto que segue. De acordo com Cunha (2010, p. 01),

[...] a manchete se torna em muitos casos um aspecto de identificação imediata de um jornal - sobretudo nos jornais sensacionalistas - quase como seu logotipo [...] Para aqueles que se limitam a comprar o jornal e ler apenas os títulos, que não são poucos; ou ainda aqueles que nem chegam a comprar a edição, lendo apenas as manchetes, mais numerosos ainda e cada vez mais no mundo contemporâneo em que as mídias digitais ocupam o tempo antes destinado ao papel, as manchetes e títulos são a sua completa fonte de informação proveniente do jornal. Aqui, deve-se destacar o caráter informativo dos títulos (Cunha, 2010, p. 01).

É por meio das manchetes que os leitores terão sua primeira impressão sobre determinado assunto, o que é de suma importância para uma construção discursiva e fonte de informação, pois “[...] os jornais estabelecem através das manchetes sua primeira comunicação com o leitor, imprimindo nelas sua marca” (Cunha, 2010, p. 01).

Por último, no capítulo 4, foi elaborada uma investigação das postagens realizadas no decorrer das eleições presidenciais dos anos de 2018 e 2022, nas redes sociais *on-line* *Twitter*<sup>18</sup> e *Instagram*<sup>19</sup>. Buscou-se identificar as discursividades que foram elaboradas em relação ao Nordeste e ao nordestino. A verificação dessas redes amplia as análises mostrando que a cultura digital tem crescido exponencialmente e suas influências podem ser percebidas, mesmo que de forma empírica e vivencial, nos comportamentos humanos e nas interações/influências exercidas sobre os seus usuários.

Assim, como no capítulo 1, utilizou-se a técnica de amostragem por “saturação” (Prigol; Behrens, 2019), por meio da qual finalizou-se a coleta dos dados quando não se obteve mais dados que demonstrassem novos caminhos ou percepções sobre o fenômeno a ser estudado. Nesse

---

<sup>18</sup> É uma rede social e um serviço de *microblog* que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio do *website* do serviço, por mensagens e por *softwares* específicos de gerenciamento.

<sup>19</sup> É uma rede social *on-line* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços.

processo não foram veiculadas todas as imagens coletadas por entender que estas poderiam servir como uma nova forma de reviver as violências e violações sofridas por estes sujeitos. Assim, foram usadas poucas imagens para ilustrar o contexto em análise. Os dados foram categorizados e analisados a partir da Técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

## CAPÍTULO 1

### PROCESSOS MIGRATÓRIOS DE NORDESTINOS NO BRASIL

*A terra é um bem comum  
Que pertence a cada um.  
Com o seu poder além,  
Deus fez a grande Natura  
Mas não passou escritura  
Da terra para ninguém.*

*Se a terra foi Deus quem fez,  
Se é obra da criação,  
Deve cada camponês  
Ter uma faixa de chão.  
Quando um agregado solta  
O seu grito de revolta,  
Tem razão de reclamar.*

*Não há maior padecer  
Do que um camponês viver  
Sem terra pra trabalhar.*

*O grande latifundiário,  
Egoísta e usurário,  
Da terra toda se apossa  
Causando crises fatais  
Porém nas leis naturais  
Sabemos que a terra é nossa.  
(Patativa do Assaré: A terra é nossa)*

Neste capítulo são apresentadas discussões acerca da migração nordestina no Brasil, a partir de um panorama histórico-social. Em seguida, é elucidado a juvenilização da migração e os impactos na vida dos jovens migrantes, bem como algumas barreiras que os migrantes enfrentam no decorrer desse processo.

#### **1.1. Processos migratórios de nordestinos no Brasil ao longo da história**

Composta por um total de nove unidades federativas (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia), a região Nordeste é considerada o berço da civilização brasileira, uma vez que o processo de colonização tenha se concretizado a partir dessa região (embora não dispunha dessa divisão à época).

Além disso, “se caracteriza como uma região geográfica composta por um conjunto de fatores sociais e ambientais heterogêneos e distintos das demais regiões do Brasil em seu clima,

relevo e hidrografia” (Nascimento, 2015, p. 01). A região possui a terceira maior cidade do país, Salvador – Bahia; possui também o segundo maior colégio eleitoral de nosso território, ficando atrás somente da região Sudeste, onde se situa também as duas cidades mais populosas do país: São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente<sup>20</sup>.

Segundo os dados do IBGE (2022), a região Nordeste possui um território com uma extensão de 1.554.000 km<sup>2</sup> e aproximadamente uma população de 59 milhões. Porém, tais dados estão longe de trazer um panorama real sobre a região.

A região Nordeste, de acordo com Ricardo Ojima e Wilson Fusco (2015, p.11), é um “locus privilegiado para análise de dinâmicas migratórias devido à intensidade com que os deslocamentos populacionais têm ocorrido nessa área, fator observado desde os registros oficiais mais antigos”.

Na Perspectiva de Mônica Ferrari (2005), os processos migratórios não dizem respeito somente ao ato de ir e vir populacional, mas envolvem um conjunto de causas e efeitos que os impulsionam a realizarem tais dinâmicas e que merecem ser melhor compreendidos.

Eric Wolf (2005), ao analisar os processos migratórios ocorridos entre os séculos XIX e início do XX, a partir de uma perspectiva global, enfatiza que são vários e múltiplos os aspectos que influenciam ou tencionam o processo de mobilidade humana. Na concepção do autor, migrar perpassa uma série de fatores. Assim, o autor apregoa que existem “frentes migratórias”, ou seja, aspectos que se destacam dentro do processo de migração, sendo eles: migração de mão de obra para o suprimento de uma determinada demanda de serviços e recursos em outras regiões; questões geográficas e climáticas; questões financeiras e de trabalho; política; educacionais, dentre outras.

Segundo Márcia Ferreira (2019), no decorrer da história do Brasil, os migrantes, homens e mulheres, foram (e ainda são) personagens oriundos de múltiplos deslocamentos, decorrentes de fatores diversos. São trabalhadores e sujeitos que são “atraídos” a partir de experiências múltiplas, sejam elas: projetos nacionais emancipatórios e industriais que os atraem, seja pelo gosto pessoal de se deslocar ou pela necessidade de sobreviver e viver em melhores condições.

No que tange às dinâmicas de migrações internas no território brasileiro, Tiago Coelho (2012) menciona que elas foram intencionadas por uma forte desigualdade regional, juntamente com os processos de industrialização capitalista. Assim, as regiões mais favorecidas (em especial as localizadas no Sudeste do território brasileiro) foram acumulando certas vantagens

---

<sup>20</sup> IBGE, Resultados do Censo – 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/23701-divisao-territorial-brasileira.html?t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 26 ago. 2021.

e, nesse processo, as riquezas e o chamado progresso foram se concentrando, se instalando e se intensificando em determinados territórios – em especial nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Na visão de Ely Estrela (2003, p. 240), “[...] pode-se afirmar que os deslocamentos em nossa país estão claramente relacionados, entre outros fatores, com o processo de desenvolvimento das relações capitalistas, com a questão fundiária, o crescimento econômico, a urbanização e as desigualdades regionais”.

As migrações internas, sobretudo as nordestinas, registram acontecimentos sociais, históricos e culturais importantes para nosso país. Essas migrações, ora estimuladas e ora desestimuladas e negligenciadas, ocorrem por diversos fatores, movidos por ordem interna ou externa. As migrações internas, apesar de terem seus fluxos mais intensos em determinados períodos, não seguem de fato uma lógica linear, ou seja, os fluxos para regiões brasileiras ocorrem de maneiras distintas em dado momento histórico (Ferrari, 2005; Valim, 2009; Coelho, 2012; Ojima, Fusco, 2015; Ferreira, 2019).

De acordo com Sérgio Bosco e André Jordão Netto (1967), os primeiros relatos da migração de nordestinos no Brasil acontecem no transcorrer histórico denominado como o “Primeiro Ciclo da Borracha”, em 1879, em que diversos migrantes se direcionaram para a região da Amazônia em busca do “ouro branco”, acontecimento que se repete também no auge do “Segundo Ciclo da Borracha”, no decorrer da segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), ocasião em que milhares de nordestinos foram dizimados por não encontrarem condições de sobrevivência na Amazônia.

Somente a partir de 1930, com a ascensão no poder de Getúlio Vargas à presidência do país e com a ampliação do processo de industrialização, os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, considerados eixos industriais brasileiros, começaram a receber os migrantes de forma massiva, tendo como propósito(s) a fuga da seca e/ou a conquista por melhores condições de vida oferecidas pelas grandes metrópoles, baseado, sobretudo, em um discurso progressista. Os migrantes, recém-chegados, não tinham escolarização ou possuíam níveis baixos de educação formal, e com isso dirigiam-se para o interior dos Estados para se dedicar aos trabalhos nas lavouras (Sobral, 1993).

Além dos nordestinos brasileiros, a região do Estado de São Paulo recebeu diversos imigrantes alemães, árabes e japoneses que se configuraram como forte mão de obra para as lavouras de café. Entretanto, na década de 1930, com as diretrizes criadas em relação às cotas para imigração, o número de contingente de estrangeiros como força de trabalho diminuiu significativamente (Ferrari, 2005; Coelho, 2012; Ferreira, 2019).

As cotas de imigração foram conduzidas pelo decreto presidencial n. 19.482<sup>21</sup> que definia e limitava “[...] a entrada, no território nacional, de passageiros estrangeiros de terceira classe, dispõe sobre a localização e amparo de trabalhadores nacionais, e dá outras providências” (Brasil, 1930), ou seja, se configurou como um mecanismo nacionalista que colocava o então presidente Getúlio Vargas como o grande “salvador da pátria”, “pai dos pobres” como ficou conhecido. O decreto não aceitava a entrada de imigrantes estrangeiros pobres dentro do território nacional, pois entendia que eles eram um “mal” para a nação.

Assim, no lugar dos imigrantes, e servindo como mecanismo de estímulo à produção agrícola e industrial, baseado num “mito nacionalista”, surgiu a nova fonte de mão de obra, o nordestino – retirante da seca e das desigualdades sociais – que serviu, e ainda serve, como força de trabalho para o desenvolvimento dos Estados do Sudeste, sobretudo de São Paulo e do Rio de Janeiro (Ferrari, 2005).

Ojima e Fusco (2015, p. 13) apontam que “durante a década de 1930, o Nordeste perdeu algo em torno de 650 mil pessoas para outras áreas do país e, no decorrer da década seguinte, o número de migrantes chegou a mais de 900 mil”.

Para Ricardo Nóbrega e Verônica Toste Daflon (2009, p. 21):

[...] a transferência populacional do Nordeste (onde havia crise econômica e excedente populacional) para o sudeste (que, no campo, necessitava de braços para consolidar a lavoura capitalista e, no meio urbano, para o processo de industrialização) foi então estimulada como forma de garantir mão-de-obra barata e abundante para as novas necessidades do sistema produtivo.

Vainer (2000) enfatiza que a partir de 1940 surge um novo modelo dualista de desenvolvimento que propôs a transferência e o enxugamento do campo para as grandes cidades e regiões mais ricas. Essa transferência, por vezes, se dava dentro do mesmo território, uma vez que estava ocorrendo um forte processo de urbanização e industrialização das grandes cidades e das capitais, o que ocasionou um forte êxodo rural.

Acontece que por falta de políticas públicas adequadas para a valorização do campo e melhoria das condições de vida, a solução mais buscada durante muito tempo foi a emigração para os grandes centros urbanos, o que nem sempre trazia aos emigrantes uma boa condição de vida. Muitas vezes apenas era trocada a miséria do campo pela miséria da cidade, trazendo ainda diversas outras consequências tanto em nível socioambiental e econômico, como em nível psíquico, gerando sofrimento por causa de fatores como desenraizamento, falta de apropriação espacial, perda dos parâmetros identitários existentes nas comunidades de origem, por causa do fato de

---

<sup>21</sup> Para acessar na íntegra: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19482-12-dezembro-1930-503018-republicacao-82423-pe.html>.

sermos, na cidade grande, apenas mais um na multidão. (Ferreira; Bomfim, 2013, p. 90 e 91).

Com a industrialização do Brasil, sobretudo entre as décadas de 1950 e 1970, a migração nordestina tomou novos contornos e se direcionou massivamente para a região Sudeste, que era onde se localizavam os grandes centros urbanos e *pólos* industriais. Para o Estado de São Paulo, a migração nordestina ainda pode ser entendida e subdividida em dois grandes momentos, ou dois grandes fluxos migratórios, sendo eles: 1930 a 1950, marcado por um contexto essencialmente rural; e a partir da década de 1950 até os dias atuais, uma migração essencialmente urbana (Ferrari, 2005; Coelho, 2012; Ojima, Fusco, 2015; Ferreira, 2019).

Com a forte expansão das fronteiras agrícolas, a década de 1960 foi um período de grande distribuição da população migrante interna no Brasil. Assim, nesse período, de acordo com Ojima e Fusco (2015), iniciou-se um intenso processo migratório para a região Centro-Oeste, que passava por um forte estreitamento de ações estatais para o incentivo aos mercados internos à modernização agropecuária.

A partir do final dos anos da década de 1980, com o declínio do crescimento industrial na região Sudeste, a migração nordestina para essa região diminuiu consideravelmente. De acordo com Emerson Baptista, Jarvis Campos e José Rigotti (2012), os dados demográficos de 1980 apontaram uma forte migração de retorno neste período. Assim, a região que ora servia como “fornecedora” de força de trabalho, começou uma significativa recuperação em seus saldos migratórios. Esse fato ocorreu devido aos processos de reestruturações produtivas ocorridas no Brasil neste período, em decorrência da descentralização de grandes empresas e centros industriais – ora alocados unicamente na região Sudeste (Baptista, Campos, Rigotti, 2012).

A partir da década de 1990, os fluxos migratórios oriundos da região Nordeste se mantiveram para as regiões Sudeste e Centro-Oeste. Contudo, Nascimento (2015) enfatiza que a partir desse período houve uma forte migração de retorno, advindo de três grandes fatores, sendo eles:

- 1 – aqueles que migraram temporariamente, com seu tempo de retorno determinado pelos seus objetivos designados no período de sua migração;
- 2 – aqueles que pretendiam migrar permanentemente, mas foram forçados a retornar devido a fatores externos;
- 3- aqueles que pretendiam migrar permanentemente, mas escolheram retornar por não conseguirem se adaptar ao seu local de destino (Nascimento, 2015, p. 33)

Outro aspecto importante a ser destacado sobre a migração de retorno, de acordo com o autor, diz respeito às condições econômicas desfavoráveis dos migrantes na região de destino. Eles migram para as novas localidades sem possuir vínculos familiares, nível de instrução ou formação especializada, conhecimentos sobre a região, sem um contrato de emprego, dentre outras peculiaridades. Tal situação impacta significativamente o retorno destes para suas localidades de origem, local onde eles se encontram, em certa medida, mais amparados por seus familiares e redes de apoio, que os auxiliavam em suas demandas cotidianas.

Embora os processos de mobilidades nordestinas tenham sido ocasionados por múltiplos fatores no decorrer histórico, há uma espécie de ritual familiar de migração. Inicialmente vinha o filho mais velho (que era jovem entre seus 20 e poucos anos). Com o passar do tempo, caso ele alcançasse relativo sucesso, com emprego e renda, ele impulsionava a vinda de outros membros da família para a região.

A vinda do filho mais velho, ainda na faixa etária dos 20 anos, como já mencionado, se configurou como uma característica que se fez presente em muitos momentos dos processos de migração e merece uma maior discussão, uma vez que os processos migratórios foram marcados por uma “juvenilização”, como apontam Ana Dantas e Flávio Freire (2015), assunto que será discutido no tópico a seguir.

## **1.2 Os projetos de vida e a migração nordestina de jovens**

Este tópico se volta às reflexões acerca da migração de jovens nordestinos, com o intuito de compreender como as migrações intervêm em diversas instâncias de suas vidas, em decorrência do processo de “juvenilização da migração”. Buscou-se enfatizar que os projetos de vida dos jovens migrantes estão atrelados aos significados atribuídos às vivências socioculturais desses sujeitos e as interações que estabelecem com outros atores sociais no processo de mobilidade. Corroborando essa perspectiva, a partir das concepções de Velho (1994), Elaine Juncken (2005) pondera que:

Um projeto por mais particular que seja, tem de se basear em um nível de racionalidade cotidiana em que expectativas mínimas sejam alcançáveis, embora as emoções do sujeito também sejam matéria-prima que constituem o projeto. O projeto implica algum tipo de avaliação, uma estratégia para realizar certas metas, uma noção de tempo com etapas se encadeando. O projeto individual propriamente dito é construído por meio de uma ideia mais ou menos elaborada de uma história de vida (Juncken, 2005, p. 20).

Os projetos de vida mudam e se transformam de acordo com as necessidades, anseios e contextos, pois os sujeitos que os constroem vivem em um tempo, em um espaço e em uma sociedade diversa e, portanto, estão passíveis das ações de outrem e da própria história.

O processo migratório envolve a movimentação de pessoas e a ocupação dos espaços físico e social. Tal realidade possui características que se alteram de acordo com os agentes envolvidos e as condições oriundas deste. Esse processo é imbricado por diversos fatores que se intercambiam de acordo com determinados grupos sociais, raciais, geracionais e geográficos. Ou seja, os processos migratórios possuem especificidades e não se caracterizam como uma ação homogênea.

No que concerne à migração da região Nordeste brasileira, de acordo com Nerci Reis (2016, p. 85), os migrantes “[...] são jovens [homens e mulheres] de vinte a trinta anos, [...] na maioria dos casos de cor parda. São pessoas humildes, que vieram do interior do Nordeste, onde falta trabalho e ganham muito pouco”. O autor ainda afirma que “a maioria não possui o Ensino Fundamental completo, alguns são analfabetos ou mal sabem ler e escrever”. Corroborando as afirmações de Reis (2016), Kleber Oliveira e Paulo Jannuzzi (2005) acrescentam que:

De modo geral, jovens em seus 20 e poucos anos estariam sujeitos a migrar mais do que qualquer outro grupo etário. Esse padrão etário de mobilidade estaria condicionado, sobretudo, aos ciclos de entrada e saída do mercado de trabalho. Assim, a elevada concentração de jovens entre os migrantes seria explicada pela maior sensibilidade dos mesmos com relação às ofertas de trabalho e de melhores empregos, assim como pela maior adaptabilidade a novas situações e maior desprendimento em deixar seu ambiente de origem. A necessidade de acompanhar o cônjuge em casais recém-formados, assim como a busca de oportunidades de formação educacional e profissional em centros regionais maiores também seriam outros fatores mobilizadores de jovens, sobretudo aqueles na faixa de 15 a 24 anos. (Oliveira; Jannuzzi, p. 136, 2005).

Visualizando a região sobre outra lente e trazendo uma nova visão sobre o fenômeno, torna-se fundamental refletir que o Nordeste, assim como proposto por Duarte (2005a), é um território extenso e heterogêneo, possuindo, portanto, particularidades distintas e que não devem ser tomadas como totalitárias, assim como qualquer outro território. Para tanto, nas pesquisas realizadas pelo autor, na região de Pernambuco nos anos 2000, ele observou que os migrantes possuíam idade, por vezes, inferior aos 18 anos, eram brancos e suas migrações não se davam pela busca de trabalho, mas sim pelo estudo. Muitos dos entrevistados eram migrantes que possuíam o ensino médio incompleto, sabiam ler e escrever, demonstrando um panorama diferente dos autores ora supracitados.

Ao pensarmos sobre a categoria jovem, devemos de antemão ter a noção que esta envolve uma ampla complexidade, pois, além de critérios etários, há diversos aspectos sociais, materiais e simbólicos que perpassam e estão imbricados na compreensão desses sujeitos. Como enfatiza Juarez Dayrell (2007):

Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. (Dayrell, 2007, p. 41 e 42).

Ao migrar, os jovens nordestinos têm a ideia de que se ausentarão de um cenário de miséria, seca e pobreza, em busca de uma vida mais próspera, com possibilidade de enviar dinheiro para a família. Como afirma Ricardo Duarte (2005a), em algumas regiões do Nordeste, sobretudo as rurais, as quais a cidadania só se dá mediante o processo de migração para a “cidade grande”, a mídia funcionou (e ainda funciona) como um mecanismo que, em seus mais diferentes artefatos e durante décadas, serviu de “orientação” e mola propulsora para a decisão e ação do processo de migração de diversos jovens, em especial para a região do Estado de São Paulo. Esses indivíduos, em grande parte, acabam por migrarem para a região Sudeste do Brasil, notadamente para a cidade de São Paulo, representada no imaginário social como a região das melhores oportunidades.

Nesse processo de mobilidade, os jovens migrantes nordestinos são vistos de formas desumanizadas, estereotipadas e sofrem uma série de violências simbólicas relacionadas, em grande parte, a um conjunto de características como a maneira de falar e de se vestir.

Apesar desses jovens migrantes saírem de seus Estados de origem na busca de oportunidades profissionais na grande metrópole, eles geralmente possuem baixa escolaridade e baixa qualificação. Assim, eles são direcionados para “serviços domésticos, prestação de serviços, construção civil e na própria indústria” (Jannuzzi, 2000, p. 127, *apud* Silva, 2008 p. 91).

Embora, em alguns casos, eles não alcancem os objetivos finais, como casa própria, renda extra que possa ser enviada para seus familiares na cidade de origem, eles veem o trabalho como uma forma de “[...] garantir uma certa autonomia e uma certa liberdade que os possibilita [...] tomar decisões sobre a própria vida [...]” (Juncken, 2005, p. 120).

A ocupação desses postos de trabalhos, em muitos casos, configura-se como uma “[...] possibilidade da conquista de um emprego com carteira [podendo] ter um significado simbólico

– e material – importante” (Juncken, 2000, p. 127 *apud* Silva, 2008, p.91). Dessa forma, a migração afeta as dinâmicas dos projetos de vidas desses jovens, ora se servindo como mecanismo potencializador na realização dos objetivos e, por outro lado, funcionando como mecanismo segregador por levá-los a ocupar postos típicos de baixa qualificação.

Assim sendo, “o trabalho pode ser observado pelo jovem como um meio de obter os bens de consumo e de lazer dentro do padrão moral de trabalhador, fugindo do estigma que rotula o jovem pobre como criminoso em potencial” (Juncken, 2005, p. 120). Para evitar esse estigma, os jovens migrantes acabam por ocupar postos de trabalho típicos de baixa qualificação.

Para os jovens migrantes nordestinos oriundos de áreas rurais (Duarte, 2005b), tal realidade se configura de forma ainda mais desumana, quando comparado aos demais jovens que tiveram a oportunidade de experienciar outras realidades.

Existe, portanto, uma diversidade nos modos de ser jovem que reflete nas diversas maneiras de organização dos projetos de vidas desses sujeitos. Assim, os jovens migrantes se constituem e se orientam por modelos distintos (segundo seus anseios e necessidades). Contudo, possui em comum a concepção de que, embora alguns não tenham uma definição clara sobre o caminho a seguir na vida, em especial após o processo de migração, eles manifestam grandes preocupações para com o futuro (Alves, 2013).

Ao se tratar sobre o “futuro”, Leonardo Martins (2019) pontua que a escola possui um importante papel na construção do projeto de vida desses sujeitos (em especial antes do processo de migração). Esses espaços se configuram como um meio potencializador na construção das subjetivas em relação à vivência deles com o local. Muitas vezes, a migração para a realização de projetos de vida e os sonhos de “mudar de vida” acabam “[...] por naturalizar o fenômeno do êxodo, admitindo implicitamente que a saída [...] seria o “caminho natural” a ser seguido” (Martins, 2019, p.15).

Para Lidiane Maciel (2013), esse “mudar de vida”, a partir dos processos migratórios, funciona para esses jovens como mecanismos que podem ser analisados sobre quatro perspectivas voltadas para a melhoria das condições de vida”: 1 – “como ascensão social, acesso ao consumo, criando o *status* de outra realidade; 2 – “como uma forma de acesso a direitos, ora negligenciados em seus Estados de origem, em especial aqueles oferecidos pelos serviços públicos de saúde e educação; 3 – como uma forma de libertação de dominação instituídas culturalmente, decorrente do recorte de gênero, principalmente no caso do feminino, em que a

migração se configura como uma fuga de violências físicas e simbólicas<sup>22</sup>; 4 - como possibilidade de vivenciar novos espaços e relações sociais, buscando um acúmulo de experiências diferenciadas, ou até mesmo como um ritual (passado de geração em geração), que cria uma “nova identidade” e uma possível ressocialização em espaços socioculturais diversos (Maciel, 2013).

Para tanto, pensar as relações entre os processos migratórios de jovens nordestinos e as relações com seus projetos de vida constituem ferramentas importantes para a compreensão das dinâmicas sociais instituídas a partir da mobilidade.

### **1.3 Migração como expressão da “questão social” e as representações da televisão**

As desigualdades intrínsecas à sociedade capitalista geram a “questão social” e se expressam sobre diversas formas. A “questão social” se baseia, sobretudo, pela configuração de um sistema capitalista fundamentado na exploração de uma classe por outra como enfatizado por Netto (2001), Dos Santos Brito (2021) e Yamamoto (2003; 2013).

A questão social diz respeito ao conjunto das expressões de desigualdades engendradas na sociedade capitalista madura, impensáveis sem a intermediação do Estado. Tem sua gênese no caráter coletivo da produção, contraposto à apropriação privada da própria atividade humana – o trabalho – das condições necessárias à sua realização, assim como de seus frutos. [...] expressa, portanto, disparidades econômicas, políticas e culturais das classes sociais, mediatizadas por relações de gênero, características étnico-raciais e formações regionais, colocando em causa as relações entre amplos segmentos da sociedade civil e o poder estatal. [...] Esse processo é denso de conformismos e resistências, forjados ante as desigualdades, expressando a consciência e a luta pelo reconhecimento dos direitos sociais e políticos de todos os indivíduos sociais (Yamamoto, 2001, p. 17).

Yamamoto (2001, p. 10) enfatiza a “questão social” como “parte constitutiva das relações sociais capitalistas” que reúne uma série de desigualdades e revela “o anverso do desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social”. Essas relações, por sua vez, são desveladas pela economia política marxiana, cujos elementos centrais se pautam na teoria do valor do trabalho, na lei geral de acumulação capitalista e na (re)produção das relações sociais, que estão na base da compreensão da natureza da “questão social”.

---

<sup>22</sup> A violência contra a mulher é fruto de um contexto sociocultural, oriundo das relações entre homens e mulheres (e também entre homens e homens) e se apresenta em diferentes classes sociais, sociedades e etnias. Trata-se de valores patriarcais e machistas enraizados socialmente e que são, muitas vezes, banalizados nas relações entre os gêneros, criando uma série de estratégias de coerções físicas, psicológicas, financeiras, e que ocasiona um conjunto de vulnerabilidades para as mulheres (Silveira; Stefani, 2021).

Mediante a esse sistema de forças, diversas lutas sociais contribuem para que haja a interferência do Estado para o reconhecimento de direitos na forma de legislação. Enfatizam os múltiplos efeitos do processo da acumulação capitalista em relação à classe trabalhadora por meio de políticas públicas e projetos societários (Iamamoto, 2001). Semelhantemente, Netto (2001) enfatiza que:

A análise marxiana da “lei geral da acumulação capitalista” [...] revela a anatomia da “questão social”, sua complexidade, seu caráter corolário (necessário) do desenvolvimento capitalista em todos os seus estágios. O desenvolvimento capitalista produz, compulsoriamente, a ‘questão social’ – diferentes estágios capitalistas produzem diferentes manifestações da ‘questão social’; esta não é uma sequela adjetiva ou transitória do regime do capital: sua existência e suas manifestações são indissociáveis da dinâmica específica do capital tornado potência social dominante (Netto, 2001, p. 45).

O capitalismo amplia as desigualdades sociais e agudiza a “questão social”, uma vez que esse sistema pressupõe a exclusão de muitos para incluir outros poucos, ampliando os mecanismos de exploração, opressão e violação de direitos humanos que segregam e impactam cada vez mais a população (Dos Santos Brito, 2021).

Maria Carmelita Yazbek (2001, p. 34) destaca que uma característica importante para se refletir sobre a “questão social” é a alocação da sociedade em classes sociais, que se nutre da subalternidade e da exclusão, cuja raiz da desigualdade está na não divisão das riquezas socialmente construídas.

Nesse aspecto, a “[...] pobreza, exclusão e subalternidade [...]” são consideradas “[...]” como indicadores de uma forma de inserção na vida social, de uma condição de classe e de outras condições reiteradoras da desigualdade [marcadas por gênero, geração, etnia, etc.], expressão das relações vigentes na sociedade”, e dizem respeito, sobretudo, “[...] à ausência de protagonismo, de poder, expressando a dominação e a exploração”. A autora ainda ressalta que:

São produtos dessas relações, que produzem e reproduzem a desigualdade no plano social, político, econômico e cultural, definindo para os pobres um lugar na sociedade. Um lugar onde são desqualificados por suas crenças, seus modos de expressar-se e seu comportamento social, sinais de “qualidades negativas” e indesejáveis que lhe são conferidas por sua procedência de classe, por sua condição social. Este lugar tem contornos ligados à própria trama social que gera desigualdade e que se expressa não apenas em circunstâncias econômicas, sociais e políticas, mas também nos valores culturais das classes subalternas e de seus interlocutores na vida social (Yazbek, 2001, p. 34).

Nessa lógica, Octávio Ianni (1989, p.151) enfatiza que a “questão social” trata de um conjunto de determinantes e marcadores sociais da diferença. Nesse processo, a classe

dominante que detém poder e capital, estabelece uma ordem social e uma lógica meritocrática que mantém a dominação, culpabilizando e criminalizando a população empobrecida, vista como fracassada.

Entretanto, Yamamoto (2003, p.27) afirma que a “questão social não é fruto de escolhas ou desejos individuais”, mas resulta da própria desigualdade gerada pelo sistema capitalista. Na visão de Vera Telles (1996, p. 85):

[...] a questão social [...] diz respeito também à disjunção entre as esperanças de um mundo que valha a pena ser vivido inscritas nas reivindicações por direitos e o bloqueio de perspectivas de futuro para maiorias atingidas por uma modernização selvagem que desestrutura formas de vida e faz da vulnerabilidade e da precariedade formas de existência que tendem a se cristalizar como único destino possível.

De acordo com Telles (1996, p. 85), no Brasil a “questão social” se revela a partir de traços marcantes e distintos, além dos efeitos oriundos das transformações ocorridas pelo modo de produção capitalista, como ocorreu em diversos outros países. Soma-se o processo histórico e social de nossa sociedade, marcado pela colonização que, ao longo do tempo, foi permeada por traços oligárquicos, latifundiários e autoritários formando a base da formação de nosso território. Assim, “vista dessa perspectiva, a questão social é o ângulo pelo qual as sociedades podem ser descritas, lidas, problematizadas em sua história, seus dilemas e suas perspectivas de futuro”.

Na contemporaneidade, a mídia brasileira tem sido um palco difusor e propagador das mais diversas expressões da “questão social” em nosso território. Entretanto, em vez de reconhecer as desigualdades, a mídia as acentua, contribuindo para uma série de processos discriminatórios, vexatórios e culpabilizatórios presentes nas diversas relações sociais.

As mídias, em seus mais variados artefatos, se apresentam como parte importante na vida e na formação cultural de milhares de brasileiros nos momentos de descanso, quando se busca informação, entretenimento e lazer. No Brasil, um dos meios mais utilizados para se informar ainda é a televisão, considerada um dos meios mais confiáveis por grande parte dos sujeitos.

A mídia televisiva possui a tendência em “naturalizar” fatos e acontecimentos, em prol de alavancar a audiência, que atribuem aos sujeitos certas responsabilidades por suas mazelas e dificuldades. Nesse processo, exhibe em suas narrativas uma visão micro da sociedade como algo pontual; isentando e deixando de compreender uma visão macro e estrutural, que diz respeito a um sistema de relações que possui uma ampla complexidade.

Orientadas pelos interesses da classe dominante, as diversas mídias se inscrevem dentro da “ordem social”, apresentando em suas narrativas uma série de estratégias, lógicas de enquadramentos e discursos, que propagam estigmas, preconceitos e estereótipos sobre determinados sujeitos, situações e locais.

Margareth Steinberger (2005, p.24) apregoa que as mídias, sobretudo na contemporaneidade, são uma das responsáveis pela organização das estruturas sociais, pois, tem “o poder de configurar mentalidades”, possuindo significativa ação (positiva e negativa) sobre a sociedade.

No caso do quadro *De volta pro meu aconchego*, veiculado no extinto *Programa do Gugu* pela Rede Record de Televisão, de certo modo, ele se constitui e se apresenta como um mecanismo midiático que propaga em suas narrativas discursivas informações sobre a “questão social” retratando-a de forma desconectada de um contexto maior, se tornando um “perigo” para a sociedade.

A mídia estabelece padrões sobre os sujeitos apresentados no quadro, em especial quando aborda os nordestinos (Valim, 2009), dando a tônica a um “imaginário social”. As mídias, em seus variados artefatos culturais<sup>23</sup>, caracterizam o Nordeste e o nordestino a partir de estereótipos que foram enraizados ao longo de anos, construindo um imaginário social deturpado em torno dessa região e desses sujeitos.

Ao analisar as representações do Nordeste e do sujeito nordestino, Denis Bernardes (2007) enfatiza que:

As imagens sociais do Nordeste [...] estão ligadas ao chamado coronelismo, ao cangaceirismo e à persistência de formas arcaicas de relações sociais, situadas no universo do pré-capitalismo. O Nordeste seria, assim, a região onde o arcaísmo se confunde com o atraso nas relações sociais e nas formas do exercício do poder. Seria, pois, uma região que conheceu um outro ritmo histórico e, portanto, conservou formas e estruturas das relações sociais e da dominação política que, em outras áreas, já teriam desaparecido, ou mesmo, nunca teriam tido vigência (Bernardes, 2007, p. 42).

Essas formas de expressão, embora sejam reais, são veiculadas nas narrativas midiáticas e acabam construindo “históricas únicas”, cujo “perigo”, conforme Chimamanda Adichie (2019, p.26) é que ela “[...] cria estereótipos. E o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única

---

<sup>23</sup> Para Mattos (2012), os artefatos culturais são entendidos como uma série de produtos que refletem valores sociais e culturais de determinada sociedade, tais como livros, revistas, filmes, novelas, oriundos de uma materialização e “[...] funcionam como um mecanismo de representação e ao mesmo tempo atuam na constituição da identidade do sujeito” (p.01). Segundo a autora, esses “[...] artefatos culturais, que ditam regras, normas, padrões a serem seguidos criando, portanto, identidades moldadas” (p. 07)

história”. Fato que é perceptível em diversas produções midiáticas que são, em sua maioria, construídas a partir de velhas referências estigmatizantes.

A região Nordeste vem sendo apresentada sobre novos prismas que exaltam suas belezas e abordam a região a partir de sua diversidade. Ilana Kiyotani (2019), por exemplo, demonstra uma reelaboração da imagem da região que vai de encontro a uma imagem de negatividade, miséria e seca altamente difundida na cultura brasileira.

Tais análises imprimem uma “nova” imagem para a região, pautada na positividade, nas belezas naturais, nas manifestações culturais apresentando, por conseguinte, um “novo” Nordeste, que faz parte de um progresso nacional e teve uma série de investimentos para a construção de uma “nova” imagem da região, sobretudo na última década. Para a autora, um dos grandes responsáveis por esta mudança foi o setor do Turismo,

[...] que participou determinantemente desta mudança de imagem regional, apresentando ao país uma paisagem diferente do solo rachado, das pessoas com balde d’água na cabeça e carcaças de animais mortos de sede e fome – bastante difundidos por diversos meios de comunicação (das diversas leituras aos filmes, fotografias, reportagens) (Kiyotani, 2019, p. 208).

De acordo com Peter Garret e Allan Bell (1998), as mídias possuem uma significativa riqueza de informação, fornecendo relevantes dados para as pesquisas. Os discursos e imagens que veiculam revelam muito sobre os valores e estigmas presentes na sociedade, refletindo códigos culturais que conferem sentido em um determinado tempo histórico.

Essa lógica midiática, segundo Norman Fairclough (2003), tem o poder de transmitir representações sociais que classificam, incluem ou excluem sujeitos, mediante jogos de interesses envolvidos na transmissão de seus discursos e imagens, e ainda decide o que é importante de ser veiculado, priorizando ideais que caracterizam as narrativas.

Assim, Bourdieu (2011) sugere que seja analisada, ao mesmo tempo, a realidade da representação (a partir dos elementos concretos que organizam o mundo real) e a representação da realidade (a forma como o mundo real é representado a partir das disputas materiais e simbólicas de poderes que constroem as mais diversas percepções sobre o real). Nesse processo é importante observar as mais variadas estratégias discursivas e imagéticas na busca de uma “dominação simbólica” e superioridade de determinados grupos e sujeitos em detrimento a “outros”.

Carla Campos (2010) argumenta que as mídias veiculam, propagam e naturalizam diversas expressões sociais. Elas possuem o “poder” de ocultar a voz dos “outros” (que estão, na maioria dos casos, em situações de vulnerabilidades), como também minimizam as

complexidades das relações sociais oferecendo a quem “consome” tais artefatos midiáticos visões minimalistas e simplistas de amplos sistemas de significações sociais.

Assim, a partir das análises da questão social desenvolvidas por Yamamoto (2003; 2013) e Netto (2001), entende-se que as propagações dos discursos e das imagens veiculadas nas mídias (em especial aquelas em torno do Nordeste e dos nordestinos exibidas no quadro proposto para análise) reiteram e ressaltam um conjunto de desigualdades, fruto de um sistema capitalista que explora o humano e produz relações desiguais. Mascarando as determinações reais da questão social e suas expressões, que passam a serem explicadas pela moralização dos sujeitos, seus comportamentos e características supostamente “naturais” da região.

No caso de pesquisa em questão, a veiculação das narrativas depreciativas das histórias de vida de nordestinos, convertidos em produtos midiáticos, tem a finalidade de manter a exploração e/ou impedir o desvendamento dos fundamentos da exploração. Tais determinantes fomentaram a migração, além de responsabilizar os sujeitos pela situação que vivencia.

E mais ainda: aponta uma saída individual como estratégia para a resolução do “seu problema”, por meio do programa assistencialista, sem questionar as estruturas que levaram esses sujeitos a migrar. Tudo isso, somado aos altos índices de audiência que geraram lucro para a emissora (detentora do capital).

Na concepção de Yamamoto (2013, p. 230), a “questão social” se estabelece a partir de antagonismos de classes e relações de poder, “envolvendo uma arena de lutas políticas e culturais contra as desigualdades socialmente produzidas [...] onde convivem coexistindo temporalidades históricas diversas”.

As percepções e visões que uma pessoa tem sobre o mundo, sobre os “outros” e sobre si mesmo são fruto de uma construção social e histórica, marcada por um conjunto de processos de socializações e dispositivos educativos (família, escola, igreja e mídia) que norteiam os valores em uma determinada sociedade (Mauss, 1974; Berger; Luckman, 2004; Le Breton, 2007; 2009; Couldry; Hepp, 2020).

Assim, o conjunto de imagens e discursos que se aprende, bem como o repertório de vida sobre o meio social de uma pessoa é formado por um processo de aprendizagem contínuo e que se encontra mediada por relações de poder. Nesse processo, práticas disciplinares operam como mecanismo de treinamento que se configuram como importante artefato para manutenção da ordem capitalista.

Nos meios midiáticos, as estruturas de poder presentes nas variadas narrativas e artefatos funcionam como uma forma de controle. Como afirma Roger Chartier (2002, p.137), “[...] não há produção cultural que não empregue materiais impostos pela tradição, pela

autoridade ou pelo mercado e que não esteja submetida às vigilâncias e às censuras de quem tem poder sobre as palavras ou os gestos”.

As diferentes mídias, entendidas como um dos principais mecanismos na construção de realidades, não operam somente como meio de informação e/ou entretenimento, mas como instrumento que veicula amplos significados culturais que possuem o poder de “dar sentido” a determinadas visões de realidades – por vezes fragmentadas e incompletas – por meio de narrativas, publicações e espetáculos (Mcluhan, 1979; Castells, 2017). Para tanto,

A mídia desempenha um papel fundamental na sociedade contemporânea. Devido ao seu poder de penetração material e simbólica no cotidiano das pessoas, ela se institui como uma grande legitimadora das opiniões e dos valores sociais, mediante as estratégias utilizadas como a composição textual, o jogo de câmeras, os conjuntos lexicais empregados, dentre outras (Batista, 2018, p. 28).

As visões e discursos sobre a migração de nordestinos e a região Nordeste, se apresentam na mídia de forma teatralizada e espetacularizada<sup>24</sup> (Debord, 1997). Nesse processo, a mídia fornece substituições do real por um conjunto de signos e símbolos que constroem realidades. A omissão de informações sobre a realidade e sua fragmentação e direcionamento se torna uma estratégia do “sistema capitalista”. Corroborando, Flávia Biroli (2011) diz que:

Nas sociedades contemporâneas, os meios de comunicação têm um papel central na difusão de representações do mundo social. A relação com o mundo é mediada por imagens produzidas e difundidas em escala industrial, fazendo com que nossas referências sejam definidas a partir de uma fusão entre o mundo com o qual temos contato diretamente e o mundo que conhecemos pelas telas da TV ou pelas páginas de revistas e jornais (Biroli, 2011, p. 13).

Na concepção de Manuel Castells (2017), os meios de comunicação se constituem de veiculações em grande parte direcionadas, que se intercambiam entre o ‘poder político’ *versus* ‘poder econômico’; assim, as mídias estão à disposição das lógicas orientadas pelo capital. Para tanto, entender as relações de poder presentes nas mídias constitui-se, como aponta Nick Couldry e Andreas Hepp (2020), como um importante mecanismo para compreensão das estruturas sociais e como estas se organizam quanto aos seus processos na criação de sentidos e percepções sobre a realidade.

---

<sup>24</sup> O conceito de espetáculo [...] envolve uma distinção entre a passividade e a atividade, consumo e produção, condenando o consumo inconsciente do espetáculo como uma alienação do potencial para a criatividade e a imaginação. A sociedade espetacular espalha seus bens principalmente através de mecanismos culturais de lazer e consumo, serviços e entretenimento, governados pelos ditames [...] de uma cultura mercantilizada (Moraes *et al.*, 2006, p. 123).

#### 1.4 O Nordeste e os nordestinos nos artefatos culturais midiáticos

Entendemos como artefatos culturais midiáticos o conjunto de mecanismos da área da comunicação tais como cinema, televisão, revistas, jornais e mídias digitais, que (re)produzem saberes e sujeitos e funcionam como mecanismos pedagógicos nas relações sociais. Contudo, cada mecanismo opera em sociedade de forma peculiar dentro de determinados contextos sociais, históricos e culturais, que chegam a públicos diversos.

Étel Jesus (2006), em seus estudos sobre a veiculação de estereótipos na mídia brasileira, destaca como as imagens e os discursos cristalizados nos diversos artefatos culturais midiáticos dão a tônica nas narrativas e alimentam o imaginário social, tais como, a empregada negra ou semianalfabeta que sempre intromete na vida da patroa; o homossexual que provoca risos; o homem da zona rural que é sempre de “bom caráter” e possui um sotaque quase ininteligível,

**[...] o nordestino, fugido da seca e do atraso do Nordeste que vem para o “Sul Maravilha” buscando melhores condições de vida, trazendo consigo o famoso sotaque, digno de riso, já que se diz que soa mal em termos estéticos.** Esses são alguns dos vários estereótipos veiculados/perpetuados [...] principalmente quando há necessidade de um núcleo que dê sustentação à trama (Jesus, 2006, p. 16-17 – grifos nossos).

As representações do Nordeste e dos nordestinos nos artefatos culturais midiáticos, de acordo com Patrícia Silva (2016), durante muito tempo foram construídas e articuladas por meio de estereótipos que orientam o telespectador a pensar e a vislumbrar a região a partir de certas práticas discursivas que carregam simbologias e significados que constroem representações sobre a região e sobre os sujeitos, e que, em sua grande parte, se pauta em narrativas que focam nas várias expressões de vulnerabilidades, funcionando como mecanismo “nordestinizantes” que elaboram pré-noções sobre os sujeitos e a região.

Assim, a região, bem como os sujeitos, “nada mais é do que o produto de uma construção histórica e social” (Silva, 2016, p.32). A região Nordeste brasileira sempre foi, e é, um dos temas de maior recorrência nos artefatos culturais midiáticos – em seus mais variados produtos (teledramaturgia, filmes, seriados, jornal, programas de auditórios e afins). As narrativas são elaboradas, em grande parte, por noções pré-estabelecidas e construídas a partir de estereótipos e noções historicamente fabricadas que se perpetuam no decorrer histórico e se potencializam com o poder atribuído à mídia (Ramos, 2015; Mancebo, 2016; Batista, 2017; Leal; Lins, 2019; Tamanini, 2019).

Os artefatos culturais midiáticos, nessa lógica, funcionam como “lembretes” de que estereótipos e expectativas do que é ser nordestino serão pré-construídas a partir de “narrativas” que fornecem aos telespectadores uma compreensão muitas vezes generalizada sobre os sujeitos retratados nas histórias.

Assim, quando se refere à região Nordeste, de maneira empírica, está enraizada, em grande parte do imaginário da sociedade brasileira, a imagem da seca, da fome, do sofrimento, do analfabetismo e, principalmente, da migração, que é potencializada nos retratos construídos pela mídia.

Observa-se nos artefatos culturais midiáticos brasileiros a presença marcante de uma construção narrativa em torno do Nordeste e do nordestino. Mesmo quando concebe um grau de visibilidade e veicula momentos históricos e sociais específicos, acaba por estigmatizar e criar certos estereótipos. Novelas como *Verão Vermelho* (1970), *Gabriela* (1975 primeira versão e 2012 remake), *O bem-amado* (1973), *Roque Santeiro* (1985), *Senhora do Destino* (2004), *Cordel Encantado* (2011), *Velho Chico* (2016); minissérie como *Lampião e Maria Bonita* (1982), *O pagador de promessas* (1988), *Entre Irmãs* (2018); filmes como *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), *O auto da Compadecida* (2000), *O Céu de Suely* (2006), *Lisbela e o Prisioneiro* (2003), *Bacurau* (2019), entre outros, constroem narrativas, imagens e discursividades do que é (ou do que esperar que seja) o Nordeste e os nordestinos.

Mesmo com algumas incipientes modificações, os artefatos culturais midiáticos, em grande parte, ainda veiculam a imagem de um Nordeste carregado de estereótipos e pré-conceitos como “mola propulsora” do entretenimento. Dentro dessa perspectiva, Cláudio Cardoso de Paiva (2006, p.01) pondera que as abordagens do Nordeste e do nordestino “têm concedido formas de visibilidade e ressonância ao Nordeste, espelhando as formas do discurso, os tipos de sociabilidade e o estilo de vida dos nordestinos”.

Portanto, estudar as relações estabelecidas entre a criação de imaginários e estereótipos do Nordeste/nordestino a partir de artefatos culturais midiáticos é importante, tendo em vista que esse veículo fomenta a construção das identidades culturais de nosso país.

### **1.5 Os programas de auditórios e suas penetrações sociais**

Os programas de auditório, se configuram como um mecanismo comunicacional de extrema importância e penetração social (Souza, 2015; Evaristo 2017; Batista, Farias, 2018).

Possuindo uma forte ligação com o “gosto” popular brasileiro, os programas de auditórios se apresentam como significativos meios de identificação da população por meio das

estratégias discursivas e imagéticas empregadas em suas narrativas. Esses programas podem ser entendidos como uma mistura de teatro, circo, rádio, musical, novela, filme e vida real.

Assim, esses programas apresentam uma variedade de quadros e espetáculos que fornecem uma interação e aproximação direta com público. Nesse processo se utiliza da narrativa como uma forma de expressão de fácil acesso com utilização de uma comunicação simples, por meio de brincadeiras, entrevistas e exibições de gravações carregadas de efeitos visuais.

É um produto que “vende” alegria, mas que carrega também dramas e aspectos do cotidiano dos expectadores que, se não forem analisados de forma criteriosa, passam despercebidos e são assimilados e reproduzidos como verdades que podem impactar a vida dos sujeitos, especialmente os que são historicamente marginalizados como os migrantes nordestinos, como discorrido ao longo deste trabalho.

Nos programas de auditório, sobretudo no quadro em análise, é perceptível uma força ambivalente, por meio da qual dois interesses são articulados: primeiro, a história do sujeito anônimo que deseja fazer a migração reversa e que se deixa expor para receber essa “benesse”; segundo, o interesse dos telespectadores que assistem a essa exploração do humano como mero entretenimento, sem fazer questionamentos sobre o que é veiculado e a forma como o conteúdo é explorado.

Assim, a intimidade, os problemas sociais, físicos e corporais de outrem são expostos e explorados. Funcionam como uma “máquina” que alimenta os sonhos e desejos de grande parte da população por meio da associação discursiva e visual e de ações de *merchandising* e *marketing* social, atrelados à comoção e à dramatização que conferem um ar exacerbado, incomum e trágico – porém desconexo de uma realidade.

As imagens e discursos veiculados no quadro *De volta pro meu aconchego*, por exemplo, têm viés assistencialista. Assim, quando as pessoas o assistem, entendem que aquela veiculação corresponde a uma ajuda de fato, com a retirada dos sujeitos de suas zonas de vulnerabilidades sociais e dando a eles a chance de se estabelecerem em suas regiões de origem. É como afirma Barthes (2001), as imagens podem ser “consumidas inocentemente” pelo público, pois os telespectadores frequentemente não as veem como sistema de valores, mas como um fato natural e dado.

Esse quadro funcionou como um palco onde as migrações de nordestinos eram exibidas dominicamente, trabalhando como uma materialidade discursiva na produção de sentidos sobre o migrante nordestino e sobre a região Nordeste, corroborando para a compreensão do papel da

mídia na construção de estereótipos, estigmas, e enquadramentos sobre esses sujeitos e região. O quadro em análise pode ser sintetizado na Figura 04, a seguir.

**Figura 04** - Compreensão sintética da estruturação do quadro



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2023).

De antemão, é importante mencionar que os programas de auditório são compreendidos como um gênero antigo na programação televisiva brasileira. E advindos dos programas de rádios e adaptados para televisão na década de 1950, são considerados como um palco difusor de representações e dinâmicas sociais. Esses programas, em sua maioria, possuem uma forte audiência, atingindo um amplo prospecto de telespectadores, pois funcionam como forma de entretenimento aos sujeitos em meio às suas rotinas (Souza, 2015; Batista, 2018).

Batista e Farias (2018) analisaram as construções de estereótipos e estigmas nas narrativas discursivas e imagéticas dos programas de auditórios de transformação corporal da mesma emissora (Rede Record de Televisão). Destacaram que esses programas de auditório funcionam como mecanismo de manipulação das realidades, a favor de uma lógica capitalista que, através de uma série de operacionalização, atuam nas (re)construções dos sujeitos, colocando-os como “alvo” e os culpabilizando pelas suas ações e inadequações em sociedade.

Essas veiculações geralmente são acompanhadas de pessoas reais que são usadas como estratégia de interação e identificação com a finalidade de gerar audiência, a partir da exposição de suas intimidades e histórias de vida.

Para os autores, esses programas buscam trazer uma “solução” para determinada demanda, ao mesmo tempo que alimentam sonhos e anseios em parte da população que os assistem. Para atingir seus intentos, articulam ações de *marketing* social (por meio de diversas parcerias) aliadas a uma dramatização com uso de imagens exacerbadas que conferem um caráter peculiar e incomum aos participantes. Tais estratégias visam gerar uma emoção e comoção na plateia e nos telespectadores, causando piedade, compaixão e servindo como uma regra a ser seguida (Batista; Farias, 2018).

Desde sua implementação, os programas de auditório possuem relevância na cultura nacional, assumindo um papel socializador (Evaristo, 2017, p.19). Na concepção de Souza (2015, p. 94), esses programas “[...] prendem a atenção do público e do telespectador pela variedade de atrações apresentada em um só programa, aproximando-se da mesma linguagem utilizada pelo circo”.

O quadro *De volta pro meu aconchego* envolve uma espécie de “assistencialismo midiático” (Guareschi; dias; Hartmann, 2007) que consiste, basicamente, em práticas discursivas persuasivas com foco na “ajuda” através de uma exploração de realidades de desigualdade, compostas, em grande parte, por classes sociais mais empobrecidas.

Portanto, tem-se como ponto fundamental a narrativa da história de vida de um participante, de maneira trágica e emocionante, para que o apresentador e sua equipe façam a benesse de realizar a transformação social. Essa ação amplia o capital simbólico do apresentador e sua emissora.

Entretanto, questiona-se: O que essa bondade esconde? Qual a intenção da emissora de televisão levar os nordestinos de volta para a sua terra? Essas e outras questões é o que buscamos desvelar no decorrer desta pesquisa.

O pressuposto é que o programa encobre e mascara as determinações reais de o porquê os sujeitos vivenciam tais expressões da “questão social”, levando a uma leitura preconceituosa, moralista, culpabilizadora dos habitantes do Nordeste brasileiro, uma vez que localiza nos próprios sujeitos e/ou na região a origem dos problemas que eles vivenciam.

Esse “naturalismo” veiculado nos programas de auditório tenciona uma problemática, sobretudo quando as formas simbólicas de determinados programas, como no quadro em análise, oportunizam e reforçam estigmas e preconceitos ou criam e estabelecem padrões gerando relações de dominação e exclusão que, de acordo com Thompson (2011), carregam diversas “relações ideológicas”.

Portanto, um dos caminhos para se romper com as “relações ideológicas” presentes nesses programas, é analisá-los, ou seja, descrever e desvendar de forma minuciosa como os

discursos, as imagens e as representações simbólicas se entrecruzam e estabelecem relações de poder na sociedade. Enquanto formadores de conhecimento, é importante movimentar as estruturas que criam e reforçam as variadas formas de dominação e exclusão.

Essas formas de dominação e exclusão, que são bases para muitos quadros dos programas de auditórios, se estabelecem sobre diversos prismas: gênero, classe, raça, geração, localização geográfica, dentre outros. Em todos esses tipos de dominação e exclusão são extraídos dos sujeitos seus direitos básicos, ligados à cidadania, meramente por pertencerem a uma determinada raça, cultura, região ou se identificarem com determinado gênero.

**CAPÍTULO 2**  
**A MIGRAÇÃO E A BUSCA POR UMA “VIDA MELHOR” NO QUADRO**  
**DE VOLTA PRO MEU ACONCHEGO**

*Agora pensando segui ôtra tria,  
 Chamando a famia  
 Começa a dizê:  
 Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,  
 Nós vamo a São Palo  
 Vivê ou morrê.*

*Nós vamo a São Palo, que a coisa tá feia;  
 Por terras aleia  
 Nós vamo vagá.  
 Se o nosso destino não fô tão mesquinho,  
 Pro mêrmo cantinho  
 Nós torna a vortá.  
 (Patativa do Assaré: A triste partida)*

Diversos são os motivos que fazem os sujeitos migrarem, porém, no que tange à migração nordestina, ao longo da história, um aspecto em particular se faz presente como mola propulsora para tal fenômeno, seja este um projeto individual ou coletivo: a busca por “melhores condições de vida” (Rua, 2003; Fusco; Ojima, 2015; Ferreira, 2019).

Segundo Luciany Santos (2010), historicamente, existem diversos aspectos da migração nordestina que são de ordem econômica, social e política, que favorecem a intensificação de tais deslocamentos e que impactam diretamente a vida de milhares de sujeitos.

Isabel Guillen (2001) acrescenta que questões climáticas nesta região, como a falta de chuva e a seca prolongada foram e são significativas para esses processos de deslocamentos. Paul Singer (1973), por sua vez, salienta que há um forte problema de desigualdade social e financeira existente em nosso país. Na visão do autor, a desigualdade tem uma intensificação, sobretudo no Norte e Nordeste, o que estimula diversos sujeitos a migrarem em busca de melhores condições de vida.

Tal pensamento, construído historicamente, corrobora discursivamente para que os sujeitos compreendam que existam lugares onde há uma maior possibilidade de terem uma vida “mais digna” em relação a outros. Esses discursos dão a tônica “[...] seja do ponto de vista do projeto desenvolvimentista modernizador, seja do ponto de vista da preservação do pacto hegemônico [...]. Nessas retóricas, as migrações internas apareciam antes como solução do que como problema” (Vainer, 2000, p. 25). Embora, a pretensa vida digna, após o processo de migração, em muitos casos não se confirme, e, muito pelo contrário, a falta de dignidade e às

vulnerabilidades se potencializam em busca do “sonho da vida melhor”. Nesse processo, os migrantes se sujeitam “[...] a condições precárias de trabalho e, não raras vezes, desumanas”, como apregoa Gonçalves (2008, p. 349-350).

O que se observa é que há, em muitos casos, uma crença (fundada ou infundada) de que na “cidade grande”, nas capitais ou grandes centros urbanos se encontram, de fato, o “futuro” e o “progresso”, sobretudo em detrimento ao campo e ao “interior”, que são vistos quase sempre como “atrasados” (Rosa, 2003; Fusco; Ojima, 2015). Para Marinelli (2007),

As razões que movimentam pessoas em busca de uma vida melhor, para si e os seus, levam a mudanças por vezes radicais, trazendo a incerteza dos resultados das atitudes e condutas, principalmente quando não há o mínimo de planejamento. Daí o dilema do nordestino: ou fica em sua terra esperando ser reconhecido como agricultor ou assalariado ou sai do sertão carregando o saco de “coisas”, usando como cadeado um nó e parte em busca do Eldorado. Quando quebra as amarras iniciadas por seus antepassados, inicia também um movimento, com a intenção de se emancipar, e, com isso, muda a si mesmo e passa a ter novos referenciais em suas intenções quanto à busca de melhora de vida, transformando assim seus paradigmas pessoais (Marinelli, 2007, p. 06).

Portanto, ao se analisar as discursividades presentes no quadro *De volta pro meu aconchego* é possível identificar que, categoricamente, a migração dos participantes para a cidade de São Paulo se deu na busca do sonho da “vida melhor”, conforme mostram os fragmentos abaixo.

**Apresentador:** E o Raimundo veio lá do Ceará pensando no que? Quando você veio para São Paulo Raimundo?

**Raimundo:** **Eu vim pensando em trabalhar aqui que nem todos vêm, né? Cheguei aqui, e infelizmente não era o que a gente pensava,** estava lá via aquele pessoal chegar todo arrumadinho, todo, né, **eu achava que aqui era vida boa, você ia ganhar muito dinheiro, quando eu cheguei aqui nada disso eu encontrei, aí...** (Q1 – grifos nossos)

**Apresentador:** Mas há dez anos atrás você veio parar em São Paulo?

**Mônica:** **Ah, vim à procura de uma vida melhor, mas eu não encontrei (Risos),** porque pelo menos eu tivesse perto da minha mãe todos os momentos que eu chorei, que eu precisei, ela podia estar ali com uma palavra para me consolar um pouco, o pouco com Deus é muito, e o muito sem Deus não é nada (Q2 – grifos nossos)

**Antônio:** Olha, **a nossa vida aqui está triste, está triste viu,** está com onze anos que vim de lá do Nordeste, eu fiquei trabalhando, vim para trabalhar na padaria aqui, não deu certo de trabalhar na padaria, sai e o meu irmão ficou pagando aluguel para mim, depois o meu irmão não conseguiu pagar aluguel, eu fui despejado da casa que morava, aí fiquei morando por aí, morando numa casa, em outra sem ter jeito mais, e o morador daqui já conhecia ele, ele me botou aqui para morar aqui, né, só que o dono da chácara não aceitou isso não,

com família não quero ninguém lá não, aí me tirou de lá, e quer me tirar daqui, né?

**Reportagem:** Como muitos migrantes, a família de Antônio veio para São Paulo porque tinha uma oferta de trabalho em uma padaria, mas tudo deu errado, e a promessa **de prosperidade transformou-se em uma constante busca por oportunidades**. (Q3 – grifos nossos)

**Apresentador:** Agora eu preciso que você conte para mim o que está acontecendo, conta, o que aconteceu desde que você veio do Maranhão para São Paulo?

**Ruth:** Muito dificuldade, **a gente veio para ter uma vida melhor, mas não foi possível, não foi possível, olha, eu deixei os meus filhos lá**. (Q5 – grifos nossos)

A partir dos relatos acima a expectativa é que, ao migrar, os nordestinos encontrem um trabalho e um lugar onde possam exercer sua dignidade de direito e sustentar sua família, longe de todo o sofrimento, fato que em muitos casos não ocorre. Ao migrar, eles levam consigo memórias, histórias, familiares e pensam em se desfazer de todas as dificuldades que vivem e/ou vivenciam.

Buscam no novo lugar melhores condições de sobrevivência, mas se deparam com diversos obstáculos, como a falta de escolaridade necessária para as vagas de emprego e a falta de moradia (Coelho, 2012; Ojima, Fusco, 2015; Ferreira, 2019).

Nesse processo, os migrantes descobrem que seus costumes e modos de vida serão alterados na nova localidade. Sua identidade torna-se híbrida, mesclando suas referências de vida, histórias e memórias que ele traz com o universo que se abre e que está por descortinar.

Assim sendo, o nordestino sofrerá muitos dos preconceitos dos quais ele é vítima e estão associados a estas imagens depreciativas (analfabeto, burro, ignorante) “o nordestino será visto, quase sempre, como sendo um retirante, um flagelado ou um cangaceiro em potencial” (Albuquerque Júnior, 2007, p.89). Na região de destino, esses migrantes, em boa parte, experienciam o insucesso que vai na contramão de seus sonhos e desejos que os levaram migrar: a vida melhor.

## **2.1 As estratégias discursivas no/pelo quadro *De volto para o meu aconchego***

O Programa de auditório do Gugu Liberato era composto por 10 quadros ao longo de sua exibição (Apêndice A). Embora não houvesse uma ordem fixa para a apresentação de cada quadro, o *De volta pro meu aconchego* era um dos últimos e tinha maior audiência. Para manter a plateia, logo que o programa iniciava, ele apresentava a programação das novidades trazidas em cada quadro que seria transmitido naquele dia – chamado de *teasers*.

Os *teasers* (prévia da narrativa) constituem uma estratégia para atrair o telespectador e assegurar a manutenção da audiência por meio da utilização de elementos visuais e discursivos com forte apelo à comoção. Além do emprego desse recurso no início do programa, os *teasers* são apresentados no decorrer do programa, visando criar expectativas e garantir a manutenção da audiência.

Assim, os principais elementos, sobretudo aqueles de maior dramatização, são explorados como “embalagens” e como meios de “divulgar o quadro. Há, portanto, uma “manchetização”, ou seja, exibição de fragmentos do quadro que irão fornecer indícios das informações que serão apresentadas posteriormente.

Esses *frames* são eficientes para dar o tom à narrativa e fazer o espectador comover com o que será exibido. O restante do episódio, quando é exibido, fica por conta do espetáculo, da encenação das histórias, das súplicas, dos choros e das humilhações.

Os episódios do quadro em análise, em sua maioria, narravam a história de famílias que possuíam um elevado número de membros, constituído por um homem, uma mulher e mais de 4/5 filhos em média<sup>25</sup>, que buscavam regressar para a sua cidade natal no Nordeste. De acordo com a narrativa que era estabelecida, observa-se que todos os participantes do quadro tinham como objetivo “ter uma vida melhor” na cidade grande: São Paulo.

No desenrolar dos quadros, era dado um “ar” comovente e carregado de dramaticidade, o apresentador Gugu Liberato sempre enfatizava que era chegado o momento de “*muita emoção*” no programa. Ou seja, neste momento era iniciado o quadro *De volta pro meu aconchego*, dando a tônica da narrativa e deixando transparecer em suas feições que é um momento de muita tristeza (ao fundo toca uma música com dramaticidade).

Seguido essa apresentação e dando continuidade ao roteiro da narrativa, Gugu dizia que já visitou diversas famílias e já levou de volta muitas delas para o “*seu aconchego*” (Q1). A todo momento o apresentador buscava mostrar ao público que cada episódio seria ainda melhor em relação ao outro, como podemos observar nos excertos a seguir.

**Apresentador:** Nós vamos ver o “De Volta Para o Meu Aconchego” que é uma história de uma mãe que cria sozinha seis filhos aqui em São Paulo, uma neta e uma sobrinha, **uma história realmente emocionante** (Q2).

---

25 Segundo dados da SEAD (2021) ressalta-se que o número médio de filhos é de 1,56. Disponível em: <<https://www.seade.gov.br/entre-2000-e-2020-o-numero-medio-de-filhos-passou-de-208-filhos-por-mulher-para-156/#:~:text=Entre%202000%20e%202020%2C%20o,para%201%2C56%20%E2%80%93%20Funda%C3%A7%C3%A3o%20Seade>>. Acessado em 27 set. 2022.

**Apresentador:** Agora prepare o seu coração a **história realmente tenho certeza que vai mexer com você** que está em casa, vamos ao de volta para o meu aconchego (Q3).

As imagens que eram exibidas nos momentos em que são narrados os sofrimentos e as angústias das famílias, são em tons cinzentos e com fundo musical triste e melancólico. Essa dramatização pelo uso de um recurso cromático é uma forma de compor um cenário de total desânimo, desconforto e tristeza.

Ao serem questionados pelo apresentador Gugu Liberato pelo motivo que os levaram a São Paulo, os participantes (a maioria) eram enfáticos e diziam que “*vieram trabalhar na região, como todos vem*” (Q1; Q2; Q3; Q4; Q5). A resposta deles potencializa o imaginário de que na capital paulista é onde estão os postos de trabalhos e as melhores oportunidades, colocando a região Nordeste, mesmo que empiricamente, como um *lócus* de ociosidade.

De acordo com Duarte (2005), algumas regiões do Nordeste, sobretudo as rurais, onde a cidadania só se dá mediante o processo de migração para a “cidade grande”, a mídia funciona como um mecanismo que serve de “orientação” e mola propulsora para a decisão e a ação do processo de migrar de diversos sujeitos, em especial para a região do Estado de São Paulo.

Porém, ao se deparam com o novo destino, marcado por diversas expressões da “questão social”, como falta de emprego (ou subemprego), moradia (ou moradias precárias, sem saneamento básico), fome ou má alimentação, problemas de saúde, dentre outros, estes sujeitos enfrentam diversas adversidades.

Diante das dificuldades encontradas, esses sujeitos encontravam no quadro *De volta pro meu aconchego* uma oportunidade de regressarem para suas regiões, onde, segundo o discurso do quadro, possuíam melhores condições de vida e uma rede de apoio familiar que os auxiliava. As narrativas levam os espectadores a entenderem que ir para São Paulo é um erro e que lugar bom mesmo é a sua terra natal, local de onde nunca deveriam ter saído.

Embora o programa seja divulgado como uma ajuda humanitária para levar de volta para a sua terra aqueles que estão sofrendo na cidade grande e saudosos da sua terra, o programa tem outro efeito: *convencer o potencial migrante a não migrar*. Se antes de migrar a expectativa era que, ao migrar, ele encontraria um lugar com melhores condições de vida e trabalho.

Um lugar onde possa exercer sua dignidade, sustentando sua família, longe de todo o “sofrimento”, a cena cinza é uma forma de frustrar as expectativas daqueles que têm esse mesmo intento, pois simboliza a vida que ficou para trás, as histórias, sociabilidades e familiares perdidos, que sobrevivem apenas nos fragmentos da memória.

No decorrer das narrativas nos quadros, observa-se o emprego de conjuntos discursivos que carregam um exagero e um melodrama configurando a narrativa a partir de um forte sensacionalismo, apregoado por Pedroso (1983) e evidenciado nas falas:

**Reportagem:** [...] “Uma cabana de lona é invadida por ratos”, “Família sobrevive à miséria, mas não perde a fé em um futuro melhor”, “Passa até rato em cima deles, eles acordam tudo gritando [esposa de Raimundo narrando a hora que seus filhos vão dormir]” (Q1).

**Apresentador:** Vocês moram aqui nesse prédio?

**Mônica:** É.

**Apresentador:** É uma invasão?

**Mônica:** É uma invasão, é uma invasão (Q2).

**Apresentador:** É verdade que aqui tem, está infestado de cobras, de ratos?

**Maria:** Tem, sempre entra rato.

**Apresentador:** Ham?

**Filha:** Esses dias entrou um rato aqui a minha mãe estava tomando banho, ela ficou desesperada, aí o rato saiu lá para fora matei, eu bati o cabo da faca. Aqui também, tudo quebrado (Q3).

**Apresentador:** Quer dizer que vocês estão passando muitas dificuldades?

**Sebastião:** Senhor Gugu, se o senhor ver...

**Ruth:** O que a gente comeu hoje lá na panela lá, pode olhar [monstra as panelas com poucos alimentos].

**Sebastião:** Eu estou numa situação desesperadora (Q5).

Buscando trazer uma aproximação com o público, é frequentemente utilizado ao longo dos episódios metáforas<sup>26</sup>, hipérboles<sup>27</sup> e jargões<sup>28</sup> populares. Pode-se observar essas figuras de linguagem em falas como:

**Apresentador:** [...] parece um anjinho, né, parece um anjinho com o cabelo cacheadinho, um olhinho azul, azul, azul [Risos] [fala do apresentador ao se referir a um dos filhos do casal]”, “[...] o que está acontecendo aqui? Primeiro, vocês vivem aqui num lugar que não tem nem telhado? É uma lona, né? [...] vocês são em quantos aqui? Deixa eu contar de novo, espera aí: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, são doze pessoas morando aqui?” [Gugu caminha pela casa mostrando os detalhes e a expressão da miséria] (Q1)

**Apresentador:** Quero saber quem é a dona Dilma, dona Dilma do Planalto. Mas é a dona Dilma de Fortaleza, como vai, tudo bem? Como vai o senhor?

**Dona Dilma:** Agora, com a minha família eu vou ficar muito mais, né. Agora, com a família junto comigo eu vou ficar muito mais melhor (Q2).

<sup>26</sup> Metáfora é uma espécie de comparação implícita, pois não exige conjunção ou locução conjuntiva comparativa.

<sup>27</sup> Hipérbole é uma figura de linguagem utilizada para transmitir uma ideia de intensidade por meio de expressões exageradas intencionalmente.

<sup>28</sup> Jargão é uma frase, expressão ou palavra que define algo específico de um grupo profissional, social ou cultural.

**Apresentador:** Bicho entra para cá para dentro de casa?

**Ruth:** Entra rato.

**Sebastião:** Barata, rato, lesma, tudo, é muito desesperador aqui.

**Apresentador:** É

**Ruth:** É (Q5)

Falas como essas têm o propósito de aproximar os telespectadores por meio de uma linguagem informal visando alavancar os índices de audiência. Como mencionado por Barbosa (2004, p. 62), há uma “[...] busca pelo espetáculo, [que] se transformou em pedra angular de diversos programas televisivos. Uma espécie de [...] onda popularesca, que desnuda por completo a intimidade alheia [...]”.

O uso de palavras fortes e repetidas (como o termo desesperador) tem também o intuito de convencer aqueles que estão intencionados a migrar a permanecer em sua cidade de origem e desistir de ir para o Sudeste. Por outro lado, o uso de termos que reportam ao descuido e à sujeira, como a presença de ratos, cobras, lesmas e baratas pode criar asco, nojo e hesitações nos telespectadores não migrantes que nutrem o afastamento dos grupos e a exclusão desses sujeitos.

A veiculação dessas discursividades que causam repulsa aos telespectadores envolvem modos simbólicos e rituais que operam sob a lógica da antinomia “pureza e do perigo”. Como apregoa Mary Douglas (1976), tal lógica se expressa como uma visão geral de ordem social que orienta e norteia os indivíduos socialmente.

As normas conflitantes, como pureza/impureza, limpeza/sujeira, ordem e desordem operam como discursos que agem na sociedade criando riscos e/ou segurança à ordem social. A presença de animais peçonhentos, como os descritos acima e de locais insalubres causam repulsa aos telespectadores, indicando um perigo de ataque ou contaminação.

Na concepção de Douglas (1976), a pureza e perigo se entrelaçam com uma série de outras problemáticas, porém, ela destaca a questão da ordem como um ponto crucial para se entender a cultura. Nesse sentido, a autora apregoa que nossa cultura tem na organização, na “pureza”, na limpeza, um “valor”.

Portanto, de certo modo, somos condicionados a observar, categorizar e analisar o mundo a nossa volta dentro da ótica da “limpeza”, do “tudo organizado”. A ordem orienta nossos costumes, nos leva a associar a impureza e a sujeira (bem como diversos animais peçonhentos), ao perigo, a uma situação que deve ser afastada de nós.

Nesta lógica do afastamento e da manutenção da ordem, observa-se que o quadro *De volta pro meu aconchego* funciona, a partir de uma lógica higienista, como um mecanismo de “limpeza social” dos migrantes nordestinos improdutivos na cidade de São Paulo.

Assim, a retirada dos migrantes nordestinos de São Paulo, perpassa pelo “assistencialismo midiático” (Guareschi; Dias; Hartmann, 2007), que consiste, basicamente, em práticas discursivas persuasivas com foco na “ajuda” e exploração de realidades de desigualdade, conforme evidencia os excertos a seguir.

[Personagem principal do quadro, Raimundo, começar a cantar]: Vamos embora minha gente, já saímos da pior, de volta ao meu aconchego a vida ficou melhor, olhando para o céu azul numa felicidade só, **muito obrigado Gugu também a TV Record** [Aplausos]. **Você não tem para ninguém** Gugu, é nós, é nós, você nem sabe a felicidade, você me deixou feliz da vida de **estar no meu lugar**, o que eu mais queria era trazer a minha família, se não fosse você eu vinha, nunca, nunca eu ia estar no Ceará, e você fez tudo, fez tudo bonitinho, direitinho, ainda me deu uma casa. [Fala de Raimundo após voltar para o Ceará]. Foi de alegria, de emoção, foi de alegria, você me trazer para ver minha mãe e meu pai na minha terra, ninguém faz isso, só você que faz, você é abençoado por Deus. [Fala de Raimundo após voltar para o Ceará] (Q1).

**Sebastião:** Qual é o ser humano que não fica feliz, ainda mais eu que nunca tive um monte de coisas assim, tanto de bicicleta, tanta coisa boa, um monte de coisa boa, qual é o ser humano que vai lá para São Paulo fica sofrendo a situação que eu estava lá pagando aluguel sem ter condições de voltar para cá, e hoje eu estou nesse **paraíso** aqui, e só felicidade.

**Apresentador:** Nós todos da Record queremos que vocês tenham uma vida agora digna, e eu tenho certeza que condições para isso agora vocês têm, e eu vou entregar nas suas mãos Sebastião o cristal que é aquela **fotografia** que nós tiramos, olha, lembra? Esse cristal [ornamento em formato de quadro de cor transparente que possui uma fotografia da família] tem a seguinte inscrição “Está casa é a prova de que os seus sonhos podem se transformar em realidade”, então que vivam felizes, tá.

**Sebastião:** Muito obrigado senhor Gugu. (Q5).

Observa-se que o quadro se configura como um forte mecanismo assistencialista capaz de mudar até mesmo a visão de mundo dos participantes, por exemplo, como na fala “*hoje eu estou nesse paraíso aqui*” [na terra natal] (Q5). Percebe-se que há uma mudança de paradigma tendo em vista que, a princípio, a localidade de origem representava poucas oportunidades, um local de seca, de miséria e sofrimento, fato que o fez migrar.

Porém, após viver uma outra realidade na cidade São Paulo (ainda pior), o migrante vê sua volta como algo bom, ou seja, após a intervenção do apresentador/programa o local de origem torna-se um paraíso, um lugar ideal para exercer sua dignidade. Tal discurso opera na ordem do simbólico, que pode despertar nos migrantes em potencial a compreensão de que sair de sua terra de origem é um erro.

Mediante o investimento no assistencialismo (Kowalski, 2013), o apresentador proporciona uma ajuda/auxílio, em prol de uma suposta felicidade dos participantes. E, para

isso, utiliza-se diversas estratégias. Ao longo das narrativas, o apresentador do quadro é mostrado como o “salvador” dos nordestinos perdidos na cidade grande.

Os enredos sugerem que ele pode acabar com os sofrimentos e as dificuldades desses sujeitos. Tal compreensão se confirma, sobretudo, em falas como: *“A gente veio aqui para devolver a dignidade de vocês” [discurso proferido por Gugu ao chegar na casa de Raimundo] (Q1).*; *“Maria José: Muito feliz, eu tenho muito eu agradecer ao Gugu porque o que ele fez por mim eu só tenho muito que agradecer, vai virar assunto para minha vida inteira” (Q4).*

Ao longo dos episódios, o apresentador faz questão de estar presente na casa dos sujeitos e mostrar toda a “miséria” que vivenciam. Ele realiza diversas perguntas que causam humilhações, constrangimentos, desconfortos e tristeza aos participantes do quadro, que são vistos como fracassados. A imagem do apresentador, por sua vez, é envolta pelo adjetivo da benevolência, reforçando o caráter assistencialista do programa. Exemplos desses discursos são:

**Apresentador:** Vocês querem voltar?; Chegaram a passar fome?; Vocês moram todos aqui? E dorme todo mundo aqui? (Q1).

**Apresentador:** E aí o que aconteceu quando você chegou em São Paulo?

**Mônica:** Tudo difícil, a maior dificuldade da minha vida porque eu não sei ler e nem escrever então isso dificulta muito o trabalho para mim, então ficar limpando, lavando banheiro, pedindo de igreja em igreja uma cesta do alimento para o alimento para os meus filhos para não ver eles ficam com fome, muitas vezes eu me vi chorando (Q2).

**Apresentador:** E as dificuldades aqui em São Paulo?

**Maria José:** A dificuldade aqui, Gugu, é das piores, viu, porque com cinco crianças, com o salário que ele ganha, pagar aluguel, água, luz, fazer compras. No dia que eu sentei para depois escrever para o Gugu porque eu não aguento mais a minha situação eu estava falando de verdade, eu estava falando, eu não estava escrevendo, eu estava falando com você, eu tinha certeza que ali você estava me ouvindo, porque as crianças estavam tudo dormindo com fome. Naquele dia, ele [marido da participante] foi trabalhar em Minas, arrumou um serviço em Minas para trabalhar, e ele foi em cima da hora, não me avisou nada, deixou a gente uma semana sem nada dentro de casa, não tinha dinheiro para comprar nada, nada (Q4).

Mesmo que tais informações estejam presentes na carta que foi enviada ao programa, por se tratar de uma exigência para se inscrever no quadro, elas são inseridas no enredo do programa. Observa-se que são exploradas as falas que apontam para um migrante analfabeto e pedinte, tais como: *“eu não sei ler e nem escrever então isso dificulta muito o trabalho para mim” (Q2)*, *“pedindo de igreja em igreja uma cesta do alimento” (Q2)*. Portanto, a veiculação dessas narrativas depreciativas, convertidos em produtos midiáticos, tem a finalidade de manter

a exploração e/ou impedir o desvendamento dos fundamentos da exploração, que estão na base da “questão social”.

Tais determinantes fomentaram o retorno do migrante à sua terra natal, além de responsabilizar os sujeitos pela situação que vivenciavam. E mais ainda: aponta o Programa como estratégia para a resolução do “seu problema”, uma saída individual que poucos terão acesso.

Voltar à terra de origem, por meio do programa assistencialista, que foca a bondade do apresentador, desvia a atenção da estrutura social, vedando o questionamento das estruturas que levaram esses sujeitos a migrar. Além disso, configura-se como algo muito distante de uma política pública e de acesso a todos.

Outro aspecto importante que se pode observar, durante toda a exibição dos episódios, é a utilização do *marketing* social. Batista e Farias (2018) apontam que esses programas de auditório funcionam como mecanismo de manipulação das realidades, a favor de uma lógica capitalista.

Para os autores, esses programas buscam trazer uma solução para determinada demanda, ao mesmo tempo que alimenta sonhos e anseios na população que o assiste, articulando ações de *marketing* social, por meio de diversas parcerias, aliado a uma dramatização, conforme pode-se observar nos fragmentos a seguir.

**Apresentador:** No Ceará a *Rede doutor* resolve [mostra-se o interior da loja e os produtos] começa a reforma do novo lar da família de Raimundo, com mais de trezentos franqueados em todo o Brasil essa super equipe atende desde um pequeno reparo até uma grande reforma, já pensou em abrir uma franquia? Para mais informações acesse o *site* que você vai se surpreender. Quem sabe, além da família do Raimundo, você também dá um novo rumo para sua vida? Olha só, nossa produção já está comprando os móveis [é focalizada a loja onde os móveis estão sendo “comprados” por meio de recursos de aproximação da imagem] que vão dar todo o conforto que a família do Raimundo precisa para recomeçar a vida no Ceará.

A casa está ficando pronta, e a compra de mercado já está a caminho [focaliza-se o caminhão de uma rede alimentícia da região chegando]. É isso mesmo, eles vão dar de cara com a geladeira e os armários cheios [é usado recurso visual de aproximação nos armários, enfatizando os diversos alimentos com a logo da rede], mas a surpresa não para por aí, não, daqui a pouco você vai ver tudo que foi especialmente pensado para acolher a família do Raimundo (Q1).

**Apresentador:** Enquanto isso, lá na casa, a *Granero* [empresa especializa em realizar mudanças] começa o seu trabalho, o pessoal embala os pertences da Maria José com todo o cuidado, tudo isso tem que seguir com segurança até a cidade de Passa e Fica lá no Rio Grande do Norte, a família está em festa, eles se despedem dos vizinhos e dão início a jornada.

[Música]

**Apresentador:** E os presentes, continuam, o pessoal do *Armazém Paraíba* mandou tudo que a Maria vai precisar para mobiliar a sua casa, nenhum cômodo foi esquecido. A *Houstou Bike* enviou bicicletas para a Maria e para toda a família. O Aguinaldo e as crianças vão se divertir para valer. Os brinquedos do Gugu vão fazer a alegria da criançada, e tem mais um presente muito importante para a Aline (Q4).

**Apresentador:** Olha, deixa eu te falar, o que você vai ver da tua cozinha, olha só, um fogão novinho, depurador de ar em cima do fogão, a geladeira, liquidificador, sanduicheira, batedeira, essa é belíssima *Italinea* branca com bordô, uma das mais completas cozinhas da *Itatiaia*, repare nos armários com portas de vidro que combinam com o designe moderno, praticidade e beleza, tem ainda o suporte de talher que dá um toque de charme na cozinha, e esse tampo em fórmica, além de resistente é muito prático na limpeza, é facilidade que não acaba mais. Isso tudo com a qualidade que você já conhece porque *Itatiaia* é para toda a vida, Ruth, tem até panela nova lá Ruth! (Q5).

Por meio dos fragmentos acima, observa-se, assim, como enfatizado por Krasnievcz e Aita (2009, p. 07), que há uma dinâmica na qual os participantes “[...] ofertam suas histórias de vida visando obter alguma ajuda”. Essa ajuda se configura, em muitos casos, não só em relação ao regressar para sua região de origem, mas sim o fazer com casa própria e mobiliada, armários com alimentos e uma fonte de renda.

O voltar não se restringe somente ao ato de ir, mas sim como de retorno: com prestígio perante à vizinhança, com uma casa que se destaca das demais e por aparecer na televisão. Complementando, os autores ainda enfatizam que “as empresas investem no *marketing* social e na propaganda de seus produtos, a emissora lucra com o *merchandising* e com a audiência de milhares de brasileiros que se veem representados nessas histórias e reconhecem no programa uma via de concretização de suas esperanças”.

Por meio das histórias narradas nos quadros de forma mais ampla, identifica-se uma constante retratada: as narrativas são somente de migrantes nordestinos. Em nenhum momento dos diversos quadros são retratados outros migrantes, que também compõem o Estado de São Paulo e passam por mazelas sociais semelhantes a esses sujeitos.

Essas veiculações direcionam o entendimento que a pobreza, a miséria e outras expressões da “questão social” brasileira acometem somente as famílias nordestinas. Esse fato se configura como contraditório, uma vez que mesmo os sujeitos da região paulista migram para outros centros urbanos em busca de “melhores condições de vida”.

Portanto, mesmo que não seja uma característica restrita dos sujeitos nordestinos, o quadro potencializa e apresenta como se o fosse; contribuindo para a propagação de estigmas e estereótipos historicamente construídos em torno desses sujeitos e de sua região.

## 2.2 A vinheta e suas significações

Possuindo uma ampla conceituação, as vinhetas têm características que variam segundo o meio em que são utilizadas: seja na literatura, no rádio, no cinema, na *internet* e na TV. Porém, em muitos casos, elas são consideradas como pequenos fragmentos/trechos que são veiculados como marcadores de transição, de iniciação ou finalização de um determinado conteúdo.

No que se refere ao meio televisivo, as vinhetas, de acordo com Balogh (2015), compõem um processo de extrema importância dentro das visualidades, pois são elas que antecedem, encerram e/ou transacionam os programas veiculados. Ainda, segundo a autora, para além de um “[...] elemento demarcador de limites, importante na vasta grade de programação, [a vinheta] representa [também] uma espécie de bula de leitura [...]” (p. 49), uma vez que fornece códigos aos telespectadores sobre o que será assistido.

Complementando, Batista (2018, p. 39) diz que as vinhetas apresentam “num curto espaço de tempo, elementos visuais da temática da narrativa. Elementos estes que podem estar todos explícitos ou em partes, variando de acordo com cada *design* e intenção”. Essas intencionalidades possuem como premissa a veiculação de fragmentos da narrativa que tem a intenção de trazer uma “identificação dos telespectadores à obra a ser assistida”.

Para Sousa (2016, p. 29), além de uma identificação, “as vinhetas [...] possuem também o papel de gerar elementos que instiguem a curiosidade, possuindo características persuasórias que são fundamentais para manter a atenção do usuário no que se está vendo”. Dessa forma, na análise das vinhetas presentes no quadro ‘*De volta para o meu aconchego*’, buscamos desvelar as intencionalidades, as informações e as significações que dão o tom à narrativa.

A vinheta se inicia com a fala do apresentador Gugu Liberato narrando fragmentos da história do participante com “ar” de dramaticidade, por vezes em alguns dos quadros é utilizado outro narrador e não o apresentador. Ao fundo ouve-se uma música instrumental, em uma harmonia bucólica/triste.

Após a breve fala sobre as dores e angústias dos participantes, são utilizados mecanismos visuais, conforme figura 05, para introduzir as falas dos participantes por meio de *frames* que carregam expressões de dores, angústias e sofrimentos. As veiculações desses *frames* das histórias de vida dos participantes dos quadros são mostradas em cartas (fragmento A da figura 05) ou em forma de álbum de fotografias (fragmento B figura 05).

A música melancólica continua ao fundo durante toda a exibição. Um *zoom* é dado entre uma imagem e outra e são exploradas partes da narrativa, sempre com muita comoção. Ao final de cada breve relato são utilizados tons escuros e a imagem fica estática.

**Figura 05-** Recursos Visuais utilizados nas vinhetas – Carta e Álbum de fotografia



**Fonte:** Print do vídeo veiculado na plataforma *Youtube*. Acesso em: 14 out. 2022

Seguido a essa fase introdutória, são apresentadas ao longo da vinheta, meios de transportes utilizados no processo de migração. Primeiramente é mostrado um ônibus, meio de locomoção amplamente usado por diversos migrantes nordestinos que se deslocam de suas terras de origem.

As viagens de ônibus, em muitos casos, têm uma duração em média de 3 a 5 dias, a depender do Estado de origem, tornando-a cansativa e perigosa. Em seguida, é apresentado um avião, meio de transporte em que o migrante irá retornar para sua localidade de origem, subsidiado pelo programa.

Tal veiculação motiva a reflexão sobre como, após anos de exploração e vulnerabilidades na cidade grande, os migrantes são “enviados” para casa de forma rápida, pois, uma viagem de avião dura em média 2 horas do destino final no Estado de origem, como forma de evidenciar que não são bem-vindos onde estavam e sua volta é simples de ser realizada.

Dando continuidade, os elementos figurativos dos meios de transportes são dispersos, indo em direção opostas (o ônibus vai e o avião vem). Ao final é introduzido um envelope de carta com o nome do quadro, conforme mostra a figura 06.

**Figura 06-** Vinheta de chamada do quadro – Meios de transportes



**Fonte:** *Print* do vídeo veiculado na plataforma *Youtube*. Acesso em: 14 out. 2022

A recorrência da imagem da carta e do álbum de fotografia ao longo da vinheta conduz ao entendimento de que o nordestino ao realizar o processo migratório não o faz sozinho, mas traz consigo sua história, suas memórias e saudades. Para tanto, a carta se configurou, ao longo do processo migracional, como um símbolo, sobretudo face a uma situação financeira precária e a falta de acessos tecnológicos – tanto do migrante na cidade de destino quanto a seus familiares na região de origem, sendo a principal forma de comunicação desses sujeitos por meio da qual se estabelecia os desejos, anseios e as frustrações inerentes ao fenômeno da migração).

Seguindo essa lógica, Federico Croci (2008) enfatiza o papel de destaque e o simbolismo das cartas nos processos migratórios ao afirmar que:

Entre todos os elementos que caracterizam o universo simbólico do fenômeno migratório, a carta é o que reúne um potencial evocativo e de fascínio de apelo excepcional, pelo simples fato de ser um documento privado e pessoal que, pelo menos virtualmente, nos transporta de improviso bem para o meio do evento emigração, permitindo-nos observar internamente alguns aspectos ou momentos, inclusive, particularmente íntimos, sob o ponto de vista dos protagonistas (Croci, 2008, p. 14-15).

Corroborando esse argumento, Duarte (2005b, p. 07) aponta que, após o processo migratório, [...] surge a necessidade de intercambiar informações sobre a situação de vida do sujeito na cidade grande”. Assim, as cartas, sobretudo a partir da década de 1970, funcionaram

como um mecanismo de extrema importância nos processos de informações entre os migrantes e seus familiares, configurando, muitas vezes, como o único meio de troca de informação, de enviar fotografias e manter a memória viva e do envio de dinheiro para ajudar os familiares, como bem apresentado no filme dirigido por Walter Salles e escrito por João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein: “Central do Brasil”<sup>29</sup> de 1998.

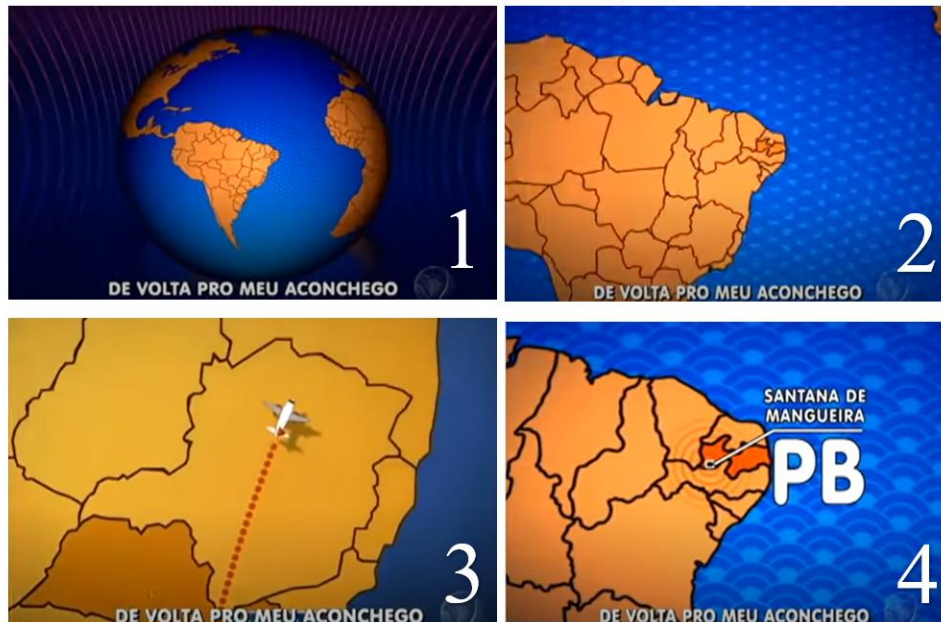
Por meio das cartas conjuntamente com o envio de fotografias os migrantes nordestinos, especialmente até a década de 1990, mantiveram suas memórias e o convívio com seus familiares. De acordo com pesquisas realizadas por Cinthia Silva e Heloisa Pait (2016, p. 72), “[...] os migrantes tanto enviavam quanto recebiam junto às cartas fotografias dos parentes e das casas dos parentes. As fotografias explicavam quem eram os filhos, quem havia se casado, como estavam as casas”. Destaca-se que ao longo dos anos, com as transformações ocorridas nos meios de comunicação, especialmente com o advento das tecnologias digitais, a usabilidade da escrita das cartas foi sendo, em muitos casos, substituída e as formas de interação entre os migrantes foi sendo ressignificada.

Outro recurso visual utilizado ao longo do quadro é a vinheta de geolocalização, figura 07. Essa visualidade é usada para demonstrar aos telespectadores para onde irá ocorrer o processo de migração de retorno dos participantes do quadro. Assim, é utilizado este artifício para demonstrar o caminho que será percorrido pelo migrante para voltar à sua cidade de origem. Essa vinheta varia de acordo com cada quadro, tendo em vista que cada participante é de uma determinada localidade de origem, conforme podemos observar na imagem 07, a seguir.

---

<sup>29</sup> O filme, sucintamente, conta a história de Dora, uma ex-professora que trabalha escrevendo cartas para pessoas analfabetas na estação de trem Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Sua vida muda quando conhece Josué, um menino de nove anos. No decorrer da trama, Dora ajuda Josué a encontrar seu pai, que ele nunca conheceu, após um acidente que matou sua mãe na cidade carioca. A jornada os leva pelo sertão nordestino do Brasil, enfrentando desafios e encontrando personagens diversos ao longo do caminho. "Central do Brasil" é um filme que aborda temas como redenção, amor, solidão e esperança. Foi muito elogiado pela atuação de Fernanda Montenegro, que foi indicada ao Oscar, em 1999, de Melhor Atriz pelo papel de Dora. O filme também recebeu críticas positivas por sua representação da diversidade cultural do Brasil e por sua narrativa tocante e humanista. É uma obra que explora as complexidades das relações humanas e os desafios da vida no Brasil contemporâneo.

**Figura 07-** Recursos Visuais de localização geográfica



**Fonte:** Print do vídeo veiculado na plataforma *Youtube*. Acesso em: em 14 out. 2022

A utilização desses recursos gráficos de localização geográfica funciona como rotas/percursos que direcionam o entendimento aos demais sujeitos de uma direção que deve ser seguida, ou seja, a volta para sua região de origem. Após esse recurso ser utilizado é focada a região de origem dos participantes.

Nesse momento é feita uma apresentação simples e objetiva da região de destino, sem uma exploração de fato das potencialidades daquela região. São apresentados, por exemplo, estradas, ruas, vilarejos e pessoas gritando por estarem sendo filmadas.

As vinhetas utilizadas no quadro *De volta pro meu aconchego* fornecem indícios para que o telespectador possa compreender a narrativa contida no quadro, pois veiculam signos e símbolos associados ao processo migracional, visto de forma rápida.

Assim, há nessas construções um “poder símbolo” (Bourdieu, 2006) que faz com que as pessoas não percebam as estratégias de convencimento presentes nesses recursos, que operam como formadoras de opiniões e direcionam para um entendimento coletivo sobre determinado assunto sem uma reflexão.

### **2.3 A construção das emoções na narrativa: *zoom*, trilhas sonoras, lágrimas e súplicas**

Os estudos acerca das emoções é relativamente novo e vem se solidificando no campo de estudo das Ciências Humanas e Sociais, sobretudo a partir do século XX, sobre diversas

perspectivas (Barreto, 2001; Coelho, 2003; Koury, 2003, 2004, 2005; Victora, 2011; Hochschild, 2013; Le Breton, 2013; Ahmed, 2014; Bispo, 2016; Batista, 2021, dentre outros).

Na concepção de Rezende e Coelho (2010), os estudos das emoções foram, de certo modo e ao longo da história, compreendidos e analisados como parte constituinte das dinâmicas sociais como um todo, não possuindo um *status quo* de objeto autônomo a ser estudado.

Segundo as autoras, as emoções “[...] embora se tornassem elementos da interação social, eram vistas como fatos ‘naturais’, realidades psicobiológicas que já eram dadas, a priori, e modificadas até certo ponto pela socialização em uma cultura específica” (Rezende; Coelho, 2010, p. 13).

Trazendo elementos iniciais sobre as reflexões em torno das emoções, Rezende e Coelho (2010) destacam os escritos de Georg Simmel, que discorreram sobre as emoções como um “estado subjetivo e não social”. Contudo, ambos os autores mostraram que as emoções são frutos do meio social e podem, de certo modo, produzir “efeitos significativos para as interações e a coletividade de modo amplo” (Rezende; Coelho, 2010, p. 13). Assim, a ambivalência entre as emoções, ora natural/biológica e social/produzida se estendeu por décadas.

Os estudos das emoções passaram a ter um escopo mais delimitado a partir da década de 1970, por meio de abordagens interpretativas. Rezende e Coelho (2010, p. 14) enfatizam que isso só foi possível por meio da mudança de noção de cultura que, em um primeiro momento, era vista como “padrões de comportamentos habituais e tradicionais” e passou a ser redefinida como um conjunto de “significados, transmitidas por símbolos e interpretadas de maneira específica de sociedade para sociedade”. Tal mudança desencadeou, na visão das autoras, novos estudos, tais como os de conceito de pessoa e *self*, bem como oportunizou novos debates sobre as emoções conjuntamente “com as esferas da moralidade, da estrutura social e das relações de poder” (Rezende; Coelho, 2010, p. 14).

Rezende e Coelho (2010, p. 14) apregoam que somente a partir da década de 1980 os estudos das emoções passaram a ser concebidos sob um viés realista, sendo tratados como “conceitos culturais que mediam e produzem a experiência afetiva”. Tal fato se deu a partir do momento em que os conceitos de pessoa e subjetividade foram concebidos como constructos sociais.

Para Catherine Lutz (1988, *apud* Rezende; Coelho, 2010, p. 14), as emoções, enquanto conceito, “implicam negociações sobre a definição da situação e sobre vários aspectos da vida social, devendo ser vistos como práticas ideológicas locais”. Assim, “as emoções passam a ser tomadas como um idioma que define e negocia as relações sociais entre uma pessoa e as outras” (Rezende; Coelho, 2010, p. 14).

Postulando sobre conflito entre indivíduo-sociedade, Rezende e Coelho (2010) argumentam que os estudos das emoções passam a ser bem mais estruturados a partir das contribuições de Marcel Mauss (1980), por meio de uma “exploração do modo como o obrigatório e o espontâneo entrelaçam-se na experiência emocional individual” (p. 44).

Na visão das autoras, Mauss (1980) avançou nas reflexões uma vez que seus estudos mostraram um “[...] caráter ritualizado da expressão dos sentimentos, que se acentua ou recua segundo momentos socialmente demarcados na sequência ritual, obedecendo, além disso, a uma estética comum” (Rezende; Coelho, 2010, p. 48).

A exemplos desse caráter ritualizado e sequencial observado por Maus (1980), temos os cultos fúnebres australianos. Nesses rituais, as expressões das emoções ali envolvidas, como o ato de chorar e de se portar, não estavam diretamente ligadas aos fenômenos fisiológicos e tampouco psicológicos, mas, especialmente, aos fenômenos sociais que ocorriam de forma espontânea e não obrigatórias. Nas palavras do autor:

[...] todas essas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo são mais do que simples manifestações, são sinais, expressões compreendidas, em suma, uma linguagem. Estes gritos são como frases e palavras. É preciso dizê-las, mas se é preciso dizê-las é porque todo o grupo as compreende. A pessoa, portanto, faz mais do que manifestar os seus sentimentos, ela os manifesta a outrem, visto que é mister manifestá-los. Ela os manifesta a si mesma exprimindo-os aos outros e por conta dos outros (Mauss, 1980, p. 332).

A partir das análises de Mauss, Rezende e Coelho (2010) afirmam que há um entendimento de que a natureza coletiva e ritualizada das expressões das emoções atesta para um “fato social”. Porém, entendendo que a expressão das emoções é de natureza externa aos sujeitos, não impossibilita as mais diversas espontaneidades uma vez que as emoções podem ser vivenciadas e vividas de maneira singular.

Isto posto, lançaremos um olhar para as emoções que são construídas na/pela narrativa presente no quadro *De volta pro meu aconchego*. A apresentação das análises partiu de um conjunto discursivo e imagético, constituído pelos enquadramentos (*frames*), pelo *zoom* e pelas músicas que, segundo Sádada (2007), auxiliam o expectador a compreender os acontecimentos, permitindo discutir determinados acontecimentos que passam despercebidos se tomados por sua totalidade.

Para tanto, as discussões aqui se direcionam a compreender como são construídas as emoções e, como estas, frequentemente, reforçam uma ideia de fragilidade com relação ao povo

nordestino. Nesse sentido, quando Batista (2019) reflete sobre as emoções na mídia televisiva, argumenta que:

[...] a mídia, em especial a televisiva, é [...] responsável pela difusão de informação passada para a sociedade brasileira, de modo que está, em grande parte, torna-se modeladora de condutas e pensamentos, sendo as programações estrategicamente formuladas para esta finalidade. Dessa forma, os programas [difundem] ideias massificadas e modos de lidar com as construções das subjetividades dos sujeitos. Programas como esses se constituem como mecanismos que legitimam certos padrões de sociabilidade e de vivência, e também contribuem [...] para a criação de um fantasioso “imaginário” (Batista, 2021, p. 24)

Nesse sentido, desde a abertura, as trilhas sonoras que compõem os quadros são escolhidas cuidadosamente para causar nos telespectadores sensações que variam da tristeza e compaixão à alegria. Depois da apresentação da vinheta, o quadro se inicia com a música, que dá o nome ao quadro, *De volta para o meu aconchego*, composta pelos nordestinos Dominginhos e Nando Cordel (1985), que em seus versos exaltam a migração de retorno de nordestinos que vivenciaram sofrimentos e amarguras em seus processos migratórios.

A letra dessa música traz elementos que possibilitam entender que os migrantes nordestinos não são “bem-vindos” e acolhidos na região de destino, São Paulo, além de narrar as alegrias da volta para a terra natal. Nesse sentido, voltar para a região de origem se configura como uma espécie de “retomada de sua dignidade”, como nos versos: “*a paz que eu gosto de ter*”, “*é duro ficar sem você, vez em quando parece que falta um pedaço de mim*”, “*me alegra na hora de regressar*”, “*na felicidade sem fim*”<sup>30</sup>.

No desenrolar das narrativas, as trilhas sonoras utilizadas são intercaladas entre momentos de alegria e melancolia. Nos momentos em que é apresentada a vida de sofrimento na região de destino, as músicas carregam um “ar” de tristeza e melancolia, causando nos receptores uma espécie de compaixão.

Entretanto, a trilha sonora se torna mais animada, especialmente quando se refere às questões de “ajuda” ou ao processo de regressar para as localidades de origem, dando a

---

<sup>30</sup> Música na íntegra : “*Estou de volta pro meu aconchego/ Trazendo na mala bastante saudade/ Querendo um sorriso sincero, um abraço / Para aliviar meu cansaço / E toda essa minha vontade / Que bom poder tá contigo de novo / Roçando teu corpo e beijando você / Pra mim tu és a estrela mais linda / Teus olhos me prendem, fascinam / A paz que eu gosto de ter / É duro ficar sem você vez em quando / Parece que falta um pedaço de mim / Me alegra na hora de regressar / Parece que vou mergulhar / Na felicidade sem fim*”. Para ouvir, acessar o link a seguir: [https://www.youtube.com/watch?v=b8-Tlroud78&ab\\_channel=Dominginhos-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=b8-Tlroud78&ab_channel=Dominginhos-Topic). Acesso em: 30 set. 2023.

impressão de que os problemas narrados no decorrer de todo o quadro serão resolvidos, causando um alívio e um sentimento de realização nos receptores.

Em todos os quadros, quando o apresentador chega à casa das famílias, a trilha sonora tem ares de dramaticidade, buscando trazer sentimentos que comovam os telespectadores em relação ao que está sendo veiculado, expressando uma situação deprimente.

Esse recurso é uma forma de colocar o apresentador Gugu Liberato, bem como o Programa de forma geral, como “salvadores”, os únicos capazes de mudar a realidade daqueles sujeitos, como podemos observar nas falas a seguir:

**Raimundo:** Gugu eu não estou acreditando que eu estou na minha casa, que Deus me deu, **a Record me deu, obrigado, por isso que vocês são felizes, vocês merecem, vocês ajudam pai de família, obrigado** (Q1)

**Mônica:** Nossa, quando bateram na porta que **eu não esperava que fosse ele [Gugu] naquele momento que eu abri a porta e como se eu tivesse vendo um anjo enviado por Deus**, eu só pensei nos meus filhos, tudo que eles passaram, todas as lágrimas, o sorriso que faltou, seria restituído tudo naquele momento, **naquela hora quando aquele homem passou pela aquela porta, meus Deus! Não tem palavras meu Jesus.** (Q2)

**Apresentador:** Nós todos da Record queremos que vocês tenham uma vida agora digna, e eu tenho certeza que condições para isso agora vocês têm [...] **Sebastião:** Muito obrigado senhor Gugu. (Q5)

Nos momentos de realizações, como no momento do anúncio da volta para cidade de origem, a chegada na região de destino, as “ajudas” com móveis, cestas básicas e as intervenções corporais são carregadas de músicas que possuem um alto astral, servindo como uma forma de transmitir aos telespectadores sentimentos de realizações.

O uso da musicalidade dentro da narrativa depende do sentimento que pretende ser causado em quem assiste. Para Cruz (2014, p. 16) “a música, portanto, dialoga com o telespectador, mesmo que, em alguns momentos, o receptor não tenha conhecimento real da sincronia e a produção de sentido no casamento entre sons e imagens”.

Observa-se que o drama de cada família é explorado ao máximo para gerar sentimentos de clemência, piedade, tristeza, angústia. Alguns excertos evidenciam essa discursividade:

**Reportagem:** Atualmente a família passa por muitas privações, mas Raimundo ainda consegue sonhar com uma volta para sua terra natal. [Bate na porta].

**Apresentador:** Eu estou procurando Raimundo. [Música ao fundo acompanhada por Choro].

**Reportagem:** Raimundo fica tão abalado que se ajoelha diante de Gugu.

**Apresentador:** Pelo amor de Deus levanta, levanta Raimundo, levanta, levanta, levanta, por favor, Raimundo levanta, levanta. Posso entrar?

**Raimundo:** Pode, pode.

**Apresentador:** Dá licença (Q1)

**Apresentador:** Mas eu estou achando que é assim, a família é muito bonita, está tudo muito bem, muito bom, mas eu estou achando a Maria muito triste. Por que você está triste assim, Maria, parece que eu cheguei aqui e você ficou mais triste ainda.

**Maria:** Não, eu estou feliz.

**Apresentador:** Eu cheguei aqui, fiz mal para você, você ficou com a cara fechada.

**Maria:** Fez bem.

**Apresentador:** Não fiz mal não?

**Maria:** Não (Q3)

**Apresentador:** Eu quero ver a família feliz. Dizendo assim, bem alto... como é, Passa e Fica né? Eu quero voltar para Passa e Fica.

**Maria José:** Eu quero voltar para Passa e Fica.

**Apresentador:** Mas que desânimo é esse, não dá, tem que ser animado, tem que ser feliz, com garra, com vontade. Eu quero voltar para Passa e Fica!

**Família:** Eu quero voltar para Passa e Fica!

**Apresentador:** Então vamos fazer as malas e vamos voltar. Vamos lá! (Q4)

**Apresentador:** É festa hein, choradeira, lágrimas só de alegria, tá bom, combinado?

**Ruth:** Combinado.

(Música) (Q5).

Ao explorar esses versos, são utilizadas diversas imagens que dialogam com todos os sentimentos expressos, como choros, gritos, súplicas, ajoelhar e desmaios, que evidenciam a corporalidade como parte das narrativas. A utilização de recursos e efeitos que deixam a imagem em preto e branco, *zoom*, *fades*<sup>31</sup> e câmeras lentas são utilizados para expressar ainda melhor os sentimentos e as necessidades dos participantes.

Para corroborar com os recursos descritos e trazer ainda mais comoção é utilizado o recurso de simulação de algumas histórias. Assim, atores e atrizes encenam alguns momentos reais passados pelos participantes do quadro com o intuito de trazer uma maior proximidade dos telespectadores com a narrativa. Esses momentos de encenação são, em grande maioria, os de maior sofrimento, que causam maior tristeza e compaixão.

As emoções, ao longo das narrativas, são compreendidas, portanto, como “ferramentas” de relações de poderes que operam como um mecanismo de micropolítica, hierarquizante

---

<sup>31</sup> Efeito de transição na edição de imagens. Desaparecimento e reaparecimento gradual de uma imagem ou de som, no cinema, televisão ou rádio.

possuindo um alto potencial de “dramatizar/ alterar/ reforçar a dimensão macrossocial em que as emoções são suscitadas” (Rezende; Coelho, 2010, p. 75).

Assim, no próximo tópico, corroborando com as questões ligadas as emoções, será discutido como o quadro *De volta pro meu aconchego* opera dentro da lógica da exclusão para inclusão.

## 2.4 ‘Excluir para Incluir’: as distorções presentes no quadro *De volta pro meu aconchego*

O quadro *De volta pro meu aconchego*, assim como menciona Batista (2018) em suas análises sobre outros quadros televisivos, está situado dentro da lógica da “inclusão pela exclusão”. Segundo o autor, os participantes destes quadros televisivos são expostos a uma série de processos vexatórios e humilhantes que os colocam em lugar de corpos abjetos, sem importância, voltados unicamente para o entretenimento. Ao longo das narrativas é exposta uma série de performatividade inusitada dos participantes, tais como:

**Apresentador Vitor:** É até delicado falar desse assunto, mas que não tinha banheiro, que vocês...

**Mônica:** É real e verdadeiro tudo que a gente viveu.

**Apresentador Vitor:** Faziam as necessidades numa sacola, é isso mesmo, você pode dizer?

**Mônica:** Verdade (Q2)

**Reportagem:** Quando fizemos a primeira visita para conhecer a família da Ruth ela passou muito mal por conta da forte emoção, mas para a chegada do Gugu nós nos prevenimos com uma ambulância.

**Apresentador:** Chama o médico aí gente [a participante se encontra muito emotiva, com feições de que irá desmaiar].

**Reportagem:** Com a chegada do médico Ruth parece ficar mais calma, agora ela vai conseguir explicar todo o drama que está enfrentando para Gugu (Q5)

A veiculação estigmatizante desses sujeitos oportuniza, assim como posto por Omote (2004), um processo de incorporação de pontos de vistas que são inferidos na/pela sociedade, colocando os sujeitos dentro de lógicas de enquadramentos que funcionam como mecanismos excludentes, tanto em espaços públicos, quanto nos privados. Portanto, ao longo do quadro *De volta pro meu aconchego* são veiculadas imagens e discursos que inferiorizam e anulam os sujeitos nordestinos, deixando protagonizar somente as questões que os depreciam.

Partindo destes apontamentos, o conceito de *habitus* proposto por Pierre Bourdieu (2011) é útil na análise das construções discursivas sobre os imigrantes nordestinos. O *habitus* é

entendido como um conjunto de práticas sociais transmitidas entre os grupos e que envolvem condutas e modos de ser, agir e comportar frente a uma determinada situação.

Sua eficácia se deve, sobretudo, pelo fato de expressar uma classificação da realidade, atuando primeiramente no plano discursivo da subjetividade; possuindo certa relação como a forma que a pessoa externaliza em suas práticas aquilo que lhe foi ensinado (ou passado de geração em geração), como resultado de um processo de socialização.

O *habitus* funciona como uma qualidade que orienta e dá sentido a uma classificação social, propiciando uma dada capacidade de discernimento imediato, “pré-reflexivo”, considerado como um atributo “natural” que é capaz de conduzir os sujeitos que estão em uma determinada posição na trama social aos bens, serviços e práticas coerentes com tais posições.

O *habitus* é resultante e tem como base contraposições duais (pensando estas dualidades dentro de uma gama de possibilidades que não necessariamente seus polos extremos) entre classe dominante e dominada. Suas referências são, por exemplo, oposições entre refinado *versus* grosseiro, leve *versus* pesado, útil *versus* inútil, único *versus* comum, bem-vindo *versus* indesejado, entre outras.

Essas relações duais, entendidas como “relações de poderes”, são instituídas dentro da mesma classe, seja estas dominantes ou subalternas. Dessa forma, mesmo dentro da classe dominante, existe um conjunto de *habitus* que difere os sujeitos, colocando-os em hierarquias sociais, mais “favoráveis” entre seus pares (Bourdieu, 2011).

A partir das contribuições de Bourdieu, Maria da Graça Setton (2002) concebe o conceito de *habitus*, como sendo:

[...] um instrumento conceptual que [...] auxilia pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores, e a subjetividade dos sujeitos. Trata-se de um conceito que, embora seja visto como um sistema engendrado no passado e orientando para uma ação no presente, ainda é um sistema em constante reformulação. *Habitus* não é destino. *Habitus* é uma noção que [...] auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. *Habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. Embora controvertida, creio que a teoria do *habitus* [...] habilita a pensar o processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo (Setton, 2002, p. 61).

Para tanto, ao refletirmos sobre as construções discursivas e imagéticas sobre os processos migratórios de nordestinos na mídia, estamos falando sobre identidades, e que, de certo modo, são impactadas a partir dessas construções que se encontram presentes no quadro em análise.

Assim sendo, Denys Cuche (2002, p.177) afirma que há uma força dúbia que, ao mesmo tempo, inclui e exclui os sujeitos no interior das trocas sociais simbólicas. Para o autor, “a identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. [...] Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social”; porém, existem veiculações de padrões de identidades, focados em estereótipos construídos socialmente, que fazem com que os indivíduos não se reconheçam dentro desse sistema, o que Cuche denomina como “exo identidade”.

Para Cuche (2002, p. 183), as identidades são dinâmicas e não podem ser fixadas e vistas como homogêneas, pois possuem um caráter de alteridade e, nessa lógica, “não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em relação dialética. A identificação acompanha a diferenciação”.

No caso dos migrantes nordestinos, a partir dos discursos que são projetados no/pelo quadro, eles terão em maior ou menor grau um “exo identidade”. Afinal, as construções narrativas que envolvem estereótipos, com seus jogos de poder e preponderância de uma classe dominante (burguesa, branca e localizada na região sudeste) impactam e estigmatizam os grupos “minoritários”, pois possibilitam a construção de identidades negativas (Cuche, 2002).

De acordo com Niels Lund *et al.* (2018), as diferentes facetas das mídias funcionam como mecanismos de veiculação de padrões que atingem um elevado número de sujeitos e estimulam a circulação de imaginários. Os autores enfatizam que as mídias funcionam como espaços de autorepresentações, nas quais os sujeitos assumem certas vivências sociais que moldam uma imagem distorcida e fragmentada.

Osakwe (2019) pondera que as interferências das representações na criação de estereótipos ou nas lógicas de enquadramentos compõem um *modus operandi* que funciona como eficientes mecanismos na criação de “imaginários sociais”. Dessa forma,

O Nordeste é tema recorrente nas pautas da mídia, sobretudo a televisão. Com pautas elaboradas a partir de noções pré-construídas, a mídia repete/transforma sentidos historicamente fabricados. Num momento em que a seca é uma problemática que se perpetua há séculos nessa região tornando-se centro do campo discursivo, nos propormos analisar como aquele discurso recorrente, das imagens do retirante, da terra castigada pela aridez, permanece de modo fragmentário no processo de produção [...]. (Dantas; Gomes, 2008, p. 1).

Nesse sentido, Gill e Baker (2019) contribuem para a reflexão sobre a imagem do Nordeste e do nordestino na mídia televisiva brasileira, destacando como esta permanece

saturada de estereótipos que prejudicam a autopercepção dos sujeitos e limitam sua vivência social.

Assim, quando tais estereótipos e representações negativas sobre esses sujeitos são veiculadas na rede nacional de televisão, elas poderão impactar significativamente as experiências desses sujeitos, fomentando mais preconceitos como iremos discutir, no capítulo a seguir, sobre as veiculações dos processos migratórios de nordestinos em materiais jornalísticas *on-line* no decorrer da pandemia da Covid-19.

**CAPÍTULO 3**  
**EXPRESSÕES DA “QUESTÃO SOCIAL” EM PROCESSOS MIGRATÓRIOS DE**  
**NORDESTINOS NA PANDEMIA DA COVID-19 EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS**  
**ON-LINE**

*O que mais dói não é sofrer saudade  
Do amor querido que se encontra ausente  
Nem a lembrança que o coração sente  
Dos belos sonhos da primeira idade.*

*Não é também a dura crueldade  
Do falso amigo, quando engana a gente,  
Nem os martírios de uma dor latente,  
Quando a moléstia o nosso corpo invade.*

*O que mais dói e o peito nos oprime,  
E nos revolta mais que o próprio crime,  
Não é perder da posição um grau.*

*É ver os votos de um país inteiro,  
Desde o pracião ao camponês roceiro,  
Pra eleger um presidente mau.  
(Patativa do Assaré: O que dói mais)*

Neste capítulo<sup>32</sup>, tem-se como proposta refletir sobre as expressões da “questão social” e sobre as discursividades dos processos migratórios de nordestinos em tempos de pandemia da Covid-19 presentes em matérias jornalísticas *on-line*. Buscou-se trazer apontamentos atuais sobre um grupo social historicamente marginalizado, procurando compreender, em meio a uma crise sanitária mundial, como esses sujeitos continuam sofrendo diversas expressões da “questão social”, agravadas pela pandemia, como preconceitos e violações de direitos, e que, por vezes, acabam sendo naturalizadas na sociedade.

A “violência simbólica” é entendida como uma violência que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (Bourdieu, 2003, p. 7-8).

Outrossim, a concepção de vulnerabilidade social, além das questões atreladas à renda, configura-se como as fragilidades e a desproteção social enfrentadas pelos sujeitos em termos

---

<sup>32</sup> Este capítulo foi publicado como artigo no periódico científico denominado *Revista Temática* (ISSN 1807-8931), vinculado à Universidade Federal da Paraíba. Link de acesso à publicação: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/63766>

de vínculos afetivos-emocionais, desigualdades de acesso a bens e serviços públicos que, em certa medida, levam os sujeitos a serem negligenciados na sociedade por se configurarem como grupos à margem social (Carmo; Guizardi, 2018).

Dessa forma, buscou-se investigar e problematizar as narrativas jornalísticas que constroem discursividades culpabilizatórias sobre os migrantes nordestinos em tempos de pandemia da Covid-19. Compreende-se que se trata de um assunto que merece ser problematizado à medida que tais discursividades parecem uma forma de potencializar um estigma (Goffman, 1980) que alimenta um ciclo de violências contra esses sujeitos, como já explorado no capítulo 2.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 11 de março de 2020 foi declarada, formalmente, a pandemia por coronavírus (*SARS-CoV-2*) causador da doença Covid-19<sup>33</sup>, que se proliferou rapidamente pelo mundo, causando impactos significantes na área da saúde e em diversas economias mundiais e no mercado de trabalho (Costa, 2020).

Seus impactos podem ser observados pelas altas taxas de mortalidade que colocaram todos em alerta no que tange aos aspectos ligados à saúde. Além dos efeitos ligados à saúde e ao bem-estar, a pandemia impôs mudança de hábitos e comportamentos. Governos foram obrigados a impor restrições e levantar barreiras sanitárias na tentativa de controlar o trânsito dos indivíduos, com a finalidade de redução das taxas de infecção, dentre as diversas outras medidas para tentar diminuir o número de contágio (Freitas, *et al.* 2020b).

Diante da complexidade e dos diversos desdobramentos acerca da pandemia da Covid-19, podemos observar tal fenômeno sobre diversos prismas. Porém, são urgentes e necessárias reflexões sobre os processos de mobilidade humana, sobretudo dos sujeitos nordestinos que é [e foi] um grupo social tão marginalizado historicamente, e que sofreu impactos drásticos com relação ao contexto da pandemia (Silva, 2016a; Noronha, *et al.* 2019).

Assim, o presente capítulo apresenta a seguinte reflexão: quais são as discursividades relativas aos processos de mobilidade de nordestinos em tempos de pandemia da Covid-19 na mídia jornalística *on-line* brasileira?

Após a consolidação das categorias analíticas, a partir da exploração dos materiais apresentados na parte metodológica, o estudo foi dividido em duas categorias analíticas, sendo a primeira categoria denominada: Desemprego face à pandemia da Covid-19 e a volta para região de origem, e a segunda categoria como: Culpabilização e estigmatização do aumento do contágio da Covid-19 a partir do retorno para a região de origem, mas que, por vezes, se

---

<sup>33</sup> Vírus transmitido, principalmente, por gotículas geradas por pessoas infectadas quando tosse ou espirram – primeiros casos da doença foram notificados em Wuhan, na China, em dezembro de 2019.

intercambiam tento em vista que se trata de fenômenos que possuem os mesmos desdobramentos.

### **3.1 Desemprego face à pandemia da Covid -19 e a volta para a região de origem**

A crise acerca da pandemia da Covid -19 tem sido analisada sob diversos prismas, como sanitário, psicológico, social, econômico (Paes-Sousa, *et al.*, 2020; Werneck; Carvalho, 2020; Nunes, 2020). Contudo, um dos temas de maior debate é como esse fenômeno tem atingido diretamente o mundo do trabalho, formal ou informal (Silva, 2020a; Costa, 2020).

Embora todos os países que vivenciaram a pandemia tenham passado por problemas em níveis distintos, os efeitos dessa crise foram ainda mais devastadores e perversos em países emergentes, como o Brasil.

Alysson Mascaro (2020), na obra *Crise e Pandemia*, destaca que a pandemia ocasionada pelo Covid-19 não foi resultante apenas de fatores biológicos, mas sim de contornos destrutivos traçados pelo próprio sistema capitalista. Segundo o autor, sob os auspícios da pandemia, o sistema intensificou e transformou a vida em mera mercadoria, condicionando-a a determinantes históricos e a contextos sociais. Somado a isso, o autor aponta que o desemprego, as condições precárias/degradantes de habitação de muitos sujeitos dificultaram (ou não permitiram) que as medidas de proteção impostas fossem seguidas. Adicionalmente, as superlotações nos transportes públicos para quem precisa trabalhar e o progressivo sucateamento do sistema de saúde pública, compõem as condições históricas inerentes a esse modo de produção. O autor ainda destaca que tal realidade foi, ao longo de todo o curso pandêmico, negligenciada pelo governo de Jair Messias Bolsonaro, então presidente da república.

Corroborando com Mascaro (2020), Ricardo Antunes (2022), na obra *Capitalismo pandêmico*, enfatiza que os efeitos da pandemia se deram de maneiras desiguais e distintas, sobretudo sob a perspectiva de classe.

Antunes (2022) enfatiza que os detentores do capital, por inúmeras vezes, desqualificaram as medidas de proteção, minimizaram os sintomas/efeitos da doença e se apoiaram na prescrição de medicamentos com ineficiências. Além disso, criaram pânicos morais em relação à vacina, para intensificar e manter o sistema capitalista em curso em meio à pandemia. Nas palavras do autor há “[...] um claro caráter discriminatório em relação às classes sociais, pois sua dinâmica é muito mais brutal e intensa para a humanidade que depende do próprio trabalho para sobreviver” (Antunes, 2022, p. 22).

Nesse sentido, o autor ainda aponta e nos faz refletir que os principais índices de letalidade causada pela Covid-19 se deram nas periferias brasileiras e entre trabalhadores negros e trabalhadoras negras, além de diversas povos originários, ou seja, precisamente a população mais pobre e vulnerável de nosso país, que muitas das vezes trabalham de forma informal e representam os maiores índices de desemprego (Antunes, 2022). Para tanto, concordamos com o autor quando afirma que:

[...] a pandemia ajudou a desnudar também a falácia daquilo que o empresariado denomina eufemisticamente “empreendedorismo”, esse novo vilipêndio ideológico do capital que serve tanto para mascarar e obliterar as relações de assalariamento, como para esconder outra evidência cabal, dado que o capitalismo virótico não dispõe nem mesmo de uma política social mínima para amenizar o sofrimento dos desempregados (Antunes, 2022, p. 34).

Nesse sentido, é importante ressaltar que os aspectos estruturais na sociedade brasileira se tornaram ainda mais complexas durante a pandemia.

De acordo com análises e projeções realizadas por Fernando Freitas *et al.* (2020b, p. 21), numericamente, a perda de empregos/postos de trabalhos no decorrer da pandemia da Covid-19 atingiu um número superior a 510 mil postos de trabalho no setor da agropecuária; 20,5 mil postos na indústria extrativista de mineração; 1 milhão na indústria de transformação; 637 mil na construção civil; 2 milhões no comércio, dentre outros setores da economia nacional.

Simone Costa (2020) enfatiza que a pandemia atingiu com maior intensidade alguns grupos sociais que viviam situação de “vulnerabilidade social” como os que viviam na informalidade, os residentes em zonas periféricas e rurais, os que possuíam rendimentos abaixo de um salário mínimo, os que não possuíam acesso ao saneamento básico, água potável, moradia, sistema de saúde, e os migrantes de forma geral.

Delmira Silva *et al.* (2020b, p. 133) enfatiza que o Brasil, assim como outros países, demonstrou não possuir estrutura para o enfrentamento da doença. Em consequência, milhares de pessoas encontraram-se desamparadas, o que gerou uma catástrofe socioespacial”.

Em relações aos migrantes nordestinos (embora não seja uma exclusividade desses), que se encontravam, em grande parte, dentro de situação de “vulnerabilidade social”, como mostrado por Costa (2020), vivenciaram um cenário alarmante e caótico.

As reportagens do *Estado de S. Paulo*, do *Portal G1* e *Revista Época* (C01, C02 e C03, respectivamente), mostram que essas pessoas foram, deliberadamente, afetadas pela crise pandêmica que assolou o país em decorrência da pandemia da Covid-19.

Além dos fatores que impactaram a realidade desses sujeitos em seus destinos de migração, como falta de emprego, baixa escolarização, carência de redes de apoio, estigmatização, em grande parte, como “supostamente quase sempre “pobre”, “de baixa instrução”, e sem “perspectivas sociais”, [de serem] vistos apenas como um problema” (Cassaniga, 2018, p. 30); com a crise da pandemia da Covid-19, tais condições se tornam ainda mais intensificadas, fazendo com que a maioria desses sujeitos tivesse que regressar para suas cidades de origem, sem apoio financeiro e em “*transportes clandestinos*”, assim como enfatizado na chamada jornalística da reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Para compreender essa situação, é importante pensar na realidade dessas pessoas, considerando aspectos que vão além da crise pandêmica que tem assolado o país e exacerbado ainda mais as desigualdades sociais presentes em nosso território. Esses sujeitos ao migrarem para outros destinos, em especial o eixo Rio-São Paulo, já sofrem diversas violências e desigualdades, que talvez possam explicar como a crise da pandemia da Covid-19 tenha os afetado de forma mais intensa.

De acordo com Edson Marinelli (2007), ao se deslocarem de seus Estados de origem, os migrantes, em vários casos, passam por dificuldades para se fixarem na região de destino, tais como: falta de rede de apoio e de vínculos afetivos, nível de instrução baixo, falta de emprego predeterminado e moradia incerta.

Por meio de um emprego, muitas vezes subalterno e/ou informal, buscam alugar imóveis e construir moradias em lugares periféricos das grandes metrópoles. Outrora, essa busca tinha mais possibilidade de se efetivar, se configurando como um “trampolim” emancipatório para que eles pudessem viver na região de destino.

Contudo, em face do aumento do desemprego, que já assolava o país antes da crise pandêmica e que se intensificou a partir desta, acrescido das precárias condições de vida vivenciadas no local de destino, tais situações se intensificaram em pobreza. Assim, o aluguel e a construção de moradias em lugares periféricos acabam deixando de ser uma opção, pelos custos que devem ser redirecionados para outras necessidades, como alimentação e envio de dinheiro para a família.

Esses migrantes, em grande parte, acabam residindo em cortiços, casas coletivas, dentre outras formas de habitação precárias e sem infraestrutura e saneamento básico, afastando-se cada vez mais de seus locais de trabalho e dos centros urbanos (onde poderiam buscar por oportunidades). Assim, esses migrantes acabam vivenciando uma série de violências e vulnerabilidades (Marinelli, 2007). Outros, por vezes, preferem regressar para sua cidade de origem.

Um aspecto importante desta realidade é que muitos migrantes, especialmente os que não conseguem outra forma de moradia e tampouco regressar para suas cidades de origem, vivenciam situações de rua com suas famílias. De acordo com a reportagem do portal da CNN (2022), houve um aumento de 31% de pessoas em situação de rua no estado de São Paulo (24.344 em 2019 para 31.884 em 2022), caracterizando um aumento de 7.540 pessoas vivendo em condições sub-humanas.

Os dados da pesquisa mostram que: 96,44% das pessoas nessa condição eram brasileiros natos e apenas 3,56% era composta por estrangeiros. Dos brasileiros, 40,94% eram de outros estados do Brasil, sobretudo da região Nordeste (BA e PE), e Sudeste (MG).

Corroborando essa informação, Marinelli (2007) enfatiza que:

É grande o número de pessoas que diariamente chegam a São Paulo, tendo como origem cidades dos Estados do Nordeste. Entretanto, o sonho de uma vida melhor, que trazem ao chegar na grande metrópole, pode não se tornar realidade. Muitos insistem e não querem voltar com a sensação de derrota; outros preferem aceitar que aqui vivem melhor que lá, e há aqueles que acreditam que podem vencer e se preparam para isso (Marinelli, 2007, p. 09).

Ao se deslocarem de sua terra natal para as grandes cidades, os migrantes nordestinos levam consigo a ideia de melhorar de vida e a esperança de dias melhores. Uma vez em São Paulo ou outros estados, as dificuldades enfrentadas na concretização de seus projetos de vida mostram que há uma força dúbia, de atração e repulsão.

De um lado, os centros urbanos atraem os migrantes, movidos pelas ideias de progresso, de uma vida melhor, de boa empregabilidade e oportunidades variadas. Por outro lado, os expulsam, alegando que não são produtivos e qualificados, constituindo um “problema social”.

Além da expulsão compulsória e deliberada, há a necessidade, em grande parte, de tais estigmas serem veiculados nos meios de comunicação, como um alerta a possíveis migrantes de que são indesejáveis, buscando convencê-los a permanecerem em seus “devidos lugares”.

Os discursos veiculados nas manchetes de jornais, que por vezes são entendidos como meramente notícias informativas, podem ser analisados como retóricas discriminatórias e de ódio, pela exacerbação e demarcação de grupos sociais específicos, em um fenômeno que atinge qualquer outro migrante (não só os nordestinos, como enfatizado em ambas as manchetes).

Trata-se, portanto, de uma conduta “punitiva”, “agressiva” e “disciplinadora”. O objetivo dessas manchetes sensacionalistas e direcionadas a atores sociais específicos – migrantes nordestinos – tendem a buscar a manutenção da ordem e das relações de poder que inferiorizam e estigmatizam esses sujeitos.

### **3.2 Culpabilização e estigmatização do aumento do contágio da Covid-19 a partir do retorno para a região de origem**

Podemos ainda observar nas matérias jornalísticas que os migrantes nordestinos, além das violências sofridas dentro do processo de mobilidade territorial, ao retornarem aos seus locais de origem sofrem uma culpabilização e estigmatização pelo aumento dos casos da doença em seus municípios, como podemos observar nas chamadas das notícias C04, C05 e C06, respectivamente.

Retomemos à questão dos estigmas e estereótipos sofridos pelos migrantes nordestinos para que possamos compreender como a culpabilização se configura como uma forma de “violência simbólica” (Bourdieu, 2003).

Barbalho (2004) enfatiza que as definições das identidades do povo nordestino, e por finalidade do Nordeste (assim como qualquer grupo), não são algo natural, dado, imutável ou geográfico. Segundo o autor, trata-se de uma questão sociocultural, resultado de interesses que, em grande parte, convergem em uma tentativa de dominação, separação, superioridade com diferentes propósitos, dentre eles o de se firmar alianças.

Essa ideia é corroborada por Albuquerque Júnior (1999, p. 21) quando apregoa que “o próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondente”. Nesse contexto, marcado por questões históricas, sociais e políticas que as imagens estereotipadas e estigmatizantes do povo nordestino é instituída, tais como: paraibano, baiano (como uma identidade unificada do povo oriundo do Nordeste), sertanejo, cangaceiro (apoio em imagens de figuras populares, como Lampião e Maria bonita), retirante, cabeça-chata, ignorante (em oposição ao homem “civilizado” e educado do Sul-Sudeste do Brasil), dentre outras formas pejorativas.

Como enfatizado por Yane Silva (2016a, p. 35), esses estereótipos e estigmas em relação aos nordestinos “[...] trazem a marcação de outros preconceitos como o racial e de classe, transversais na formação cultural colonial brasileira”. Assim, ao serem culpabilizados pelo aumento do contágio da Covid-19 em suas regiões de origem, a partir do processo de migração de retorno, esses sujeitos acabam por sofrer uma intensificação dos estigmas que já sofrem diariamente.

Contudo, devemos nos questionar sobre o seguinte ponto: será mesmo que os migrantes de retorno são os únicos responsáveis pelo aumento da Covid-19 na região? De acordo com estudos realizados por Natália Marinelli *et al.* (2020):

Os resultados evidenciaram que a evolução inicial da epidemia de COVID - 19 ocorreu de forma distinta nos estados da região [...]. **Nesses estados, assim como em quase todas as capitais do Nordeste, encontram-se os principais destinos turísticos que atraem visitantes de todo o Brasil e de outros países. O fluxo de turistas para essa região na alta temporada, incluindo os feriados de Natal, Ano Novo e Carnaval, pode ter contribuído para a introdução do SARS-Cov-2 e sua consequente disseminação. Ainda que os primeiros casos de COVID-19 tenham sido registrados a partir de março, é provável que a contaminação tenha ocorrido há, pelo menos, 14 dias antes, coincidindo com o período de grande fluxo de turistas em aeroportos, rodoviárias e espaços com aglomeração de pessoas, próprio do Carnaval** (Marinelli, et. al.; 2020, p. 03 – grifos nossos).

Corroborando os apontamentos de Marinelli (2020), verifica-se na chamada da reportagem publicada no Estadão, na coluna sobre Economia & Negócios, que a região Nordeste foi uma das mais procuradas para se passar o verão no decorrer de uma pandemia que assolou toda uma nação.

Assim, pode-se pensar que o processo de migração de retorno de nordestinos para seus Estados de origem não é o único fator que pode contribuir para o aumento do contágio do vírus nessa região, tendo em vista que a localidade foi destino turístico de diversos brasileiros e estrangeiros, conforme podemos observar na chamada C7 do quadro 03, a seguir.

**Quadro 03** – Chamada sobre o Nordeste ser um dos destinos mais visitados na pandemia

<b>Identificação o da Chamada</b>	<b>Chamada principal da matéria</b>	<b>Segundo plano de informações da chamada da matéria</b>	<b>Local de publicação o da matéria (on-line)</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Link para acesso</b>
C07	Nordeste desponta como destino favorito no verão da pandemia	Já os outros destinos nordestinos são capitais estaduais, com a malha aérea, mas desenvolvida. Em casa. Com a pandemia, as pessoas mais	Estadão	12 janeiro de 2021	<a href="https://economia.estadao.com.br/blogs/coluna-do-broad/nordeste-desponta-como-destino-favorito-no-verao-da-pandemia/">https://economia.estadao.com.br/blogs/coluna-do-broad/nordeste-desponta-como-destino-favorito-no-verao-da-pandemia/</a> . Acesso em: 27 de janeiro de 2021.

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2022).

Nesse sentido, a partir da manchete do quadro 02, observa-se que culpabilizar um grupo social específico e historicamente estigmatizado é reafirmar um discurso de ódio, de intimidação e de “poder” (Foucault, 1987) perpetrado no seio de nossa cultura, ainda que de forma isolada e pontual a partir de um fenômeno específico, que poderá reverberar em outras violências a esses migrantes em seus Estado de origem.

A veiculação das informações sobre o povo nordestino e o Nordeste, de forma estereotipada e estigmatizante, não é algo novo e recente. São táticas usadas há anos como forma de uma manutenção de lugares sociais pré-fixados, ou seja, a visão de um Nordeste atrasado, carregado de misérias, de pedintes e com uma população sofrida, contribuindo para uma perpetuação de discursividades estereotipadas sobre a região e os sujeitos, fixando ideologias que prevalecem ideais de uma região vitimizada, mesmo que essa região possua uma diversidade cultural significativa e um pleno desenvolvimento.

A partir de seus estudos com materiais jornalísticos, Silva (2010, p. 182) enfatiza que há uma persistência nas veiculações midiáticas em relação a esse grupo social. O autor aponta que são discursos violentos que “[...] emergem em uma comunicabilidade que não apenas demarca o mapa que define os participantes da modernidade do Brasil e os *outsiders* [...]”, mas os “[...] sujeitos que habitam o território da exclusão e do não-humano e conferem, frequentemente, sob o signo da dor e da abjeção”.

Ademais, enfatiza-se que se buscou com esse estudo refletir sobre as discursividades dos processos migratórios de nordestinos em tempos de pandemia da Covid-19 pelo jornalismo *on-line*, enfatizando como esse veículo é carregado de notícias sensacionalistas.

De acordo com Luiza Berti *et al.* (2020, p.153-154), tais narrativas se baseiam em um conjunto discursivo “[...] que impregna nos conteúdos um certo exagero e melodramas: a notícia estabelece estereótipos do bem *versus* o mal, num confronto maniqueísta, que extrapola a realidade”; culpabilizando e responsabilizando os sujeitos nordestinos pelas diversas situações vexatórias apresentadas ao longo do texto e na sociedade capitalista que gera uma série de desigualdades.

**CAPÍTULO 4**  
**POLARIZAÇÕES POLÍTICAS NAS REDES SOCIAIS *ON-LINE* EM CONTEXTOS**  
**ELEITORAIS DOS ANOS DE 2018 E 2022: O NORDESTE E OS “*OUTROS*”**

*Tendo por berço o lago cristalino,  
 Folga o peixe, a nadar todo inocente,  
 Medo ou receio do porvir não sente,  
 Pois vive incauto do fatal destino.*

*Se na ponta de um fio longo e fino  
 A isca avista, ferra-a inconsciente,  
 Ficando o pobre peixe de repente,  
 Preso ao anzol do pescador ladino.*

*O camponês, também, do nosso Estado,  
 Ante a campanha eleitoral, coitado!  
 Daquele peixe tem a mesma sorte.*

*Antes do pleito, festa, riso e gosto,  
 Depois do pleito, imposto e mais imposto.  
 Pobre matuto do sertão do Norte!  
 (Patativa do Assaré: O peixe)*

Neste capítulo são discutidas e analisadas as questões relativas às disputas polarizadas travadas nas eleições presidenciais dos anos de 2018 e 2022 no Brasil. Buscou-se identificar as ressonâncias discursivas destes contextos em torno da região Nordeste e dos sujeitos nordestinos nas redes sociais *on-line*. Para tanto, inicialmente é esboçado um panorama sobre as crescentes ondas do neoconservadorismo que se instaurou e intensificou no Brasil, sobretudo a partir do ano de 2016 com o golpe de Estado sofrido pela então presidenta da República a senhora Dilma Rousseff.

Tal fenômeno já vinha sendo arquitetado desde 2013 com as reivindicações do aumento das passagens na cidade de São Paulo (SP), com as manifestações que ficaram conhecidas como *Jornadas de Junho*<sup>34</sup>; e as diversas acusações de má gestão dos governos petistas que se atenuaram no ano de 2015 e se desdobraram nas manifestações que ficaram conhecidas como

---

<sup>34</sup> As Jornadas de Junho de 2013 foram uma série de mobilizações de massa que ocorreram simultaneamente em diversas cidades nas cinco regiões do Brasil, que reivindicavam, entre outras coisas, a tarifa zero nos transportes públicos, o fim da violência policial e maiores investimentos nos serviços públicos. Estas manifestações podem ser consideradas como a primeira insurreição popular de proporções verdadeiramente nacionais no país. Durante essas jornadas, as mobilizações chegaram a contar com cerca de 89% de apoio da população brasileira. Embora os maiores atos de rua deste período tenham ocorrido no mês de junho, as massivas mobilizações também aconteceram ao longo do ano, em diversas cidades, tendo um novo ponto alto no mês de outubro. Para saber mais, ler o texto: *Das jornadas de junho, de 2013, aos protestos de março, de 2015: distintas formações discursivas*. Disponível em: < <https://www.sinteseeventos.com/site/iassc/GT1/GT1-13-Marcos.pdf> >. Acesso em: 01 set. 2023

*Protestos de março*<sup>35</sup>. Em seguida, são exploradas as veiculações discursivas/imagéticas nas redes sociais *on-line*, buscando compreender como esse espaço virtual serviu de “campo de combate” entre “esquerda e extrema-direita”<sup>36</sup>, e, por conseguinte, ressoavam uma série de preconceitos, estereótipos e estigmas contra os sujeitos nordestinos e a região Nordeste.

#### 4.1 Uma “onda” Neoconservadora em meio a “dois Brasis”

Diversos autores apontam que o neoconservadorismo é uma corrente ideológica que surgiu no período posterior à Segunda Guerra Mundial, tendo como marco os anos de 1960 e 1970, especialmente no contexto Norte Americano<sup>37</sup>, que se proliferou de forma categórica para outras nações (Clarke; Newman, 1997; Afonso, 1998; Apple, 2000; Moll, 2010; Moll 2015; Barroco, 2015, dentre outros).

As características que marcaram este contexto se estruturam, segundo Gomes (2019), em “teorias das conspirações” que se solidificam sobre um prisma dualista: de um lado os

---

<sup>35</sup> Os protestos de março de 2015 foram grandes manifestações em todo o país. A agenda de discussão era notavelmente diferente daquela de 2013, devido a uma acirrada disputa presidencial que havia colocado a governabilidade do Brasil em “xeque”, com duas principais frentes políticas: uma defendendo a permanência da presidente eleita nas urnas, Dilma Rousseff, e outra propondo seu impeachment. As alegações deste protesto tinham como fundamentos, em linhas gerais, uma má gestão do governo PT e acusações de pedaladas fiscais da então presidente da república, fato que já foi apurado e tido como inverídico. Após meses de noticiários tumultuados, a presidente foi afastada em maio e perdeu seu mandato em 31 de agosto de 2015. Para saber mais, ler o texto: *Das jornadas de junho, de 2013, aos protestos de março, de 2015: distintas formações discursivas*. Disponível em: <<https://www.sinteseeventos.com/site/iassc/GT1/GT1-13-Marcos.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2023

<sup>36</sup> Silva e Moraes (2019), embasados no pensamento de Norberto Bobbio, compreendem a direita e a esquerda como termos opostos que têm uma existência de mais de duzentos anos, com o propósito de contrastar ideologias, pensamentos e ações políticas em um determinado período histórico e social. Portanto, na visão dos autores, são termos mutuamente antagônicos, no sentido de que não é possível adotar posições políticas de direita e esquerda. Na perspectiva de Bobbio (1995, p. 33), a “Esquerda” e a “Direita” indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja soluções pertencem habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesse e de valorações (*valutazion*) a respeito da direção a ser seguida pela sociedade, contrastes que existem em toda sociedade [...]”.

<sup>37</sup> Após a Independência das Treze Colônias em 1776, o modelo republicano foi adotado nos Estados Unidos. O Partido Federalista deu origem ao Partido Republicano, que representava o Norte do país, com ênfase no trabalho livre assalariado, pequena propriedade e atividade industrial. Por outro lado, o Partido Democrata evoluiu a partir do antigo Partido Republicano Jeffersoniano, com forte presença no Sul, associado ao sistema econômico agrário e escravocrata, e grande propriedade privada. Após a Guerra Civil Americana (1861-1865), que resultou das diferenças Norte-Sul, os EUA passaram por mudanças econômicas, sociais e políticas. Isso levou à migração de membros do Partido Democrata conservador para o Partido Republicano, tornando o Partido Democrata progressista e alinhado à esquerda política a partir dos anos 1920 e 1930 (Tota, 2008). A partir da segunda Guerra Mundial (1945) e com a consolidação dos EUA como a principal potência mundial, os partidos começaram a ter uma demarcação política bem clara e delimitada de seus posicionamentos, assim, o Partido Republicano passou a ser conhecido como uma entidade conservadora, particularmente associada ao sul do país. Este partido defende a redução da intervenção do governo em assuntos econômicos, enfatizando a importância da moralidade em questões domésticas. Em contraste, o Partido Democrata foi se estruturando como progressista, apoiando um papel mais ativo do governo na economia por meio de programas de assistência social e promovendo os direitos das minorias. Embora se tenha outros partidos nos Estados Unidos, “o Partido Republicano e Partido Democrata [...] dominam totalmente o processo eleitoral. Com raríssimas exceções, são os dois partidos que controlam a presidência, o congresso, a câmara dos deputados, os governos dos estados” (Tota, 2008, p. 72).

“inimigos”, neoliberais/neoconservadores, – que assumem, propositalmente, essa posição e que detêm e operam sobre a lógica do capital; e do outro o “nós”, os “algozes” comunistas, que compõem, em grande parte, a força de trabalho e que buscam por garantias dos direitos fundamentais e acessos mais igualitários apoiados numa perspectiva de classe, raça e gênero.

As repercussões fantasmagóricas que operam sobre a fantasiosa teoria comunista (atrelada ao “nós”), de forma intencional, se construiu a partir da Guerra Fria (que teve início em 1947 e se findou com a dissolução da União Soviética em 1991), pautado no discurso, segundo a percepção dos neoconservadores, que busca destruir os valores fundamentais da sociedade - pautada num sistema cristão, branco, heteronormativo e familiar-nuclear. Nesse sentido, o governo Bolsonaro, se utilizando desses discursos de complôs comunista, que passaram a funcionar como base de suas articulações políticas, tendo como “vilão” o Partido dos Trabalhadores, sobretudo na figura de seus concorrentes Fernando Haddad (2018) e Luiz Inácio Lula da Silva (2022).

A partir do contexto Norte Americano (mas que marcou o movimento neoconservador no mundo como um todo – a exemplo no Nazismo na Alemanha, que também se apoiou em “teorias de conspirações”, e as eleições presidenciais no Brasil, tanto dos anos de 2018 como de 2022), Moll (2015) explica o pensamento dos neoconservadores:

Nos anos 1960 e 1970, a desilusão com o liberalismo estadunidense e com o conservadorismo moderado somada à oposição ao comunismo promoveu uma nova geração de conservadores, que mesclavam os ideais do liberalismo clássico com uma perspectiva moral da sociedade. Os neoconservadores e o neoconservadorismo partiam do mesmo princípio dos neoliberais, acreditando que a interferência do governo na economia e os programas sociais geravam inflação, endividamento, prejuízos à produtividade e, mais do que isso, desestimulavam o trabalho e a inovação. Portanto, afetavam a produtividade e enfraqueciam o país. Acima de tudo, o Estado teria passado a perseguir um igualitarismo pervertido e abstrato e para isso usurpou o lugar da família, da igreja e da comunidade, enfraquecendo esses laços supostamente naturais. Como consequência, os jovens passaram a valorizar a leniência (suavidade, mansidão), a dependência, o consumo de drogas, a pornografia e o sexo. Isso teria aumentado a criminalidade e enfraquecido os Estados Unidos. Desse modo, os problemas morais derivavam do Estado totalizante (liberal ou comunista). Por isso, além de medidas econômicas, seria necessário reforçar os valores clássicos ocidentais para prover a base normativa para os Estados democráticos, liderados por homens capazes e ilibados (Moll, 2015, p. 2).

Nessa perspectiva, tem-se, em linhas gerais, que o neoconservadorismo se refere a um conjunto de sujeitos que compõem a extrema-direita, e que se constituem principalmente, a

partir da aliança entre neoconservadores e neoliberais<sup>38</sup> e possuem como narrativa comum o desmantelamento do “Estado de Bem-Estar Social”<sup>39</sup> pautada na criação de uma “nova” forma de administração do Estado, direcionados principalmente para os valores do sistema capitalista, e da noção de mercado, ferindo, por finalidade, uma série de direitos e acessos à grande parte da população.

Para tanto, os neoconservadores podem ser definidos, embora se apresentem em diversas nuances e pautas como já mencionado, como sujeitos que se articulam por meio de valores do passado e têm nestas visões melhores do que os atuais, sempre prezando por pautas tradicionais, como questões religiosas e a defesa da família nuclear, branca, hétero e patriarcal (Apple, 2000; Moll, 2010; Moll 2015; Barroco, 2015).

Não obstante, o Brasil, assim como outros países, também foi caracterizado por fortes momentos neoconservadores que, desde o processo de redemocratização, esteve marcado por agendas neoliberais. Entre os diversos governos podemos destacar os regimes ditatoriais varguistas (1937 a 1945) e os militares (1964 a 1985) que afetaram sumariamente a democracia brasileira. Nesse período, eram práticas comuns a tortura, a repressão, a perseguição política e tantas outras atrocidades. Tal situação se modificaria somente a partir da Constituição Federal de 1988, por meio de um processo de redemocratização (Martins, 2022).

Entretanto, mesmo com a Constituição Federal 1988, implementada há mais de três décadas, o Brasil vivenciou nos últimos anos uma forte tendência do neoconservadorismo e de governos de extrema-direita, sobretudo face aos contextos de crise e instabilidades políticas vivenciadas a partir dos anos de 2013<sup>40</sup>.

Como exemplos das crises, têm-se “[...] os altos índices de desemprego, inflação, precarização do trabalho, violência e desigualdade [...]”, o que despontou no “[...] ressurgimento de ideias e ações pautadas em autoritarismos e opressões, através de uma onda

---

<sup>38</sup> “O termo Neoliberalismo tem sido aplicado aos Estados que optam por desenvolverem uma política de intervenção mínima. Tal política, embora advogue um discurso de maior liberdade e autonomia, adota práticas centralizadoras e implanta, inclusive sobre os direitos sociais básicos, tais como saúde e educação, uma política de mercado com tendência à privatização” (Cosmo e Fernandes, 2003, p. 2-3).

<sup>39</sup> Forigo (2003, p. 52) aponta que “o Estado intervencionista, denominado Estado de Bem-Estar Social, Estado-providência ou *Welfare State*, surgiu como uma forma de reverter o processo imposto pelo liberalismo e como um prolongamento natural dos direitos civis”. Dentro do contexto do Estado de Bem-Estar Social, os direitos sociais são protegidos e assegurados por meio da intervenção do Estado, e estão centrados no princípio de direito e acesso aos recursos disponíveis na sociedade. Esses direitos são considerados inerentes à condição humana, o bem-estar se origina da garantia de que os recursos tangíveis ou intangíveis sejam distribuídos de forma equitativa e assegurados a todos, para que possam alcançar a autorrealização no âmbito social (Silva; Silva, 2023).

<sup>40</sup> Neste cenário se destaca a atuação de diversos grupos políticos e sociais que se organizaram e tiveram uma significativa expressão no dado momento entre as “Jornadas de Junho de 2013” e o golpe de Estado da então presidente Dilma Rousseff, sendo eles *Movimento Brasil Livre* (MBL), o *Movimento Brasil Conservador*, o *Vem Pra Rua* e o *Nas Ruas* (Martins, 2022, p. 32).

conservadora que percorria o mundo todo naquele momento” (Martins, 2022, p. 31); o que, em nível nacional, oportunizou a ascensão do Governo Bolsonaro no ano de 2018.

Face a este contexto de ascensão do Governo Bolsonaro no Brasil e de uma forte extrema-direita, observou-se o emprego de um conjunto de estratégias para concretização das agendas ideológicas-políticas propostas pelos governantes, sendo muitas delas vinculadas a ideias de cunho liberal e conservador. Tais ideologias se entrelaçaram com um forte fundamentalismo religioso e um significativo patriotismo-militar, um dos alicerces desse contexto neoconservador brasileiro.

A forte atuação e presença de militares e da direita-cristã em movimentos e cargos políticos buscavam, em sua maioria, a restrição e a negação dos direitos fundamentais dos sujeitos opostos a eles. Deysi Ciocari e Simonetta Persichetti (2018), enfatizam que este Governo:

[...] utiliza o discurso do medo para respaldar-se num país em que há a construção de um imaginário no qual o delinquente é sempre um “outro” distante do “cidadão de bem” e que obstrui o bom andamento da sociedade. Os aspectos identitários da vida policial como a valorização das tradições, da moralidade cristã e a espetacularização dos embates são transpostos para a vida política como forma de justificativa da proteção desses “cidadãos de bem”, o que aponta para uma cidadania cindida pela desigualdade abertamente admitida entre aqueles que merecem usufruir de seus direitos - em especial, o direito à vida- e aqueles que abandonaram o direito à cidadania para entrar no crime (Ciocari; Persichetti, 2018, p. 203)

Observa-se, ainda, ações e discursos baseados em um forte autoritarismo, racismo, fascismo, homofobia e xenofobia, que se conectam a uma falsa noção de nacionalismo extremo que promove uma série de sentimentos patriotas em boa parte da população. Tais discursos fomentam a violência e violações de direitos de uma outra parte, instaurando uma “cultura de hostilidade” e uma falta de tolerância, promovida e disseminada pelas ideologias da classe dominante (Martins, 2022; Araújo *et al.*; 2023)<sup>41</sup>.

Ainda, conforme o Anexo A, há um conjunto de posições ideológicas políticas em nossa sociedade, que podem ser divididas em 07 grupos. Todavia, as eleições do referido ano reuniram um conjunto de sujeitos com afinidades ideológicas semelhantes, levando muitos deles a apoiar um projeto que incorporou elementos neoconservadores, neofascistas, ultraliberais e neopentecostais (Carvalho; Almeida, 2022; Martins, 2022; Araújo *et al.*; 2023).

---

<sup>41</sup> Contudo, cabe aqui pontuar que nem todos os liberais compartilham identificação com o conservadorismo, e nem todos os conservadores estão alinhados com o neoconservadorismo ou fazem parte da extrema-direita, nos moldes apregoados e instaurados no Brasil desde 2018.

Os discursos empregados pela extrema-direita neoconservadora nas campanhas eleitorais do ano de 2018, que se perpetuaram nas eleições do ano de 2022, são apresentados sinteticamente no quadro 04, a seguir.

Quadro 04 – Discursos ideológicos da extrema-direita nas eleições presidenciais no Brasil

Nós	Eles
Cidadãos de bem: segurança moral	Esquerdismo: bandidagem, imoralidade e corrupção
Família	Gays e homossexuais
Defensores do controle da natalidade e da redução da maioridade penal	Ativistas de direitos humanos
Defensores dos valores cristãos conservadores	Socialistas e sociais-democratas
Homens	Mulheres
Defensores da Escola sem Partido	Doutrinadores de Paulo Freire e Gramsci
Armamentistas e Milicianos	Desarmamentistas e defensores dos direitos humanos
Policiais e Militares	Intelectuais, jornalistas, protetores de traficantes e estupradores
Agronegócio e segurança no campo	Índigenas, quilombolas, sem-terra e terroristas do campo
Proprietários e livre iniciativa	Invasores de propriedade privada, movimentos sociais e comunistas
Mérito, jovens que querem subir na vida	Cotistas, bolsistas e refugiados
Patriotas	Políticos corruptos e fórum de São Paulo

Fonte: Albernaz (2019, p. 141)

Na propagação dessa discursividades, as redes sociais *on-line* foram usadas como mecanismo de disputas de narrativas durante ambos os períodos eleitorais, intensificando uma polarização política e social. Tais veiculações inundaram os sujeitos de uma série de ideologias conservadoras, *Fake News* (notícias falsas)<sup>42</sup> e outras postagens de ódio que foram massivamente compartilhadas pela direita, apoiando-se e se sustentando por meio de um “pânico moral” (Miskolci, 2007) e por campanhas difamatórias contra a oposição.

<sup>42</sup> Para saber mais sobre o assunto, ver pesquisas desenvolvidas por Giroto Jr. *et al.* (2022) e Pivaro; Giroto Jr. (2022).

Em ambos os contextos eleitorais, as narrativas neoconservadoras foram usadas, principalmente pelos bolsonaristas, como estratégias discursivas-ideológicas embasadas, sobretudo, pelo receio das pautas progressistas. Rafirmavam os discursos de uma classe social elitista – cisheteronormativa, branca e cristã – que buscava a manutenção de seus privilégios, mediante o apoio a discursos éticos-morais contra a corrupção.

A proliferação de narrativas e ações neoconservadoras no Brasil reafirmam um discurso de ódio de classe, de gênero, de raça/cor e de credos. Verifica-se uma série de hostilidades e violências em meio a um país polarizado e com pensamentos divergentes. Agressões, ameaças, perseguições e até mortes<sup>43</sup> se tornaram comuns quando algum sujeito manifestasse pensamentos divergentes da extrema-direita.

Ao longo dos dois contextos eleitorais, a campanha da extrema-direita perpassou por diversos aspectos neoconservadores, sendo difundidos por meio de uma linguagem verbal, como, por exemplo, em falar: “*bandido bom, é bandido morto*”, e em linguagens não-verbais como a utilização de gestos com as mãos referenciando a uma arma de fogo. Cabe aqui ressaltar que uma das propostas do governo bolsonarista era o maior acesso à comercialização e porte de armas.

Diante dos discursos de ódio e do autoritarismo, houve uma série de violências e perseguições às minorias brasileiras, sobretudo a comunidade LGBTQIAPN+<sup>44</sup>, pessoas negras, mulheres, religiões de matrizes africanas, povos indígenas e aos nordestinos. Esse último grupo, foco deste estudo, foi perseguido massivamente pelo fato de votarem, em grande maioria, na oposição (esquerda), sendo, portanto, alvo de inúmeros ataques nas redes sociais *on-line*, como será discutido a seguir.

#### **4.2 As redes sociais *on-line* como “campo de combate” - o Nordeste e os “outros”**

Nos últimos anos, as redes sociais *on-line* têm criado e permitido contextos múltiplos para a disseminação e a circulação de narrativas diversas. Embora não seja uma exclusividade dela, se materializa sob outras perspectivas e de formas mais dinâmicas, acessíveis e fluidas. Tais veiculações têm propiciado a difusão de práticas sociais novas e antigas, reais e

---

<sup>43</sup> Noticiário sobre a morte do capoeirista Moa do Katendê em Salvador por questões políticas: Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2018/10/17/investigacao-policial-conclui-que-morte-de-moa-do-katende-foi-motivada-por-briga-politica-inquerito-foi-enviado-ao-mp.ghtml>>. Acesso em: 06 set. 2023.

<sup>44</sup> Sigla comumente usada para designar Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, Não Binário ou qualquer outra sexualidade ou identidade de gênero ainda não contemplada.

imaginárias, que interferem diretamente na vida de milhares de sujeitos (Silva *et al.*, 2019; Santiago; Araújo, 2022; Hissa, 2022; Pivaro; Giroto Júnior, 2023).

A partir desse enfoque, observa-se que as redes sociais *on-line* se mostraram ao longo das eleições presidenciais dos anos de 2018 e 2022 como um *lócus* de discursividades relacionados aos sujeitos nordestinos e ao Nordeste como alvo central de discursos preconceituosos e estigmatizantes (Coelho, 2018; Freire, 2022; Santos, 2022).

Contudo, tais discursividades já se operam em outros contextos eleitorais presidenciais, como exemplifica Josefa Santos (2020, p. 149) quando afirma que em 2010 “[...] os ataques surpreenderam pela força das palavras que pediam/exigiam a morte de todos do Nordeste [...]”<sup>45</sup>, quatro anos depois, em 2014, “[...] os ataques surpreenderam pela quantidade. Não foram “apenas” ataques de um usuário [...] mas ataques em série”<sup>46</sup>. Por fim, a autora ainda apregoa que, [...] diferentemente de 2010 (quando houve casos mais isolados de ataques), às redes sociais digitais, (no ano de 2014, já haviam se consolidado no Brasil e alcançado um alto número de usuários”; o que se potencializou nas subseqüentes eleições (2018 e 2022).

Igualmente, cabe aqui reconhecer, assim como apontado por Silva Sobrinho (2014), que nenhum discurso é imparcial, já que, ao expressar suas palavras, os sujeitos são influenciados por ideologias e visões de mundo que tendem a gerar sentidos e significados, trazidos a partir de sua posição como sujeito na sociedade e das circunstâncias que moldam sua produção discursiva.

Nessa discussão, não há interesse em atribuir culpa às regiões Sul e Sudeste pelas práticas discursivas que perpetuam um sistema de poder que coloca o Nordeste em uma posição de inferioridade. Também não há o propósito de vitimizar o Nordeste, contribuindo para a perpetuação dos estereótipos frequentemente disseminados pela mídia, como destacado nos estudos de Albuquerque Júnior (1999; 2007). Em vez disso, o objetivo é levantar questionamentos sobre as representações simplistas, reducionistas e preconceituosas que emergiram de forma proeminente durante os períodos eleitorais dos referidos anos, nas quais as nuances são obscurecidas em prol de generalizações superficiais e discriminatórias em relação a grupos ou regiões específicas do país.

---

<sup>45</sup> O caso mais emblemático do ano de 2010 após a eleição de Dilma Rousseff foi o de uma jovem que publicou mensagem contra nordestinos incitando a violência. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/05/condenada-estudante-que-publicou-mensagem-contra-nordestinos-em-sp.html>>. Acesso em: 18 set. 2023.

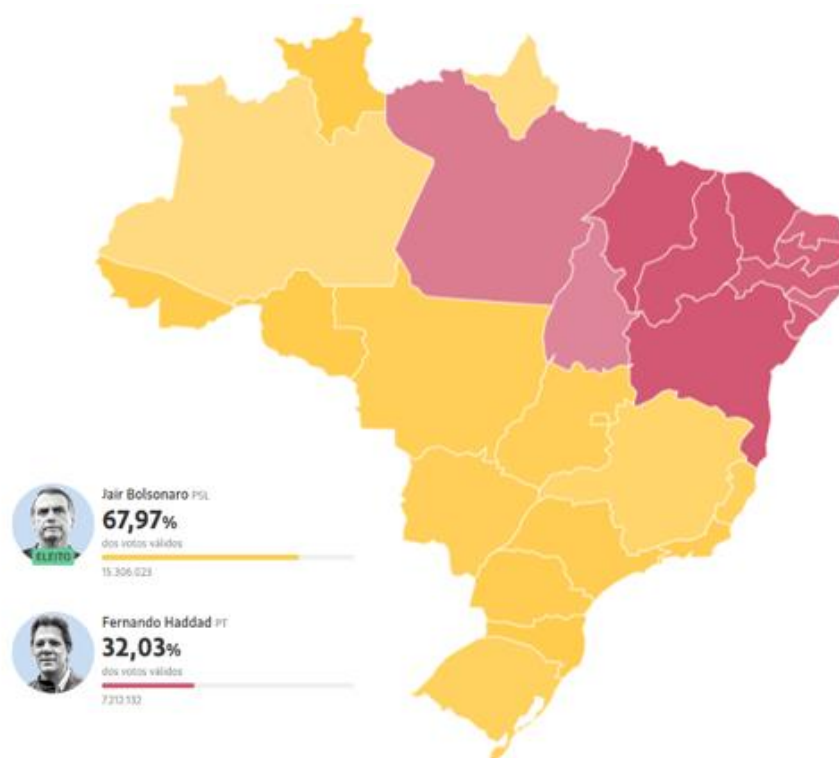
<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/eleicoes-2014/2014/10/28/noticias-eleicoes-2014,454771/redes-sociais-tem-pico-de-manifestacoes-contra-nordestinos-no-domingo.shtml>. Acesso em 18 set. 2023.

Para tanto, nas últimas eleições presidenciais no Brasil dos anos de 2018 e 2022 presenciamos diversas hostilidades contra os nordestinos nas redes sociais *on-line*, e que, por vezes, se estenderam para fora dela por meio de violências físicas. Observa-se um forte discurso xenofóbico e de incitação ao ódio nos conteúdos veiculados nesses espaços disfarçados de “liberdade de expressão”, mas que ferem os direitos e princípios fundamentais da dignidade humana, inferiorizando e menosprezando esses sujeitos, colocando-os à margem da sociedade. Os discursos proferidos aos sujeitos nordestinos não decorrem somente de aspectos geográficos, mas, sobretudo, de aspectos culturais e simbólicos, frutos de um antagonismo de classes, de uma luta política e econômica e de um imaginário irreal sobre a região.

Ambos contextos eleitorais, sem muitas diferenças dos dois últimos que os antecederam, permitiram o retorno, ou melhor, lançaram luz a práticas que pareciam já ter sido superadas no país, principalmente após a implementação da Constituição de 1988 que, por força da lei, não deveria acontecer. Sendo assim, tais veiculações “[...] escancararam algumas práticas eleitorais que acontecem no Brasil desde a era colonial. Tais práticas que parecem inadmissíveis em pleno século XXI, sempre existiram no Brasil, às vezes veladas/dissimuladas, às vezes escancaradas (Santos, 2020, p. 178).

Em linhas gerais, as eleições presidenciais de 2018 foram marcadas pela disputa entre Fernando Haddad (professor universitário e advogado), candidato pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e Jair Messias Bolsonaro (Capitão reformado do Exército brasileiro), pelo Partido Social Liberal (PSL), que acabou sendo eleito com 55% dos votos no segundo turno com promessas neoliberais e um discurso conservador. A partir desse antagonismo e segundo as divisões dos votos por região (figura 08), percebe-se que os colégios eleitorais da região nordeste foram os que votaram, em sua maioria, no candidato Fernando Haddad, do PT.

**Figura 08** – Divisão de votos nas eleições presidenciais do ano de 2018



**Fonte:** Folha de S. Paulo, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/2018/apuracao/2turno/brasil/>. Acesso em: 18 set. 2023.

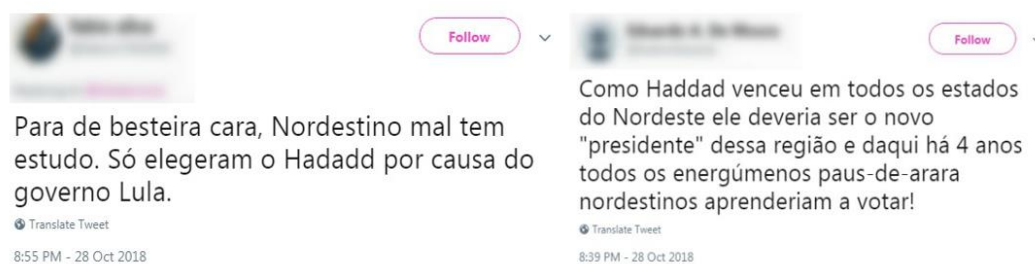
Tal votação desencadeou, ao longo do ano de 2018, uma série de violências simbólicas e físicas contra os sujeitos nordestinos nas redes sociais *on-line*, conforme podemos observar nas figuras 09 e 10, a seguir.

**Figura 09** – *Print rede social online A*



**Fonte:** Site EXTRA. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/nordestinos-sao-atacados-nas-redes-socias-apos-resultado-do-primeiro-turno-23138104.html>. Acesso 07 set. 2023

**Figura 10** - Print rede social online B



**Fonte:** IBahia. Disponível em: < <https://www.ibahia.com/brasil/nordestinos-voltam-a-sofrer-preconceito-por-conta-das-eleicoes>>. Acesso 07 set. 2023

Por meio desses recortes podemos identificar discursos excludentes e discriminatórios tais como: “*O Nordeste não poderia fazer parte do Brasil [...]*” (Figura 09); “*Nordestino mal tem estudo. Só elegeram o Hadadd (SIC) por causa do governo Lula*” (Figura 10). Tais discursos pressupõem, entre outras coisas, a experiência cultural/histórica de que o voto não deve ser para todos, mas para um grupo específico (branco, elitista e pertencente a apenas duas regiões do Brasil), ou seja, o direito ao voto deveria ser restrito aos “homens de bem” (termo bastante utilizado durante as eleições presidenciais de 2018 e 2022) ou “homens bons” (condição necessária para poder votar durante o período colonial). Ademais, impõe a ideia da existência de um “voto correto”, como uma única maneira de se votar, remetendo ao passado, ao imaginário do voto de cabresto.

Ainda, é perceptível uma visão cristalizada irreal, ou que já não reflete mais as condições daquela região, mas que foi amplamente veiculada pela mídia ao longo dos anos em relação a uma região “seca”, como podemos ver nas seguintes frases: “*Acho que a falta de água tá fazendo mal pro cérebro dos nordestinos*” (Figura 09); *Como Haddad venceu em todas os estados do nordeste [...] todos os energúmenos* (palavra energúmeno é usada de forma pejorativa para fazer uma associação com pessoas de pouco conhecimento, que possui comportamento descontrolado) *paus-de-arara nordestinos aprenderiam a votar*” (Figura 10). Souza (2018) considera que os discursos de ódio, como os presentes nestas postagens,

[...] ao sustentar-se na dicotomia superior/inferior, trabalha impondo e/ou lembrando o lugar de cada um na estrutura social, baseia-se na naturalização dessa relação dicotômica e dessa determinação de lugares. Atua perpetuando relações sócio-históricas de desigualdade-subordinação a partir da face mais intolerante que a dominação ideológica pode assumir (Souza, 2018, p. 933).

Não obstante, as eleições presidenciais de 2022, assim como a que lhe antecedeu, foi marcada pela disputa dos candidatos Petista *versus* Bolsonarista, sendo eles: Luiz Inácio Lula da Silva (Metalúrgico e eleito 2 vezes presidente da república), pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e, novamente, o então presidente Jair Messias Bolsonaro, agora pelo Partido Liberal (PL). Nesta ocasião, assim como no ano de 2018, a região Nordeste foi a grande maioria dos eleitores do candidato petista, tornando-o assim eleito, democraticamente, como presidente do país conforme imagem 11.

**Figura 11** – Divisão de votos nas eleições presidenciais do ano de 2022



**Fonte:** O Globo, 2022. Disponível em: < <https://infograficos.oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/mapa-votacao-municipios-e-estados-do-brasil.html#/presidente?desempenho=geral> >. Acesso em: 18 set. 2023.

De modo semelhante à eleição anterior, observa-se nas redes sociais *on-line* uma série intensificada de ataques aos nordestinos e à região ao longo das eleições de 2022, conforme as imagens a seguir.

**Figura 12-** Print rede social online C



**Fonte:** Site UOL. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/03/direita-ataca-nordestinos-com-xenofobia-apos-desempenho-de-lula-na-regiao.htm>> Acesso em: 19 set. 2023

Ao responsabilizar os nordestinos por suas escolhas, como ao dizer "*Por isso é onde tem mais miséria, mais fome, menos saúde e educação*" (Figura 12) os sujeitos que se utilizam das redes sociais *on-line* para expressarem seus discursos de ódio, omitem as dimensões políticas, econômicas e ideológicas da pobreza e negligenciam o papel do Estado e das complexas políticas públicas que no decorrer histórico contribuíram significativamente para a marginalização social dessa região, contribuindo e perpetuando uma visão simplista de que a região é intrinsecamente associada à pobreza e seus habitantes são tratados como menos cidadãos. Outro aspecto importante é a relação de comparação da região Nordeste com o país

Cuba<sup>47</sup>, presente na figura ora apresentada, podendo ser entendido com a associação de que os Nordestinos são comunistas (socialistas, tendo em vista que este é o regime de governo no país de comparação), e, de acordo com as perspectivas de muitos neoconservadores, não prezam pela ordem, pela moralidade e pelos valores do sistema capitalista.

**Figura 13** – *Print rede social online D*



**Fonte:** G1, 2022. Disponível em:  
 <<https://g1.globo.com/pi/piaui/eleicoes/2022/noticia/2022/10/06/oab-pi-divulga-nota-de-repudio-contra-ataques-xenofobicos-ao-nordeste.ghtml>>. Acesso 07 set. 2023

Observamos, massivamente, o emprego de discursos que zoomorfiza<sup>48</sup> os nordestinos, fragmento “*energúmenos*” e “*Nordestinos mal tem estudo [...]*” (em várias postagens essa frase seguia com termos como burros, asnos, jumentos, como no caso da figura 13), e que não são pensados/proferidos/postados nas redes de forma ingênua, mas sim “[...] é representativa das relações humanas: seletiva e excludente. Ao zoomofizar o nordestino, [...] (o sujeito) busca feri-lo, envergonhá-lo em sua condição de ser pensante, torná-lo inferior ao grupo que ele representa, “o grupo gente/humano pensante” (Santos, 2020, p. 133).

<sup>47</sup> Cuba é um país com bases governamentais fundadas por valores socialistas, inspirado por José Martí, onde se estabeleceu um Sistema de Poder Popular único, sem os tradicionais três poderes, comuns aos países de origem burguesa. O país possui um único partido, o Partido Comunista, e um Parlamento com cinco pilares de democracia, sendo eles: 1. Eleição democrática de candidatos pelo povo; 2. Eleições diretas, secretas e majoritárias; 3. Mandatos revogáveis pelo povo a qualquer momento; 4. Controle sistemático pelo povo; 5. Participação do povo em decisões importantes. Embora alguns estudiosos apontem que este se configurou como um regime ditatorial, foi esse sistema que garantiu a eliminação da fome, desnutrição infantil, discriminação estrutural e legal, além da ausência de pessoas em situação de rua, problemas com drogas e criminalidade (Stocco, 2013).

<sup>48</sup> Zoomorfização (ou Animalização) é uma figura de linguagem que aproxima e descreve o comportamento humano como de um animal, o homem é tratado como um animal.

**Figura 14-** Print rede social online E



**Fonte:** PSB. Disponível em: < <https://www.psbrs.com.br/porta/noticias.php?n=4566>. >. Acesso em: 19 set. 2023.

Os discursos acionados novamente retratam um movimento separatista, de cunho neoliberal e elitista. Foi perceptível que neste segundo cenário eleitoral o uso da violência física e discursos de morte, depreciativos e de cunho moralista marcaram notadamente este contexto. As mensagens compartilhadas nas redes estavam impregnadas de “discursos de ódio” contra pessoas nordestinas e regiões específicas do Nordeste, sendo caracterizados, assim como apregoados por Brugger (2010), pelo insulto – “*bahianos de merda*”; “*bahianos FDP*” (flexão utilizada nas redes sociais para se dizer pejorativamente a seguinte frase: Filhos Da Puta); “*O nordeste só tem um bando de pobre filha da puta que fica metendo o dia inteiro [...]*” - e pela instigação – “*Tem que morrer de fome [...]*”.

Além disso, a associação do nordestino, sobretudo do bahiano, com a preguiça, que fazem parte de um imaginário social nacional, como fica evidente nos trechos: “*bando de bahiano FDP que não quer trabalhar*”.

Segundo Menezes (2005), a preguiça baiana foi um perfil construído historicamente e reforçado pela mídia, que reproduz os interesses da elite. Desde o século XVI, a elite local

depreciava os negros escravos, descritos como desorganizados e sujos, depois como analfabetos e sem conhecimento, e, finalmente, como preguiçosos.

Em Salvador, as elites atribuíam à preguiça, a recuperação do fôlego dos escravos ao subir as ladeiras da cidade com sacos de 60 quilos nas costas. Tal alcunha também acompanhou negros, índios e imigrantes nordestinos, nas regiões Sul e Sudeste, quando, a partir da década de 1950, intensificou-se a imigração. A imagem de preguiçoso espalhou-se, pois, depreciar era uma forma de justificar baixos salários e falta de investimento.

A preguiça também foi associada ao migrante nordestino que, com a intensificação da migração, incrementada a partir da construção da rodovia Rio-Bahia (1936-39). Três grandes jornais da época reproduziam o discurso social mais amplo, reforçando a imagem da preguiça associada a nordestinos. Soma-se a esses fatos, a repercussão midiática do curso turístico do próprio governo baiano (1960), que passou a explorar a imagem da preguiça, investindo no *slogan* da Bahia paradisíaca, para onde deve ir quem não quer trabalhar, onde a festa nunca acaba e ninguém usa relógio (Menezes, 2005).

Os recortes também relacionam a preguiça e o ócio às custas do financiamento estatal por meio do acesso aos programas de transferência de renda, como o Bolsa Família: “*querem ter 1 milhão de filhos para ganhar auxílio mamando nas tetas do governo*” (Figura 14). Nesse sentido, as falas colocam os nordestinos como preguiçosos, aproveitadores, oportunistas, de uma corrupção generalizada.

Outro aspecto importante nos recortes das redes sociais é a falta de informação ou seu aspecto inverídico, como no caso onde uma pessoa veicula a seguinte afirmativa: “*Nordestinos votam em candidatos de esquerda e depois saem do seu estado pra tentar uma vida melhor no sul*” (Figura 14). Mediante essa preposição, que já não reflete o que ocorria na região em outros períodos, Amaral Filho (2010), em seu texto intitulado “*O Nordeste que dá certo*” traz uma reflexão sobre dados do Brasil no período de 2003 a 2006, que já demonstra total desinformação da extrema-direita da mudança deste panorama<sup>49</sup>.

Em anos recentes, o Nordeste brasileiro vem ocupando espaço na mídia nacional em razão do desempenho do seu crescimento econômico no lugar de notícias associadas aos efeitos devastadores das secas que, historicamente, acompanharam a região. Entre 2003 e 2006 seu crescimento foi, em média,

---

<sup>49</sup> Para complementar este cenário, podemos identificar reportagens que demonstram a ascensão da região Nordeste perante a outras regiões do Brasil – *Link* 1ª reportagem: <https://veja.abril.com.br/economia/crescimento-no-nordeste-faz-faltar-mao-de-obra-em-sao-paulo/>; *Link* 2ª reportagem: <https://www.estadao.com.br/economia/nordeste-cresce-acima-da-media-do-pais/>; *Link* 3ª reportagem: <https://www.metro1.com.br/noticias/economia/134154,nordeste-cresceu-mais-que-sul-e-sudeste-nos-ultimos-10-anos>.

3,4% ao ano, enquanto o Brasil registrou taxa de 2,7%, segundo o IBGE. Nesse mesmo período, a região apresentou taxa acumulada de crescimento de 18,25% ante 14,1% em nível nacional. Como se vê, o crescimento do Nordeste, no período considerado, foi superior ao do País. O desempenho vigoroso se repetiu nos anos posteriores. No entanto, mais importante que isso é saber que, pela primeira vez, esse crescimento tem acontecido de maneira favorável às famílias de baixa renda e permitido o surgimento da chamada “nova classe média”. Esta é a grande novidade, que tem, aliás, levado muitos a se perguntarem o que está dando certo no Nordeste. (Amaral Filho, 2010, p. 55)

Em ambos os contextos eleitorais, dos anos de 2018 e 2022, e mediante as figuras já apresentadas, percebe-se a ressonância do discurso da seca na região nordeste e do assistencialismo em oposição à lógica do direito, como nas frases: “[...] *a falta de água tá fazendo mal [...]*” (Figura 09); “[...] *querem ter 1 milhão de filhos para ganhar auxílio, mamando na teta do governo*” (Figura 14). Para Albuquerque Júnior (2007),

O discurso da seca e a indústria da seca já nascem associados a [...] prática da corrupção generalizada, que é responsável pela criação de uma outra marca negativa com a qual são marcados os nordestinos, a de viverem às custas dos recursos vindos dos cofres públicos[...]. Neste discurso, muitas vezes, o nordestino é apresentado como aquele que vive às custas dos impostos pagos pelos contribuintes das outras regiões do país, sanguessuga dos cofres públicos, que retorno nenhum daria ao país (Albuquerque Júnior, 2007, p. 95)

Em concordância com Albuquerque Júnior (2012), percebe-se o Nordeste como um espaço diversificado do ponto de vista econômico, político, social e cultural. Uma região extensa e de uma realidade complexa que não pode ser explicada a partir de estereótipos. O Nordeste não possui o monopólio da miséria e da exclusão social, esta é uma marca de toda a sociedade brasileira, que pode ser vista em todas as regiões.

O Nordeste não é o único espaço no Brasil onde há violência, analfabetismo, indigência, fome e falta de acesso a bens primários ou aqueles trazidos pela sociedade de consumo. Os dilemas pelos quais passa o Nordeste são vivenciados em todas as regiões do país, portanto, é possível a discursivização desse espaço a partir de diversos olhares e outros dizeres.

Os discursos de ódio direcionados aos nordestinos, manifestados nas redes sociais *online*, são frutos de um contexto histórico e social e que ganham novos contornos nestas mídias, operando por meio de um funcionamento ideológico, fantasmagórico e opressor, o que visa à intimidação desses sujeitos, e busca o impedimento de suas participações políticas e sociais, desvaloriza suas existências e busca, numa tentativa falha, oprimir e neutralizar suas resistências. Nesse sentido, Silva Sobrinho (2011) afirma que:

Ser sujeito enquanto “ponto/nó” nessa rede de sentidos, implica tomar posição ideológica nos discursos, visto que a *internet*, ao enfatizar insistentemente a “comunicação”, a “informação” e a “inovação” acaba dissimulando os pensamentos antagonistas fundados nas contradições das determinações sócio-históricas de sua produção no sistema capitalista (Silva Sobrinho, 2011, p. 43).

Um aspecto importante identificado neste sentido foi que, mesmo em meio a uma desumanização, esses sujeitos, no interior das lutas de classes, apresentaram resistências e ressignificaram suas representações nas redes sociais, rebatendo às discursividades negativas direcionadas a eles e positivando-os. Como apregoa Pêcheux (2009), onde há relações de poderes pautadas em dominação, há também relações de poderes que produzem a resistência.

Orlandi (2015, p. 192) aponta que “[...] o sujeito não resiste por ‘mágica’, ou por voluntarismo, mas por condições que abrem para ele um espaço politicamente significado em que os sentidos podem ser outros”, fato este que não ocorre nas outras mídias. As redes sociais, nesta esfera, permitiram o posicionamento dos mais diversos grupos em situação de vulnerabilidade e de discriminação terem vozes e ressignificarem as discursividades postas a eles.

Considerando essa lógica, Magalhães (2003) afirma que por meio da abordagem do materialismo histórico-dialético é viável conceber a existência de um sujeito que, com base nas oportunidades apresentadas pela realidade social e nas possibilidades oferecidas pela objetividade, tem a capacidade de tomar posição, fazer escolhas, assumir ou rejeitar identificações. É o que também enfatiza Pêcheux (2015, p. 56) quando afirma que “não há identificação plenamente bem-sucedida, isto é, ligação sociohistórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo [...]”.

Ao longo de ambos períodos eleitorais (e que já ocorria desde as primeiras movimentações nas eleições de 2010), a resistência dos sujeitos nordestinos, assim como de outras minorias sociais que tiveram suas cidadanias questionadas/violentadas, se deu pelo meio da denúncia. Foram bastante recorrentes sobretudo aquelas que tinham as garantias de lei como a xenofobia e o racismo, previsto como crime por meio da lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997<sup>50</sup>. Outros mecanismos de denúncia ocorreram por meio da Ordem dos Advogados do Brasil

---

<sup>50</sup> "Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional". "Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de um a três anos e multa. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19459.htm#:~:text=ou%20proced%C3%AAncia%20nacional.%22-%22Art.,a%20tr%C3%AAs%20anos%20e%20multa](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19459.htm#:~:text=ou%20proced%C3%AAncia%20nacional.%22-%22Art.,a%20tr%C3%AAs%20anos%20e%20multa)>. Acesso em 19 set. 2023.

(OAB), Polícia Federal e Ministério Público, bem como por meio de *sites* e órgãos que atuam em cooperação com estes para a garantia dos direitos humanos e até mesmo as plataformas digitais, com solicitação dos banimentos dos usuários.

As ressignificações deste espaço se deram também por *posts* feitos pelos próprios nordestinos em diferentes redes sociais *on-line*, especialmente com a utilização de *Hashtag* (*#orgulhodesernordestino*; *#nordestinosunidos*; *#euamoonordeste*, dentre outras). As postagens valorizavam outros elementos naturais e culturais presentes nas regiões, compostas, sobretudo, por paisagens paradisíacas, lindas praias, comidas típicas, festejos e grandes centros urbanos. Tais ações evidenciam um reposicionamento discursivo por meio da resistência, enfatizando os sujeitos e a região, assumindo, sobretudo, “[...] uma posição contra o sistema capitalista”, como destaca Silva Sobrinho (2014, p. 38).

Assim, verifica-se que as resistências desses sujeitos são de suma importância para se questionar o sistema capitalista, pois reconstrói e ressignifica o discurso ideológico hegemônico, pautado em ideologias neoliberais e neoconservadores, como mecanismo de repressão e defesa de sua identidade cultural. Embora tal movimento não seja suficientemente para desestruturar o sistema capitalista, que é forte e bastante consolidado.

Nesse sentido, a retórica de oposição produz, no interior das lutas de classes um enfrentamento às narrativas dominantes que implicam na opressão e violação de direitos dos “outros”, considerados, inequivocamente, como diferentes, e, por isso, inferiorizados pela sociedade.

## CONCLUSÃO

Diante do que foi estudado podemos perceber que as representações em torno do Nordeste e dos nordestinos através da mídia, mais especificamente a partir das análises no quadro do *De volta pro meu aconchego*, do extinto *Programa do Gugu* e depois nas ampliações realizadas com materiais de jornais *on-line* em torno da pandemia da Covid -19 e de postagens realizadas nas redes sociais durante as campanhas eleitorais presidenciais dos anos de 2018 e 2022, veiculam elementos que, à primeira vista, se apresentam de forma “inocente” (ou melhor, irresponsável), mas que carregam em suas estruturas narrativas um conjunto de discursos discriminatórios.

Quando analisados de forma mais afinsa, identificamos nos três artefatos midiáticos uma série de construções discursivas e imagéticas pautadas em um conjunto de estereótipos, estigmas e preconceitos direcionados aos sujeitos nordestinos e a região Nordeste. Mesmo que essa não seja a intenção do planejamento do Programa, as discursividades, a construção da narrativa, o *zoom*, as trilhas sonoras, dentre outros elementos que compõem a construção do quadro, contribuem para a produção e reprodução de dinâmicas excludentes e preconceituosas já existentes. Por sua vez, os jornais e as portagens, por meio de seus elementos, também compactuam no reforço de um imaginário irreal sobre a região e aos sujeitos nordestinos.

Assim, observa-se no caso do quadro *De volta pro meu aconchego* que o que está sendo narrado não é somente uma história de solidariedade e compaixão, mas histórias de pessoas que vieram do Nordeste e os sujeitos nordestinos, reforçando “[...] a função dos enfoques ao selecionar e sublinhar aspectos da realidade” (Sábada, 2007, p. 96) de um único grupo social. São mostrados, portanto, todos os nordestinos como um grupo extremamente inocente e incapaz e que necessita estar sempre em processos de deslocamentos para terem condições dignas de vida.

O foco, esse grupo social já estigmatizado e estereotipado historicamente, indica certa inclinação do Programa em promover a “expulsão” desses sujeitos da região mais desenvolvida do país, deixando evidente que, após a utilização de sua força de trabalho, não é mais o seu lugar.

No que tange às matérias jornalísticas *on-line*, observa-se que elas também potencializam e constroem narrativas que cristalizam uma visão irreal de um Nordeste sofredor. Essa mídia intensificou estereótipos aos migrantes nordestinos durante a pandemia da Covid -19, agravando as violências que eles já enfrentam e reforçando a visão homogênea sobre esse

grupo social. A análise das matérias revela um preconceito enraizado na cultura brasileira, que marginaliza os nordestinos em termos de mobilidade humana.

Nas postagens realizadas nas redes sociais *on-line*, sobre as disputas presidenciais, foi possível perceber, assim como nos outros artefatos, uma série de discursos de ódio contra os nordestinos e a região Nordeste, influenciados, sobretudo, por um contexto político dualista (esquerda x direita). As narrativas se pautaram em um forte extremismo propagado pelos neoconservadores da extrema-direita, por meio de um conjunto de elementos fantasmagóricos, repletos de “teorias conspiratórias” e notícias falsas. Assim, foi possível perceber um cenário de retrocessos, marcado por fatores históricos e sociais já superados, que assumiram formas ideológicas e opressoras que buscaram intimidar, desvalorizar e neutralizar a participação política e social dos nordestinos.

A partir das análises dos três artefatos, observa-se que a mídia, por meio de seus enquadramentos e de suas escolhas narrativas, contribui para uma desvalorização cultural da região Nordeste e dos sujeitos nordestinos. As diversas imagens que são projetadas nestes artefatos, como de miséria, de sofrimento e de precariedade são as que, na concepção de Yazbek (2001):

[...] produzem e reproduzem a desigualdade no plano social, político, econômico e cultural, definindo para os pobres um lugar na sociedade. Um lugar onde são desqualificados por suas crenças, seus modos de expressar e seu comportamento social”, sinais de “qualidades negativas” e indesejáveis que lhe são conferidas por sua procedência de classe, por sua condição social” (Yazbek, 2001, p. 34).

Essas discursividades – construídas sobre uma ótica capitalista e sensacionalista, contribuem para a construção de imaginários e interpretações acerca dos sujeitos e dos lugares, cujas ideias são muitas vezes irrealis e já superadas, fixando socialmente valores e ideologias como um “comércio” vantajoso.

Assim, as veiculações dos sujeitos nordestinos e do Nordeste, sobre uma única perspectiva – da fome e da miséria – se torna um produto para entreter as massas, mas endereçado a um grupo social específico, revelando seu lugar em sociedade: à margem.

No decorrer das análises, pode-se observar que os nordestinos foram alvos, deliberadamente, de um preconceito internalizado na cultura brasileira, que os colocam quase sempre à margem da sociedade, especialmente quando se trata de aspectos ligados à mobilidade humana. As veiculações dessas narrativas corroboram e se entrelaçam com o que foi sendo construído pela mídia no decorrer da história sobre o sujeito nordestino e a região Nordeste.

Ao analisarmos artefatos culturais que se utilizam da região Nordeste e/ou dos sujeitos nordestinos como figuras centrais das narrativas, nota-se que há, em muitos casos, uma manutenção de ideários e valores que foram construídos historicamente e que se apresentam sobre os mesmos prismas, ou seja, não há uma alteração substancial em relação às representações.

Tais discursividades permanecem por reproduzir a região e os sujeitos sem levar em conta outros elementos sobre suas vidas, cultura e seu cotidiano – que não a pobreza, a seca e outros marcadores que se configuram como obstáculos para novas significações e sacralizando uma região e seu povo negativamente.

Para tanto, essas veiculações precisam ser compreendidas como algo socialmente dinâmico, mesmo que as mudanças ocorram de forma lenta, elas acontecem não sendo, conseqüentemente, uma constante a ser representada sobre uma ótica secular e defasada.

Ao longo das análises verifica-se que é explorado na narrativa do programa, bem como nos demais artefatos culturais, uma discursividade simplória e simplificada de algo que é complexo, que está atrelado a questões macro da sociedade. Assim, observa-se que diversas expressões da “questão social”, como a fome, a miséria, a falta de emprego, de moradia, são postas de forma banal, sem, de fato, haver uma contextualização e uma abordagem crítica.

As discursividades analisadas apresentaram uma interpretação do Nordeste e dos sujeitos nordestinos de forma homogênea, equivocada e não oportuniza esclarecimentos sobre questões mais amplas e sobre a diversidade daquele povo. Não se pretendeu encobrir a pobreza presente naquela região, assim como em diversas outras regiões do país, mas, buscou-se compreender como há uma ressonância única e direcionada que coloca e apresenta a região Nordeste e seus habitantes com forte sensacionalismo e de maneira excludente.

Por meio das análises percebe-se um conjunto de narrativas, construídas pelo sistema capitalista que nutrem um conjunto de desigualdades sociais, ao passo que o sistema continua extremamente arquitetado e estruturado. Há um conjunto de artefatos ideológicos que contabilizam e transferem para o sujeito a culpa por suas realidades, colocando-os uns contra os outros, sem atingir de fato o sistema e os detentores do capital.

O sistema capitalista se apropria dos sujeitos, muitas vezes explorando sua dignidade e fragilidade em benefício próprio. Sob a busca incessante pelo lucro, esse sistema tende a tratar os sujeitos como meros recursos a serem explorados, sem levar em consideração suas necessidades humanas fundamentais. Os meios de comunicação, geridos por esse sistema, intensificam essas narrativas.

Tal situação resulta em condições de trabalho precárias, desigualdades socioeconômicas e a exploração das pessoas para obter vantagens. A busca incessante pelo crescimento econômico muitas vezes coloca em risco valores como solidariedade, empatia e respeito pelo ser humano, deixando-o à mercê de um sistema que prioriza o lucro em detrimento de sua dignidade e bem-estar.

Nessa lógica, a mídia desempenha um papel fundamental na dinâmica da apropriação dos sujeitos pelo sistema capitalista. Por meio de diversos canais de comunicação, ela promove valores e ideologias que incluem o consumismo desenfreado – para se adequar e se sentir pertencente socialmente –, cria-se necessidades artificiais e supérfluas, glamoriza-se o sucesso material e dissemina-se padrões de vida inatingíveis para a maioria das pessoas. Ainda, ela contribui para a exploração das fragilidades dos indivíduos, seja ao criar ansiedade em relação à aparência física, ao *status* social ou ao sucesso profissional.

A mídia, portanto, molda a percepção pública sobre questões econômicas e sociais, favorecendo narrativas que beneficiam o sistema capitalista. Isso pode incluir a minimização de críticas ao sistema, a demonização de movimentos sociais que buscam alternativas ao capitalismo e a promoção de políticas que favoreçam os interesses das grandes corporações e elites econômicas em face aos demais sujeitos que se encontram em vulnerabilidades sociais.

Como continuidade ao assunto, sugere-se um aprofundamento a partir de uma pesquisa de campo com os sujeitos nordestinos migrantes em diferentes Estados brasileiros para se compreender quais os desdobramentos destas mobilidades e a hospitalidade/inospitalidade destes de forma mais ampla, uma vez que os artefatos, em sua maioria, nos permitiram compreender as narrativas dos sujeitos migrantes para o Estado de São Paulo.

Por meio dos dados da pesquisa, observa-se uma dualidade nas representações do Nordeste e dos nordestinos na mídia. Por um lado, a mídia, incluindo programas de televisão, notícias *online* e postagens em redes sociais, perpetua estereótipos, contribuindo para a marginalização da região e seus habitantes. Essas representações simplificam questões complexas, desvalorizam a cultura do Nordeste e podem levar à falta de políticas públicas adequadas para abordar as verdadeiras necessidades da região. Além disso, a mídia intensifica narrativas que favorecem o sistema capitalista, minimizando críticas e demonizando movimentos sociais que buscam alternativas. Por outro lado, os nordestinos demonstram resistência por meio das redes sociais, utilizando *hashtags* para redefinir a imagem da região. Representa um reposicionamento discursivo que desafia o discurso ideológico hegemônico. Embora essa resistência não seja suficiente para desestruturar o sistema capitalista, ela desafia

as narrativas dominantes que oprimem os "outros", destacando a importância de proteger a identidade cultural e enfrentar as representações negativas.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única** / Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Julia Romeu – 1ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AFONSO, Almerindo Janela. **Políticas educativas e avaliação educacional**: uma análise sociológica da reforma educativa em Portugal (1985-1995). Braga: IEP: CEEP: Universidade do Minho, 1998.
- AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- ALBERNAZ, Vinicius. Análise das características do discurso populista de Jair Bolsonaro nas eleições brasileiras de 2018. Political Observer. **Revista Portuguesa de Ciência Política**, n. 12, 2019. Disponível em: <<https://rpcp.pt/index.php/rpcp/article/view/64>>. Acesso em: 13 set. 2023.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Massangana, São Paulo: Cortez, 1999.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O preconceito contra o nordestino. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: As fronteiras da discórdia. São Paulo, Cortez, 2007.
- ALMEIDA FRANÇA, V. H. de. Do Interior baiano à selva de pedra paulistana: desafios frente a migração nordestina em São Paulo. **Das Amazônias**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 190–200, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/4858>>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- ALVES, Giovanni. Trabalho, técnica e estranhamento: uma análise sociológica do filme “Matrix”. **Revista Cronos**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3217>>. Acesso em: 30 set. 2023.
- ALVES, Maria Zenaide. **Ser alguém na vida. Condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da microrregião de Governador Valadares-MG**. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (Tese de Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais; Belo Horizonte, agosto de 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9DTEVP>>. Acesso em: 13 de julho de 2020.
- AMARAL FILHO, Jair do. O Nordeste que dá certo. **Cadernos do Desenvolvimento**; vol. 5, n. 7, outubro 2010. Disponível em: <<http://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/268/248>>. Acesso em: 18 set. 2023.
- ANDRADE, Maria Antônia Alonso. A identidade como representação e a representação da identidade. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes & OLIVEIRA, Denize Cristina de (Orgs.). **Estudos Interdisciplinares de representação social**. 2ª ed. Goiânia: AB, 2000.
- ANGELO, Elis Regina Barbosa; FOGAÇA, Isabela de Fátima; BARBOSA, Conceição Aparecida. O Rio de Janeiro “nordestino”: representações, subjetividades e saberes sobre a

cidade. **Revista Confluências Culturais**; v. 9, n. 1: Patrimônios e sociedade: desafios ao futuro – 2020. Disponível:  
<<http://periodicos.univille.br/index.php/RCC/article/view/122/102>>. Acesso em: 06 de st. 2021.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2003.

ANTUNES, Ricardo. **Capitalismo pandêmico**. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

APPLE, Michael W. **Política cultural e educação**. Tradução de José do Amaral Ferreira. São Paulo: Cortez, 2000.

ARAÚJO, Maria Luciene da Silva; NOVAES, Marcos Adriano Barbosa de; GÓIS, Gilcélia Batista de; GONÇALVES, Ruth Maria de Paula. As implicações do neoconservadorismo nas universidades públicas federais: um estudo a partir do governo Bolsonaro. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 47, n. 3, p. 1009–1025, 2023. DOI: 10.5216/ia.v47i3.72239. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/72239>>. Acesso em: 04 set. 2023.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. 4. ed. Campinas: Papirus, 2004.

BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & Educação**, n. 13, p. 7-14, 30 dez. 1998. Disponível em:  
<<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36820>>. Acesso em 13 out. 2021.

BALOGH, Anna Maria. Poética da imagem e TV: vinhetas de abertura e encerramento em programas ficcionais brasileiros. **Rumores**; número 17 | volume 9 | janeiro - junho 2015.

BANCO MUNDIAL. **Perspectivas Econômicas Mundiais**: América Latina e Caribe, 2020. Disponível em: <<http://pubdocs.worldbank.org/en/609221588788227652/Global-Economic-Prospects-June-2020-Regional-Overview-LAC-PT.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2020.

BAPTISTA, Emerson Augusto, ABEL, Guy J. & CAMPOS, Jarvis. Internal migration in Brazil using circular visualization, **Regional Studies**, Regional Science, 5:1, 361-364, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/21681376.2018.1526649>>. Acesso em: 06/06/2020.

BAPTISTA, Emerson Augusto; CAMPOS, Jarvis; RIGOTTI, José Irineu. Migração de retorno no Brasil nos quinquênios 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010. In: **XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Águas de Lindóia, ABEP, 2012.

BARBALHO, Alexandre. Estado, Mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste Contemporâneo. **ALCEU** – v. 4 – n.8 – p.156 a 167 – jan./jun., 2004. Disponível em: <[http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu\\_n8\\_Barbalho.pdf](http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n8_Barbalho.pdf)>. Acesso em: 21 out. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** / Laurence Bardin; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, Maria Cristina Rocha. "Individualismo e conflito como fonte de sofrimento social". In: **Política & Trabalho**, n. 17, pp. 16-32, 2001. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/6479>>. Acesso em: 10 mai. de 2019.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. **O que é preconceito** - Série assistente social no combate ao preconceito. Conselho Federal de Serviço Social – CFESS, Brasília (DF), 2016. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno01-OqueEPreconceito-Site.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2021.

BARROCO, Maria Lúcia S. Não passarão! Ofensiva neoconservadora e serviço social. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 124, p. 623-636, out./dez. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/Bfwfs35RRvrQbKwTX9DhnNc/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 10 out. 2023.

BARTHES, Roland. **Mitologias** / Roland Barthes; tradução de Rita Buongermino e Pedro de Souza – 11 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/54238/mod\\_resource/content/1/BARTHES-Roland-Mitologias.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/54238/mod_resource/content/1/BARTHES-Roland-Mitologias.pdf)>. Acessado em 28 set. 2022.

BATISTA, Fabiano Eloy Atílio. **Mídia, corporalidade e discursos que nos (des)arrumam: uma análise sobre um reality show de transformação corporal**. 2018. 152 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/22092?show=full>>. Acesso em: 06 jun. 2020.

BATISTA, Fabiano Eloy Atílio; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. A família na manutenção do ideal corporal hegemônico contemporâneo: da produção da vergonha à reabilitação social. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 29, n. 1, p. 23-41, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3784/pdf>>. Acesso em: 06 jun 2020.

BATISTA, Fabiano Eloy Atílio. A construção das emoções na mídia brasileira: uma análise do programa Amor & Sexo. **BOCC** – Biblioteca *on-line* de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, 2021. DOI: 10.25768/21.04.01.014. Disponível em: <<https://www.bocc.ubi.pt/pag/batista-fabiano-2021-construcao-emocoes-midia.pdf>>. Acesso em 10 out. 2023

BATISTA, Manoel Meirelles Amorim. **A paisagem nordestina no filme "O Céu de Suely": uma análise de espacialidades no cinema contemporâneo**. 2017. 139f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/23453>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

BELTRÃO, Ricardo Ernesto; NOGUEIRA, Fernando do Amaral. A Pesquisa Documental nos Estudos Recentes em Administração Pública e Gestão Social no Brasil. *In: Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Rio de Janeiro/RJ – 4 a 7 de Setembro, 2011. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPO2700.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BERGER, Peter L.; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BERNARDES, Denis de Mendonça. Notas sobre a formação social do Nordeste. **Lua Nova**, São Paulo, v.71: 41-79, 2007. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/sqrVzP6vcvNqvzr4frCnKnC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 03 set. 2021.

BERTI, Luiza. G.; OLIVA, Rodrigo; VELASQUEZ, Fernanda. G. A sociedade do espetáculo no sensacionalismo midiático: a absoluta impossibilidade do Status Quo Ante. **Revista de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIPAR**. Umuarama. v. 23, n. 1, p. 143-157, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://revistas.unipar.br/index.php/juridica/article/view/8260>>. Acesso em: 13 out. 2021.

BIROLI, Flávia. É assim, que assim seja: mídia, estereótipos e exercício de poder. **Compolítica: Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política. IV Encontro da Compolítica**: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 13-15.abr.2011. Disponível em: <<http://compolitica.org/novo/anais2/anais-2011/>>. Acesso em: 07 de set. 2021.

BISPO, Raphael. Tempos e silêncios em narrativas: etnografia da solidão e do envelhecimento nas margens do dizível. In: **Etnográfica**, v. 20, n. 2, p. 251-274, 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/etnografica/4268>>. Acesso em: 10 de mai. de 2019.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda**. Razões e Significados de uma Distinção Política. São Paulo: Editora UNESP, 1995. Disponível em: <[https://www.comtudo.com.br/edicoes/pdfs/bobbio\\_esquerda\\_direita.pdf](https://www.comtudo.com.br/edicoes/pdfs/bobbio_esquerda_direita.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2023.

BOSCO, Sérgio; JORDÃO NETTO, André. **Migrações**: estudo especial sobre as migrações internas para o Estado de São Paulo e seus efeitos. São Paulo: Edições Paulinas, 1967.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. 2Ed. Porto Alegre: Zook, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília: Secom, 2016. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 19.482**, de 12 de dezembro de 1930 – Republicação. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19482-12-dezembro-1930-503018-republicacao-82423-pe.html>>. Acesso em 31 out. 2022

BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso do ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. Tradução de Maria Ângela Jardim de Santa Cruz Oliveira. **Revista de Direito Público**. Brasília: Instituto Brasiliense de Direito Público, ano 4,

v. 15, n. 117, jan./mar. 2010. Disponível em:

<<https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1418>>. Acesso em: 18 set. 2023.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1996.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **Youtube e a revolução digital**: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Tradução de Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CAMPOS, Carla Leila Oliveira. Estratégias de referenciação no Discurso midiático – práticas Ideológicas de inclusão e exclusão de dizeres no discurso sobre a guerra. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 10, n. 1, p. 43-67. Palhoça, SC. jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v10n1/v10n1a03.pdf>>. Acesso em 03 set. 2021.

CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francini Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cad. Saúde Pública** 2018; 34(3). Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csp/v34n3/1678-4464-csp-34-03-e00101417>>. Acesso em: 21 de out. de 2020.

CARVALHO, Alexandre Filordi de; ALMEIDA, Jonas Rangel de. Neoconservadorismo e arcaísmos no neoliberalismo: implicações para a corrosão da inclusão escolar. **Revista Educação Especial, [S. l.]**, v. 35, p. e60/1–21, 2022. DOI: 10.5902/1984686X71319. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/71319>>. Acesso em: 4 set. 2023.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

CASSANIGA, Tafarel. **Nordestinos em Brusque/SC**: estigma e preconceito em relação aos novos imigrantes do século XXI. - 2018. 123. Disponível em: <<http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00004f/00004f2d.pdf>>. Acesso em: 21 de out. 2020.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity**: Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2a ed. Portugal: Difel, 2002.

CIOCCARI, Daysi; PERSICETTI, Simonetta. Armas, ódio, medo e espetáculo em Jair Bolsonaro. **Revista Alterjor**, v. 18, n. 2, p. 201–214, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/144688>>. Acesso em: 10 set. 2023.

CLARKE, John; NEWMAN, Janet. **The managerial state**: power, politics and ideology in the remaking of Social Welfare. London: Sage, 1997.

COAN, Fabrícia de Oliveira. **A Influência da telenovela na moda: Uma análise da novela Caminho das Índias**. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) – Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2010/2/20742449.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

COELHO, Julia Costa. **Redes sociais e eleições: o uso das novas mídias em campanhas eleitorais** / Julia Coelho Costa. - 2018. 123 f. Orientadora: Prof. Chalini Torquato Gonçalves de Barros Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação Publicidade e Propaganda, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/8605/1/JCosta.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2023.

COELHO, Maria Claudia. “Dádiva e Emoção. Obrigatoriedade e espontaneidade nas trocas materiais”. In: **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 2, n. 6, 2003. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE%20v2,n6,dez12003.pdf>>. Acessado em: 10 de mai. de 2019.

COELHO, Tiago da Silva. **Migração nordestina no Brasil varguista: diferentes olhares sobre a trajetória dos retirantes** / Tiago da Silva Coelho; orientador: René Ernaini Gertz. -- Porto Alegre: Ed. do autor, 2012. 153 f.: il.; 30 cm. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre (RS), 2012. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2425/1/438223.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

COGGIOLA, Osvaldo. Trotsky e a lei do desenvolvimento desigual e combinado. *Novos Rumos*, ano 19; nº42, 2007. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/4894/3514>>. Acesso em 14 out. 2021.

COSMO, Claudia de Carvalho; FERNANDES, Silvia Aparecida de Sousa. **Neoliberalismo e educação – Lógicas e contradições**. 2003. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario8/\\_files/gYCRdDvb.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/gYCRdDvb.pdf)>. Acesso em: 03 set. 2023.

COSTA, Anna Gabriela. População em situação de rua cresceu 31% nos últimos dois anos em São Paulo. **CNN Brasil**, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/populacao-em-situacao-de-rua-cresceu-31-nos-ultimos-dois-anos-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 01 mai. 2022

COSTA, Simone da Silva. Pandemia e desemprego no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, n. 54, v.4; p.969-978, jul. - ago. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rap/v54n4/1982-3134-rap-54-04-969.pdf>>. Acesso em: 21 de out. 2020.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade**. Tradução: Luzia Araújo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2020.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. 2. ed. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Diogo da Silva. **Manchetes, títulos e suas formas de expressão: uma pesquisa histórica pelos uivos impressos, idiotas da objetividade e outros modos de ver.** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2975/1/DCUNHA.pdf>>. Acesso em: 21 de mai. 2022.

CROCI, Federico. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. **Locus: revista de história**, Juiz de Fora, v. 14, n. 2. p. 13- 39, 2008.

CRUZ, Júnio Nogueira da. A trilha sonora como produtora de sentido no telejornalismo: uma análise da utilização de sons no Esporte Espetacular e no Jornal Nacional. **(Trabalho de Conclusão de Curso)** - Faculdade de Comunicação da UFJF, 2014. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/facom/files/2013/11/MONOGRAFIA-J%c3%9aNIO.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2022

DANTAS, Ana Raquel Matias; FREIRE, Flávio Henrique Miranda de Araújo. "Migração e Seletividade na Região Nordeste: Um Estudo a Partir dos dados do Censo Demográfico de 2010", p.51-82. In Ricardo Ojima, Wilson Fusco. **Migrações Nordestinas no Século 21 - Um Panorama Recente**, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015. Disponível em: <<https://openaccess.blucher.com.br/article-details/migrao-e-seletividade-na-regio-nordeste-um-estudo-a-partir-dos-dados-do-censo-demografico-de-2010-19349>>. Acesso em: 17 de jul. de 2020.

DANTAS, Reuwer; GOMES, Marcília. O Nordeste na TV: produção de sentido e o discurso da seca. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN, 2008.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0205-1.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2021.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 100, Campinas, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>. Acesso em: 13 de julho de 2020.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOS SANTOS BRITO, Flávio. A questão social no capitalismo contemporâneo: como o estado enfrenta a questão social? **Serviço Social em Perspectiva**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 194–212, 2021. DOI: 10.46551/rssp.202113. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/3363>>. Acesso em: 13 out. 2021.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUARTE, Ricardo. **Uma metrópole invisível: Imagem e discurso dos jovens rurais sobre São Paulo em uma rede social comunicativa com jovens paulistas.** Recife: Editora Livro Rápido, 2005a.

DUARTE, Ricardo. Uma Metrópole Invisível: As relações comunicativas da juventude rural do sertão pernambucano com a juventude urbana nordestina em São Paulo na construção do discurso e do imaginário da metrópole. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos**

**Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005b. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1007-2.pdf>>. Acesso em: 09 de set. 2021

ESTRELA, Ely Souza. **Os Sampauleiros**: cotidiano e representações. São Paulo, Humanitas, 2003.

EVARISTO, Hugo Coelho. **Tcc Show**: o programa de auditório está no ar. 2017. 51 f., il. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/19705>>. Acesso em 11 jul. 2020.

FAGUNDES, Carolina Santos. Globoplay, Playplus E Youtube: Como emissoras de televisão aberta brasileira se inserem no fenômeno do streaming. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1061-1.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2021.

FAIRCLOUGH, Norman. **Media discourse**. London, Longman, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. Discourse, social theory and social research: the case of welfare reform. **Journal of Sociolinguistics**, 4(2). 2000.

FAIST, Thomas. The moral polity of forced migration. **Ethnic and Racial Studies**; VOL. 41, NO. 3, 412–423, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/01419870.2017.1324170>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

FAUSTO NETO, Antônio (Org.). **Midiatização e Processos Sociais** – aspectos metodológicos. Santa Cruz: Edunisc, 2010.

FELICISSIMO, Fláviane, Bevilaque; *et al.* Estigma internalizado e autoestima: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Psicologia, Teoria e Prática**. São Paulo, SP, jan.-abr. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n1/10.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2021.

FERRARI, Mônica de Melo. A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954) - Seca e desigualdades regionais. 2005. 160 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1498>>. Acesso em 10 out. 2023

FERREIRA, João S. Whitaker. **O mito da cidade-global**: o papel da ideologia na produção do espaço urbano. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da Unesp; Salvador: Anpur, 2007.

FERREIRA, Karla Patrícia Martins; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Juventude no semiárido nordestino: caminhos e descaminhos da emigração. In: LEITE, Jader Ferreira; DIMENSTEIN, Magda (Orgs.). **Psicologia e contextos rurais**. Natal: EDUFRN, 2013, p. 89-

116. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/20246>>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

FERREIRA, Marcia Milena Galdez. Rumo ao Maranhão: teias migratórias e memória dividida. **Tempos Históricos**. Volume 23 - 2º Semestre de 2019; p. 342-374. Disponível em: <<https://erevista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/20710>>. Acesso em: 01 set. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FINGUERUT, Ariel. **A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush**. 2008. 150 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008.

FORIGO, Marlus Vinícius. Crise do estado de bem-estar social e neoliberalismo. **Revista Relações Internacionais no Mundo Atual**. n. 1, p. 52 – 62, 2003. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/228/201>>. Acesso em: 03 set. 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975/1976)**. São Paulo: Martins Fontes; 2000.

FREIRE, Stefanie Matos. Utilização da Internet e Redes sociais nas eleições presidenciais: análise do caso brasileiro em 2018 / Stefanie Matos Freire. -- Araraquara, 2022 -- 197 p.: il., tabs. **Dissertação** (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2022. Disponível em: <[https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/ciencias\\_sociais/6024.pdf](https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/ciencias_sociais/6024.pdf)>. Acesso em: 09 set. 2023.

FREITAS, Fernando Garcia de; MAGNABOSCO, Ana Lélia; BANDEIRA, Andrea Camara. **A pandemia do Covid -19 e seus impactos na economia mundial e brasileira**. São Paulo: Confederação Nacional de Serviços – CNS; março, 2020b. Disponível em: <<http://www.cnservicos.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Impactos-economicos-do-Covid-19-v11.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2020.

FREITAS, Larissa Lima de. Migrantes Nordestinas em São Paulo: Trajetórias, interseccionalidades e identidades na migração contemporânea de mulheres nordestinas para São Paulo/ Larissa Lima de Freitas. – Guarulhos, 2020. 57 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020a. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/58966/TCC%20-%20Larissa%20Lima%20de%20Freitas.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

GARRET, Peter. BELL, Allan. **Approaches to Media Discourse**. Oxford: Blackwell. Publishers Ltda. 1998.

GILL, Jasmine & BAKER, Charley (2019). The Power of Mass Media and Feminism in the Evolution of Nursing's Image: A Critical Review of the Literature and Implications for Nursing Practice. **Journal of Medical Humanities**. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10912-019-09578-6>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

GIROTTI JR, Gildo; VASCONCELOS, Cyntia Almeida; PIVARO, Gabriela Fasolo. Hiperparticularização de conceitos, negacionismo científico e a natureza da ciência: uma análise de respostas a textos de divulgação. **Prometeica - Revista De Filosofia Y Ciências**, (24), 2022. Disponível: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/prometeica/article/view/13355>>. Acesso em: 09 set. 2023.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GOLIOT-LÉTÉ, Anne; VANOYE, Francis. **Ensaio sobre a análise fílmica** / Anne Goliot-lété; Francis Vanoye. Tradução de Marina Appenzeller; Revisão técnica Nuno Cesar P. de Abreu. - 7 ed. – Campinas, SP: Papyrus; 2012.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos Meios à Mídiação**: Um conceito em Evolução – São Leopoldo, RS: Unisinos, 2017.

GOMES, Pedro Gilberto. Mídiação: um conceito, múltiplas vozes. **Rev Famecos (Online)**. Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.2.22253>>. Acesso em: 30 set. 2023

GOMES, Wilson. Princípios de poética (com ênfase na poética do cinema). In: PEREIRA, M.; GOMES, R.; FIGUEIREDO, V. (Org.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2004.

GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos. Em busca de uma vida melhor. Emigração, trabalho e novos direitos. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**; Ano XVI - Número 31 – 2008.

GUARESCHI, Pedrinho; DIAS, Giordano Laranjeira; HARTMANN, Mariane Rigatti. Assistencialismo midiático: uma nova estratégia de legitimação social. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 16, p. 1-18, janeiro/junho 2007.

GUILLEN. Isabel Cristina Martins. Seca e migração no Nordeste: reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. In: CAVALCANTI, Helenita; BURITY, Joanildo (Orgs.). **Polifonia da miséria**. Uma construção de novos olhares. Recife: Editor Massangana, 2001.

HISSA, Débora Liberato Arruda. Da manipulação das massas nas redes sociais às ações de combate à desinformação. **Revista Linguagem em Foco**, v.14, n.2, 2022. p. 68-89. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9587.10.46230/2674-8266-14-9587>>. Acesso em: 10 out. 2023.

HJARVARD, Sting. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, Ano 5 – nº 2 jan./jun. 2012.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. Trabalho emocional, regras de sentimento e estrutura social. In: COELHO, Maria Claudia (org.), **Estudos sobre interação**: textos escolhidos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na Contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. Cortez, São Paulo: 2003.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. O Brasil das desigualdades: “questão social”, trabalho e Relações sociais. In: **SER social**, Brasília, v.15, n. 33, p.261-384, jul. / dez. 2013. Disponível em: < <http://www.cressrn.org.br/files/arquivos/FaPa1Oy8kQ65voJ4T345.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2021.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. A questão social no capitalismo. **Temporalis**, Brasília, n. 3, 2001. Disponível em: <[https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/temporalis\\_n\\_3\\_questao\\_social-201804131245276705850.pdf](https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/temporalis_n_3_questao_social-201804131245276705850.pdf)>. Acesso em: 3 dez. 2021

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo, Cortez, 1983.

IANNI, Octávio. A questão social. **Revista USP**, v. 3, p. 145-154. 1989. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i3p145-154>>. Acesso em: 03 set. 2021.

IBGE. **Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação**, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>>. Acesso em: 27 de out. 2022

JESUS, Étel Teixeira de. O Nordeste na mídia e os estereótipos lingüísticos: estudo do imperativo na novela Senhora do Destino. 2006. 131 f. **Dissertação** (Mestrado em Liguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/8870>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

JUNCKEN, Elaine Teixeira. **Juventude podre, participação e redes de sociabilidade na construção do projeto de vida** / Elaine Juncken Teixeira. – Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp024196.pdf>>. Acesso em: 17 de jul. de 2020.

KIYOTANI, Ilana Barreto. De região problema à periferia do prazer: o turismo e a ressignificação do Nordeste brasileiro. 2019. 228f. **Tese** (Doutorado em Turismo) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/26949>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da emoção. O Brasil urbano sob a ótica do luto**. Petrópolis, Vozes, 2003.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Introdução à sociologia da emoção**. João Pessoa, Manufatura / GREM, 2004.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Amor e Dor. Ensaio em antropologia simbólica**. Recife, Bagaço, 2005.

KOWALSKI, Marinna Campos Guaragna. **Assistencialismo nos programas brasileiros da televisão aberta**. Universidade de Brasília Faculdade de Comunicação - Departamento de Audiovisual e Publicidade, Brasília – DF, 2013. Disponível em: <[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/6450/1/2013\\_MarinnaCamposGuaragnaKowalski.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/6450/1/2013_MarinnaCamposGuaragnaKowalski.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2021.

LEAL, Sobreira; LINS, Simões. O imaginário coletivo na mídia: uma análise sensível da cobertura do telejornal na transposição das águas do Velho Chico. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos** 21(3):91-105 setembro/dezembro 2019. Disponível em <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2019.213.08/60747386>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

LEAL, Wills. **O Nordeste no Cinema**. João Pessoa: Ed. Universitária/FUNAPE/UFPB, V.1. 1982.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. Papirus. São Paulo. 2007.

LE BRETON, David. **Antropologia da dor**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

LUND, Niels Frederik; COHENB, Scott A.; SCARLESB, Caroline. The power of social media storytelling in destination branding. **Journal of Destination Marketing & Management**, v.8, 271–280, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2017.05.003>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

LUTZ, Catherine. **Unnatural Emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to Western theory**. Chicago, University of Chicago Press, 1988.

MACIEL, Lidiane Maria. **O sentido de melhorar de vida: arranjos familiares na migração rural-urbana para o interior de São Paulo**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

MAGALHÃES, Belmira Rita Costa. **O sujeito do discurso: um diálogo possível e necessário**. In: VOESE, Ingo (org) – Linguagem em Discurso, volume 3, Número especial, Santa Catarina, Unisul, 2003.

MANCEBO, Rafael Cuba; Costa, Alessandra de Sá Mello da. Mídia, discurso e operação ideológica: A história da feira de São Cristóvão nas páginas do Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 2016. 86p. **Dissertação** (Mestrado) – Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1412502\\_2016\\_completo.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1412502_2016_completo.pdf)>. Acesso em: 05 jun. 2020.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política, livro I, volumes 1 e 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MARTINS, Erikssonara Thalessa da Câmara. **O avanço do neoconservadorismo e a extrema-direita no Brasil: uma análise a partir da Campanha Eleitoral de 2018 ao Governo Bolsonaro**.

2022. 62f. **Monografia** (Graduação em Serviço Social) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48670>>. Acesso em 11 out. 2023

MARTINS, Leonardo Rauta. Permanecer no campo como projeto de vida de jovens rurais: experiências de formandos e egressos de Escolas Família Agrícola no estado do Espírito Santo. 2019. 229 f., il. **Tese** (Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/37242>>. Acesso em: 13 de jul. de 2020.

MARINELLI, Natália Pereira; ALBUQUERQUE, Layana Pachêco de Araújo; SOUSA, Isaura Danielli Borges de; BATISTA, Francisca Miriane de Araújo; MASCARENHAS, Márcio Dênis Medeiros, & RODRIGUES, Malvina Thais Pacheco. Evolução de indicadores e capacidade de atendimento no início da epidemia de COVID -19 no Nordeste do Brasil, 2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, 29 (3), 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-96222020000300303](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222020000300303)>. Acesso em: 22 de out. 2020.

MARINELLI, Edson Bastos. A saga do migrante nordestino em São Paulo. **Revista Educação** - UNG-SER; v.2 n. 1, 2007. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/49>>. Acesso em: 23 de out. 2020.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo. 2010.

MASCARO, Alysson Leandro. **Crise e Pandemia**. Coleção Crise Pandemia. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

MATTOS, Michele Ziegler de. Corpos generificados: os artefatos culturais e os discursos produzidos sobre gênero. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012. Disponível em: <[http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1370966350\\_ARQUIVO\\_fazendogenerosetembro.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1370966350_ARQUIVO_fazendogenerosetembro.pdf)>. Acesso em: 13 out. 2021.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. *In: Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. *In: FIGUEIRA, Sérvulo* (org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1980.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1979.

MENEZES, Adriana. Mito ou identidade cultural da preguiça. *Ciencia e Cultura* [online]. 2005, v.57, n.3, pp.9-10. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252005000300005](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000300005)>. Acesso em: 07 out. 2023.

MESSINA, Graciela. Investigación en o investigación acerca de la formación docente: un estado del arte en los noventa. **Revista Iberoamericana De Educación**, 19, 145-207; 1999. Disponível em: <<https://rieoei.org/historico/oeivirt/rie19a04.PDF>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. Dossiê: sexualidades disparatadas. **Cad. Pagu** (28), jun 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100006>>. Acesso em: 06 set. 2023.

MOLL, Roberto. Diferenças entre neoliberalismo e neoconservadorismo: duas faces da mesma moeda? **Semdiplomacia**, São Paulo, 23 jul. 2015. Disponível em: <<https://ieei.unesp.br/portal/wp-content/uploads/2016/11/Diferen%C3%A7as-entre-neoliberalismo-e-neoconservadorismo.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2023.

MOLL, Roberto. Imaginando o “outro” e a nação nas relações internacionais: commentary magazine, the New Republic e o intervencionismo dos Estados Unidos na Nicarágua e El Salvador (1977-1992). 2015. 275 f. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, São Paulo, 2015b.

MOLL, Roberto. **Reaganetion**: a nação e o nacionalismo (neo)conservador nos Estados Unidos (1981-1988). 2010. 265 f. **Dissertação** (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <<https://www.abphe.org.br/uploads/Banco%20de%20Teses/moll-reaganation.pdf>>. Acesso em 11 out. 2023.

MORAES, Ana Carmen Navarro de. **A juventude nordestina e a crise social contemporânea**: situação ocupacional dos jovens do Nordeste – 1981-2002 / Ana Carmen Navarro de Moraes. -- Campinas, SP: [s.n.], 2009. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_3c7c7b299b9a736ff09629228511cf31](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_3c7c7b299b9a736ff09629228511cf31)>. Acesso em: 18 de jul. de 2020.

MORAES, Dênis de (org.); *et al.* **Sociedade midiaticizada**. Traduções de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

NASCIMENTO, Tiago Carlos Lima do. O caminho para as secas: as imigrações para o semiárido setentrional. **Dissertação** (Mestrado em Demografia) - Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/20346>>. Acesso em: 01 set. 2021.

NASCIMENTO, Kadidja Márcia Sá Leitão Sarmiento do. Tradução de itens culturais: a representação do Nordeste brasileiro em Travels in Brazil de Henry Koster. **Dissertação** (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2020, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/219567/PGET0493-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

NETTO, José Paulo. Cinco notas a propósito da “Questão Social”. **Revista Temporalis**, nº 3. (Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS), ano II, 2001. Disponível em: <[https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/temporalis\\_n\\_3\\_questao\\_social-201804131245276705850.pdf](https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/temporalis_n_3_questao_social-201804131245276705850.pdf)>. Acesso em: 3 dez. 2021

NÓBREGA, Ricardo; DAFLON, Verônica Toste. Da Escravidão às Migrações: Raça e Etnicidade nas Relações de Trabalho no Brasil. **Latin American Studies Association**, 2009. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/541987/Da\\_escravid%C3%A3o\\_%C3%A0s\\_migra%C3%A7%C3%B5es\\_ra%C3%A7a\\_e\\_etnicidade\\_nas\\_rela%C3%A7%C3%B5es\\_de\\_trabalho\\_no\\_Brasil](https://www.academia.edu/541987/Da_escravid%C3%A3o_%C3%A0s_migra%C3%A7%C3%B5es_ra%C3%A7a_e_etnicidade_nas_rela%C3%A7%C3%B5es_de_trabalho_no_Brasil)>. Acesso em: 10 ago. 2021

NORONHA, Claudia Ayer; VILELA, Elaine; CAMPOS, Marden. “Quem leva a pior?” Nordestinos e bolivianos no mercado de trabalho paulista. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo, v. 36, e0082, 2019. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982019000100161&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982019000100161&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 out. 2020.

NUNES, João. A pandemia de COVID-19: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, e00063120, 2020. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2020000500501&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000500501&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 out. 2020.

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 2006. Coleção Primeiros Passos.

OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. Migrações e nordestinos pelo Brasil: uma breve contextualização, p.11-26. *In*: Ricardo Ojima e Wilson Fusco. **Migrações Nordestinas no século 21 – Um Panorama Recente**, São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2015.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. MOTIVOS PARA MIGRAÇÃO NO BRASIL E RETORNO AO NORDESTE padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 134-143, out./dez. 2005.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/spp/v19n4/v19n4a09.pdf>>. Acesso em: 16 de julho de 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT. **ILO Monitor: COVID -19 and the world of work**, 2020. Disponível em: <[https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/-/dgreports/-/dcomm/documents/briefingnote/wcms\\_743146.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/-/dgreports/-/dcomm/documents/briefingnote/wcms_743146.pdf)>. Acesso em: 27 set. 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

OSAKWE, Julie (2019) Media and the government of populations review (media and the government of populations: communication, technology, power), **Journal of Contemporary European Studies**, 27:1, 124-125. Disponível em: DOI: 10.1080/14782804.2019.1543995. Acesso 05 jun. 2020.

PAES-SOUSA, Rômulo; LIMA, Nísia Verônica Trindade; BUSS, Paulo Marchiori. A pandemia de COVID-19: uma crise sanitária e humanitária. **Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro**, v. 36, n. 7, e00177020, jun. 2020. Disponível em:

<<http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1116/a-pandemia-de-Covid-19-uma-crise-sanitaria-e-humanitaria>>. Acesso em: 03 out. 2020.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. Imagens do Nordeste Brasileiro na Idade Mídia. Elementos para uma antropológica da ficção audiovisual brasileira. **BOCC - Biblioteca online de Ciências**

**da Comunicação.** Portugal; 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-cardoso-imagens-nordeste-brasileiro.pdf>>. Acesso em: 06 de set. 2021.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento.** 7ª ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 4. ed. Campinas: Unicamp, 2009.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A produção do discurso de informação num jornal sensacionalista.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1983.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **VI Congresso SOPCOM**, abril, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acessado em 25/06/2020.

PEREIRA, Bruno César. Motivos para migrar... Motivos para ficar: trajetórias de migrantes nordestinos em Orlândia-SP (1980-2010). **Aedos**, Porto Alegre, v. 12, n. 27, março 2021. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/view/108387/61259>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

PIVARO, Gabriela Fasolo; GIROTTO JÚNIOR, Gildo. Características dos Discursos de Desinformação Relacionados aos Conhecimentos Científicos das Redes Bolsonaroistas no Twitter. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, [S. l.], p. e40800, 1–25, 2023. DOI: 10.28976/1984-2686rbpec2023u631655. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/40800>>. Acesso em: 1 set. 2023.

PRIGOL, Edna Liz; BEHRENS, Marilda Aparecida. Teoria Fundamentada: metodologia aplicada na pesquisa em educação. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84611, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/edreal/v44n3/2175-6236-edreal-44-03-e84611.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

RAMOS, Luciana de Menezes. Representações de comunicadores de mídia nordestinos sobre sotaque. **Dissertação** (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CCS. Programa de Pós-Graduação em Saúde da Comunicação Humana, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1408>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

REGO SILVA, Sarah Dantas do; MASSUCHIN, Michele Goulart. Construção do Nordeste no telejornalismo: um estudo do jornal hoje. **Extraprensa**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 185 – 207, jul./dez. de 2019. Disponível: <<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/158986/159256>>. Acesso em: 06 de st. 2021

REIS, Nerci Aparecida dos. **A migração do nordestino trabalhador rural e a educação escolar de seus filhos.** Frutal-MG: Prospectiva, 2016. Disponível em: <<https://www.aacademica.org/editora.prospectiva.oficial/23.pdf>>. Acesso em 16 de julho de 2020.

REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das Emoções.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. Série Sociedade e Cultura, 2010.

RUA, João. Paus-de-araras e pardais: o Brasil migrante em começos do século XXI. **Geolnova**. Lisboa - Portugal, vol. 8, p. 179-206, 2003.

SÁDABA, Teresa. **Framing**: El encuadre de las noticias – el binomio terrorismo-medios. Buenos Aires: La Crujía, 2007.

SANTIAGO, Antônio Heleno Ribeiro; ARAÚJO, Júlio. Prática discursiva de desinformação: distribuição de anúncios digitais falsos em mídias sociais. **Revista Linguagem em Foco**, v.14, n.2, 2022. p. 49-67. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/arti-cle/view/9374.10.46230/2674-8266-14-9374>>. Acesso em: 09 set. 2023.

SANTOS, Josefa Maria dos. Nordestino é... análises das discursivizações sobre os nordestinos nas redes sociais digitais. 209 f. **Tese** (Doutorado em Linguística e Literatura) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/8504>>. Acesso em: 09 set. 2023.

SANTOS, Luciany Aparecida Alves. Literatura de cordel e migração nordestina: tradição e deslocamento. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 35, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil, 2010.

SANTOS, Rogério Fernandes. A influência dos estereótipos no julgamento da veracidade de enunciados. **Dissertação** - Programa de Pós-graduação em Psicologia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador - BA 2008. Disponível em: <[https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/rogerio\\_santos.pdf](https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/rogerio_santos.pdf)>. Acesso em: 13 out. 2021.

SANTOS, Sandra Lemos dos. Eleições 2018: o Nordeste é mais uma vez marcado em vermelho. **Trabalho de Conclusão de Curso** – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda), Fortaleza, 2022. Disponível em: <[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/68665/1/2022\\_tcc\\_slsantos.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/68665/1/2022_tcc_slsantos.pdf)>. Acesso em 09 set. 2023.

SEIXAS, Tiago. A Coronacrise: natureza, impactos e medidas de enfrentamento no Brasil e no mundo. *In*: **Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica - IE/UNICAMP**, Nota do Cecon, n.9, março de 2020. Disponível em: <[https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/nota\\_cecon\\_coronacrise\\_natureza\\_impactos\\_e\\_medidas\\_de\\_enfrentamento.pdf](https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/nota_cecon_coronacrise_natureza_impactos_e_medidas_de_enfrentamento.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2020.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A Teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação** (20). Maio/Jun/Jul/Ago, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/mSxXfdBBqqhYyw4mmn5m8pw/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 03 dez.2021.

SILVA, Cinthia X. da; PAIT, Heloisa. Memória e vivência: como as histórias da migração nordestina são contadas. **Revistas Percursos** – Revista de Antropologia, Marília, v. 2 n. 1, 2016. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/pe/article/view/6290>>. Acesso em 11 out. 2023.

SILVA, Daniel N. **Pragmática da violência**: o Nordeste na mídia brasileira. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística: UNICAMP. Campinas, 2010. Orientação: Kanavillil Rajagopalan. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269110?mode=full>>. Acesso em: 22 out. 2020

SILVA, Delmira Santos da Conceição; SANTOS, Marília Barbosa dos; SOARES, Maria José Nascimento. Impactos causados pela COVID-19: um estudo preliminar. **Revista Brasileira De Educação Ambiental (RevBEA)**, 15(4), 128-147, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/10722>>. Acesso em: 21 out. de 2020.

SILVA, Duaocelha dos Reis Janacaro Moreira da; SILVA, Tiago Nunes da. Paradigma do estado de bem-estar social: aspectos sociojurídicos e filosóficos do neoliberalismo e seu impacto na educação brasileira. **Revista Jurídica Direito & Realidade**, v. 11, n.15, p. 64-84/2023. Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/direito-realidade/article/view/3050>>. Acesso em: 03 set. 2023.

SILVA, Uvandererson Vitor da. Velhos caminhos, novos destinos: migrantes nordestinos na Região metropolitana de São Paulo. **Dissertação** (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- USP; São Paulo, novembro de 2008. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-27082009-162742/publico/UVANERSON\\_VITOR\\_DA\\_SILVA.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-27082009-162742/publico/UVANERSON_VITOR_DA_SILVA.pdf)>. Acesso em: 16 de jul. de 2020.

SILVA, Suelen de Aguiar. Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v.38, n.2, p. 339-342, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/interc/a/bbtrxdV3v8bwyFwsMxKGvvg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 31 out. 2022.

SILVA, Yane Marcelle Pereira. “Esses nordestinos...”: discurso de ódio em redes sociais da internet na eleição presidencial de 2014 / Yane Marcelle Pereira Silva; orientadora: Regina Lúcia Supupira Pedroza. – Brasília, DF, 2016. 152p. **Dissertação** (Mestrado) – Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, 2016a. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22791/1/2016\\_YaneMarcellePereiraSilva.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22791/1/2016_YaneMarcellePereiraSilva.pdf)>. Acessado em 03 out. 2020.

SILVA, Pedro Henrique Isaac. Mundo do trabalho e a pandemia de COVID-19: um olhar sobre o setor informal. *In*: **Caderno de Administração**, Maringá, v.28, Ed. Esp., jun./2020. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53586/751375150138>>. Acesso em: 03 out. 2020.

SILVA, Luiz Rogério Lopes.; BOTELHO-FRANCISCO, Rodrigo Eduardo; ALISSON AUGUSTO DE OLIVEIRA, Alisson Augusto de; PONTES, Vinicius Ramos. A gestão do discurso de ódio nas plataformas de redes sociais digitais: um comparativo entre Facebook, Twitter e Youtube. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 470–492, 2019. DOI: 10.26512/rici.v12.n2.2019.22025. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/22025>>. Acesso em: 1 set. 2023.

SILVA, Wainer Antonio Silva; MORAES, Renato Almeida de. Direita e esquerda no pensamento de Norberto Bobbio. **Agenda Política**. Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos Volume 7, Número 1, São Carlos, 2019. Disponível em: <<https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/239/226>>. Acesso em: 01 set. 2023.

SILVA DOS SANTOS, Daise Maria; MONTEIRO DOS SANTOS, Vilbégina. Mídia e a novas formas de sociabilidade na era digital. In: **XV Enecult** – encontros de estudos multidisciplinares em Cultura, Salvador – Bahia, 01 – 03 de agosto de 2019. Disponível em <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112191.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2023.

SILVA SOBRINHO, Helson. O discurso sobre velhice e as tentativas do capital de tornar suas contradições. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 43, n.3, p.1118-1128, set-dez 2014. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/510>>. Acesso em: 18 set. 2023.

SILVA SOBRINHO, Helson. Análise do Discurso e a insuportável luta de classes na teoria e na prática. In TFOUNI, L. et al (Orgs.). **A Análise do Discurso e suas Interfaces**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

SILVEIRA, Mariana Maia; STEFANI, Marília Rulli. Reflexões a respeito da violência doméstica contra as mulheres durante o Covid-19 no município de Paranaíba-MS. **RJLB**, v. 7, n. 3, 2021. Disponível em: <[https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2021/3/2021\\_03\\_1201\\_1224.pdf](https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2021/3/2021_03_1201_1224.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2021.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

SOBRAL, Germano Leóstenes Alves de. Imagens do migrante nordestino em São Paulo. **Travessia**: Revista do Migrante, São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, v. 6, n. 17, p. 19-20, set./ dez.1993.

SOUSA, João Eudes Portela de; SOUSA, Antonia Nilene Portela de. Das reflexões imagéticas para retratar o Nordeste brasileiro: O Ceará de *Cine Holliúdy*. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-3020-1.pdf>>. Acesso em: 06 de set. 2021

SOUSA, Paulo Onofre Silva de. **Impacto das vinhetas de abertura na retenção do público no youtube – um estudo de caso do canal do exército brasileiro**. Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) - Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Comunicação em Redes Sociais, Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/12240/1/51500121.pdf>>. Acesso em: 02 de out. 2022.

SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2015.

SOUZA, Mariana Jantsch de. Discurso de ódio e dignidade humana: uma análise da repercussão do resultado da eleição presidencial de 2014. **Trabalhos em linguística aplicada**. Campinas, v. 57, n.2, p.922-953, ago. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tla/a/BqJsGQQbc6csP838MJrRDfx/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 18 set. 2023.

STEINBERGER, Margarethe B. **Discursos geopolíticos da mídia: Jornalismo e imaginário internacional na América Latina**. São Paulo: Cortez, 2005.

STOCCO, Aline Faé. Cuba: os desafios para a construção do socialismo hoje **Dissertação** (Mestrado em Política Social) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, 2013. Disponível em: <[http://dspace3.ufes.br/bitstream/10/8753/1/tese\\_6255\\_Aline%20Fa%C3%A9%20Stocco.pdf](http://dspace3.ufes.br/bitstream/10/8753/1/tese_6255_Aline%20Fa%C3%A9%20Stocco.pdf)>. Acesso 11 out. 2023.

TAMANINI, Paulo Augusto; SILVA Enock Douglas Roberto da. O Nordeste, as imagens e o ensino: o real e o imaginário na iconografia da seca. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 20, n. 43, p. 317-337, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723820432019317>>. Acesso em 11 out. 2023.

TELLES, Vera da Silva. Questão social: afinal, do que se trata? **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 85-95, 1996. Disponível em: <[http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v10n04/v10n04\\_10.pdf](http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v10n04/v10n04_10.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2021.

THEIS, Ivo Marcos. Do desenvolvimento desigual e combinado ao desenvolvimento geográfico desigual. **Novos Cadernos NAEA**, [S.l.], v. 12, n. 2, fev. 2010. ISSN 2179-7536. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/324>>. Acesso em: 14 out. 2021.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa** / John B. Thompson. 9. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Disponível em: <<https://dennisdeoliveira.files.wordpress.com/2015/10/thompson-ideologia-e-cultura-moderna.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2022.

TOTA, Antônio Pedro. Origens do bipartidarismo. Uma tentativa de entender as eleições norte-americanas. **Novos Estudos**. n. 81, junho de 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/gjhnPK4jkKRFC4xPcKmXhLd/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 04 out. 2023

VAINER, Carlos. Estado e Migrações no Brasil: anotações para uma história das políticas migratórias. **Travessia**. São Paulo, vol. XIII, nº 36, p. 15-32, 2000.

VALIM, Ana. **Migrações - da perda da terra à exclusão social** / Ana Valim. – 11 ed. – São Paulo: Atual, 2009.

VICTORA, Ceres. Sofrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da antropologia. In: **Reciis**, v. 5, n. 4, p. 3-13, 2011. Disponível em:

<<https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/764>>. Acesso em: 10 de mai. de 2019.

YAZBEK, Maria Carmelita. Pobreza e exclusão social: expressões da Questão Social no Brasil. **Temporalis**, Brasília, n. 3, 2001. Disponível em:

<[https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/temporalis\\_n\\_3\\_questao\\_social-201804131245276705850.pdf](https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/temporalis_n_3_questao_social-201804131245276705850.pdf)>. Acesso em: 3 dez. 2021

WENDEL, Catherine Wihtol de. Migration and development. **Ethnic and Racial Studies**, VOL. 41, NO. 3, 431–439, 2018. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1080/01419870.2018.1388420>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia de COVID -19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, e00068820, 2020. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2020000500101&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000500101&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 out. 2020.

WOLF, Eric. R. **A Europa e os Povos sem História**. São Paulo: Edusp, 2005.

## APÊNDICE A – Quadros veiculados no Programa do Gugu

**Quadro 05 - Quadros do extinto programa de auditório *Programa do Gugu***

	<p>A cabine dos Sonhos viaja pelo Brasil. Toda semana a Cabine visita um estado e fica em uma praça, ouvindo os pedidos das pessoas daquela região. Após isso, o Programa do Gugu tenta realizar esses sonhos no palco.</p>
	<p>Uma brincadeira premiada que é garantia de entretenimento e muitas risadas. São desafios divertidos que promovem muita alegria e no final basta a família participante escolher o destino, arrumar as malas e garantir sua passagem.</p>
	<p>No desafio da <i>Internet</i> é lançado um vídeo tirado da <i>internet</i> onde alguém faz algum truque ou algo que não conseguimos desvendar assistindo o vídeo. Na semana seguinte 5 pessoas vão ao palco para mostrarem como fazem esse truque. Após isso, o auditório escolhe quem melhor fez o número para ganhar um prêmio em dinheiro.</p>
	<p>De volta ao passado promove o reencontro do primeiro amor do passado de alguém. Um namorado de infância, adolescente ou aquela pessoa que você foi apaixonado e que a vida separou por algum motivo.</p>
	<p>O Mini sonho é uma brincadeira de palco, sempre com crianças, que participam para ganhar algum prêmio desejado. Realizam uma prova no palco, onde enganam a criança com uma brincadeira falsa. No final dão a ela o prêmio que ela deseja revelando quer era só uma brincadeira.</p>
	<p>Surpresa e Declaração de amor para os casais apaixonados, como uma pessoa escreve uma carta onde quer se declarar para a pessoa amada. Esses sonhos são realizados de diversas maneiras, em <i>shows</i>, estádios, eventos.</p>
	<p>O “Sonhar mais um Sonho” é um quadro de reforma de casa. Algumas famílias são escolhidas através de cartas ou <i>e-mails</i> e constroem uma nova casa para elas.</p>
	<p>O “Sonhar mais um Sonho Especial” também é um quadro de reformas, mas neste quadro tudo é transformado, como um carro, uma lanchonete ou um empreendimento comercial. Abrange todos os outros tipos de transformações que não sejam a construção de uma casa.</p>
	<p>Neste quadro algumas famílias, que estão passando muitas necessidades longe de sua terra natal, são escolhidas e levadas de volta para sua cidade para reencontrar sua família e parentes, voltando a viver com mais dignidade.</p>

Fonte: Adaptado de: <<http://www.comercial.recordtv.com.br/programadogugu/o-programa.asp>>.

Acesso 07 set. 2023

## APÊNDICE B – Fragmentos das transcrições dos quadros analisados

**Quadro 06** - Planilha com *links* do *Youtube* e fragmentos das transcrições dos quadros

<b>Categoria Analítica</b>	<b>Quadro 01 (Q1) Link:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=J-aq-UVA6pY&amp;list=PL95Oj9u1UoWy4b6-NDLr4QmFmu40dBHv&amp;index=3">https://www.youtube.com/watch?v=J-aq-UVA6pY&amp;list=PL95Oj9u1UoWy4b6-NDLr4QmFmu40dBHv &amp;index=3</a>	<b>Quadro 02 (Q2) Link:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Lw0cLRyc9qk&amp;t=9s&amp;ab_channel=EdnardoVieira">https://www.youtube.com/watch?v=Lw0cLRyc9qk&amp;t=9s&amp;ab_channel=EdnardoVieira</a>	<b>Quadro 03 (Q3) Link:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=e9Lodp27Y_Y&amp;t=234s&amp;ab_channel=TVBeloJardim">https://www.youtube.com/watch?v=e9Lodp27Y_Y&amp;t=234s&amp;ab_channel=TVBeloJardim</a>	<b>Quadro 04 (Q4) Link:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=GII-b7ZBhuA&amp;t=14s&amp;ab_channel=JoseilsonNogueira">https://www.youtube.com/watch?v=GII-b7ZBhuA&amp;t=14s&amp;ab_channel=JoseilsonNogueira</a>	<b>Quadro 05 (Q5) Link:</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=gg9ja45YQVs&amp;t=21s&amp;ab_channel=AntioniojesusJos%C3%A9A9">https://www.youtube.com/watch?v=gg9ja45YQVs&amp;t=21s&amp;ab_channel=AntioniojesusJos%C3%A9A9</a>
<b>Composição Familiar dos participantes</b>	Casal, dez filhos = 12 pessoas	Uma mãe, seis filhos, uma neta e uma sobrinha. = 09 pessoas	Casal, quatro filhos (sendo 1 do primeiro casamento que veio para ajudar o pai) = 06 pessoas	Casal, cinco filhos = 07 pessoas	Casal,
<b>Localidade de Origem</b>	Morada Nova – Ceará	Barra do Ceará - Ceará	Belo Jardim – Pernambuco	Passa e Fica - Rio Grande do Norte	Timon – Maranhão, porém, devido a proximidade com o estado do Piauí o município foi incorporado ao referido estado.
<b>Chamada do quadro</b>	<b>Apresentador:</b> Agora chegou o momento da emoção em nosso programa, olha, eu já visitei inúmeras famílias e levei de volta para o aconchego inúmeras, dezenas de famílias, a história que nós vamos mostrar agora provavelmente é a mais impressionante que eu encontrei em toda a minha carreira de televisão, uma família, pai, mãe e dez filhos vivendo embaixo de uma barraca de lona, de lona de plástico, num cortiço em pleno Centro da cidade, nós recebemos o <i>e-mail</i> ou a carta não sei exatamente e fui ao encontro deles para levá-los de “Volta para o Aconchego” lá no Ceará, esta semana eu fiz essa viagem com eles acompanhem [Aplausos].	<b>Apresentador:</b> Nós vamos ver o “De Volta Para o Meu Aconchego” que é uma história de uma mãe que cria sozinha seis filhos aqui em São Paulo, uma neta e uma sobrinha, uma história realmente emocionante.  <b>Reportagem:</b> Famílias invisíveis, elas vivem sem documentos, sem moradia, sem educação, sem trabalho, sem saúde, quem são essas pessoas que estão abaixo da linha da pobreza, não há um consenso de sobre qual o critério deve ser adotado, o mais aceito atualmente é do Banco Mundial que utiliza a faixa de um dólar por dia por pessoa como linha de indigência, e de dois dólares por pessoa como linha de pobreza	<b>Apresentador:</b> Agora prepare o seu coração a história realmente tenho certeza que vai mexer com você que está em casa, vamos ao de volta para o meu aconchego.  <b>Reportagem:</b> Hoje é o último dia que a família de Antônio pode ficar no pesqueiro desativado, eles improvisaram uma casa onde antes funcionava um bar, mas o proprietário do terreno vai começar uma reforma no imóvel e pediu para eles deixarem a propriedade, Gugu chega a atravessa a área da entrada, até poucos dias esse lugar estava com matagal	<b>Apresentador:</b> Agora, de volta para o meu aconchego. [Trilha sonora] <b>Apresentador:</b> Hoje estou aqui na zona oeste de São Paulo, no bairro do Jaraguá, está um frio danado, uma garoa danada. Aqui que mora Maria José, pode chamar ela para mim? <b>Filho:</b> Mãe... <b>Apresentador:</b> Dona Maria José. <b>Maria José:</b> Meu Deus, o senhor existe, obrigada. <b>Apresentador:</b> Espera ali, deixa eu chegar. <b>Maria José:</b> [chorando] Fala que não é mentira... <b>Apresentador:</b> É verdade, é verdade.	<b>Apresentador:</b> Bom, agora eu vou mostrar para vocês o de Volta para o Meu Aconchego, só que quando eu cheguei na casa da pessoa que me escreveu, que era do lado de um rio, um rio horrível, poluído e tal, na verdade, eles moravam ao lado do rio, né, quando eu cheguei lá a mulher teve um piripaque, tivemos que chamar até uma ambulância, dá uma olhada o que aconteceu. (Música)

			tão alto que tinha até cobras e ratos, a família sobrevive sem condições mínimas, há onze anos eles vieram de Belo Jardim no Pernambuco, mas o sonho deles é voltar para a terra natal.	<p><b>Maria José:</b> Pela misericórdia de Deus, eu não acredito.</p> <p><b>Apresentador:</b> Você não mandou carta para mim.</p> <p><b>Maria José:</b> Você é de verdade. Obrigada, meu aí, obrigada.</p> <p><b>Apresentador:</b> Podemos entrar?</p> <p><b>Maria José:</b> Com certeza. Que Deus te abençoe por toda a sua vida.</p>	
<b>História de Vida</b>	<p><b>Reportagem:</b> Há vinte e um anos Raimundo veio do Ceará em busca de uma vida bem-sucedida na cidade grande, aqui em São Paulo ele conheceu Viviane com quem se casou e teve dez filhos.</p> <p><b>Apresentador:</b> E o Raimundo veio lá do Ceará pensando no que, quando você veio para São Paulo Raimundo?</p> <p><b>Raimundo:</b> Eu vim pensando de trabalhar aqui que nem todos vêm, né, cheguei aqui infelizmente não era o que a gente pensava, estava lá via aquele pessoal chegar todo arrumadinho, todo, né, eu achava que aqui era vida boa, você ia ganhar muito dinheiro, quando eu cheguei aqui nada disso eu encontrei, aí...</p> <p><b>Apresentador:</b> Eu vi a carta de vocês, eu li... Quem foi que mandou e-mail para...?</p> <p><b>Viviane:</b> O irmão dele que mandou para a gente.</p> <p><b>Apresentador:</b> Quem?</p> <p><b>Viviane:</b> O irmão dele.</p> <p><b>Apresentador:</b> Foi ele que mandou?</p> <p><b>Viviane:</b> É, foi ele que mandou, nós nem sabia ele pegou e mandou para a gente, o irmão dele pegou e mandou aí avisou</p>	<p><b>Reportagem:</b> Há dez anos Mônica saiu do Ceará em busca de uma vida melhor, com ela vieram os filhos, Rafaela, Josué, Daniel, Vitória, Kelly. Em São Paulo Mônica teve Nicole e Rafaela deu à luz a Natali, a sobrinha Gabriela também chegou para ficar. Sobre o manto da invisibilidade essa família que vive num prédio invadido na região central da maior cidade da América Latina faz parte da legião de brasileiros que luta para escapar da miséria.</p> <p><b>Apresentador:</b> Mas há dez anos atrás como você veio parar em São Paulo?</p> <p><b>Mônica:</b> Ah, vim a procura de uma vida melhor, mas eu não encontrei (Risos), porque pelo menos eu tivesse perto da minha mãe todos os momentos que eu chorei, que eu precisei, ela podia estar ali com uma palavra para me consolar um pouco, o pouco com Deus é muito, e o muito sem Deus não é nada.</p> <p><b>Apresentador:</b> Você veio de ônibus para cá?</p> <p><b>Mônica:</b> Vim de ônibus para cá.</p> <p><b>Apresentador:</b> E era você e quem mais?</p> <p><b>Mônica:</b> Eu tinha cinco porque só não tinha essa, a Rafaela, Daniel, Josué, Vitória e Kelly.</p>	<p><b>Antônio:</b> Olha, a nossa vida aqui está triste, está triste viu, está com onze anos que vim de lá do norte, eu fiquei trabalhando, vim para trabalhar na padaria aqui, não deu certo de trabalhar na padaria, sai e o meu irmão ficou pagando aluguel para mim, depois o meu irmão não conseguiu pagar aluguel, eu fui despejado da casa que morava, aí fiquei morando por aí, morando numa casa, em outra sem ter jeito mais, e o morador daqui já conhecia ele, ele me botou aqui para morar aqui, né, só que o dono da chácara não aceitou isso não, com família não quero ninguém lá não, aí me tirou de lá, e quer me tirar daqui, né.</p> <p><b>Reportagem:</b> Como muitos migrantes a família de Antônio veio para São Paulo porque tinha uma oferta de trabalho em uma padaria, mas tudo deu errado, e promessa de prosperidade transformou-se em uma constante busca por oportunidades.</p>	<p><b>Apresentador:</b> E há quanto tempo você está em São Paulo?</p> <p><b>Maria José:</b> Dezesesseis anos.</p> <p><b>Apresentador:</b> Faz dezesseis anos que você não vê esse filho?</p> <p><b>Maria José:</b> Não vejo, não conheço ele, minha mãe só fala que ele está com um metro e oitenta, enorme, mas se a gente encontrar na rua é a mesma coisa que ser duas pessoas estranhas. Eu entreguei para minha mãe e vim para cá para ver se arrumava condições para voltar lá ou até mandar as coisas para ajudar ele a crescer.</p> <p><b>Apresentador:</b> Veio sozinha?</p> <p><b>Maria José:</b> Vim só, ele mandou o dinheiro e eu vim, quando chegou aqui, a gente foi trabalhando, foi trabalhando e não conseguindo nada, nem mandar para ele, nem dizer para ele o quanto eu sou apaixonada por ele, não dei nada para ele a não ser, meu filho está bem? Ele nem gosta de falar comigo, sente tanta saudade que ele nem fala comigo quando eu ligo para ele.</p>	<p><b>Apresentador:</b> Agora eu preciso que você conte para mim o que está acontecendo, conta, o que aconteceu desde que vocês vieram lá do Maranhão para São Paulo?</p> <p><b>Ruth:</b> Muito dificuldade muito, a gente veio para ter uma vida melhor, mas foi possível, não foi possível, olha, eu deixei os meus filhos lá.</p> <p><b>Apresentador:</b> Como vocês vieram de lá para cá, vieram de ônibus?</p> <p><b>Sebastião:</b> Viemos de ônibus senhor Gugu, vim eu, venho a minha mãe, meus outros irmãos nós viemos para a Favela do Boqueirão, quando nós chegamos na Favela do Boqueirão a minha mãe adoeceu de câncer, voltou para lá, aí morreu lá, eu vendi o barraco que eu tinha fui visitar ela, só deu tempo de eu chegar lá ela morreu, mas eu honrei, porque eu sou muito família senhor Gugu, e eu gosto muito da minha mãe e do meu</p>

	<p>para a gente que tinha mandado, né, aí nós pegamos e ficamos alegres, contente.</p> <p><b>Apresentador:</b> Vocês moram aqui nesse lugar?</p> <p><b>Viviane:</b> Moramos aqui bastante tempo.</p> <p><b>Apresentador:</b> Isso aqui é o telhado de vocês é essa lona de plástico?</p> <p><b>Viviane:</b> É, essa aí é lona.</p> <p><b>Apresentador:</b> Por que vocês estão morando aqui me fala?</p> <p><b>Raimundo:</b> Rapaz nós não tinha aonde morar, aonde eu estava eu estava sendo despejado, eu não pagava o pessoal me xingando, querendo me mandar o pessoal botar eu para fora, e eu com medo saia para trabalhar fazia os meus bicos e chegar a minha família estar toda na rua, aí isso aí eu nem trabalhava, nem trabalhava, se eu fosse trabalhar e na hora que eu fosse também lá comer uma comida boa que vinha de... que eu trabalhava, fazia um bico no buffet, na hora que eu ia comer que eu via o meu filho eu lembrava de casa, eu comia aquela comida boa e os meus filhos não ter, então aquilo me doía, aí o meu primo chegava batia em mim, nas minhas costas, eu sei por que você não está comendo, aquilo não conseguia, né [Emocionado], não conseguia mesmo. [Música ao fundo].</p>	<p><b>Apresentador:</b> E aí você veio para cá para tentar uma vida?</p> <p><b>Mônica:</b> Tentar uma vida melhor para eles.</p> <p><b>Apresentador:</b> E aí o que aconteceu quando você chegou em São Paulo?</p> <p><b>Mônica:</b> Tudo difícil, a maior dificuldade da minha vida porque eu não sei ler e nem escrever então isso dificulta muito o trabalho para mim, então ficar limpando, lavando banheiro, pedindo de igreja em igreja uma cesta do alimento para o alimento para os meus filhos para não ver eles ficam com fome, muitas vezes eu me vi chorando.</p> <p><b>Reportagem:</b> Mônica lembra que morou em várias pensões, mas a falta de trabalho fez ela levar a família para locais cada vez menos estruturados, chegaram a viver entre paredes sem um teto, quando chovia Mônica cobria os filhos com sacos plásticos, agora ela quer voltar para Fortaleza.</p>			<p>pai, eu nunca, nunca sabe, nunca, a minha família é tudo para mim, aí ela foi e morreu, aí eu vim para cá desesperado que não tinha quase mais ninguém lá, e estamos até agora aqui sem poder voltar, sem ter dinheiro para voltar sustentando a minha família, que eu sou muito família senhor Gugu, eu tenho um coração... eu não posso dar a vida que eles merecem, mas eu estou lutando, lutando, mas...</p>
<p><b>Percausos na cidade de São Paulo</b></p>	<p><b>Apresentador:</b> E aí Zé olhando assim para frente da casa nova aqui em Morada Nova o que você lembra da casa que vocês viviam antes?</p> <p><b>Raimundo:</b> Nossa Gugu, do jeito que nós vivíamos lá era uma favelinha, você viu, o barraco que</p>	<p><b>Apresentador:</b> E aí o que aconteceu quando você chegou em São Paulo?</p> <p><b>Mônica:</b> Tudo difícil, a maior dificuldade da minha vida porque eu não sei ler e nem escrever então isso dificulta muito o trabalho para mim, então ficar limpando, lavando</p>	<p><b>Diego:</b> Eu faço uns bicos no açougue lombando carne, descarregando caminhão, né, para ajudar aqui em casa também, aí chega um momento que não dá para mais para mim morar aqui com eles também agora,</p>	<p><b>Apresentador:</b> Tudo bem, como vai? O que aconteceu, eu vi na sua cartinha, saiu da cidade de...</p> <p><b>Maria José:</b> Passa e Fica no Rio grande do Norte, tenho outro filho lá que vai fazer dezoito anos dia vinte e oito agora.</p>	<p><b>Apresentador:</b> Me conta uma coisa, nesses, são quantos anos aqui e São Paulo?</p> <p><b>Ruth:</b> Quatorze.</p> <p><b>Apresentador:</b> Quatorze anos?</p> <p><b>Ruth:</b> É.</p>

	<p>nós morava ali não era moradia, agora aqui sim, aqui é uma maravilha, uma alegria Gugu, isso aqui é uma mansão Gugu, uma mansão.</p> <p><b>Apresentador:</b> Aquilo lá era um quarto dentro de uma casa com vários quartos?</p> <p><b>Viviane:</b> E era verdade, é.</p> <p><b>Raimundo:</b> Coberta de lona, não tinha, quando chovia molhava tudo, Gugu, você viu a situação lá, você viu, lateral toda de tábuas, era tudo, quando chovia a água passava por dentro de casa, as criancinhas sentavam dormia às vezes no colchão molhava porque não tinha aonde ficar.</p>	<p>banheiro, pedindo de igreja em igreja uma cesta do alimento para o alimento para os meus filhos para não ver eles ficam com fome, muitas vezes eu me vi chorando.</p> <p><b>Reportagem:</b> Mônica lembra que morou em várias pensões, mas a falta de trabalho fez ela levar a família para locais cada vez menos estruturados, chegaram a viver entre paredes sem um teto, quando chovia Mônica cobria os filhos com sacos plásticos, agora ela quer voltar para Fortaleza.</p>	<p>porque eu não tinha nem onde dormir mais, aí...</p> <p><b>Apresentador:</b> E aqui vocês moram, o que é aqui, nós estamos aqui é o que, é uma sala e cozinha, o que é?</p> <p><b>Maria:</b> Aí é onde a gente dorme, aí tem a pia também.</p> <p><b>Antônio:</b> Isso aqui antes era um bar.</p> <p><b>Apresentador:</b> Era um bar?</p> <p><b>Antônio:</b> Antes era um bar aqui.</p> <p><b>Maria:</b> Era um pescueiro aqui.</p> <p><b>Apresentador:</b> Era uma pescueiro?</p> <p><b>Maria:</b> Era.</p> <p><b>Apresentador:</b> E como que vocês vieram parar aqui no pescueiro?</p> <p><b>Maria:</b> Porque a gente não tinha para onde ir aí o rapaz arrumou para a gente ficar aqui só que sem o dono saber, aí a gente tem que sair, né.</p>	<p><b>Apresentador:</b> E as dificuldades aqui em São Paulo?</p> <p><b>Maria José:</b> A dificuldade aqui, Gugu, é das piores, viu, porque com cinco crianças, com o salário que ele ganha, pagar aluguel, água, luz, fazer compras, no dia que eu sentei para depois escrever para o Gugu porque eu não aguento mais a minha situação eu estava falando de verdade, eu estava falando, eu não estava escrevendo, eu estava falando com você, eu tinha certeza que ali você estava me ouvindo, porque as crianças estava tudo dormindo com fome, naquele dia, ele foi trabalhar em Minas, arrumou um serviço em Minas para trabalhar, e ele foi em cima da hora, não me avisou nada, deixou a gente uma semana sem nada dentro de casa, não tinha dinheiro para comprar nada, nada.</p> <p><b>Maria José:</b> Minha vontade é essa Gugu [quando perguntado sobre a volta para região de origem pelo apresentador], na minha casa eu não tenho nada, eu não tenho nada, um dorme aqui, outro dorme ali, nem cobertores para todo mundo eu tenho, nesse frio, esse aqui, coitado, as roupas já está tudo miniatura nele, eu não tenho mais condições, Gugu, eu não tenho mais condições nenhuma, nenhuma de continuar aqui vedo meus filhos presos dentro de casa porque não pode sair.</p>	<p><b>Apresentador:</b> Nesses quatorze anos qual foi o momento mais difícil que vocês enfrentaram?</p> <p><b>Ruth:</b> Foi depois que ele teve o acidente.</p> <p><b>Apresentador:</b> Você teve um acidente?</p> <p><b>Sebastião:</b> Eu sofri um acidente de moto senhor Gugu, fiquei aleijado do pé, eu vinha na garupa da moto e o cadaço do sapato desatou e entrou na roda da moto e puxou o meu pé para dentro, para cá nunca mais pude...</p> <p><b>Apresentador:</b> Foi o pior momento.</p> <p><b>Sebastião:</b> Foi o pior.</p>
<p><b>Expressões da “Questão Social”</b></p>	<p><b>Apresentador:</b> O que vocês fazem para dormir com doze pessoas nesse espaço que deve ter</p>	<p><b>Apresentador:</b> Vocês moram aqui nesse prédio?</p> <p><b>Mônica:</b> É.</p>	<p><b>Apresentador:</b> É verdade que aqui tem, está infestado de cobras, de ratos?</p>	<p><b>Apresentador:</b> [...] Aqui, chegou um momento que... para fazer uma mamadeira.</p>	<p><b>Apresentador:</b> Quer dizer que vocês estão</p>

	<p>o que, não tem um metro, dois metros, três metros, três por três, deve ter uns nove metros quadrados aqui.</p> <p><b>Renan:</b> É, aqui às vezes a gente dorme aqui nesse sofá e nesse, na cama, às vezes coloca um colchão, um lençol e dorme no chão.</p> <p><b>Viviane:</b> Passa até rato em cima deles, eles acordam tudo gritando.</p> <p><b>Apresentador:</b> Chega passar rato em cima?</p> <p><b>Renan:</b> Tem rato que já mordeu ela aqui, a pé da minha mãe, o dedo da minha mãe.</p> <p><b>Apresentador:</b> Vocês moram hoje debaixo de uma lona?</p> <p><b>Raimundo:</b> De uma lona, é de uma lona com certeza, e é ruim na época do frio, né, do frio, o calor, os ratos, se você mexer aqui, de você chegar aqui de noite você não consegue, os meninos alarmando, chorando, pai eu quero, pai eu não quero ficar aqui, pai uma cobra passou por cima de mim, isso é triste, eu não aguento mais essa situação, Gugu pelo amor de Deus não deixa eu aqui não.</p>	<p><b>Apresentador:</b> É uma invasão?</p> <p><b>Mônica:</b> É uma invasão, é uma invasão.</p> <p><b>Apresentador:</b> Há quanto tempo vocês estão aqui?</p> <p><b>Mônica:</b> Há dois anos, já vim de tanta ocupação, de tanto sofrimento (Choro).</p> <p><b>Apresentador:</b> Como vocês vieram parar aqui?</p> <p><b>Mônica:</b> Acompanhando as pessoas que não tinham para onde ir, então eu vim para ocupação, foi muito mais melhor do que ir para debaixo da ponte com eles porque eu não tinha com que pagar aluguel, e também não alugam com tanto de criança desse não aluga.</p> <p><b>Apresentador:</b> Não dá para ajudar a sua mãe?</p> <p><b>Rafaela:</b> Não, eu ajudo no que posso, é como ela falou é difícil é arrumar um serviço para ela porque ela não sabe ler, nem escrever, para mim é por causa da minha idade, eles pedem o estudo completo, e eu só parei na sexta série, então quando eles ver que eu tenho uma filha eles acham que eu vou faltar no serviço por causa da minha filha, então eles não dão oportunidade.</p> <p><b>Reportagem:</b> Rafaela, desabafa sobre o sofrimento desses dez anos, a filha mais velha não consegue esquecer as muitas vezes que não tiveram o que comer.</p> <p><b>Rafaela:</b> E as oportunidades que a gente arruma é de um bico ali, um bico acolá, que a gente sobrevive com que a gente pede, com Bolsa Família que a gente recebe, só com isso, situação difícil (Choro).</p>	<p><b>Maria:</b> Tem, sempre entra rato.</p> <p><b>Apresentador:</b> Ham?</p> <p><b>Filha:</b> Esses dias entrou um rato aqui a minha mãe estava tomando banho, ela ficou desesperada, aí o rato saiu lá para fora matei, eu bati o cabo da faca. Aqui também, tudo quebrado.</p> <p><b>Apresentador:</b> Nesses dias de frio aqui...</p> <p><b>Maria:</b> Muito frio, até para tomar banho é frio que lá é aberto um pouco.</p> <p><b>Apresentador:</b> Para comer, como é que vocês fazem?</p> <p><b>Maria:</b> A gente, hoje mesmo nem café eu tomei. Eles comeram um pãozinho só, tem dia que se almoça não janta, sempre é assim.</p> <p><b>Apresentador:</b> Ninguém ajuda?</p> <p><b>Antônio:</b> Só Deus que ajuda.</p> <p><b>Apresentador:</b> Vocês fazem como para comprar arroz, feijão, macarrão?</p> <p><b>Maria:</b> Quando ele faz o bico dele aí o que ele pega ele compra.</p> <p><b>Antônio:</b> Tem semana que eu tiro sessenta reais, tem semana que eu tiro oitenta, vendendo peixe, aí isso que estamos passando.</p> <p><b>Apresentador:</b> Vocês não estão com frio não, gente? Um frio danado aqui, você não tem frio nas pernas?</p> <p><b>Filha:</b> Eu tenho, mas não tem calça para vestir. Tem umas calças, mas é para ir para a escola, e blusa também.</p> <p><b>Apresentador:</b> Só uniforme da escola.</p>	<p><b>Maria José:</b> É dele, cadê ele? Até hoje ele não deixa eu fazer a mamadeira dele, ele tem medo.</p> <p><b>Apresentador:</b> Você misturava água...</p> <p><b>Maria José:</b> Colocava 100 ml de água e cem de leite, aí ele tem medo, ele falava, mãe, eu não quero que você ponha mais água que fica muito ruim, ele não deixa fazer, acorda quatro horas da manhã por causa da mamadeira dele, mas não deixa que eu faça, tem medo que eu coloque água. Não tinha nada Gugu, não tinha nada dentro de casa, só Deus e eles, os meninos, e aí começava a andar dentro de casa para cima e para baixo, esse aqui dormindo, mãe, pede a meu pai, eu estou com fome, dormindo Gugu.</p> <p><b>Apresentador:</b> Chegava a falar dormindo.</p> <p><b>Maria José:</b> Dormindo. Aí um vizinho teve dó da gente e começou a dar uma cesta, foi o que segurou a gente até janeiro.</p>	<p>passando muitas dificuldades?</p> <p><b>Sebastião:</b> Senhor Gugu, se o senhor ver...</p> <p><b>Ruth:</b> O que a gente comeu hoje lá na panela lá, pode olhar [monstra as panelas com poucos alimentos].</p> <p><b>Sebastião:</b> Eu estou numa situação desesperadora.</p> <p><b>Apresentador:</b> Eu vi quer no e-mail você conta que esse rio enche.</p> <p><b>Ruth:</b> Enche, já teve enchente aqui, a gente já perdeu tudo aqui.</p> <p><b>Apresentador:</b> Bicho entra para cá para dentro de casa?</p> <p><b>Ruth:</b> Entra rato.</p> <p><b>Sebastião:</b> Barata, rato, lesma, tudo, é muito desesperador aqui.</p> <p><b>Apresentador:</b> E</p> <p><b>Ruth:</b> E</p>
--	--	---	---	--	---

			<p><b>Filha:</b> Não tem uniforme da escola, só tem uma camiseta da escola.</p>		
<p><b>Transformação coporal</b></p>	<p><b>Reportagem:</b> Mas para a vida dessa família mudar de ver algumas transformações precisam acontecer.  <b>Dentista:</b> E aí vamos mudar esse sorriso.  <b>Viviane:</b> Vamos.  <b>Dentista:</b> Preparada?  <b>Viviane:</b> Estou preparada.  <b>Dentista:</b> É mesmo, quem que vai primeiro? Leilane, vamos lá.  <b>Viviane:</b> É, pode ser a Leilane.  [Música ao fundo]  <b>Reportagem:</b> Depois é Viviane que se consulta, a boca da mãe pede cuidados maiores, ela precisa tratar um canal para colocar as próteses, a doutora não perde tempo e inicia os procedimentos.  [Música ao fundo]  <b>Reportagem:</b> É claro que Viviane vai estranhar um pouco durante um tempo, mas é um esforço que vale a pena.  <b>Dentista:</b> Está ansiosa para ver o resultado?  <b>Viviane:</b> Tô.  <b>Dentista:</b> Ela está machucando em algum lugar?  <b>Viviane:</b> Não.  <b>Dentista:</b> Não? Então vamos ver o resultado, vamos levantar.  <b>Viviane:</b> A minha vida quando eu não tinha dente eu não ria, eu não saía, eu não brincava, eu não saía de casa, ficava sempre em casa, era muito triste, agora que tenho sorriso lindo agora é só festa agora.  <b>Reportagem:</b> Na Loja da Biotipo Jeans o consultor de moda da Rede Record recebe a família de Raimundo.</p>	<p><b>Reportagem:</b> Mônica e as crianças saboreiam um almoço de dar água na boca, a família se delicia com o famoso caldo de mocotó, o prato é típico do nordeste do Brasil.  (Música)  O projeto já definido, a arquiteta Nicole do Vale escolhe tudo que vai ser usado na obra, aqui ela encontra variedade, qualidade e a garantia de uma rápida entrega.  (Música)  Todos os produtos são levados para o caminhão e em pouco tempo estarão chegando a obra.  (Música).  E não é só a casa que vai ficar bonita não, a família acaba de chegar ao salão de beleza para dar aquela caprichada no visual.  (Música)  Fala a verdade, essa família não fica ainda mais bonita.  (Música)  O dentista explica tudo que Mônica precisa saber para que ela e os seus filhos possam manter os dentes sempre fortes, saudáveis e bonitos.  (Música)  Nossa equipe começa a instalação do portão da nova casa da família, além de bonito e resistente ele vai manter todos em segurança, a partir de agora a Mônica pode dormir tranquila sabendo que a sua família não corre perigo.  (Música)  Toda turma vai ficar à vontade para escolher as peças que quiser, e esse pessoal não perde tempo, mas do que rápido sai por entre as peças procurando as que mais agradam, é, e não precisa ser adulto para curtir as coisas boas da vida, afinal de contas quem é que não gosta de fazer uma</p>	<p><b>Reportagem:</b> Olha só, tem tinta até no bigode do Antônio. Tá todo mundo caprichando, para combinar com a nova vida. Mas, para finalizar essa transformação que tal umas comprinhas hein? Mas, já que é para mudar, que a transformação seja total. Antes de embarcar eles encontram Gustavo Sarti na loja da Biotipo Jeans.  <b>Gustavo Sarti:</b> Olha senhor Antônio, dona Maria, tudo bem, pessoal? Aqui na Biotipo vocês vão conhecer todas as novidades da calça jeans mais desejada do Brasil, vamos lá?  <b>Reportagem:</b> Eles estão atentos as dicas do consultor de moda da Rede Record.  <b>Gustavo Sarti:</b> E para mostrar para a gente quais são a grandes tendências dessa estação estão conosco duas dançarinas do programa, a Babi e a Marisol. Eu quero começar falando dessa calça da Babi que é o modelo Flair, gente, olha só. Flair é essa calça que é ajustadinha na coxa e abre levemente em direção aos pés, vira de lado para o pessoal de casa ver, Babi. Olha só que interessante, essa calça é a calça ideal, para você de casa para quem tem o quadril largo, justamente porque ela ajuda na proporção do corpo que abre um pouquinho lá embaixo e fica mais proporcional à medida do quadril, agora, um detalhe, a</p>	<p>NÃO FOI VEICULADO NESTE QUADRO.</p>	<p><b>Reportagem:</b>  (Gritos)  Mas essa turminha precisa de um pouco de ânimo, e para isso nada melhor do que uma mudança no visual. Ruth dá carta branca para toda equipe do salão de beleza, ela está mesmo disposta a uma transformação total, as meninas seguem o exemplo da mãe e também querem ficar bem bonitas, mesmo que para isso seja preciso um certo sacrifício, o que importa é o resultado caprichado. Já o Anderson só quer saber de diversão, dá uma espiada nele cortando o cabelo, é isso aí pequeno, pode acelerar que agora o seu futuro vai ser de muita alegria, e todos já estão ficando com outros ares. Mas vamos ver como os rapazes se saíram, primeiro o caçulinha Anderson, e olha só o pai, mas será o Sebastião? E a Patrícia, não ficou uma graça, Sabrina, a filha mais velha já parece uma moça, e finalmente a transformação da Ruth, e aí virou uma outra mulher, não é?  (Música)</p>

<p><b>Gustavo Sarti:</b> E aí pessoal tudo bem? Chegou a hora de todos vocês ficarem na moda e conhecerem as novidades da calça jeans mais desejada do Brasil.</p> <p><b>Reportagem:</b> Gustavo Sarti enfrenta um desafio, ele tem que encontrar os estilos de toda essa meninada.</p> <p><b>Gustavo Sarti:</b> E nós vamos começar falando com as meninas as tendências do jeans feminino, e para isso está aqui comigo a Vitória com uma lavagem de jeans mais clara, o jeans vai clareando para o próximo verão, e você ver aqui a continuidade gente do coes mais largo, nesse caso com dois botões, mas o principal detalhe da calça da Vitória está na parte de trás, vira um pouquinho para a gente mostrar Vitória o que você de casa vai ver é uma construção especial, está vendo aqui, olha, essas pregas, quatro pregas desse lado no bolso e outras quatro pregas desse outro lado, como variação aos bordados que a gente sempre mostra para você, agora o principal detalhe e que isso ajuda agregar volume ao bumbum, dá uma olhada como aumenta, está vendo aqui as pregas nos bolsos, olha, agrega um volume de tecido que ajudam a deixar um bumbum pouquinho maior. agora aqui na Biótipo também tem moda para adolescente, e nós estamos com a Rebeca aqui comigo que tem treze anos para mostrar para você um shortinho da coleção teen, vamos ver aqui os detalhes da coleção teen, olha, primeiro é mais elaborado, dá uma olhada aqui nós coraçãozinho, nós</p>	<p>comprinha. Com o calor do Ceará é bom que todos levem muitas peças leves e fresquinhas, e olha lá a parte que as mulheres mais gostam, as bolsas, e com essa família não é diferente, elas se encantam coma variedade de modelos e cores, hum, nossas top models estão arrasando na passarela. Os meninos também estão cheios de estilo, essa família ficou tudo de bom, hein.</p> <p>(Música)</p> <p>Em Fortaleza a obra segue dentro do tempo previsto, nossa arquiteta busca por móveis bonitos e modernos, além da beleza a qualidade é muito importante, todas as peças têm que ser fortes e resistentes.</p> <p>(Música)</p> <p>Em São Paulo Mônica e as crianças continuam com os preparativos para a nova vida, para os guarda-roupas completo os jeans da Biotipo são essenciais.</p> <p><b>Gustavo Sarti:</b> E chegou a hora da nossa família renovar o estilo para voltar com um novo guarda-roupa para Fortaleza, e aí pessoal tudo bem?</p> <p><b>Todos:</b> Tudo.</p> <p><b>Gustavo Sarti:</b> Olha, vocês vão conhecer grandes novidades de moda, porque aqui é feito o jeans mais desejado do Brasil, quem aqui gosta de moda? Legal, então vamos lá. Eu quero começar mostrando para vocês uma peça que está o maior sucesso entre as famosas, porque o hit dessa estação entre as celebridades é a calça estampada, como essa que a Ana Cecilia está usando gente, o tema é animal print, voltou com tudo nessa estação, e olha só como fica bacana, inclusive essa calça tem o detalhe aqui do lado das Spikes, pode virar Ana para a gente mostrar que são essas</p>	<p>calça Flair ela deve ser um pouco mais longa que a calça skinny tradicional, está vendo a barra? Inclusive é recomendável que a barra seja medida com o salto alto como você está vendo aí. Deixa eu mostrar aqui o detalhe na parte de trás dessa calça, Babi, a gente vê aqui o detalhe da lavagem mais clara no bumbum, isso ajuda, inclusive, a aumentar o bumbum, e dá uma olhada aqui no detalhe dessa etiqueta em strass, linda a etiqueta da Biótipo jeans. Agora vamos falar da calça da Marisol, que é um modelo skinny gente, só que, olha aqui, com o cós mais largo, dois botões, essa calça veja que está bem ajustadinha na perna dela sabe por que, essa calça tem stretch, ela tem o elastano que dá mais conforto e mais ajuste justamente na coxa. Vira um pouquinho atrás, Marisol, dá uma olhada que lindo todo esse bordado no bolso da calça e a gente vê, também, esse tom de azul. Vocês sabiam, meninas, que o azul mais claro vai estar na moda já no verão 2012, então quem comprar uma calça como essa vai ficar na moda agora e já vai ficar na moda para a próxima estação.</p> <p><b>Modelos:</b> Adorei.</p> <p><b>Gustavo Sarti:</b> Legal então. Agora chegou a hora da nossa família escolher o jeans certo para cada um de vocês, vamos lá?</p> <p><b>Reportagem:</b> Maria quer mais novidades na vida dela.</p>	<p><b>Apresentador:</b> Você está mais bonita, está todo mundo mais bonito agora, deixa eu ver, deixa eu ver fica assim do lado do Sebastião, fica assim, nossa tá mudada, o que você fez?</p> <p><b>Ruth:</b> Foi você Gugu.</p> <p><b>Apresentador:</b> Você fez plástica?</p> <p><b>Ruth:</b> Não Gugu, não fiz Gugu.</p> <p><b>Apresentador:</b> Está feliz agora?</p> <p><b>Ruth:</b> Muito, muito, vai acabar a minha felicidade depois que chegar nos meus pais Gugu, oh, Gugu, olha o que Deus faz com a gente em você Gugu.</p> <p><b>Apresentador:</b> Oh, Sebastião você ficou emocionado em ver a emoção da sua esposa, não é?</p> <p><b>Sebastião:</b> É senhor Gugu, eu fico muito emocionado também (Choro), é um sonho nosso de ter vindo para cá, ver todo mundo, ver o meu pai se ainda está vivo ainda, não tem como não se emocionar senhor Gugu, você me desculpe, mas eu não posso mandar no meu coração, não tem hora.</p> <p><b>Apresentador:</b> Eu sei, eu sei. Você está matando aquilo que estava te matando, a saudade?</p> <p><b>Ruth:</b> Estava Gugu.</p>
---	--	---	---

	<p>botões, veja como a lavagem é mais ousada, dá uma olhada aqui olha na barrinha dobrada, essa é uma dica bacana para as adolescentes, está vendo, com menos de até quinze anos ficam muito bem com a barrinha dobrada, vira um pouquinho Rebeca, a gente vai mostrar na parte de trás gente, olha aqui, muito mais elaborada, essa é modelagem adolescente mais irreverente, olha, zíper aqui do lado, você ver o detalhe do bordado em formato de coração, aqui do outro lado também, e dá uma olhada aqui na etiqueta, na linda etiqueta da Biótipo Jeans que é bem grande, pode virar de volta Rebeca que remete essas max estampas que a gente ver aqui inclusive na blusa dela que remete também a uma tendência rock que vai continuar para ao próximo verão, agora chegou a hora meninas da gente descobrir o jeans que serve para vocês, vamos lá.</p> <p>[Música ao fundo]</p> <p><b>Gustavo Sarti:</b> E as nossas meninas estão ficando mais fashion, hein, a Liliane e Leilane com as lavagens mais claras, e a Viviane com uma lavagem mais escura que ajuda inclusive a deixá-la mais magra com as roupas, mas todas elas vão ganhar saias jeans aqui da Biotipo, dá uma olhada no modelo que a Vitória está vestindo, olha, a gente vê aqui o detalhe desfaiado embaixo., essa é uma lavagem que a gente chama destroyer, ela tem uma desconstrução mesmo aqui, um desgaste na lateral que mesmo o que tem na parte de trás, pode virar Vitória, bolso diagonal, esse</p>	<p>tachinhas aqui pontiagudas que viraram hits entre os estilistas, olha só também a etiqueta especial da Biótipo Jeans e também a jaqueta viu que é um item muito versátil você pode usá-la inclusive com vestidos na meia estação. Agora uma outra linha que está fazendo o maior sucesso aqui na Biótipo Jeans é a linha teen que a Bianca está aqui para mostrar para você, olha só que legal, primeiro a jaqueta colorida e a calça da linha teen, olha os detalhes aqui, o botão com brilho, mas a lateral dessa calça é um sucesso, olha que bacana aqui o detalhe inclusive dos paetês, e na parte de trás um grande sucesso de modelagem aqui da Biótipo que é a calça com elástico aqui, sabe quando fica sobrando a calça aqui na parte de trás, não fica legal, né, mas com esses detalhes de elástico ela veste de forma impecável. Mas os meninos da nossa família também vão entrar na moda, e um ótimo exemplo é essa calça que o João Paulo está usando, modelo mais ajustado, olha só, pode virar João para a gente mostrar na parte de trás, porque a calça masculina pode ter detalhes diferenciados sim como nesse caso aqui nos bolsos, olha só que bacana. Mas você já sabe quais cores vão fazer sucesso agora no outono inverno, uma delas é o berinjela, e a Bianca está aqui com uma calça da Biotipo nessa cor, aliás, as calças coloridas estão fazendo o maior sucesso, e olha só que bacana como combinar a calça colorida justamente como elemento de destaque do seu look, ela deve ser a peça mais vibrante de todas, como nessa produção a jaqueta também é aqui da Biotipo Jeans, e tem os Spikes, as tachinhas que continuam fazendo sucesso, mas Bianca deixa</p>	<p><b>Gustavo Sarti:</b> Dona Maria, para você o jeans mais escuro vai ficar melhor, um exemplo é esse que a Marisol está vestindo, o black jeans com detalhes em cristal em pontos específicos, olha aqui atrás no bolso, que bacana. Um black jeans como esse ajuda a reduzir o tamanho do quadril e da parte inferior do corpo. O que você achou, Maria, gostou?</p> <p><b>Maria:</b> Adorei.</p> <p><b>Reportagem:</b> Mas pai e filhos também se animam.</p> <p><b>Gustavo Sarti:</b> Olha só quantos presentes da Biótipo, agora vocês vão ficar superelegantes cara encontrar com o Gugu. E você de casa também pode ganhar a calça jeans mais desejada do Brasil, é só acessar o portal R7, vá no meu blog, blog do Gustavo Sarti para saber como participar. Gente, foi um prazer viu, obrigado, tchau, boa sorte, tchau.</p> <p><b>Reportagem:</b> Toda essa empolgação tem um porque, escolher roupas novas significa deixar para trás todo sofrimento. A dupla inseparável também se apoia na hora de descobrir o estilo. [Música] E, assim eles vão chegar em Belo jardim completamente renovados. Mas, para isso acontecer ainda falta a viagem, o destino, Foz do Iguaçu, no Paraná.</p> <p>[Música]</p>		<p><b>Apresentador:</b> A saudade, você não está matando a saudade?</p> <p><b>Ruth:</b> Estou Gugu.</p>
--	--	---	---	--	---

	<p>mesmo detalhe. Agora, essa cor de jeans, inclusive, gente, fica muito bem com os florais que serão a principal tendência do verão 2012.</p> <p><b>Narrador:</b> É, essa turma está mesmo feliz da vida com tantas novidades.</p> <p><b>Gustavo Sarti:</b> Olha só quantos presentes, renovação geral de estilo. E eu quero convidar, você de casa a participar de uma grande promoção, de concorrer a presentes da Biotipo Jeans, para isso acesse o portal R7 e vá no meu blog de moda, o blog do Gustavo Sarti, lá você descobre como participar. Gente, muito boa sorte hein. Tchau, tchau, valeu, obrigado.</p> <p>[Música]</p> <p><b>Reportagem:</b> Agora é a cartada final, para a transformação ser completa essa turma vai ter que encarar o espelho, da caçula ao mais velho, todos entram na tesoura. Dentre os meninos o corte moicano prevalece, será influência de um certo craque que virou paixão nacional? As meninas estão ainda mais vaidosas, e todas curtem o dia de princesa. Agora sim, todos estão prontos para essa nova fase que eles vão começar a viver, o que você achou da transformação? As meninas já estão se sentindo estrelas de propaganda de xampu.</p> <p>[Música - Aplausos]</p> <p><b>Apresentador:</b> Mas vocês estão diferentes, alguma coisa aconteceu com a cara de vocês, fica de frente para aquela câmera lá. Olha todo mundo para lá. O que vocês fizeram no rosto, está diferente.</p>	<p>eu mostrar a parte de trás dessa calça, porque olha só, o caimento também, não é, a modelagem perfeita aqui da Biotipo. Mas Bianca eu estou curioso para saber quais peças a nossa família vai levar com eles, vamos ver. Olha só, quantos presentes bacanas, e aí Mônica vocês gostaram?</p> <p><b>Mônica:</b> Gostamos, muito obrigada.</p> <p><b>Gustavo Sarti:</b> Imagina. E você de casa pode conhecer a coleção completa da Biotipo Jeans, o jeans mais desejado do Brasil acessando o site, <a href="http://biotipo.com.br">biotipo.com.br</a>, lá você de todo o Brasil também descobre onde comprar e você que é lojista ou revendedor também descobre muitas novidades. Gente foi um prazer, obrigado, tchau, tchau, tudo de bom, tchau, tchau, valeu.</p>			
--	---	--	--	--	--

	<p><b>Viviane:</b> Salão de beleza, muita praia, tudo bom, gostei de tudo.</p> <p><b>Apresentador:</b> Mas ela está falando diferente.</p> <p><b>Raimundo:</b> Ela colocou os dentes.</p> <p><b>Apresentador:</b> Está todo mundo diferente, todo mundo bonito [...]</p>				
<b>Veiculação das emoções</b>	<p><b>Reportagem:</b> Atualmente a família passa por muitas privações, mas Raimundo ainda consegue sonhar com uma volta para sua terra natal.</p> <p>[Bate na porta].</p> <p><b>Apresentador:</b> Eu estou procurando Raimundo.</p> <p>[Música ao fundo - Choro].</p> <p><b>Reportagem:</b> Raimundo fica tão abalado que se ajoelha diante de Gugu.</p> <p><b>Apresentador:</b> Pelo amor de Deus levanta, levanta Raimundo, levanta, levanta, levanta, por favor, Raimundo levanta, levanta. Posso entrar?</p> <p><b>Raimundo:</b> Pode, pode.</p> <p><b>Apresentador:</b> Dá licença.</p> <p>[Música ao fundo - Choro].</p> <p><b>Viviane:</b> Entra Gugu entra, não repara a bagunça.</p> <p><b>Apresentador:</b> Nós estamos aqui sim viu.</p> <p><b>Reportagem:</b> Raimundo chega a passar mal de tanta emoção.</p> <p>[Música ao fundo - Choro].</p> <p><b>Raimundo:</b> Ah, é mentira.</p> <p>[Música ao fundo - Choro].</p>	<p><b>Repórter Bruna Drews:</b> Eu quero convidar agora todos vocês para um almoço muito especial, e há um som de um cantor que fez de Fortaleza a sua casa, ele preparou um show só para vocês. Beto Barbosa, vamos lá conhecer.</p> <p>(Música do Beto Barbosa)</p> <p><b>Reportagem:</b> Enquanto ouve a música em homenagem a ela, Mônica se lembra de toda a dor que deixou para trás, o próprio Beto Barbosa se emociona com a reação de todos da família.</p> <p><b>Beto Barbosa:</b> Na hora de cantar essa música realmente primeira vez eu me engasguei, esqueci até a letra.</p> <p><b>Reportagem:</b> Chega a hora da família se deliciar com o verdadeiro banquete, Mônica nunca imaginou ver os seus filhos saboreando um almoço como esse, agora o negócio é se divertir e curtir esse dia maravilhoso ao som do rei da lambada.</p> <p>(Música)</p> <p><b>Reportagem:</b> Dona Dilma já está matando a saudade da filha e dos netos, ela ouve o desabafo de Mônica e toma conhecimento de tudo que eles estavam enfrentando.</p> <p><b>Apresentador Vitor:</b> É até delicado falar desse assunto, mas que não tinha banheiro, que vocês...</p> <p><b>Mônica:</b> É real e verdadeiro tudo que a gente viveu.</p>	<p><b>Apresentador:</b> Mas eu estou achando que é assim, a família é muito bonita, está tudo muito bem, muito bom, mas eu estou achando a Maria muito triste. Por que você está triste assim, Maria, parece que eu cheguei aqui e você ficou mais triste ainda.</p> <p><b>Maria:</b> Não, eu estou feliz.</p> <p><b>Apresentador:</b> Eu cheguei aqui, fiz mal parta você, você ficou com a cara fechada.</p> <p><b>Maria:</b> Fez bem.</p> <p><b>Apresentador:</b> Não fiz mal não?</p> <p><b>Maria:</b> Não.</p> <p><b>Apresentador:</b> Estou preocupado que a minha presença aqui fez mal para você.</p> <p><b>Maria:</b> Não (chora). Não fez mal, fez bem.</p> <p><b>Apresentador:</b> Está todo mundo triste, pensei que ia achar uma família feliz, Gugu chegou aqui, está todo mundo feliz, está todo mundo triste, todo mundo chorando.</p> <p><b>Filha:</b> De emoção.</p> <p><b>Apresentador:</b> Vem cá Maria, vem cá. Como é que foram esses dias todos Maria?</p> <p><b>Maria:</b> Muito bom [Emocionada].</p>	<p><b>Apresentador:</b> Eu quero ver a família feliz. Dizendo assim, bem alto... como é, Passa e Fica né? Eu quero voltar para Passa e Fica.</p> <p><b>Maria José:</b> Eu quero voltar para Passa e Fica.</p> <p><b>Apresentador:</b> Mas que desânimo é esse, não dá, tem que ser animado, tem que ser feliz, com garra, com vontade. Eu quero voltar para Passa e Fica!</p> <p><b>Família:</b> Eu quero voltar para Passa e Fica!</p> <p><b>Apresentador:</b> Então vamos fazer as malas e vamos voltar. Vamos lá.</p> <p><b>Reportagem:</b> A alegria toma conta da casa, Maria José se apressa em fazer as malas para a tão esperada viagem, mas parece que nem todo mundo está feliz.</p> <p><b>Maria José:</b> Saudade, saudade é uma coisa, uma dor horrível, é a coisa pior que existe no mundo, é a saudade. Você saber que a pessoa está ali e você não sabe o que está acontecendo e não tem como, não pode estar perto naquele instante, saudade é a coisa mais triste. Eu não quero sentir saudades mais nunca não. Saudades do meu filho, saudades da minha mãe, saudades de todo mundo, não gosto de saudades não. Você dá</p>	<p><b>Reportagem:</b> Quando fizemos a primeira visita para conhecer a família da Ruth ela passou muito mal por conta da forte emoção, mas para a chegada do Gugu nós nos prevenimos com uma ambulância.</p> <p><b>Apresentador:</b> Chama o médico aí gente.</p> <p><b>Reportagem:</b> Com a chegada do médico Ruth parece ficar mais calma, agora ela vai conseguir explicar todo o drama que está enfrentando para Gugu.</p> <p><b>Apresentador:</b> Oh, Patrícia por que você está chorando, você está triste?</p> <p><b>Patrícia:</b> Estou.</p> <p><b>Apresentador:</b> Ah, mas não é para ficar triste, você não está feliz da gente estar aqui?</p> <p><b>Patrícia:</b> Estou.</p> <p><b>Repórter Bruna Drews:</b> Bom, então, eu tenho uma notícia para dar para vocês, segura a emoção dona Maria, porque a Ruth, o Tião e as crianças que vocês não conhecem</p>

<p><b>Reportagem:</b> Raimundo confessa que chegou no fundo do poço.</p> <p><b>Raimundo:</b> Gugu, eu já fui para Vila Maria [Emocionado] isso foi triste para mim Gugu, eu já fui para a Vila Maria fiquei sentando em cima da ponte assim, fiquei pensando besteira na minha vida.</p> <p><b>Apresentador:</b> Chegou a esse ponto?</p> <p><b>Raimundo:</b> Cheguei Gugu, fiquei pensando besteira na minha vida, mas vai ficar ruim sem eu é pior para os meus filhos lá em casa, eu gosto muito dos meus filhos, você fez muito com ele um dia Deus me deu uma solução, eu acho que me deu. [Música ao fundo].</p> <p><b>Apresentador:</b> Vocês querem ir para Morada Nova?</p> <p><b>Raimundo:</b> Nós queremos ir para Morada Nova.</p> <p><b>Apresentador:</b> Então, eu quero ouvir bem alto assim, eu quero ouvir todo mundo falando assim, eu quero ir para Morada Nova.</p> <p><b>Todos:</b> Eu quero ir para Morada Nova.</p> <p><b>Apresentador:</b> Eu achei fraco, achei fraco.</p> <p><b>Todos:</b> Eu quero ir para Morada Nova.</p> <p><b>Apresentador:</b> Então vamos embora, vamos embora, vamos arrumar as coisas e vamos para Morada Nova (Risos). [Música ao fundo]</p> <p><b>Reportagem:</b> Os vizinhos acompanham toda a arrumação da família que está radiante de felicidade, eles guardam o pouco que tem em caixas de papelão, o clima é de despedida, mas com</p>	<p><b>Apresentador Vítor:</b> Faziam as necessidades numa sacola, é isso mesmo, você pode dizer?</p> <p><b>Mônica:</b> Verdade.</p> <p><b>Apresentador Vítor:</b> E com certeza quem está assistindo vai ficar surpreso com que vem pela frente.</p> <p><b>Mônica:</b> É verdade, momentos muito difíceis, onde a gente morava na ocupação a gente morou com muitas pessoas, gente de todas as personalidades, e a gente só tinha aquilo naquele momento (Risos).</p> <p><b>Mônica:</b> Obrigada Gugu, meu Deus, nossa que maravilha aqui na nossa cidade.</p> <p><b>Apresentador:</b> Está feliz agora?</p> <p><b>Mônica:</b> Aí meu Deus eu já estava tão feliz, agora mais ainda, Senhor muito obrigada.</p>	<p><b>Apresentador:</b> Bom, me conta o que vocês fizeram, me conta?</p> <p><b>Maria:</b> A gente foi para Foz do Iguaçu, a gente viu muita coisa lá, a gente foi para Itaipu, para vários lugares.</p> <p><b>Apresentador:</b> Está valendo a pena?</p> <p><b>Maria:</b> Tá, muito obrigada [Choro].</p> <p><b>Apresentador:</b> Deixou a tristeza lá, como vocês moravam como chamava lá o lugar?</p> <p><b>Maria:</b> Piratininga.</p> <p><b>Apresentador:</b> Piratininga.</p> <p><b>Maria:</b> É.</p> <p><b>Apresentador:</b> É</p> <p><b>Maria:</b> É. Itaquaquetuba.</p> <p><b>Apresentador:</b> Está valendo a pena.</p> <p><b>Maria:</b> Tá.</p>	<p>risada por fora, mas por dentro você está triste, como todo mundo falar para você, você tem uma cara de tristeza, você está rindo, está brincando mas parece que você está triste, eu tenho muita tristeza de ter deixado meu menino aqui, eu não queria ter deixado, eu não queria ter saído de perto dele, que na verdade ele estava melhor com minha mãe, mas que não queria ter saído de perto dele nunca, eu fui embora com meu marido e ele ficou com minha mãe, mas eu sofri muito, sofri muito por causa disso, o amor de uma mãe é igual para todos os filhos, mas a saudade dele era diferente, tudo que eu faço para eles eu penso nele, que eu não estava podendo fazer nada por ele, nunca fiz nada por ele, nunca troquei nem uma fralda dele, nunca fiz nada por ele, simplesmente ficou com minha mãe e eu fui embora, só sentia saudade, que era um bebê, a coisa mais linda do mundo.</p> <p><b>Reportagem:</b> Você saiu daqui e deixou um bebê, está reencontrando um homem agora.</p> <p><b>Apresentador:</b> A tristeza que tomava conta da Maria José ficou lá em São Paulo, agora ela e sua família só querem saber de sorrir, nossa primeira parada na cidade de Passa e Fica será na casa da irmã do Aguinaldo. [Música]</p>	<p>estão voltando para a cidade de Timon, estão chegando aí dona Maria. Dona Maria da Luz agora é só alegria porque nós estamos trazendo toda a família com o Programa do Gugu aqui para o aconchego dos seus braços, para os filhos também serem criados pela mãe, tá bom, não tem problema, vão caber todo mundo aqui?</p> <p><b>Dona Maria:</b> Cabe, cabe.</p> <p><b>Repórter Bruna Drews:</b> Vai receber a sua filha de braços abertos?</p> <p><b>Dona Maria:</b> Vou.</p> <p><b>Apresentador:</b> É festa hein, choradeira, lágrimas só de alegria, tá bom, combinado?</p> <p><b>Ruth:</b> Combinado. (Música)</p>
---	---	---	---	---

	<p>muita alegria, afinal o sonho de Raimundo vai ser realizado, sua mulher e seus dez filhos vai finalmente conhecer os seus pais e sua terra natal. [Música ao fundo]</p> <p><b>Reportagem:</b> Senhor Agostinho, a dona Anália estava me falando que o senhor tem seis filhos, todos moram aqui no Ceará ou tem algum que ficou lá para São Paulo.</p> <p><b>Sr. Agostinho:</b> Tem seis e mora tudo aqui em São Paulo.</p> <p><b>Reportagem:</b> Tudo em São Paulo.</p> <p><b>Sr. Agostinho:</b> Tudo em São Paulo.</p> <p><b>Reportagem:</b> Tem um filho de vocês, eu não sei se a senhora sabe, que tem bastante filho também, só com a mulher dele, chamada Viviane, ele teve onze filhos, a senhora sabe que quem eu estou falando?</p> <p><b>Dona Anália:</b> Sei, é do Zé Raimundo, que a Viviane é mulher do Zé Raimundo.</p> <p><b>Reportagem:</b> É da Viviane né? Há quanto tempo vocês não encontram, não veem o Zé Raimundo?</p> <p><b>Dona Anália:</b> Está com um bocado de anos, eu vivo doente, não posso ir para lá.</p> <p><b>Sr. Agostinho:</b> Uns vinte e dois anos.</p> <p><b>Reportagem:</b> E como é que fica a saudade do filho que está lá?</p> <p><b>Dona Anália:</b> Sei lá.</p> <p><b>Reportagem:</b> Sente falta do Zé Raimundo?</p> <p><b>Dona Anália:</b> Demais.</p> <p><b>Reportagem:</b> Qual a última lembrança que a senhora tem do Raimundo? [Música – Mostra foto]</p>				
--	---	--	--	--	--

	<p><b>Reportagem:</b> Vocês sabiam que o filho de vocês está passando muita dificuldade lá em São Paulo, tinha ideia?</p> <p><b>Sr. Agostinho:</b> Sim.</p> <p><b>Reportagem:</b> O que a senhoraalaria para esse filho hoje?</p> <p><b>Dona Anália:</b> Eu quero eu mais ele.</p> <p>[Música]</p> <p><b>Reportagem:</b> Caberia todo mundo aqui, senhor Agostinho, se ele voltasse, que ele não em onde ficar. Todos cabem aqui.</p> <p><b>Dona Anália:</b> Tudo cabe. O que não couber dorme nas redes.</p> <p><b>Reportagem:</b> São dez.</p> <p><b>Dona Anália:</b> Tem nada não.</p> <p><b>Reportagem:</b> O Raimundo, a Viviane, mais os dez filhos estão voltando para Morada Nova gente, para encontrar com vocês.</p> <p>[Música]</p> <p><b>Apresentador:</b> Raimundo, também tem esse computador aí [Gritos], esse notebook é para a Leilane e para a Liliane, e também são de vocês o estojo de maquiagem com sombra, batom, rímel, lápis de olho, e também um kit com secador de cabelo, chapinha e babylliss.</p> <p><b>Raimundo:</b> Você está deixando os meus filhos feliz, e tudo mundo feliz aqui você nem sabe a felicidade.</p> <p><b>Apresentador:</b> Laiane essas bonecas aí são para vocês, tá, oh, cheira a bonequinha, cheira a bonequinha, ver que cheirinho gostoso que ela tem oh, não tem, é bom? Então, essa são as amiguinhas do Gugu, elas têm cheirinho de flores, cada bonequinha dessas vem com uma sementinha para plantar, e nas</p>				
--	---	--	--	--	--

	lojas é possível comprar um display com doze, pode comprar individual também, se quiser, tem upa; upa do Gugu, vocês gostaram?				
<b>Volta para o “aconchego”</b>	<p><b>Apresentador:</b> Deixa eu te perguntar uma coisa, se vocês voltarem um dia lá para, como que chama cidade?</p> <p><b>Raimundo:</b> Morada Nova - Ceará.</p> <p><b>Apresentador:</b> Morada Nova - Ceará que amparo, como é que vocês vão viver lá, porque...</p> <p><b>Raimundo:</b> Na casa da minha mãe, eu vou para a casa da minha mãe trabalhar na roça.</p> <p><b>Apresentador:</b> Você acha lá tem mais condições de dar dignidade para a família?</p> <p><b>Raimundo:</b> Tenho, porque para criar os meus filhos do jeito que eu estou criando aqui trancado igual está numa cadeia, os meus filhos está numa cadeia.</p> <p><b>Menina:</b> Hoje nós temos uma cama para dormir legal, mais confortável, porque no chão era, sabe, botar o colchão no chão era o mesmo que dormir no chão.</p> <p><b>Raimundo:</b> O banheiro fizemos um puxadinho embaixo, com tabuas e uns tijolos de lado, cobri com a lona e a privada era grudada no chão, sentava e ficava tudo balançando, uma vez a privada quebrou e o menino cortou o pé aqui em cima, mas graças a Deus não foi muito coisa grave, entendeu? Mas era um sofrimento o banheiro era uma nojeira, a gente até se esquivava de usar, usava na casa do meu irmão porque tinha nojo.</p>	<p><b>Apresentador:</b> O passado ficou para trás, tá, vamos viver o presente e aguardar o futuro que começa a partir de agora, não é Vitor?</p> <p><b>Apresentador Vitor:</b> Com certeza Gugu.</p> <p><b>Apresentador:</b> Vocês vão construir um novo futuro para os seus filhos, para você Mônica que sofreu tanto lá em São Paulo, por isso nós estamos dando as boas-vindas a família Oliveira, seja bem-vinda ao seu novo aconchego.</p> <p><b>Mônica:</b> Obrigada, obrigada Jesus, obrigada a todos, sou muito grata, muito feliz, feliz até demais.</p> <p><b>Apresentador:</b> Vamos entrar, vamos lá, abre a porta.</p> <p><b>Mônica:</b> Obrigada senhor, muito obrigada Jesus, agora sim senhor a gente tem um lar e uma casa.</p> <p><b>Apresentador:</b> Olha Mônica, Vitória, Ana Kelly, Rafaela, Daniel, todos os filhos nessa casa que é o novo lar de vocês, vocês viram que vocês têm aqui a proteção total com o muro alto, bastante segurança.</p> <p><b>Mônica:</b> Muito lindo, muito lindo.</p> <p><b>Apresentador:</b> Portão de alumínio, quintal todo gramado.</p> <p><b>Mônica:</b> Aí meu Deus, aí senhor.</p> <p><b>Apresentador:</b> Jardim com planta.</p> <p><b>Mônica:</b> Eu gosto muito de planta.</p> <p><b>Apresentador:</b> E a sala de visita de vocês como é que era, fala Rafaela?</p> <p><b>Rafaela:</b> Era na entrada da porta tinha um sofá, um negócio que colocava a televisão, só, só.</p> <p><b>Apresentador:</b> Sofá e o suporte para televisão?</p> <p><b>Rafaela:</b> Era.</p>	<p><b>Antonio:</b> Eu não esperava ganhar uma casa, porque o que eu já passei na minha vida, sofrimento lá em São Paulo, não tinha casa para morar, eu fui despejado de lá, aquela hora foi que o Gugu me levou lá, foi na hora da entrega da casa, aquilo ali meu Deus eu fui no outro mundo e voltei, e na hora eu pensava que eu estava tendo um sonho de verdade.</p> <p><b>Apresentador:</b> Abre a porta.</p> <p><b>Antonio:</b> Meu Deus do céu, olha que coisa linda, quem nunca sonhou de nós morar numa casa dessas, né.</p> <p><b>Apresentador:</b> Quero mostrar para vocês essa entrada daqui, vocês veem que a entrada toda branquinha, tudo de cerâmica, novinha.</p> <p><b>Antonio:</b> Olha só, nunca ninguém me chamou para morar numa casa dessa, primeiro ninguém conseguia pagar aluguel numa casa dessas, segundo que eu não imaginava poder comprar uma casa, e hoje Gugu como é que está o meu coração hoje, saber que hoje essa casa é minha dada pelo Gugu.</p> <p><b>Diego:</b> O coração da gente, o que a gente estamos sentindo agora só sabe quem passou por tudo, pelo sofrimento, e a nossa maior sorte foi muita fé em Deus e muita fé em você.</p> <p><b>Apresentador:</b> Olha, deixa eu falar uma coisa para vocês,</p>	<p><b>Apresentador:</b> E por que você acha que voltando lá para Passa e Fica, lá em Rio Grande do Norte, vai ser melhor?</p> <p><b>Maria José:</b> Vai ser melhor porque eu vou estar perto da minha mãe, eu vou estar perto dela e essas crianças eu não tenho ninguém para deixar eles, para dizer, olha eles, se eu não tiver dinheiro para pagar, aí lá eu posso deixar eles com minha mãe, eu posso ir trabalhar e posso ajudar ele, eu posso fazer, eu sou manicure, eu tenho vontade de trabalhar, mas eu tenho medo, você larga uma coisa dessas com uma pessoa estranha? Você não conhece as pessoas.</p>	<p><b>Apresentador:</b> Ruth, Sebastião, estamos chegando, ali olha, ali na frente à casa nova de vocês, estamos chegando, estamos chegando. Como é que está o coração agora aí Ruth, como é que está o coração?</p> <p><b>Ruth:</b> Nossa, parece que vai para fora.</p> <p><b>Apresentador:</b> Feliz Sebastião?</p> <p><b>Sebastião:</b> Oi? Eu estou muito feliz senhor Gugu, muito feliz mesmo. (Música)</p> <p><b>Apresentador:</b> Eu imagino o que passa pela cabeça de vocês quando a gente lembra de onde vocês moravam lá, como é que era a entrada de vocês lá?</p> <p><b>Ruth:</b> Muita nojeira na casa, não tem assim...</p> <p><b>Sebastião:</b> Senhor Gugu aqui nós estamos no paraíso aqui senhor Gugu, no paraíso.</p> <p><b>Ruth:</b> Paraíso, porque na situação que nós vivia lá hoje nós estamos numa mansão.</p> <p><b>Apresentador:</b> Vamos entrar então, vamos embora.</p> <p><b>Ruth:</b> Vamos, vamos Gugu, vamos Gugu.</p>

	<p><b>Apresentador:</b> Chegava a esse ponto?</p> <p><b>Raimundo:</b> Chegava, porque fedia demais, se você visse era uma nojeira, mosca dando em cima, era uma situação precária.</p> <p><b>Apresentador:</b> Então abra a porta do seu novo banheiro. [Aplausos]</p> <p><b>Apresentador:</b> Olha, agora esse banheiro é bem diferente daquele.</p> <p><b>Raimundo:</b> Os hotéis de luxo que nós passamos, era a mesma coisa.</p>	<p><b>Apresentador:</b> Essa casa aqui tem uma sala de visita.</p> <p><b>Mônica:</b> Oh, Jesus.</p> <p><b>Apresentador:</b> Vai lá, vai lá Mônica, vai lá criança, abre. Vamos sentar, agora vocês têm uma sala de visitas de verdade, oh, tem um rack com sofá, poltrona, mesinha de centro, mesa lateral, uma TV novinha de 32 polegadas, tem DVD, bom, agora vocês têm que me dizer o seguinte, como é que e, vocês dormiam aonde em que lugar da casa lá em São Paulo?</p> <p><b>Josué:</b> Uma beliche.</p> <p><b>Apresentador:</b> Uma beliche. Era um quarto ou era assim todo o mundo junto?</p> <p><b>Josué:</b> Era todo o mundo junto.</p> <p><b>Apresentador:</b> Todo o mundo junto. Quem ficava em cima do beliche?</p> <p><b>Josué:</b> Ele.</p> <p><b>Apresentador:</b> Você que ficava em cima Daniel? Era, vocês não tinham um quarto só de vocês?</p> <p><b>Josué:</b> Não.</p> <p><b>Apresentador:</b> É bom ter um quarto só para a gente, né?</p> <p><b>Josué:</b> É.</p> <p><b>Apresentador:</b> O quarto de vocês está aqui, Mônica vem aqui junto, os meninos abrem a porta a mãe vai junto, vai. Quem vai dormir em cima, vai continuar sendo o Daniel? É Daniel você dorme em cima, e o Josué dorme embaixo? Tá bom, no quarto de vocês têm essa escrivaninha de estudos, tem um mini system, tem vários jogos para vocês se divertirem, e olha aqui Josué o que tem aqui de especial um cavalete que é para você desenhar, você não gosta de desenhar? Ham.</p> <p><b>Josué:</b> É.</p> <p><b>Apresentador:</b> Me conta, porque lá como era uma espécie de cortiço, né,</p>	<p>a Rede Record faz essa doação da casa com muito prazer, a Rede Record agradece o sucesso que tem em todo o Brasil e no mundo, mais de cento e cinquenta países onde ela é transmitida dessa forma presenteando as pessoas, famílias como vocês que realmente estava precisando, e resgatar a dignidade, então tenho certeza que esse presente da Rede Record é dado de coração mesmo.</p> <p><b>Antonio:</b> Mais de coração ainda, sabe, e por isso que eu estou falando, não sei nem como é que, se eu estou sonhando...</p> <p><b>Apresentador:</b> Então vamos conhecer a casa, aqui é e entrada, aqui é entrada do carro, aqui é entrada social, pode sentar no banco lá, pode estrear o banco, senta lá, senta lá, um banco gostoso para sentar, relaxar no final de tarde aqui do lado de fora da casa.</p> <p><b>Antonio:</b> Olha que lindo, que maravilha.</p> <p><b>Apresentador:</b> Me conta uma coisa antes de entrar que nós vamos entrar, vamos entrar na sala da casa, como que era a sala de vocês lá.</p> <p><b>Filha:</b> Não tinha sala, era cozinha e quarto.</p> <p><b>Apresentador:</b> Vocês assistiam a Record aonde?</p> <p><b>Filha:</b> No quarto, a Tvzinha pequena lá no quarto.</p> <p><b>Apresentador:</b> Assistiam TV?</p> <p><b>Filha:</b> Tinha a pequenininha, nós assistia.</p>		<p><b>Sebastião:</b> Isso é um sonho senhor Gugu que nós realizamos, que o senhor realizou para nós, nós não tinha condições de ter tudo isso que você proporcionou para nós, então a gente fica muito feliz senhor Gugu.</p>
--	--	--	---	--	---

		<p>como é que era a história do banheiro?</p> <p><b>Mônica:</b> O banheiro era um banheiro para muitas pessoas, dividiam muitas pessoas o mesmo banheiro.</p> <p><b>Apresentador:</b> Era um banheiro comunitário?</p> <p><b>Mônica:</b> Comunitário, banheiro comunitário, então a gente tinha que esperar a nossa vez, porque como é um número de pessoas bastante, né, então a gente tinha que ficar esperando a nossa vez, não tinha como que diz, tinha que esperar.</p> <p><b>Apresentador:</b> Tinha que esperar, é ruim, né. Bom, vamos conhecer o banheiro da casa então vamos lá, vai lá Mônica, ali aquela porta a direita, lá meninas, vai com a mãe, aquela ali, essa é a direita.</p> <p><b>Mônica:</b> Aí meu Deus, banheiro Jesus (Choro), aí meu Deus muito lindo.</p> <p><b>Apresentador:</b> Gostou Mônica?</p> <p><b>Mônica:</b> Adorei, adorei, gostar é pouco, adorei, muito lindo.</p> <p><b>Apresentador:</b> Azulejo branquinho você está vendo?</p> <p><b>Mônica:</b> Estou vendo.</p> <p><b>Apresentador:</b> O box de vidro.</p> <p><b>Mônica:</b> Meu Deus.</p> <p><b>Apresentador:</b> Gabinete para organizar os itens de higiene. Quem vai ser o primeiro a tomar um banho gostoso aqui, hein, quem vai? (Risos). Todo mundo quer ser o primeiro, né. Bom, vamos continuar. O que eu não entendi, eu não me lembro na verdade é como que você fazia para cozinhar lá, porque você não tinha uma cozinha?</p> <p><b>Mônica:</b> Não, a cozinha era um fogãozinho e um bujão, uma geladerinha do lado e uma mesa bastante grande que eu colocava tudo lá em cima, não tinha uma cozinha.</p>	<p><b>Apresentador:</b> Lá no quarto? Bom, então essa casa tem sala tem uma sala bonita, essa sala tem uma televisão bonita, essa sala tá, oh, nos trinques, vai lá Antonio, vai lá Diego, vai lá Maria, pode abrir a porta da nova casa.</p> <p><b>Antonio:</b> Olha só, coisa linda meu Jesus do céu,</p> <p><b>Apresentador:</b> Senta aí, quero ver todo mundo sentado no sofá, vai lá, deixa eu mostrar para vocês a nova sala da vida de vocês, oh, a sala vocês estão vendo que foi decorada, colocaram um vaso de planta, tem dois sofás de três e dois lugares, os assentos são retráteis, ou seja, eles... o assento do sofá ele desce, tá, com mais conforto, olha lá, o Diego já fez lá, olha lá, olha lá.</p> <p><b>Antonio:</b> Olha só meu, coisa linda, maravilhoso, maravilhoso.</p> <p><b>Apresentador:</b> Para vocês assistirem a Record daqui para a frente, não é mais aquela TV pequeninha, essa TV de 32 polegadas, a sala tem também telefone sem fio digital, tem DVD com karaokê, tem aparelho de som do micro system, agora.</p> <p><b>Antonio:</b> A parte da casa que eu mais gostei foi aquela área da frente e a sala, adorei, adorei, porque nunca tive isso aí, né, porque nunca tive uma casa que tem uma área, lazer, tem aquela sala linda, aliás, tudo ali está maravilhoso.</p> <p><b>Apresentador:</b> E essa foto aqui vocês viram só, olha essa foto aqui, dá uma olhada no passado, foi, não foi, deixa eu</p>		
--	--	--	---	--	--

		<p><b>Apresentador:</b> Não tinha uma mesa para todo o mundo comer junto?</p> <p><b>Mônica:</b> Não, a gente colocava os pratos e cada um procurava um cantinho para se sentar, não tinha.</p> <p><b>Apresentador:</b> Agora então eu vou pedir para você puxar essa porta de correr para você conhecer a sua nova cozinha e a sua nova sala de jantar.</p> <p><b>Mônica:</b> Meu Deus do céu, oh, senhor, é muita benção Jesus, é muita benção (Choro), ai meu senhor, é muito lindo.</p> <p><b>Apresentador:</b> Dá uma olhada, olha, senta aí, senta aí, oh, que cadeira chique, oh, olha lá, uma mesa de jantar com muito lugares, mesa cromada com tampo de vidro, cadeiras brancas confortáveis, não é gente, não é bom de sentar, aí vem aqui que eu vou te mostrar daquele lado lá, olha lá, aqui tem esse aparador, a bancada com duas banquetas que separa a sala de jantar da cozinha, né, agora vamos entrar na cozinha de verdade. Abra a geladeira, olha lá, vai lá, vai lá.</p> <p><b>Mônica:</b> Meu Deus tem de tudo, muito bom senhor, nunca tive a geladeira assim desse jeito para as minhas crianças (Choro).</p> <p><b>Apresentador:</b> Abre em cima, abre em cima.</p> <p><b>Mônica:</b> Senhor, é tudo maravilhoso Deus, tudo maravilhoso pai.</p> <p><b>Apresentador:</b> Olha, temos armários ali também, armários de aço, geladeira com freezer, fogão de seis bocas.</p> <p><b>Mônica:</b> Nunca vi tanta fartura na minha vida Senhor (Risos), oh, Jesus.</p> <p><b>Apresentador:</b> Você viu o fogão aqui, olha o tamanho do fogão com seis bocas.</p> <p><b>Mônica:</b> Oh, Senhor, eu vou poder fazer comida para dos meus filhos (Risos).</p>	<p>dar uma olhada aqui, Maria você está muito mais bonita agora Maria, dá uma olhada nessa foto aqui, olha que diferença Maria, ao está não? Aliás, está todo mundo mais bonito aqui, cadê os seus cabelos brancos Antonio?</p> <p><b>Antonio:</b> Eu fui no salão chegou lá olha...</p> <p><b>Apresentador:</b> Cadê os cabelos brancos que estão aqui na foto?</p> <p><b>Antonio:</b> Pintemos tudo, olha essa aqui, olha essa aqui...</p> <p><b>Diego:</b> Olha a foto dessa aí como é que estava.</p> <p><b>Apresentador:</b> Olha, não, não, tem que dar um close nessa foto, gente tirar porque olha o antes e o depois, deixa eu mostrar, nossa você viu aqui você, o que você acha antes e agora?</p> <p><b>Filha:</b> Mudou muito.</p> <p><b>Apresentador:</b> Para melhor ou para pior?</p> <p><b>Filho:</b> Melhor.</p>		
--	--	--	--	--	--

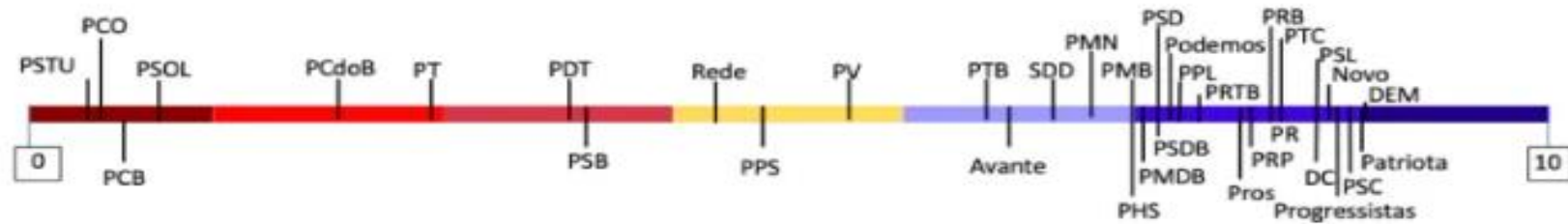
		<p><b>Apresentador:</b> Tem depurador de ar, tem micro-ondas, tem liquidificador, sanduicheira, desse lado aqui vem cá, desse outro lado vocês têm esses armários também cheios de compras, olha lá.</p> <p><b>Mônica:</b> Af Jesus, meu pai, é muita benção Deus, é muita benção (Choro), muito lindo Jesus.</p> <p><b>Apresentador:</b> Ainda tem mais, né.</p> <p><b>Mônica:</b> Oh, meu Deus, tem mais.</p> <p><b>Apresentador:</b> Eu vou entregar para você um ano de compras grátis do supermercado, olha, Mônica durante um ano você não vai precisar se preocupar com alimentação da sua família, boa notícia, né?</p> <p><b>Mônica:</b> Obrigado meus Deus, essa é a melhor parte.</p> <p><b>Apresentador:</b> Bom, né?</p> <p><b>Mônica:</b> Bom, bom demais, obrigada, obrigada, obrigada.</p>			
<b>Marketing Social</b>	<p><b>Reportagem:</b> Mas na hora do parabéns a emoção vem à tona. E do bolo com sorvete nós vamos para a massa da obra. No Ceará a rede doutor resolve começa a reforma do novo lar da família de Raimundo, com mais de trezentos franqueados em todo o Brasil essa super equipe atende desde um pequeno reparo até uma grande reforma, já pensou em abrir uma franquia? Para mais informações acesse o site que você vai se surpreender. Quem sabe, além da família do Raimundo, você também dá um novo rumo para sua vida? Agora, a família vai escolher as roupas e calçados para recheiar os novos guarda roupas que eles nem sabem que vão ganhar.</p> <p><b>Reportagem:</b> Olha só, nossa produção já está comprando os móveis que vão dar todo o</p>	<p><b>Apresentador:</b> Estava na hora de ter um computador, né? Mônica, quem está aqui, também, presente conosco nesta tarde é o secretário municipal da secretaria regional 6 de Fortaleza, que é o Renato. Renato, como vai, tudo bem? Muito prazer. Fica aqui do lado dela e conta para a gente qual a boa notícia que você veio trazer.</p> <p><b>Renato:</b> Bom, em primeiro lugar eu quero dar as boas-vindas em nome da prefeitura de Fortaleza, sejam muito bem-vindos a Fortaleza, e dizer que para além da casa nova, dos brinquedos novos, a prefeitura de Fortaleza está oferecendo o direito que e de vocês de matrícula garantida, livros, material escolar, curso de inglês, curso de espanhol, curso de balé, e garantir, também, um posto de saúde novinho que nós vamos inaugurar agora no dia quinze de junho, aqui vocês têm saúde e educação pertinho de casa.</p>	<p><b>Apresentador:</b> Olha, para vocês duas meninas essas amiguinhas do Gugu elas têm cheirinho de flor, pode cheirar, pode cheirar, tem cheirinho de flor, e vem com sementinhas viu, abre os armários, abre os armários para vocês verem o que tem aí dentro, olha lá, pois é, já vem com algumas peças da Biotipo Jeans, olha só quanto coisa ia, do outro lado tem também. Gostaram do quarto? Gostaram meninas?</p> <p><b>Apresentador:</b> É bacana? Eu vou contar para vocês que cozinha é essa, vocês ganharam essa cozinha de aço Premium da Itatiaia, e essa cozinha é cheia de diferenciais exclusivos, tem o armário de ângulo com cesto giratório, e tem muito espaço,</p>	<p><b>Apresentador:</b> Enquanto isso, lá na casa, a Granero [empresa especializa em realizar mudanças] começa o seu trabalho, o pessoal embala os pertences da Maria José com todo o cuidado, tudo isso tem que seguir com segurança até a cidade de Passa e Fica lá no Rio Grande do Norte, a família está em festa, eles se despedem dos vizinhos e dão início a jornada. [Música]</p> <p><b>Apresentador:</b> E os presentes, continuam, o pessoal do Armazém Paraíba mandou tudo que a Maria vai precisar para mobiliar a sua casa, nenhum cômodo foi esquecido. A Houstou Bike enviou bicicletas para a Maria e para toda a família. O Aguinaldo e as crianças vão se divertir para valer. Os brinquedos do Gugu vão fazer a alegria da criançada,</p>	<p><b>Apresentador:</b> O guarda-roupa tem portas de correr, espelho, abre ao guarda-roupa para você ver o que tem dentro, está cheio de peças de roupas da Biotipo Jeans, agora você e toda a sua família estão na moda com a calça jeans mais desejada do Brasil.</p> <p><b>Apresentador:</b> Olha deixa eu te falar, o que você vai ver da tua cozinha, olha só, um fogão novinho, depurador de ar em cima do fogão, a geladeira, liquidificador, sanduicheira, bateadeira, essa é belíssima Italeina branca com bordô, uma das mais completas</p>

	<p>conforto que a família do Raimundo precisa para recomeçar a vida no Ceará [mostra a fachada da rede de lojas].</p> <p><b>Reportagem:</b> A casa está ficando pronta, e a compra de mercado já está a caminho [mostra caminhão de uma rede de supermercados nordestina]. É isso mesmo, eles vão dar de cara com a geladeira e os armários cheios, mas a surpresa não para por aí, não, daqui a pouco você vai ver tudo que foi especialmente pensado para acolher a família do Raimundo.</p> <p><b>Reportagem:</b> Em Morada Nova a Itatiaia monta uma cozinha superequipada onde Viviane vai poder preparar deliciosos quitutes.</p> <p><b>Apresentador:</b> Olha, deixa eu falar para você Viviane, essa é a cozinha nova de vocês, é a cozinha de aço Premium da Itatiaia, e além dessa exclusiva porta de vidro que vocês estão vendo aí dá mais personalidade a sua cozinha, você também tem esse armário de canto com cesto giratório, é muita praticidade, e a Itatiaia ainda tem essa cantoneira super prática, tem detalhes que fazem toda a diferença, como esses lindos puxadores, sem falar na organização que você vai ter com o porta talheres exclusivo no interior da gaveta, e olha que lindo esse tampo em formica, sabe, isso aí é material de alta resistência e para arrematar uma pia em inox, é ou não é a cozinha mais bonita que você já viu? E é</p>	<p><b>Apresentador:</b> É verdade que nesse posto de saúde também tem dentista?</p> <p><b>Renato:</b> Dentista, médico e dentista funcionando de sete da manhã às sete da noite.</p> <p><b>Apresentador:</b> E eles vão poder utilizar?</p> <p><b>Renato:</b> Vão poder utilizar.</p> <p><b>Apresentador:</b> Maravilha. Obrigado Renato, parabéns, viu? Agora, quem vai falar com a gente é o Marcelo Régis Magalhães Jovino que é presidente de uma rede de lojas de material de construção aqui do Ceará. Como vai, muito prazer, fica aqui do lado dela, conta, você, para a gente, Marcelo, qual a boa notícia, chega mais pertinho dela, qual a boa notícia.</p> <p><b>Marcelo:</b> Queria parabenizar aqui o Gugu e o programa, o Grupo Construtop está fazendo parte dessa construção dessa casa, nós fizemos uma surpresa para sua família, a partir de hoje a sua filha Rafaela está empregada no grupo Construtop, a partir de amanhã ela já pode iniciar o seu trabalho em uma das nossas lojas.</p>	<p>tem também essa cantoneira que além de prática é linda, agora vejam o armário de vidro, além de lindo é muito espaçoso, pode abrir, pode abrir os armários, pode abrir, olha lá, olha lá, olha esse suporte de talher e de pano de prato para a sua cozinha ficar sempre organizada, é um show de cozinha, parabéns Itatiaia que é para toda a vida, então isso daí é uma forma de aproveitamento de espaço, e ele gira, pode girar, pode girar. Bom, agora eu vou dizer para vocês o que tem na cozinha, hein, presta atenção gente, oh, geladeira, fogão, depurador de ar, micro-ondas, batedeira, liquidificador, sanduicheira, agora dá uma olhadinha nos armários e na geladeira que estão repletos de produtos Palmeiron, tem polpa de tomate, azeitona, molho pronto, goiabada, suco de caixinha de garrafa, palmito, ketchup, mostarda, molho de pimenta.</p>	<p>e tem mais um presente muito importante para a Aline.</p>	<p>cozinhas da Itatiaia, repare nos armários com portas de vidro que combinam com o design moderno, praticidade e beleza, tem ainda o suporte de talher que dá um toque de charme na cozinha, e esse tampo em formica, além de resistente é muito prático na limpeza, é facilidade que não acaba mais, isso tudo com a qualidade que você já conhece porque Itatiaia é para toda a vida, Ruth tem até panela nova lá Ruth.</p>
--	--	--	--	--	--

	toda sua Viviane, parabéns porque a Itatiaia é para toda a vida viu. Os armários e a geladeira já estão abastecidos, pode ver, foi uma doação da rede Smart de Supermercados.				
<b>Assistencialismo</b>	<p><b>Raimundo:</b> Foi de alegria, de emoção, foi de alegria, você me trazer para ver minha mãe e meu pai na minha terra ninguém faz isso, só você que faz, você é abençoado por Deus.</p> <p><b>Raimundo:</b> Vamos embora minha gente, já saímos da pior, de volta ao meu aconchego a vida ficou melhor, olhando para o céu azul numa felicidade só, muito obrigado Gugu também a TV Record [Aplausos].</p> <p><b>Raimundo:</b> Você não tem para ninguém Gugu, é nós, é nós, você nem sabe a felicidade, você me deixou feliz da vida e estar no meu lugar, o que eu mais queria trazer a minha família, se não fosse você eu vinha nunca, nunca eu ia estar no Ceará, e com você fez tudo, fez tudo bonitinho, direitinho, ainda me deu uma casa.</p> <p><b>Raimundo:</b> Nossa, toda arrumadinha, bonitinha, portão de ferro, nunca tive uma casa dessas, só entrava na casa dos outros, mas agora eu estou entrando numa minha, graças a Deus, obrigado Gugu, que Deus te alumie, Deus te proteja, Gugu, ninguém faz o que você faz com as famílias, seja feliz Gugu.</p> <p><b>Raimundo:</b> Gugu eu não estou acreditando que eu estou na</p>	<p><b>Apresentador:</b> Aqui é a redação da TV Cidade, a família está aqui atrás dessa parede aqui.</p> <p><b>Apresentador Vitor:</b> Como foi essa participação do programa e essa vinda do Gugu?</p> <p><b>Mônica:</b> Nossa quando bateram na porta que eu não esperava que fosse ele naquele momento que eu abri a porta e como se eu tivesse vendo um anjo enviado por Deus, eu só pensei nos meus filhos, tudo que eles passaram, todas as lágrimas, o sorriso que faltou, seria restituído tudo naquele momento, naquela hora quando aquele homem passou pela aquela porta, meus Deus não têm palavras meu Jesus. (Música)</p> <p><b>Apresentador Vitor:</b> Gugu eu não posso render aqui homenagem a você a Rede Record por estar resgatando a dignidade do nosso povo, e principalmente do povo da minha terra do nordeste, eu acho que isso é o grande exemplo que você vem dando para todo o país, e o que é melhor, incentivando as famílias a voltarem para a sua casa, porque a sua casa é sua casa não é já diz, então esse seu quadro De volta pro meu aconchego é um quadro de grande repercussão, de maior audiência na Rede Record, e eu fico muito feliz podendo estar recebendo você, essa família, e sei que vai ter inúmeras novidades.</p> <p><b>Apresentador:</b> Como é que era a sua casa lá São Paulo, como é que era?</p>	<p><b>Reportagem:</b> A chegada de Gugu representa toda a esperança em um futuro feliz.</p> <p><b>Prefeito Marcos:</b> Bom, primeiro as boas vindas, feliz por estarem de volta, e anunciando para vocês emprego para o pai, emprego para o filho e escola para todos para que aqui possam fazer o seu futuro. Felizes de volta para o aconchego, e um belo aconchego.</p> <p><b>Apresentador:</b> Deixa eu ver se entendi, tem emprego para o Antônio.</p> <p><b>Prefeito Marcos:</b> Emprego para o Antônio.</p> <p><b>Apresentador:</b> Emprego para o Diego.</p> <p><b>Prefeito Marcos:</b> Na profissão eu ele pediu.</p> <p><b>Apresentador:</b> Qual foi?</p> <p><b>Prefeito Marcos:</b> Açougueiro. Na área que ele pediu, estamos felizes, para toda a família educação...</p> <p><b>Apresentador:</b> Prefeito, escola.</p> <p><b>Prefeito Marcos:</b> De alto nível para todos os filhos já podendo começar amanhã. Felizes?</p> <p><b>Apresentador:</b> E tem uniforme para as crianças.</p> <p><b>Prefeito Marcos:</b> Uniformizados, não trouxemos conjunto conosco agora, mas todos uniformizados.</p>	<p><b>Maria José:</b> Meu Deus, o senhor existe, obrigada.</p> <p><b>Apresentador:</b> Espera ali, deixa eu chegar.</p> <p><b>Maria José:</b> [chorando] Fala que não é mentira...</p> <p><b>Apresentador:</b> É verdade, é verdade.</p> <p><b>Maria José:</b> Pela misericórdia de Deus, eu não acredito.</p> <p><b>Reportagem:</b> Olha Gugu, família entregue aqui em Passa e Fica no estado do Rio Grande do Norte, Maria José, feliz?</p> <p><b>Maria José:</b> Muito feliz, eu tenho muito eu agradecer ao Gugu porque o eu ele fez por mim eu só tenho muito que agradecer, vai virar assunto para minha vida inteira.</p>	<p><b>Sebastião:</b> Deus mandou você até lá em casa, de agora para frente e só alegria, senhor Gugu.</p> <p><b>Apresentador:</b> O lugar estava muito ruim mesmo, a gente relembrando agora as imagens.</p> <p><b>Sebastião:</b> De mijo de cachorro, de merda de cachorro, de tudo ali, os meus meninos adoeceu os... eles tudo aqui adoeceram, um lugar nojento, e a gente pagando não pode falar nada, a gente é tipo humilhado na casa dos outros, a gente tem que se a sujeitar a um monte de coisas.</p> <p><b>Sebastião:</b> Qual é o ser humano que não fica feliz, ainda mais eu que nunca tive um monte de coisas assim, tanto de bicicleta, tanta coisa boa, um monte de coisa boa, qual é o ser humano que vai lá para São Paulo fica sofrendo a situação que eu estava lá pagando aluguel sem ter condições de voltar para cá, e hoje eu estou nesse paraíso aqui, e só felicidade.</p> <p><b>Apresentador:</b> Nós todos da Record</p>

	<p>minha casa, que Deus me deu, a Record me deu, obrigado, por isso que vocês são felizes, vocês merecem, vocês ajudam pai de família, obrigado.</p>	<p><b>Filha:</b> Ele estava [...] porque ele que...  <b>Apresentador Vitor:</b> Tinha local para brincar?  <b>Apresentador:</b> Tinha quintal para brincar lá?  <b>Filha:</b> Tinha quintal para brincar o lado.  <b>Apresentador:</b> Ah, tá, mas você gostou mais da viagem, né, você andou de avião, andou de avião?  <b>Filha:</b> Andei.  <b>Apresentador:</b> Você gostou do avião?  <b>Filha:</b> Gostei.</p>	<p><b>Diego:</b> Vai ter escola para mim também?  <b>Prefeito Marcos:</b> Para todos, os filhos na educação e todos cuidados.  <b>Apresentador:</b> Foi um prazer.  <b>Prefeito Marcos:</b> De volta para o aconchego.  <b>Apresentador:</b> Obrigado, obrigado, prefeito. Bacana né, olha, casa, não paga mais aluguel, emprego para o Antonio e emprego para o Diego, escola para as crianças.</p>		<p>queremos que vocês tenham uma vida agora digna, e eu tenho certeza que condições para isso agora vocês têm, e eu vou entregar nas suas mãos Sebastião o cristal que é aquela fotografia que nós tiramos, olha, lembra? Esse cristal tem a seguinte inscrição “Está casa é a prova de que os seus sonhos podem se transformar em realidade”, então que vivam felizes, tá.  <b>Sebastião:</b> Muito obrigado senhor Gugu.</p>
--	--	--	--	--	--

## ANEXO A – Posições Ideológicas dos partidos políticos brasileiros



### Posição ideológica dos partidos políticos brasileiros

#### Legenda

- extrema esquerda
- esquerda
- centro esquerda
- centro
- centro direita
- direita
- extrema direita

Fonte: **Site UOL**. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/colunas/observatorio-das-eleicoes/2020/11/24/esquerda-centro-ou-direita-como-classificar-os-partidos-no-brasil.htm> >. Acesso em: 06 set. 2023